

ÊNIO DE OLIVEIRA

**ANTOLOGIAS DE LITERATURA NEGRA BRASILEIRA E
ESTADUNIDENSE E ENSINO DE LÍNGUA(S):**

Lineamentos para a Formação Intercultural/Discursiva de Professores de
Inglês no Brasil

Tese apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para obtenção
do título de Doutor em Linguística
Aplicada, sob orientação da Profa.
Dra. Silvana Mabel Serrani

CAMPINAS
2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

OL4a

Oliveira, Ênio de.

Antologias de literatura negra brasileira e estadunidense, biografias e ensino de línguas: lineamentos para a formação intercultural/discursiva de professores de inglês no Brasil / Enio de Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Silvana Mabel Serrani.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Antologias. 2. Literatura negra. 3. Professores de inglês - Formação. 4. Interculturalismo. 5. Biografia. I. Serrani, Silvana Mabel. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Anthologies of Black Brazilian and African-American Literature, biographies and language teaching: alignments to an intercultural/discursive professional development (pedagogical training) of Brazilian English teachers.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Anthologies; Black Literature; Teacher education; Interculturalism; Biography.

Área de concentração: Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue.

Titulação: Doutor em Linguística Aplicada.

Banca examinadora: Profa. Dra. Silvana Mabel Serrani (orientadora), Prof. Dr. Walter Carlos Costa, Prof. Dr. Pedro de Souza, Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher e Prof. Dr. Eduardo Guimarães. Suplentes: Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão, Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos e Profa. Dra. Marisa Grigoletto.

Data da defesa: 22/02/2010.

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

Silvana Mabel Serrani

Walter Carlos Costa

Pedro de Souza

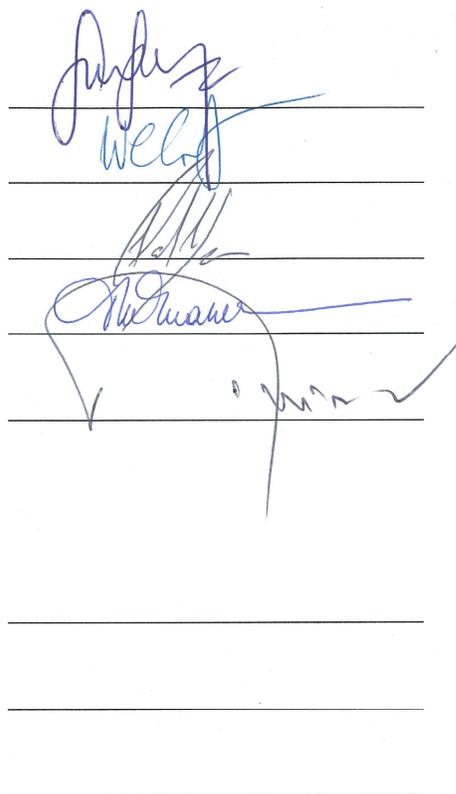
Terezinha de Jesus Machado Maher

Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

Fabio Akcelrud Durão

Maria Inês Batista Campos

Marisa Grigoletto



Handwritten signatures in blue ink on horizontal lines. The signatures are: 1. A cursive signature above the first line. 2. A signature that appears to be 'Walter' above the second line. 3. A signature above the third line. 4. A signature above the fourth line. 5. A signature above the fifth line. 6. A signature above the sixth line. 7. A signature above the seventh line. 8. A signature above the eighth line. 9. A signature above the ninth line. 10. A signature above the tenth line.

IEL/UNICAMP
2010

*Para minha mulher, Valine Clark de Oliveira
E, para meu filho, Yuri de Oliveira.*

Agradecimentos

Deixo registrados os meus agradecimentos àqueles que estiveram em (des)contato comigo durante esses anos de doutoramento e que, cada um à sua maneira, me deram forças para que eu concluísse esta tese.

Agradeço à(o)(s):

Querida Professora Doutora Silvana Mabel Serrani. Sou grato à senhora por ter aceito me orientar, quando eu já estava decidido a abandonar o barco; por me orientar sob a relação entre os discursos biográfico e antológico; por me “mandar” a Austin em 2007/2008 para eu estudar a literatura negra estadunidense; e por me “forçar” a superar as várias formas de procrastinação. Sem a orientação da senhora esta tese não teria sido possível. Meu muito obrigado!

Caros professores doutores Walter Carlos Costa e Teresinha de Jesus Machado Maher, por terem me alertado, durante os exames de qualificação, para algumas particularidades da temática da negritude no Brasil; e professores doutores Pedro de Souza, Eduardo Junqueira Guimarães, Fábio Akcelrud Durão, Maria Inês Batista Campos e Marisa Grigoletto, por terem aceito participar da banca de minha defesa;

Dear professora doutora Jennifer Wilks, por me acolher na Universidade do Texas em Austin, por me introduzir aos estudos da negritude estadunidense e pelas inúmeras *letters of recommendation*. *Thanks a lot*.

Amigo Bryan Meadows, da Universidade do Texas, pelos debates em torno da Linguística Aplicada e pelos cafés;

Querido Antonio Donizeti Leal, pela amizade de longa data, diálogos teóricos, debates sobre a docência e pelas revisões do texto;

Querido Fábio Spregiaro, pela amizade de longa data e auxílios técnicos imprescindíveis;

Querida Cristina Bianco, pela amizade carinhosa, favores e ajudas inacreditáveis, e parceria profissional durante minha época de Caic;

Professores da EMEF Caic (Campinas), por compartilharem tanto o céu (ver os alunos aprendendo), quanto o inferno (TDCs administrados por pessoas incompetentes e autoritárias) do cotidiano escolar. Um agradecimento especial à: Márcia Maria, Maria Helena, Girlene, e Alcione.

Débora Pavan, pelas conversas em torno do discurso da “prática pedagógica”, pelas leituras de alguns de meus textos, pelas trocas e pelo café.

Amigos da *Co-Op German House*, em Austin, pela “experiência comunista” em pleno solo estadunidense, em especial, ao “manager” Jakub Felkl, ao “canastrão” Júlio Zambrano, ao “roommate gringo” Drake Dowsett e ao “cupido” Bruno Terlizzi;

Amigão Marcus Paulucci, tanto pelos “altos papos” sobre cinema, filosofia, profissão, paternidade, mulheres, e cafés, quanto pelo companheirismo nas piscinas e Corridas de Rua;

Carlos Angelo Laurentino, meu professor no Ensino Médio e amigo primeiro a me sugerir o ingressar no magistério. Obrigado por me ensinar a fazer os “*Cadastrros*”.

Caro Cláudio Platero, da Secretaria do IEL, por me auxiliar em diversos momentos;

Amados Almy, Lusia, Eloisa, André, Alexandre e Nicole, pelas alegrias da convivência familiar, e por compreenderem minha distância;

Amado Yuri, pela inocência, amor, alegria e expectativas. Meu filho, apesar da distância, penso em você todos os dias! Estou e estarei sempre lhe esperando de braços abertos;

Amada Valine, pelo incentivo nos momentos de quase-desistência, e pelos permanentes diálogos ora em inglês, ora em espanhol, ora em português e ora, principalmente nos dias de conclusão da tese, em silêncio.

“I am an invisible man. No, I am not a spook like those who haunted Edgar Allan Poe; nor am I one of your Hollywood-movie ectoplasms. I am a man of substance, of flesh and bone, fiber and liquids – and I might even be said to possess a mind. I am invisible, understand, simply because people refuse to see me. Like the the bodiless heads you see sometimes in the circus sideshows, it is as though I have been surrounded by mirrors of hard, distorting glass. When they approach me they see only my surroundings, themselves, or figments of their imagination – indeed, everything and anything except me”.

Ralph Ellison

RESUMO

Nesta tese, analisamos a relação entre os discursos biográfico e antológico em quatro antologias de literatura negra, e, a partir da compreensão de tal relação, e da constatação de que os livros didáticos de inglês silenciam, deliberadamente ou não, as histórias e legados de “culturas negras”, esboçamos lineamentos para uma formação continuada de professores de inglês no Brasil, atentando, particularmente, para o estabelecimento de relações interculturais/discursivas. Temos como *corpus* de análise biografias presentes em duas antologias publicadas no Brasil – *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros* (CAMARGO, 1986) e *Poesia Negra Brasileira: Antologia* (BERND, 1992); e em duas publicadas nos Estados Unidos – *The Norton Anthology of African American Literature* (GATES JR. e MCKAEY, 1997), *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition* (HILL, 1998). Atentos à multidisciplinaridade constitutiva da Linguística Aplicada, e inscrevendo nossa pesquisa na área de “Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue”, sustentamo-nos, teoricamente, em diálogos com Estudos Culturais, Análise de Discurso, Semântica Histórica da Enunciação, e pesquisas voltadas especificamente para os gêneros antológico e biográfico. Por meio dessa complexa tessitura teórica, mobilizamos as noções de função-autor (FOUCAULT, 1969), intradiscurso e interdiscurso (PÊCHEUX, 1990), ressonâncias discursivas (SERRANI, 1997) e designação (GUIMARÃES, 2002), a fim de mostrar como a materialidade linguístico-textual-discursiva das biografias – mesmo estas sendo, aparentemente, concebidas pelas antologias, como documentos factuais sem autoria – revela gestos de interpretação originados do trabalho daquilo que chamamos de *função-autor-biográfico*. As análises dos modos de enunciação descritivo e narrativo trabalhados na designação dos biografados permitiram elucidar os gestos interpretativos da função-autor-biográfico. Ademais, vimos que, esses modos não funcionam a partir do domínio da referenciação, ou seja, eles não simplesmente refletem algo já pronto e acabado, mas, ao contrário, constróem sentidos, e, por isso, quando a função-autor-biográfico designa os biografados, diz, e muito, sobre as filiações ideológicas assumidas pelo discurso antológico. Este último, por sua vez, coerentemente com o trabalho interpretativo da função-autor-biográfico, labora na construção de sentidos e de interpretações para os antologizados e suas obras e, por conseguinte, mostra-se como um artefato propício para a observação das filiações ideológico-discursivas nas antologias. Em sequência à compreensão da relação entre os discursos biográfico e antológico, desenvolvemos reflexões sobre possíveis formas de utilização das biografias presentes nas antologias como lineamentos para a formação continuada de professores de inglês. Para isso, submetemos os componentes interculturais/discursivos encontrados nas biografias a um olhar analítico baseado na *Proposta Intercultural/Discursiva*, elaborada por Serrani (2005). Defendemos a tese, portanto, de que as biografias presentes em antologias de literatura negra brasileira e estadunidense podem ser utilizadas como material propício tanto para a compreensão da relação entre os discursos biográfico e antológico, quanto para a sensibilização do professor de inglês para o estabelecimento de relações interculturais/discursivas a partir de legados de “culturas negras”.

Palavras-chaves: Antologias; Literatura Negra; Formação de Professores; Interculturalismo; Biografias.

ABSTRACT

ABSTRACT: In this study, we investigate how the relationship between the biographical and anthological discourses is manifested in anthologies of Black Brazilian and African-American literature and suggest directions for re-aligning the professional development (pedagogical training) of pre-and in-service Brazilian English teachers that embrace intercultural/discursive practices. We have as a *corpus* of analysis a set of biographies present in the following anthologies: *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros* (CAMARGO, 1986); and *Poesia Negra Brasileira: Antologia* (BERND, 1992); published in Brazil, *The Norton Anthology of African-American Literature* (GATES JR. e MCKAEY, 1997), *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition* (HILL, 1998), published in the United States. To support the investigation, we base our study on the theoretical underpinnings of Discourse Analysis, Historical Semantics of Enunciation, and on a myriad of studies about the anthological and biographical discourses. Employing the analytical categories of author-function (FOUCAULT, 1969), intra-discourse and inter-discourse (PÊCHEUX, 1990), discursive resonances (SERRANI, 1997), and designation (GUIMARÃES, 2002), we study how the discursive-textual-linguistic materiality of the biographies reveal the interpretation gestures originated from the biographical-author-function. We highlight these interpretation gestures through analyses of the descriptive and narrative modes of enunciation used in the designation of the *biographees*. However, these modes do not function as a simple referenciation act (that is, they do not simply refer to something that exists independently) but, on the contrary, they build meanings. When the biographical-author-function designates the *biographees*, it comments not only the *biographees*, but also reveals the ideological affiliation embraced by the anthological discourse. This last one, coherent with the interpretive work of the biographical-author-function, builds and develops meanings and interpretations of the anthologized and their literary productions. Consequently, it shows to be a proper discourse device of exposition of the ideological and discursive affiliations assumed by the anthologies. While comprehending the relationship between the biographical and anthological discourses, we turn our attention to reflect the possible ways of using the anthologies to suggest re-alignments to the professional development (pedagogical training) of pre/in-service Brazilian English teachers. In so doing, we submit the intercultural/discursive components found in the biographies to an analysis based on the *Intercultural/Discursive Proposal*, designed by Serrani (2005). Thus, we defend the idea that the biographies present in the anthologies may be used to comprehend the anthological discourse and to encourage teachers reflection on how the black/African cultural legacies can be brought to the English teaching via the consideration of the intercultural/discursive relationships.

Keywords: Anthologies; Black Literature; Teacher education; Interculturalism; Biography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa de: <i>A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros</i>	55
Figura 2	Capa de: <i>Poesia Negra Brasileira: Antologia</i>	67
Figura 3	Capa de: <i>The Norton Anthology of African American Literature</i>	79
Figura 4	Relação Gráfica das temporalidades na biografia de W.E.B. DuBois	111
Figura 5	Relação Gráfica das temporalidades nas biografias de Frederick Douglass e Richard Wright	112
Figura 6	Relação Gráfica das temporalidades nas biografias Langston Hughes, Amiri Baraka e Alice Walker	113
Figura 7	Capa de: <i>Call & Response: The Riverside Anthology of African American Literary Tradition</i>	115
Figura 8	Mapa referente aos estados de origem dos autores negros no Brasil	183
Figura 9	Mapa referente à distribuição populacional étnico-racial no Brasil	184
Figura 10	Mapa referente aos estados de origem dos autores negros nos Estados Unidos	185
Figura 11	Mapa referente à região do <i>Black Belt</i> nos Estados Unidos	186

LISTA DE QUADROS DE ANÁLISE POR ANTOLOGIA

A RAZÃO DA CHAMA: ANTOLOGIA DE POETAS NEGROS BRASILEIROS

Quadro 01	Modo de enunciação descritivo da Primeira Seção	58
Quadro 02	Modo de enunciação descritivo da Segunda Seção	60

POESIA NEGRA BRASILEIRA: ANTOLOGIA

Quadro 01	Modo de enunciação descritivo	73
------------------	-------------------------------	----

THE NORTON ANTHOLOGY OF AFRICAN AMERICAN LITERATURE

Quadro 01	Descrições marcadas como voz do outro	83
Quadro 02	Descrições não-marcadas explicitamente como voz do outro	84
Quadro 03	Modalizações apreciativas atributivas	85
Quadro 04	Modalizações apreciativas superlativas	86
Quadro 05	Os pioneiros	87
Quadro 06	Modalizações apreciativas comparativas com autores não-negros	88
Quadro 07	Modalizações apreciativas comparativas com autores negros presentes na antologia	89
Quadro 08	Identificações políticas	90
Quadro 09	Projeção transnacional	93
Quadro 10	Momento 1: Tempo da atualidade enunciativa	94
Quadro 11	Momento 2: Tempo da ancestralidade	95
Quadro 12	Momento 3: Tempo da infância/juventude	98
Quadro 13	Momento 4: Tempo dos turning points	99
Quadro 14	Momento 5: Vida adulta/morte	102
Quadro 15	Momento 6: Tempo da atualidade enunciativa	103
Quadro 16	Recorte anual do tempo	105
Quadro 17	Recorte histórico do tempo	106
Quadro 18	Marcadores argumentativos	107

CALL AND RESPONSE: THE RIVERSIDE ANTHOLOGY OF AFRICAN AMERICAN LITERARY TRADITION

Quadro 01	Descrições marcadas como voz do outro	119
Quadro 02	Descrições não-marcadas explicitamente como voz do outro	119
Quadro 03	modalizações apreciativas-críticas das obras	120
Quadro 04	Modalizações apreciativas superlativas	121

Quadro 05	Domínio de relação língua/cultura	122
Quadro 06	Filiações religiosas dos biografados	123
Quadro 07	Modalizações apreciativas comparativas com autores negros presentes na antologia	124
Quadro 08	Identificações políticas	125
Quadro 09	Projeção nacional/transnacional	127
Quadro 10	Tempo da atualidade enunciativa	129
Quadro 11	Tempo da infância	130
Quadro 12	Tempo da ancestralidade	130
Quadro 13	Tempo da vida adulta	131
Quadro 14	Tempo da busca de si	132
Quadro 15	Biografados a frente de seu tempo	133
Quadro 16	Tempo histórico	134
Quadro 17	Progressão do tempo narrativo	135
Quadro 18	Marcadores Argumentativos	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPUH	- Associação Nacional de História
IEL	- Instituto de Estudos da Linguagem
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LA	- Linguística Aplicada
LE	- Língua Estrangeira
NAACP	- Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (em inglês)
NCTE	- Conselho Nacional dos Professores de Inglês (em inglês)
PNAD	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNLD	- Plano Nacional do Livro Didático
SEADE	- Sistema Estadual de Análises de Dados

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	01
Estudos sobre Antologias em Linguística Aplicada	17
Capítulo 1. DIÁLOGOS TEÓRICOS E INTERDISCIPLINARES	21
1.1. BIOGRAFIA	21
1.1.1. <i>Aspects of Biography</i>	23
1.1.2. <i>La Biographie</i>	28
1.1.3. <i>Interpretive Biography</i>	31
1.1.4. <i>O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares</i>	34
1.1.5. <i>Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida</i>	37
1.1.6. Considerações Críticas	40
1.2. ANÁLISE DO DISCURSO	41
1.2.1. Função-Autor	42
1.2.2. Interdiscurso e Intradiscurso	44
1.2.3. Ressonância Discursiva	45
1.2.4. Designação	45
1.3. DESCRIÇÃO E NARRAÇÃO	47
1.3.1. Modo de Enunciação Descritivo	48
1.3.2. Modo de Enunciação Narrativo	49
Capítulo 2. ANTOLOGIAS BRASILEIRAS	55
2.1. <i>A RAZÃO DA CHAMA: ANTOLOGIA DE POETAS NEGROS BRASILEIROS</i>	55
2.1.1. Descrição da Antologia	56
2.1.1.1. Objetivos da Antologia	57
2.1.1.2. Critérios de Seleção dos Autores Antologizados	57
2.1.1.3. Seções	57
2.1.2. Ressonâncias Discursivas e Representações do Negro Brasileiro Recorrentes nas Biografias	58
2.1.2.1. Análise do Modo de Enunciação Descritivo	58
2.1.2.2. Análise do Modo de Enunciação Narrativo	67
2.2. <i>POESIA NEGRA BRASILEIRA: ANTOLOGIA</i>	69
2.2.1. Descrição	70
2.2.1.1. Objetivos da Antologia	70
2.2.1.2. Critérios de Seleção dos Antologizados	70
2.2.1.3. Seções	71

2.2.2. Ressonâncias Discursivas e Representações do Negro Brasileiro Recorrentes nas Biografias	71
2.2.2.1. Análise do Modo de Enunciação Descritivo	72
2.2.2.2. Análise do Modo de Enunciação Narrativo	77
Capítulo 3. ANTOLOGIAS ESTADUNIDENSES	79
3.1. <i>THE NORTON ANTHOLOGY OF AFRICAN AMERICAN LITERATURE</i>	79
3.1.1. Descrição da Antologia	80
3.1.1.1. Objetivos da Antologia	80
3.1.1.2. Critérios de Seleção dos Antologizados	81
3.1.1.3. Seções	82
3.1.2. Ressonâncias Discursivas e Representações do Negro Estadunidense Recorrentes em Biografias da Antologia	83
3.1.2.1. Análise do Modo de Enunciação Descritivo	83
3.1.2.2. Análise do Modo de Enunciação Narrativo	94
3.2. <i>CALL AND RESPONSE: THE RIVERSIDE ANTHOLOGY OF AFRICAN AMERICAN LITERARY TRADITION</i>	115
3.2.1. Descrição da Antologia	116
3.2.1.1. Objetivos da Antologia	116
3.2.1.2. Critérios de Seleção dos Autores	117
3.2.1.3. Seções	117
3.2.2. Ressonâncias Discursivas e Representações do Negro Estadunidense Recorrentes em Biografias da Antologia	118
3.2.2.1. Análise do Modo de Enunciação Descritivo	118
3.2.2.2. Análise do Modo de Enunciação Narrativo	129
Capítulo 4. OS DISCURSOS ANTOLÓGICOS NAS BIOGRAFIAS	139
4.1. DISCURSO ANTOLÓGICO	139
4.2. ANÁLISES	146
4.2.1. Ressonâncias Discursivas	146
4.2.1.1. Contextualização das produções dos autores	146
4.2.1.2. Os pioneiros	148
4.2.1.3. Referência a outros autores	149
4.2.1.4. Deslocamento de estereótipos	150
4.2.1.5. Modalizações Apreciativas Superlativas	153

4.2.2. Distanciamentos Discursivos	157
4.2.2.1. Nacionalismo	157
4.2.2.2. Transnacionalismo	161
4.2.2.3. Identificações político-partidárias	165
4.2.2.4. Designações do corpo e sexualidade	167
4.2.2.5. Filiações religiosas	170
Capítulo 5. LINEAMENTOS INTERCULTURAIS/DISCURSIVOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS	173
5.1. <i>As Concepções de Cultura e a Educação em Letras e Línguas</i>	174
5.2. <i>Que “Negro” É Esse da Cultura Negra?</i>	176
5.3. <i>PROPOSTA INTERCULTURAL E DISCURSIVA</i>	179
5.3.1. <i>COMPONENTE INTERCULTURAL</i>	180
5.3.1.1. <i>Eixo: Território, Espaços e Momentos</i>	180
5.3.1.2. <i>Eixo: Pessoa e Grupos Sociais</i>	187
5.3.1.3. <i>Eixo: Legados Sócio-Culturais</i>	190
5.3.2. <i>COMPONENTE INTEGRADO LÍNGUA-DISCURSO</i>	192
5.3.3. <i>COMPONENTE PRÁTICAS VERBAIS</i>	194
5.3.3.1. <i>Eixo: Leitura</i>	195
5.3.3.2. <i>Eixo: Escrita</i>	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	205
ANTOLOGIAS ANALISADAS	213
APÊNDICE	215

INTRODUÇÃO

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (Michael Foucault, In. *A Ordem do Discurso*, 1971, p.44).

Se no campo do ensino de línguas, mas não restrito a ele, é comum se estabelecerem relações com o conhecimento a partir de uma divisão político-social do trabalho de leitura que, ao separar aqueles responsáveis pela “produção” do saber, *i.e.*, os teóricos, daqueles responsáveis por sua “aplicação”, que é diferente de “apropriação”, *i.e.*, os professores, reforça a dicotomia teoria *versus* prática, a Linguística Aplicada (doravante LA) vem, todavia, em seu relativamente curto tempo de existência, esforçando-se para se configurar como um lugar de diluição dos distanciamentos entre essas duas frentes. Por conseguinte, ao assumir tal papel, produz um discurso sobre si que assinala seu afastamento das limitações “inerentes” a essa dicotomização. Podemos dizer, então, que um dos efeitos de um dos discursos da LA é ela ser considerada – e usada como justificativa da prática de muitos e da teoria de poucos – como o lugar privilegiado de uma prática-teórica e, ao mesmo tempo, de uma teoria-prática¹.

Se por um lado, por conta de sua “indeterminação”, a LA pode ser encarada por algumas disciplinas “mais velhas”, tais como, Linguística, Pedagogia, História, Sociologia, dentre outras, com uma certa “desconfiança”, por outro, pode lhes causar, justamente pela dificuldade de sua “rotulação acadêmica”, um certo “incômodo”, haja vista que seus objetivos, flexibilizados por esse discurso de uma identidade em movimento, permitem-lhe tanto absorver, quanto refutar forças dessas disciplinas.

Como consequência dessa interlocução da LA com outras áreas de conhecimento, podemos notar que, tanto em contexto nacional quanto internacional, as pesquisas que lidam com o ensino de línguas maternas e estrangeiras, na tentativa de dar conta das demandas emergentes, e, às vezes, ímpares, desse ensino, vem tanto constituindo *corpus* quanto mobilizando

¹ Mas, há outros efeitos de discursos produzidos pela LA dignos de observação. Para Bertoldo (2000), por exemplo, um dos efeitos discursivos da tentativa da LA em articular teoria e prática, ao apagar, para isso, os conflitos e contradições advindos dessa relação, é justamente a produção de um acirramento da dicotomização de tal relação.

pressupostos teóricos cada vez mais fronteiriços. Como resultado, podemos indicar a crescente institucionalização de inúmeras subáreas de pesquisa pela LA².

Todavia, há que se pontuar, esse alargamento das margens do campo de estudo da LA e o crescimento do número de suas produções não podem ser interpretados como indicativos automáticos de saturação de seus questionamentos, nem de melhoria revertida para a formação do professor de línguas estrangeiras (doravante LE). Dito de outra forma, a ampliação do campo da LA, de um lado, abre espaço para a produção de trabalhos interdisciplinares que esboçam questionamentos antes informuláveis – porque concebidos como “não-científicos” – enriquecendo-a, de outro lado, todavia, abriga uma produção numericamente significativa de trabalhos que abordam questões cruciais ao desenvolvimento da própria LA de forma obsoletamente resistente e que, por isso, direta ou indiretamente, afetam a formação e a prática dos professores.

Dentro desse quadro, a relação entre cultura e ensino de LE, por exemplo, tem sido um tema de discussão controversa na Linguística Aplicada. Tomemos como ilustrativas as asserções de dois autores.

Brown (2005, p.189) sugere que “*a language is a part of a culture and a culture is a part of a language*” e “*the acquisition of a second language is also the acquisition of a second culture*”, ou seja, para o autor, o aprendizado de uma LE implica, inevitavelmente, a aquisição de uma nova identidade, que se daria mediante um processo de aculturação, ou, em suas próprias

² Vejamos, *e.g.*, que em seu recente estudo, Menezes, *et. al.* (2009), ao fazerem um levantamento de periódicos de Linguística Aplicada em contexto nacional focadamente em: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada; Trabalhos em Linguística Aplicada; ESPECIALIST, Linguagem e Ensino, e D.E.L.T.A* – e internacionalmente, focada em: *Annual Review of Applied Linguistics, International Journal of Applied Linguistics, International Review of Applied Linguistics in Language Teaching (IRAL), System: An International Journal of Educational Technology and Applied Linguistics, Language Learning, Modern Language Journal e Studies in Second Language Acquisition* – apontam para: i. em contexto nacional, a presença de não menos que vinte e cinco temas, dentre eles: Aprendizagem de Línguas por Adultos, Linguagem Infantil, Comunicação nas Profissões, Análise Contrastiva e Análise de Erro, Análise do Discurso, Tecnologia Educacional e Aprendizagem de Língua, Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras e Formação de Professores, Linguística Forense, Educação em imersão, Tradução e Interpretação, Linguagem e Ecologia, Linguagem e Educação em Contextos de Multilinguismo, Linguagem e Gênero, Linguagem e Mídia, Línguas em Contacto e mudança linguísticas, Linguagem para fins específicos, Planejamento Linguístico, Autonomia do Aprendiz e Aprendizagem de Língua, Lexicografia, Letramento, Educação em Língua Materna, Psicolinguística, Retórica e Estilística, Aquisição de Segunda língua, Língua dos sinais; e ii. em contexto internacional, a presença de mais de vinte temas, dentre eles: Ensino e aprendizagem de línguas, Aquisição de segunda língua, Interações orais, Vocabulário, Letramento (escrita), Reading, Pronúncia, Estratégias de Aprendizagem, Gramática, Foco no Aprendiz, Interação, comunicação e aprendizagem mediada por computador, Teste e Avaliação, Compreensão oral, Gênero (masculino/feminino), Crenças de professores e de aprendizes, Linguística Aplicada: Reflexões sobre a área e sobre a pesquisa, Tradução, Língua, Cultura e Ideologia, Currículo, Inglês como língua franca ou língua internacional.

palavras: “*second language learning involves the acquisition of a second identity. This creation of a new identity is at the heart of culture learning, called acculturation*” (Ibidem, p.194). A partir de suas afirmações, vê-se que o autor defende uma concepção assimilacionista da cultura, em que o aprendiz de LE deveria se adaptar à da nova cultura, ou, dito de outra forma, “aculturar-se”.

Em contrapartida, comprometido com uma abordagem interacionista que vê a língua como um instrumento de comunicação e dominação entre os povos, Moita Lopes ao assumir que “é possível tornar-se um bilíngue sem se tornar bicultural”, descarta, dessa maneira, o componente cultural como condição essencial para o ensino e aprendizagem da LE e propõe um ensino de LE que esteja preocupado em “preservar a identidade cultural brasileira e em pensar a língua estrangeira de um ponto de vista que reflita os interesses do Brasil” (1996, p. 41).

Ao considerar a influência que esses autores exercem na formação do professor LE – sendo lidos em cursos de Letras e incluídos em bibliografias de concursos –, podemos afirmar que tais posturas afetam essa formação, na medida em que corroboram para a construção de uma visão unilateral de cultura em sua relação com a LE. Ou seja, ambas posições concebem a relação das “culturas de partida” das línguas estrangeiras com as “culturas de chegada” das línguas maternas como opositiva, conflitante: para a primeira, o aprendizado da LE se dá mediante a assimilação da cultura estrangeira (“apagamento” da cultura materna); para a segunda, a sobrevivência da cultura materna se dá mediante a negação da cultura estrangeira e a “preservação” da cultura materna, como se esta fosse concluída.

O fato de, como afirmamos anteriormente, a LA institucionalizar essas posturas, todavia, não significa que ela as tome como representantes únicas de suas margens, como se fossem pesos necessários para seu equilíbrio. Aliás, existe, na LA, “uma terceira margem”³.

Lembremos, então, de uma terceira corrente de pesquisadores, ou uma “terceira margem” de estudos, para continuar na metáfora roseana, que, distante desse tratamento bipolarizado da relação entre cultura e LE (KRAMSCH, 1993; BYRAM, 1989/1997/2008; RISAGER, 1988; NORTON PIERCE, 1995, 2000; dentre outros autores), defende uma abordagem intercultural para o ensino. Para tanto, esses autores se apoiam no conceito de que diferentes culturas, mesmo que possam refletir identidades nacionais diferentes e/ou identidades transnacionais, são, não sem conflitos, relacionáveis umas às outras. Em suma, o principal

³ Metáfora de João Guimarães Rosa “A Terceira Margem do Rio”, conto presente em *Primeiras Estórias*.

objetivo compartilhado por estudos dessa abordagem é, a partir da consideração dos conflitos e resistências, encorajar um entendimento intercultural entre comunidades falantes de diferentes línguas, ao mesmo tempo em que se desenvolvem as competências discursivas e linguísticas em uma língua estrangeira.

Em contexto de pesquisas feitas no Brasil, Serrani (2005), ao defender as produções culturais – imbricadas às dimensões discursivas – como ponto cerne do ensino de LE, elabora uma *Proposta Intercultural/Discursiva* em que o papel tanto do linguista aplicado quanto do professor passa a ser pensado como o de “construtor de pontes” entre diferentes culturas/discursos envolvidos no ensino/aprendizado das línguas maternas e estrangeiras.

A autora propõe que um ensino de LE sensível às questões culturais/discursivas não deve conceber seus objetos de ensino, língua e cultura, como meros instrumentos a serem “dominados” pelo aluno segundo as progressões de complexidade apenas morfosintática ou de apresentação de “situações comunicativas”. Tal ensino deve considerar, sobretudo, os processos de produção-compreensão do discurso relacionados diretamente às identidades sócio-culturais.

Os avanços desse tratamento prioritário de questões interculturais/discursivas previsto pela referida autora se dão a partir da consideração de heterogeneidades culturais e linguísticas das comunidades falantes tanto da LE, quanto das falantes da língua materna. Essa proposta, ao ensejar que o currículo do ensino de LE seja reformulado e expandido para que múltiplas perspectivas linguísticas, culturais e sociais sejam incluídas, possibilita, assim, o deslocamento de abordagens reducionistas que implicam em um tratamento maniqueísta, ora de louvação, ora de execração, das outras comunidades falantes da LE e de suas culturas.

Vale lembrar, ainda, que, nessa mesma linha, as “*Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*” (2002), as “*Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Letras*” (2001) e os “*Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira*” (1998) consideram, dentre outras coisas, que o objetivo educacional do ensino de uma LE seja a aprendizagem intercultural, uma vez que o distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajudaria a aumentar sua autopercepção como ser humano e cidadão. Os documentos ensejam, ainda, que, ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, o aluno aprenderia mais sobre si mesmo e sobre um

mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social.

O ponto em comum entre as pesquisas da terceira corrente, citadas anteriormente, e esse conjunto de legislações que, de certa maneira, servem de baliza para o ensino de línguas estrangeiras, é a consideração de que o ensino de inglês vem se tornando, cada vez mais, um lugar privilegiado de encontro, seja ele conflituoso ou complementar, entre as culturas brasileiras com as dos povos falantes dessa língua.

Nesse contexto, a formação do professor de LE passa a ser um dos temas centrais de investigação da LA, culminando em aumento significativo de pesquisas que se debruçam em analisar o papel desenvolvido pelo professor mediante esse encontro. Porém, embora grande parte de suas pesquisas compartilhe dessa mesma preocupação, não são poucas, nem tampouco convergentes, as perspectivas assumidas por ela, o que revela, de certa maneira, além da extrema complexidade e amplitude da LA, já citadas anteriormente, tanto a relevância quanto a dificuldade de se pensar sobre o tratamento da cultura no ensino das línguas estrangeiras.

Cox e Assis-Peterson (2001), por exemplo, a partir de uma pesquisa realizada com professores de inglês de nível universitário, nível básico – público e particular – e de escolas de idioma, que atuam em Cuiabá – MT, e ao considerarem a possibilidade de a questão do conflito entre identificação/desidentificação, aproximação/distanciamento, atração/repulsa, amor/ódio em relação à cultura do outro que fala inglês emergir no cotidiano das salas de aulas, e, conseqüentemente, influenciar o processo de designação do professor de inglês, subscrevem que tais professores são, inúmeras vezes, rotulados de alienados, acríticos, apolíticos, reacionários, partidários da direita e agentes do “imperialismo americano”. As autoras ainda salientam que, entre os “intelectuais politizados”, o professor de inglês seria suspeito de ter “vendido a alma para o diabo” (*Ibidem*, p.17). Diante do desconforto causado por tais rotulações, concluem as autoras da pesquisa, não são poucos os professores de inglês que acabam por optar pelo ensino de língua materna abandonando de vez o ensino de inglês.

Leite (2003), por sua vez, ao analisar a prática de ensino de professores de inglês que atuam em escolas particulares e em cursos de inglês em Aracaju-SE, proclama que esses professores de língua de inglesa desempenham o papel de “divulgador da cultura” dos países ricos de língua inglesa, bem como de conceitos estereotipados a respeito dos povos desses países, corroborando, assim, a prática de legitimação do “imperialismo cultural”.

Franco (2007), sob um ponto de vista semelhante, ao realizar uma pesquisa sobre os efeitos da presença de textos literários no ensino de inglês realizado em Curitiba-PR, conclui que o professor de inglês não figura como articulador de ações que poderiam problematizar as imposições do “capital cultural”, podendo, por tal negligência, ser definido como “reprodutor das imposições do capital cultural”. Para a autora, o professor de inglês atua sem muitas indagações de natureza filosófica, procurando cumprir o seu papel de desempenhar as tarefas impostas pelo livro didático. Por ser um cumpridor de tarefas, o professor de inglês empreenderia esforços limitados a garantir o mínimo para sua sobrevivência nos domínios locais onde atua (*Ibidem*, pp. 64 e 65).

Siqueira (2008), ao analisar as concepções e expectativas de professores de inglês em Salvador-BA, e ao procurar investigar: a) a relação entre língua e cultura; b) a relevância dessa relação para o ensino de inglês; c) a competência intercultural do professor como elemento fundamental nesse processo, sinaliza o fato de o professor de inglês não considerar em sua prática as relações interculturais. Porém, diferentemente das pesquisas de Leite (*Op. Cit.*) e Franco (*Op. Cit.*), esse autor defende a importância do papel professor atuar como um “Falante Intercultural da LE” atento às transformações sociais e preparado para propiciar um diálogo intercultural em suas aulas.

Essas pesquisas, guardadas suas especificidades teórico-metodológicas, ilustram a crescente preocupação com o papel do professor de inglês, que atua em diferentes partes do Brasil, como agente de mediação intercultural.

Aqui, abrimos parêntese para lembrar que, uma demanda social nos últimos anos que vem se intensificando em diversas esferas de discussão, mas, que parece ainda não ter sido contemplada por linguistas aplicados, é a consideração de legados de “culturas negras” no processo de ensino e aprendizado de línguas estrangeiras. Seja por meio da criação de Leis Federais, tais como a 10.639/2003, que ao tornar obrigatória “a inclusão de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares”, legalizam e obrigam um tratamento das “culturas negras” via currículo escolar, seja por meio de reivindicações e conquistas políticas das chamadas *Ações Afirmativas*, ou, seja ainda, por meio da projetos de docentes desenvolvidos em sala de aula, que convergem para a necessidade de um tratamento das “culturas negras” na educação, o fato é que o ensino vem sendo configurado, cada vez mais, como o palco privilegiado para a consideração e re-valorização dos legados de “culturas negras”.

Assim, dada a especificidade do ensino de inglês, que, além de ser, juntamente com outros componentes curriculares, o palco de re-consideração desses legados, ainda funcionar como um lugar privilegiado de visibilidade de relações intercultural/discursivas, afirmamos que a atuação do professor de inglês, nesse contexto interdisciplinar, pode corroborar com estabelecimento e tratamento de relações interculturais/discursivas a partir de legados de culturas negras.

Fechando nosso parêntese, vale dizer que, enquanto as investigações sobre o papel do professor no ensino de inglês feitas por Cox e Assis-Peterson (2001) e Siqueira (2008), sob nossa perspectiva, ancoram-se em um complexo e promissor campo analítico, as pesquisas de Leite (2003) e Franco (2008), a partir de nossa leitura, por outro lado, carecem de refinamento, na medida em que, ao partirem do pressuposto de que o ensino de inglês seja unicamente uma ferramenta de valorização e difusão da cultura estadunidense, restringem o trabalho do professor de inglês ao papel de defensor acrítico dessa cultura.

A partir da posição destes autores, é válido perguntar: A quais culturas estadunidenses se referem em suas pesquisas? Que língua inglesa, e falada por quem, suas pesquisas reiteram como sendo uma ferramenta de domínio e imposição cultural? Não haverá, no âmbito dessas pesquisas, um reducionismo que desconsidera que a língua inglesa e as culturas estadunidenses não são homogêneas, nem tampouco apenas aquelas mostradas em filmes hollywoodianos? Não se estaria reduzindo a riqueza linguístico-literário-cultural dos povos falantes de inglês, e suas histórias de luta, ao se tomar algumas imagens circuladas na mídia como as representativas únicas do inglês? Não se estaria desconsiderando que, dentre a diversidade dos povos que falam inglês, há grupos que não se enquadram no perfil de falante vendido pela “indústria cultural”, ou mesmo que lutam contra tal indústria, pois são estereotipados por ela? E quanto à relação do aluno brasileiro com a língua inglesa: O fato de alguns alunos brasileiros se identificarem como *blacks* não seria, por ventura, indicador de uma certa identificação com grupos étnico-culturais dos Estados Unidos? Não se estaria desconsiderando que esses alunos podem se identificar subjetivamente com aspectos das “culturas negras” dos falantes de inglês? Tais alunos não poderiam ser estimulados, pelo professor de inglês, a deslocar as imagens estereotipadas que se têm das culturas estadunidenses com pesquisas sobre as histórias de lutas, reivindicações e idiossincrasias dos negros dos Estados Unidos?

Esses nossos questionamentos ilustram, na verdade, que coadunamos com uma concepção de cultura e língua não-substancialistas, para a qual cultura seria um traço de algo fechado, concluído, herdado e imutável e a língua estaria, subseqüentemente, minimizada à função de instrumento de reprodução de cultura. Entendemos cultura e língua, diferentemente, como sistemas dinâmicos, e não sem contradições, imersos em constantes transformações que, se de um lado podem favorecer a manutenção de valores e memórias, por outro, podem possibilitar o deslocamento/fortalecimento das identidades e das maneiras de se estar no mundo das práticas sociais. Não há espaço, em nosso entendimento, para a idéia de “imperialismo cultural”, “aculturação”, “apagamento de identidades”, como defendido tanto pelas pesquisas de Leite e Franco, quanto pelas produções de Brown e Moita Lopes, como mostramos. Segundo a perspectiva desses autores, a cultura (o patrimônio cultural) das línguas estrangeiras e maternas estariam em situação de confronto, e, ao defenderem tal posição, tais autores ignoram que o contato entre línguas e suas culturas pode ser produtor de sentidos, discursos e identificações subjetivas.

Diferenciando-nos dessa perspectiva, nossa concepção é a de cultura e língua como “práticas sociais em movimento”. Ou, em outras palavras, para nós as culturas e as línguas devem ser pensadas como heterogêneas no sentido de que são formadas em contextos múltiplos, e mais ainda, no caso das culturas brasileira e estadunidense, do português brasileiro e inglês estadunidense, cujas formações estão estruturadas na coexistência, conflituosa ou não, de culturas e línguas oriundas de inúmeros países e grupos étnico-raciais.

Portanto, diferentemente dos autores citados anteriormente, partimos do pressuposto de que, quando se trata de culturas, nem as brasileiras, nem as estadunidenses, envolvidas nesse contato, são homogêneas. Não existe, em nossa perspectiva, uma definição conceitual nem categórico-explicativa daquilo que seria, aprioristicamente, a cultura brasileira, de um lado, e daquilo que seria, de outro lado, a cultura estadunidense.

Há que se somar a essas ponderações, o fato de que não existe também uma única forma de tratamento das relações entre essas culturas, como é sugerido pelos autores. Isso nos leva a afirmar que, sob nossa perspectiva, subsumir o papel do professor a de “divulgador da cultura dominante” ou “reprodutor das imposições do capital cultural”, dentre outras designações, é posicionar-se aprioristicamente contra a abordagem cultural nas aulas de inglês, diminuindo, dessa maneira, a complexidade da questão.

Pensamos que tomar uma postura crítica em relação ao ensino de inglês⁴ não equivale a desqualificar automaticamente a importância de tal ensino, como se tem superficial e erroneamente defendido, nem pode servir de alibi para uma postura anti-ensino de inglês, e nem mesmo para se rotular os professores de inglês.

Vale propor, isso sim, que, dado que o ensino de LE é, acima de tudo, uma prática político-discursiva que se dá nos mais diversos e dinâmicos contextos sócio-étnico-culturais, as ações acadêmico-políticas voltadas para a formação continuada de professores de inglês devem contribuir, acima de tudo, para a habilitação desses docentes para que possam instaurar questionamentos sobre os discursos e saberes advindos das mais diversas áreas (re)produtoras de conhecimento que constituem, indiretamente, suas relações com os alunos e, diretamente, a relação de seus alunos com a LE.

Portanto, mediante essa nossa constatação da importância de se pensar o papel do professor de inglês, não como um divulgador da cultura dominante, nem como um agente de reprodução do capital cultural, mas, diferentemente, como agente instaurador de pontes culturais e de questionamentos sobre as possíveis relações interculturais/discursivas a partir de legados de “culturas negras”, é válido indagar:

Como uma formação continuada do professor de inglês pode contribuir para a “instrumentalização” desse docente no que tange ao tratamento dessas relações? Quais discursos e discussões sobre essas relações podem torná-las experiências de constituição identitária tanto dos alunos quanto dos professores? Quais gêneros discursivos podem ser utilizados como materiais propícios ao tratamento dessas relações? Esses são alguns dos questionamentos basais de nossa tese.

⁴ São muitas as leituras sobre esse tópico que se baseiam em Pennycook (1994), quando este autor afirma que, coerente com a lógica de que uma língua internacional não seria elemento pentecente nem caracterizador de um grupo cultural restrito, sendo, desta maneira, pensada como destituída de cultura, o discurso sustentado por um certo viés das políticas de ensino de inglês como língual internacional é de que tal língua seria neutra, natural e benéfica. Todavia, o que a maioria dessas leituras ignora é que o autor lembra que, embora o inglês compareça sob essa insígnia “*Nenhum conhecimento, nenhuma língua e nenhuma pedagogia é neutra ou apolítica*” (Ibidem, p. 301). Uma leitura ingênua, ou submetida a um certo recorte metodológico, pode levar à conclusão errônea de que esse autor se oponha ao ensino de inglês, e se limite a uma visão de que o professor de inglês seja um “*agente do mal*”. Muito pelo contrário, em obra subsequente, o autor, como que dizendo “*não estou contra o ensino de inglês, não me interpretem desta maneira*”, reafirma que “*os contra-discursos devem ser formados em inglês e que um dos principais papéis dos professores de inglês é ajudar essa formulação. Assim, como lingüistas aplicados e professores de inglês, devemos nos tornar atores políticos engajados num projeto pedagógico crítico*” (Ibidem, p. 55).

Tomar o caminho das culturas para inserir a questão da “negritude” no ensino de inglês requer de nós pensar que os legados de “culturas negras” e as definições de “culturas negras” possibilitam reflexões sobre as representações identitárias para o negro quanto corroboram para suas produções. Para pensar sobre os legados, analisaremos as antologias, e para pensar sobre as definições, remeteremo-nos a Hall (1998) que, em seu texto “*Que ‘Negro’ é Esse na Cultura Negra?*”⁵, revela compreender as “culturas negras” não como um produto herdado, fechado em uma essência, mas, sobretudo, como práticas políticas ambivalentes, dialética e sócio-historicamente construídas⁶.

A partir de nossa preocupação em considerar o papel do professor de inglês no estabelecimento de pontes entre os legados de “culturas negras” brasileiras e estadunidenses e de nossa participação como membro do grupo de pesquisa *Antologias, Discurso e Práticas Letradas*⁷, vimos que essa investigação pode ser ancorada na utilização de antologias de literatura negra produzidas no Brasil e nos Estados Unidos. Como resultado de orientações e estudos desse grupo de pesquisa, iniciamos um estudo das biografias presentes nas antologias com o duplo objetivo de perceber como elas – as biografias – são indicativas do discurso antológico e como podem ser utilizadas no lineamento para uma formação continuada de professores de inglês.

Aqui abrimos um novo parêntese para uma apresentação da história da tese enunciada no singular!

De meados de 2002 a 2006, período em que cursei o mestrado e estive envolvido com algumas das disciplinas do doutorado em Linguística Aplicada, IEL/UNICAMP, ministrei o Curso de Extensão do IEL *Reflexões sobre o Ensino de Inglês como Língua Estrangeira*, aulas no *Curso Teia do Saber: Ler para Aprender – Secretaria Estadual de Educação* e trabalhei na produção de atividades e em aulas a distância no *Curso de Línguas Estrangeiras do Centro CEFIEL*. A partir dessa participação como docente em cursos de formação continuada de professores de inglês, escrevi artigos, apresentei comunicações em congressos e seminários, e

⁵ Aqui registramos nossos agradecimentos à Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher que, tanto pela participação nas qualificações de projeto e da tese, quanto pela sugestão desse texto, ajudou-nos a perceber as limitações de se pensar a identidade negra pelo viés essencializante das “categorias raciais”.

⁶ No capítulo V, ao propor os lineamentos para a formação do professor de inglês, referir-nos-emos, mais detalhadamente, ao texto de Hall.

⁷ Cf. www.antologiasediscorso.iel.unicamp.br

escrevi, juntamente com outros autores, um *Fascículo Integrante do Projeto CEFIEL/MEC/UNICAMP*⁸.

Paralelamente a essas atividades, atuei nesse período como professor de inglês em uma Unidade Escolar de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Como tal, participei, várias vezes, com os demais professores de inglês, do processo informal⁹ de escolha dos livros didáticos a serem utilizados com alunos de 6º ao 9º anos. Porém, embora as escolhas dos livros fossem feitas por nós, professores, por concluirmos serem as melhores opções disponíveis naqueles momentos, quando usava os materiais em minhas aulas, ficava insatisfeito quanto à ausência de atividades que propiciassem um tratamento de relações interculturais/discursivas a partir de legados de “culturas negras”.

Incomodava-me também que, enquanto os outros componentes curriculares, tais como História, Português e Artes, principalmente próximo à data do feriado do Dia da Consciência Negra (20 de novembro), desenvolviam atividades que tratavam das contribuições históricas e culturais negras, como previsto pelo Projeto Didático-Pedagógico da Unidade Escolar, à disciplina de inglês parecia não estarem previstas contribuições a serem feitas.

Daí um questionamento formulado de várias maneiras e, às vezes, preso no nível do icônico, que se traduzia para mim da seguinte maneira: Como o componente curricular inglês poderia ser trabalhado de forma a contribuir para a formação linguístico-cultural dos alunos a partir de atividades que abordassem os aspectos históricos e culturais constitutivos da “negritude”? Contrastar as influências e contribuições africanas para a cultura brasileira com as influências e contribuições africanas para um país falante de língua inglesa, via leitura de textos, parecia ser o caminho mais viável. Porém, essa parecia uma resposta ainda vaga.

Uma forma encontrada para sistematizar a formulação de respostas palpáveis para tal questionamento foi iniciar uma macro-análise dos livros que utilizava, cujos resultados exponho, de forma sucinta, a seguir:

Great!, coleção em quatro volumes, publicada em 2002 pela editora MacMillan, assinada por Susan Holden e Renata Lúcia Cardoso. Pude constatar que esta coleção: apresenta diversas

⁸ Texto em que tecemos considerações sobre as histórias das línguas estrangeiras no Brasil, inclusive sobre as línguas africanas. OLIVEIRA, Ênio de. *et.al.* Línguas Estrangeiras no Brasil: História e Histórias. 1. ed. São Paulo: Ministério da Educação, 2005. v. 1. 64 p.

⁹ *Informal* porque, até 2009, a Secretaria de Educação de Campinas, a exemplo de várias outras, não havia assumido a responsabilidade de fornecer material didático para o componente curricular inglês. Esse quadro, entretanto, há de ser modificado a partir de 2011, pois, conforme a resolução no. 03, de 14 de janeiro de 2008, o componente curricular língua inglesa passará a ser contemplado pelo PNL D.

atividades referentes às culturas e histórias políticas das comunidades negras; apresenta atividades de leitura de textos biográficos; e, embora nem todos os textos biográficos sejam sobre a vida de personalidades negras, todas as atividades sobre as “culturas negras” comparecem inscritas ao gênero biográfico.

English Today, coleção organizada por Cordélia Canabrava Arruda, publicada pela editora Escala Educacional. A obra é voltada especificamente para o ensino de língua inglesa nos anos finais do Ensino Fundamental. Pude constatar que: 1. há três atividades propostas a partir da leitura de biografias; 2. a única atividade que faz referência às “culturas negras” faz parte dessas três propostas.

New Ace, coleção de quatro volumes, produzida por Eduardo Amos e Elisabeth Prescher, publicada, originalmente em 1997, revista e reeditada em 2002, pela seção *Longman English for Ensino Fundamental* da Editora Longman. Pude verificar dois aspectos: 1. a ausência de textos biográficos, 2. a ausência de atividades que abordem cultura e história negras.

Minhas constatações referentes às macro-análises dos três livros didáticos podem ser organizadas da seguinte forma:

1. a coleção *Great!* apresenta propostas de atividades a partir da leitura de textos biográficos e algumas delas fazem referência às contribuições dos negros para as culturas e histórias políticas de seus países, quais sejam: biografias de Martin Luther King Jr., Nelson Mandela e Michael Jackson;
2. a coleção *English Today* apresenta quatro propostas de atividades a partir da leitura de biografia e, dentro dessas quatro, uma delas, a única, faz referência às culturas e história negras;
3. a coleção *New Ace* não apresenta nenhuma proposta de atividade com texto de biografia e não faz nenhuma referência às culturas e histórias negras.

Assim, percebi que a representação de legados de “culturas negras” nos livros didáticos de inglês se dava, quando acontecia, exclusivamente por meio da utilização de textos biográficos. Além de serem raros os textos sobre as “culturas negras”, as atividades propostas a partir desses textos ainda se limitavam a um tratamento lógico-formalista da língua inglesa com perguntas de verificação de decodificação, em detrimento de discussões que propiciem um aprofundamento de debates sobre aspectos de tal cultura.

A partir de tal constatação, o segundo passo foi empreender um levantamento de materiais impressos que contivessem biografias de personalidades negras brasileiras e estadunidenses. Mais uma vez, influenciado pelo grupo de pesquisa do qual fazia parte, percebi que as antologias de literatura negra produzidas no Brasil e nos Estados Unidos se configuravam como os meios impressos em que havia um maior e mais acessível número de biografias de negros e com características que possibilitavam seu uso no ensino de inglês.

O passo seguinte, depois de tal identificação, foi empreender uma busca bibliográfica de livros, teses e artigos que abordassem tal assunto. Porém, nada foi encontrado. Em meio a esses hiatos e lacunas, longe de ter findadas minhas buscas, visualizei, sob a sugestão de minha orientadora, a elaboração dessa tese.

Diante da escassez de material, e percebendo a necessidade de articulação de diversos estudos e componentes para a realização de um trabalho interdisciplinar voltado a compreender o funcionamento discursivo nas biografias presentes em antologias de literatura negra, para, depois disso, pensar a utilização dessas antologias no tratamento das relações interculturais/discursivas a partir de legados de “culturas negras” na formação do professor de inglês, fui orientado a cursar disciplinas em *Black History and Literature*, *Black English* e *Black Modernism* na Universidade do Texas, em Austin.

Ao cursar tais disciplinas, pude aprofundar minhas compreensões sobre o papel da biografia no desenvolvimento da literatura negra estadunidense. Resultando disso, deu-se, mais especificamente, a realização de trabalhos nos quais analisei as biografias presentes na obras “*A New Negro for a New Century: An Accurate and Up-to-date Record of the Upward Struggles of the Negro Race*” (WASHINGTON, 1900); “*Interesting People: Black American History Makers*” (LEE, 1945, 1976 e 1989); “*The Narrative of Life of Frederick Douglass Douglass*” (DOUGLASS, 1845). Além de lidar com essas obras voltando um olhar para a produção do discurso biográfico, trabalhei também com “*The Souls of Black folk*” (DU BOIS, 1903), “*Native Son*” (WRIGHT, 1940), e “*The Invisible Man*” (ELLISON, 1953), que me expandiram os horizontes da compreensão de alguns aspectos da literatura negra estadunidense.

A partir desses estudos, ficou confirmado o que já suspeitava: que a literatura negra estadunidense, mas não só, fundamenta-se no imbricamento dos dados étnico-raciais com a prática da biografia. Pude apreender que, a partir da produção de uma literatura fortemente biográfica, o negro estadunidense, ao falar o negro, do negro e para o negro, mas não só,

instaurou um lugar de enunciação a partir do qual foi possível que sua voz deslocasse uma rede de estereótipos que reificavam sua identidade, *i.e.*, na prática da biografia, os autores negros encontraram uma forma de construção de sua memória e cultura.

Aqui, fecho o parêntese e volto ao plural para anunciar os objetivos desta tese:

Em termos gerais, do ponto de vista teórico, temos como objetivo compreender a relação dos discursos biográfico e antológico e, na confluência dessa compreensão, pensar a utilização das antologias para o desenvolvimento de lineamentos para uma formação continuada do professor de inglês sensível ao estabelecimento de relações interculturais/discursivas a partir de legados de “culturas negras”.

Em termos específicos, objetivamos:

1. Analisar o processo de designação dos autores negros antologizados colocado em cena pela função-autor-biográfico por meio do uso dos modos de enunciação descritivo e narrativo;
2. Compreender a relação das ressonâncias no discurso biográfico com o discurso antológico¹⁰;
3. Assinalar a presença, nas biografias analisadas, dos componentes interculturais, linguístico-discursivos e de práticas verbais elencados pela “*Proposta Intercultural-Discursiva*” (SERRANI, 2005);

Uma vez que tanto o processo de elaboração, quanto os objetivos desta tese remetem a um duplo espaço enunciativo, quais sejam os de professor e de pesquisador, o mesmo acontece com nossas justificativas, sendo elas:

1. nossa constatação de que os livros didáticos de inglês disponíveis no mercado, de forma geral, ignoram aspectos significativos da interação entre “culturas negras” brasileiras e estadunidenses, realçando, ao invés disso, uma produção e reprodução de estereótipos culturais.

¹⁰ Aqui vale lembrar que o discurso antológico pode ser analisado tanto a partir de análises de suas fontes primárias – textos antologizados – como também a partir de outras fontes secundárias: tais como: títulos, prefácios, notas, orlhas, prólogos. Todavia, centramo-nos, exclusivamente, em analisar as biografias presentes nas antologias.

2. nosso “desejo acadêmico” de compreender teoricamente o discurso biográfico em sua relação com o discurso antológico;
3. nosso “desejo acadêmico-docente” de propor lineamentos para uma formação continuada do professor de inglês a partir de legados de “culturas negras”¹¹;

Expostos os objetivos e justificativas da tese, passemos ao material selecionado para análise. De acordo com Courtine (*Apud* Serrani, 1997), quando de sua observação acerca dos materiais das pesquisas desenvolvidas pela análise de discurso, são as seguintes as possibilidades de constituição do *corpus*: i. uma ou várias sequências discursivas; ii. sequências discursivas produzidas por um ou vários locutores; iii. sequências discursivas pertencentes a posições ideológicas homogêneas ou heterogêneas; iv. sequências produzidas em sincronia ou diacronia; v. materiais de arquivo ou materiais obtidos como resultado de questionário, e vi. materiais coletados a partir da combinação, ou não, das opções citadas nos outros itens.

Para ser coerente com nossos objetivos de pesquisa, decidimos operar com o tipo de *corpus* material de arquivo. Assim, nosso *corpus* consta, exclusivamente, de biografias presentes em duas antologias de poesia negra produzidas no Brasil e duas antologias de literatura negra produzidas nos Estados Unidos.

Mediante a vasta produção de antologias que encontramos, estabelecemos os seguintes critérios de seleção: 1. Que apresentassem biografias; 2. Que fossem intituladas *antologia*; 3. Que fossem publicadas nas duas últimas décadas do século XX; 4. Que tivessem um objetivo

¹¹ No contexto estadunidense, estudos sobre a relação do ensino de línguas com a abordagem dos aspectos étnico-culturais vêm sendo realizados desde a década de 1970. Após os resultados de estudos que apontaram para: i. uma ausência do ensino da cultura negra nas escolas estadunidenses; ii. uma representação deturpada das contribuições e ações dos negros nos Estados Unidos, e iii. uma recusa em aceitar a influência e importância dos povos não-brancos para a sociedade estadunidense, foi criado o *National Council for the Teachers of English* (NCTE, 1970, 1986, 1999), cuja primeira ação foi propor um guia de ações intitulado “*Non-White Minorities in English and Language Arts Materials*” preparado por uma Força Tarefa contra o Racismo e Preconceito no ensino de inglês daquele país. Um Guia preparado pelo NCTE sugeriu que as soluções para os problemas identificados estivessem na edição e publicação de antologias que representassem as diversas contribuições das minorias não-brancas, uma vez que “*as antologias apresentam muito mais que meras referências a trabalhos produzidos pelas minorias étnicas, pois refletem as diversidades de assunto, estilo, concepções de sociedade e cultura*”. (NCTE, 1970, para. 8). Os parâmetros do NCTE apontaram, em 1986, para a necessidade de editores reconhecerem a profissão do professor de inglês como uma área carente de uma avaliação contínua dos materiais culturais que lhes possibilitem expor os alunos a heranças étnico-culturais e linguísticas da sociedade. Em nova publicação, o NCTE elaborou um documento intitulado *On Diversity* destinado a “*encorajar e estimular todos os professores a incluírem a diversidade de perspectivas, culturas, estéticas e experiências no ensino e aprendizado de inglês*” (NCTE, 1999, para. 3).

(dentre outros) didático; 5. Que se propusessem a ser obras comemorativas do centenário (Brasil) e bicentenário (Estados Unidos) de produção literária negra; 6. Que não fossem obras esgotadas¹².

Seguindo nossos critérios, selecionamos as seguintes antologias brasileiras¹³:

- *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros (1986)*, Oswaldo de Camargo (org.), São Paulo (doravante *Razão da Chama*);
- *Poesia Negra Brasileira: Antologia (1992)*, Zilá Bernd (org.), Porto Alegre (doravante *Poesia Negra Brasileira*).

Para efetuar as análises das biografias presentes nessas antologias, agrupamos as ressonâncias discursivas, quantitativamente representativas, que constituem as biografias. Dessa maneira, analisamos as ressonâncias predominantes de um total de vinte e uma biografias presentes na *Razão da Chama*, e nas vinte e duas presentes na *Poesia Negra Brasileira*.

Quanto às antologias produzidas nos Estados Unidos, a partir da utilização dos critérios citados anteriormente, selecionamos as seguintes antologias:

- *The Norton Anthology of African American Literature (1997)* 1.edição (2004), (2. edição), editores gerais Henry Louis Gates Jr., e Nellie Y. McKay (doravante apenas *Norton*);
- *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition*, editor geral Patricia Liggins Hill. Boston: Houghton Mifflin, 1998. (doravante apenas *Riverside*).

Reduzido o número de antologias, deparamo-nos, ainda, com uma imensa quantidade de biografias, o que nos obrigou a estabelecer novos critérios de seleção. Desta maneira, dado o fato de que as duas antologias foram divididas em seções – que equivaliam a momentos históricos de produção literária, resolvemos selecionar uma biografia de cada seção. Escolhemos aquelas

¹² Esse critério foi adotado mediante nossa preocupação em analisar materiais que possam, eventualmente, ser adquiridos por professores de inglês.

¹³ Quanto às antologias de literatura negra publicadas no Brasil, deparamo-nos com obras que, se de um lado não atendiam aos nossos critérios, daí não serem selecionadas, por outro merecem ser lembradas. São elas: COLINA, Paulo (Org.). *AXÉ – Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira*. São Paulo: Global Editora, 1982; KIBUKO, Oubi Inaê (Org.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*. São Paulo: Imesp, 1987; ALVES, Miriam (Org.). *Finally...us Contemporary Black Brazilian Women Writers: Dual Brazilian-English Poetry Anthology*, Colorado: Lynne Rienner, 1995.

correspondentes aos autores a quem mais páginas são dedicadas pelas antologias em cada seção. Chegamos, assim, ao seguinte recorte:

1. Biografias presentes em *Norton*: Frederick Douglass, W.E.B. DuBois, Langston Hughes, Richard Wright, Amiri Baraka e Alice Walker;
2. Biografias presentes em *Riverside*: Olaudah Equiano, Frederick Douglass, W.E.B. Du Bois, Jean Toomer, James Baldwin e Toni Morrison.

Estudos sobre Antologias em Linguística Aplicada

Não é recente o interesse de estudiosos da linguagem pelo papel das antologias no processo de formação de leitores, cujo exemplo é o grande volume de obras produzidas por críticos literários, historiadores e cientistas sociais destinados à análise de antologias, como mostra Razzini (2000). Não é comum, porém, como assinalado por Serrani (2005b, 2006, 2008 e 2008b), o interesse de pesquisas no campo da Linguística Aplicada, pelo menos em contexto nacional, que se voltam a pensar as antologias a partir do uso que delas podem ser feito no ensino de línguas. Dentro desse cenário, todavia, o grupo de pesquisa “*Antologias Bilingues, Ensino de Língua(s) e Práticas Letradas*”, coordenado por Serrani e desenvolvido no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, vem elaborando pesquisas que, a partir dos resultados de análise do discurso antológico, trazem para o interior da Linguística Aplicada reflexões sobre o uso das antologias no ensino de línguas maternas e estrangeiras.

As investigações de tal grupo propõem um novo olhar para as antologias, analisando-as como um discurso que coloca em funcionamento uma constituição e circulação de memórias culturais nacionais e transnacionais. Norteadas por tais hipóteses, tais pesquisas têm procurado conhecer as antologias na sua materialidade discursiva e analisar as representações sócio-interculturais-identitárias construídas discursivamente por elas quanto à relação entre língua materna e língua estrangeira .

Os objetivos que orientam os estudos do grupo de pesquisa são:

1. estudar antologias bilíngües e multiculturais de diversos gêneros, do ponto de vista discursivo-arqueológico e dos desenvolvimentos recentes da teoria

cultural, em função da construção de memórias e cartografias sócio-culturais;

2. analisar a macro-estrutura das antologias do *corpus* - fontes secundárias: prefácios, ensaios preliminares, prólogos, notas biográficas de autores e/ou tradutores, posfácios etc. - e as fontes primárias: trechos selecionados em função de tópicos de teoria cultural em análise;
3. elaborar taxonomias do discurso antológico e desenvolver a organização de um Banco de Antologias editadas nas últimas décadas;
4. examinar a presença (ou ausência), papel e funções da literatura e do artefato cultural “antologia”, em cursos de formação ou aperfeiçoamento de professores e em instituições de Educação Básica do sistema formal de educação brasileiro.
5. realizar estudos de caso com utilização de material antológico em práticas letradas educacionais, especialmente, em atividades de leitura e escrita, considerando os desenvolvimentos nos estudos de currículo multidimensional-discursivo, nos contextos apontados de formação de professores de língua(s) e de educação bilíngüe de jovens brasileiros.

Pautados por tais objetivos, artigos, capítulos de livros, dissertações e teses têm sido publicados pelos integrantes deste grupo de pesquisa. Vale lembrar, ainda que de forma sucinta, algumas proposições do grupo.

Serrani (2005 b), por exemplo, ocupa-se tanto em analisar o discurso antológico como lugar de memória intercultural, quanto em refletir sobre a utilização de antologias bilíngües no ensino de língua estrangeira (espanhol) e língua materna (português). Para se referir a essas duas questões, a autora toma como referência a antologia bilíngüe (espanhol – português), *Puentes/Pontes*, de Heloisa Buarque de Hollanda e Jorge Monteleone. Ao analisar tal antologia e expor seus resultados de análise, a autora chega à conclusão de que as antologias funcionam como um gênero discursivo. A partir disso, elabora uma proposta de cunho interculturalista em que as antologias comparecem como materiais privilegiados de síntese linguístico-culturais a serem utilizados no ensino de língua estrangeira e/ou língua materna.

Dias (2009), por sua vez, reflete, em sua tese de doutoramento, sobre as representações construídas discursivamente em relação ao Brasil em antologias de ensaios. Para tanto, analisa elementos paratextuais (títulos, prefácios, notas, orelhas, prólogos, dados autobiográficos de um

autor) e os metatextuais (ensaios críticos e ensaios-guias de leitura) das antologias para fazer ver os lugares de enunciação que se desdobram no interior do discurso antológico. A autora constata que as antologias são marcadas pela tensão unidade e dispersão, desenhada no projeto antológico por meio de: (i) “conflitos de uma identidade brasileira vazia, lacunar, marcada pela falta que se completa no outro estrangeiro”; (ii) “a problemática da Comemoração dos 500 anos do Brasil como lugar de memória ou como acontecimento que produz uma tensão entre a narrativa coerente do Estado e a dispersão dos sentidos que retornam a partir da memória do dizer”; e (iii) “as reflexões e movimentos de resistências de intelectuais que deslocam sentidos de ordem e progresso para morte e progresso ou a partir da posição de que o Brasil pode e deve ser lido a partir do trágico”.

Nessa mesma perspectiva, Oliveira (2009) analisa, em sua dissertação, o ensino de língua espanhola no contexto das escolas preparatórias das Forças Armadas Brasileiras. A autora descreve a estrutura dos cursos de espanhol, analisa os materiais didáticos adotados pelas escolas da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, e, tendo como hipótese que a complementação sistemática dos materiais didáticos com textos biográficos, propicia avanços no campo do ensino de línguas. Com tal estudo, a autora destaca a relevância de um trabalho pedagógico que ultrapasse as fronteiras do livro didático e que permita um ganho cultural para os alunos. Além disso, a autora discute, também, os avanços no tratamento de questões linguísticas, discursivas e interculturais, em função do uso de recursos de modalização apreciativa.

Dentro desse quadro de pesquisa, todavia, voltando-nos, especificamente, para a relação entre português-inglês, e entre artefatos de “culturas negras” brasileira e estadunidense, nesta pesquisa tecemos reflexões sobre o funcionamento de biografias presentes em antologias de literatura negra publicadas no Brasil e nos Estados Unidos, concebendo-as tanto como base para o discurso antológico, quanto como materiais a serem utilizados no esboço de lineamentos para uma formação continuada intercultural/discursiva dos professores de inglês.

Para expor nossas reflexões, dividimos esta tese em cinco capítulos.

No **primeiro capítulo**, estruturamos, teoricamente, nossas reflexões sobre o funcionamento do discurso biográfico. Para tanto, o capítulo apresenta duas partes. Na primeira, dialogamos com autores (MAUROIS, 1928; MADELÉNAT, 1984; DENZIN, 1989; SCHMIDT, 2000; e VILAS BOAS, 2008) cujas pesquisas abordam o gênero biográfico a partir de distintas áreas de produção de conhecimento. Na segunda, retomamos noções da Análise do Discurso, tais

como as de função-autor, interdiscurso, intradiscurso e ressonância discursiva, (FOUCAULT, 1969/1971; ORLANDI, 1989; SERRANI, 1997; PÊCHEUX, 1990), e da Semântica Histórica da Enunciação, tais como a noção de designação (GUIMARÃES, 2002), além de trabalhos (GENETTE, 1971/1972; HAMON, 1979) sobre os modos enunciativos da narração e descrição.

No **segundo capítulo**, ocupamo-nos, inicialmente, de uma descrição global das antologias brasileiras *A Razão da Chama* e *Poesia Negra Brasileira*, momento em que apresentamos os objetivos, critérios de seleção dos autores, e seções das antologias. Em seguida, analisamos as representações discursivas construídas nas biografias dos autores antologizados. Neste momento de análise, centramo-nos em compreender como os modos de enunciação descritivo e narrativo são colocados em jogo pela função-autor-biográfico quando do processo de designação dos antologizados.

No **terceiro capítulo**, utilizamos os mesmos procedimentos do segundo, porém, ocupamo-nos das antologias estadunidenses *Norton* e *Riverside*.

No **quarto capítulo**, a partir dos resultados das análises das biografias das antologias feitas nos Capítulos II e III, expomos a relevância da compreensão do funcionamento do discurso biográfico para a compreensão do discurso antológico. Assinalamos, assim, como o funcionamento discursivo das biografias faz ressonar sentidos no discurso antológico que propiciam, de um lado, um efeito de unidade discursiva entre as antologias, e de outro, um efeito de singularidade discursiva para cada uma delas.

No **quinto capítulo**, identificamos nas biografias das quatro antologias do nosso *corpus* a presença dos eixos temáticos dos componentes elencados pela “*Proposta Intercultural-Discursiva*” (SERRANI, 2005), e, concomitante, esboçamos lineamentos para a formação continuada dos professores de inglês sensível ao estabelecimento de relações interculturais/discursivas a partir de legados de “culturas negras”.

CAPÍTULO I: DIÁLOGOS TEÓRICOS E INTERDISCIPLINARES

1.1. BIOGRAFIA

Atualmente, a produção de biografias tem gozado de um grande sucesso editorial tanto no cenário nacional, quanto no internacional. Seja no campo das biografias de personalidades¹⁴ conhecidas das áreas de: política, esporte, cultura de massa, literatura, de um lado, seja no campo das biografias de pessoas não conhecidas, de outro, o fato é que as estantes das livrarias estão, constantemente, repletas de livros desse gênero.

Porém, longe de ser uma característica restrita ao setor mercadológico, o crescimento do interesse pelas biografias tem ressoado com igual força no ambiente acadêmico, sobretudo na historiografia. Prova disso é que dois dos mais importantes periódicos especializados em historiografia brasileiros – a *Revista Brasileira de História da ANPUH* e a *Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas* – dedicaram seus números de 1997 ao tema, como assinala Schmidt (2000)¹⁵.

Há que se considerar, todavia, que esse retorno da biografia à pauta das reflexões acadêmicas não significa uma simples retomada de um gênero já batido, nem uma já esperada tentativa da academia de acompanhar as tendências do mercado editorial, mas sim, pode ser analisado como um indicativo do processo de transformação de fundamentos teórico-metodológicos praticados pelas disciplinas que produzem reflexões sobre os percursos de vida dos sujeitos. Esse processo de transformação atenta para novas relações entre as formas narrativas e o conhecimento científico, novas relações de subjetividade/objetividade e novas relações entre indivíduo/sociedade, dentre outros aspectos.

¹⁴ Os termos *biografia* e *indivíduo*, como sugere Rojas (2002), não guardam o mesmo significado no período da Antiguidade Clássica e no período da modernidade capitalista burguesa contemporânea, uma vez que se trata de níveis de desenvolvimento diferentes de individualidade dentro da história. Assim, ainda segundo o autor, o termo *personalidade* não teria equivalente na língua grega, porque naquele Mundo Antigo Clássico simplesmente não existia o que hoje entendemos por personalidade. Isso não impede, todavia, que alguns manuais que pretendem explicar o que é a biografia histórica afirmem com tranquilidade que tal ou qual biografia não seja outra coisa senão a reconstrução da personalidade de um indivíduo, pretendendo assim, ingenuamente, reconstruir personalidades tais como as de Júlio César ou de Alexandre Magno, dentro das histórias de Grécia e Roma nas quais não existiam a noção ou o termo de personalidade.

¹⁵ REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA: Biografia, biografias. São Paulo: v. 17, n. 33, 1997 e ESTUDOS HISTÓRICOS: Indivíduo, biografia, história. Rio de Janeiro: v. 10, n. 19, 1997.

Tomar a biografia como objeto de reflexão pode levar à realização de estudos que revelam características não apenas do indivíduo, mas de uma tessitura de amplo aspecto entre a singularidade e a multiplicidade, o uno e o múltiplo: a intercecção entre o individual e o social, remetendo-nos aos grupos sociais dos quais os biografados são originários.

Dito isso, como apontamos na justificativa da tese, fazer uma análise das biografias presentes em antologias pode contribuir tanto para uma compreensão do discurso antológico marcante das identidades negras brasileira e estadunidense, quanto para o desenvolvimento de lineamentos para a formação de professores de inglês.

Entretanto, antes de desenvolver nossas reflexões sobre essa dupla possibilidade de trabalho a partir das biografias, é necessário esquadrihar teoricamente as análises que focam o discurso biográfico. Para esse esquadrihamento teórico, é pertinente que nos refiramos a três obras produzidas no exterior: *Aspects of Biography*, (MAUROIS, 1928); *La Biographie*, (MADELÉNAT, 1984); *Interpretive Biography*, (DENZIN, 1989), e duas produzidas, recentemente, no Brasil: *O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares*, (SCHMIDT, 2000) e *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida* (VILAS BOAS, 2008).

Essas cinco obras, guardadas suas especificidades metodológicas e discursivo-geográfico-temporais, importam para nosso trabalho na medida em que nos fornecem um quadro representativo dos tipos e os momentos de produção da biografia, além de refletirem sobre as características teóricas que marca(ra)m o fazer biográfico no Ocidente. Obviamente, foge aos objetivos deste trabalho realizar uma análise comparativa detalhada dessas obras. Limitar-nos-emos, aqui, a salientar alguns aspectos abordados por elas que julgamos importantes para a posterior compreensão do papel das biografias nas antologias de literatura negra selecionadas para análise.

1.1.1. *Aspects of Biography*

Quem são os autores das biografias presentes nas antologias selecionadas para análise?

Se tomarmos uma noção de autoria restringindo-nos a uma categoria empírica representada pela assinatura das biografias, responderíamos que elas, simplesmente, não teriam autores, uma vez que seus editores/antologistas não explicitam, em nenhuma passagem, quem teria escrito tais biografias. Porém, como lidamos com uma concepção discursiva da linguagem, o fato de não haver um autor declarado não significa que as biografias não tenham autoria. Para a Análise do Discurso, campo teórico com o qual dialogamos, “há autoria quando há um sujeito que se coloca na origem do dizer produzindo efeitos de coerência” (ORLANDI, 2001, p. 91). Ou seja, a autoria é pensada como uma função exercida no texto, ou, novamente de acordo com a autora (*Ibidem*, p. 82) como “um lugar discursivo o qual se mantém pela ilusão de unidade de sentido no imaginário coletivo”. Ao endossar tal noção de autoria, podemos dizer que, embora as biografias das antologias possam comparecer, *a priori*, como sendo textos sem autores, concebidas como portadoras de uma verdade já-lá, acessível a todos, uma evidência factual, elas revelam, na verdade, uma produção de autoria.

Isso posto, é pertinente questionar: como comparece marcada a autoria na textualidade das biografias? Estas últimas presentes nas antologias apresentam aspectos de uma manifestação estética da função-autor ou se prendem à perspectiva positivista, à lógica causalista, ao modelo mecanicista, que consolidaram o chamado cientificismo?

Formular tais questões, ainda que como estratégia metodológica, implica em uma série de desafios: o primeiro diz respeito à compreensão da relação entre uma biografia declaradamente artístico-literária e uma pretensamente documental-científica; o segundo, à compreensão da relação entre o ato da enunciação biográfica e acontecimentos na vida dos biografados; o terceiro, à compreensão da relação entre os efeitos estéticos e moral produzidos a partir da leitura da biografia.

Essa empreitada será sustentada pela referência à obra *Aspects of Biography* (MAUROIS, 1928), resultante de uma série de conferências feitas em maio de 1928 no *Trinity College, Cambridge*, na Fundação Clark, traduzida para o inglês por Sydney Castle Roberts, que trata das características do processo de biografia moderno contraposto ao tradicional. Vejamos, então, como essa obra pode nos auxiliar no enfrentamento dos desafios citados.

Maurois (1928) afirma que seria clara a distinção entre dois tipos de biografia, como podemos ver no excerto seguinte:

Read a page of a Victorian biography and then read a page of Mr. Strachey. You will see immediately that you have before you two very different types. A book by Trevelyan or by Lockhart, apart from being constructed as perfectly as it can be, is above all a document; a book by Mr. Strachey is above all things a work of art. Undoubtedly Mr. Strachey is at the same time an exact historian; but he has the power of presenting his material in a perfect art form, and it is this form which is for him the first essential (p. 9).

O autor contrasta a tradição do fazer biográfico pautado em princípios estritamente documentais com um novo fazer biográfico que se aproximaria de um fazer artístico¹⁶. A partir de tal divisão, na primeira parte da obra, intitulada *Modern Biography*, o autor se empenha em demonstrar quais seriam as características da então nova biografia. Seriam elas: uma forte influência da esfera da psicologia e da ética; um questionamento do conceito de verdade; e um desejo de projetar na biografia inquietações da vida do próprio biógrafo – fazendo da vida do biografado uma ferramenta através da qual o biógrafo compartilharia com os demais seus desejos, vitórias, dores e frustrações.

É importante ressaltar, porém, que, embora o autor defenda um fazer biográfico artístico, ele argumenta sobre a importância de não se confundir este tipo de biografia com falta de seriedade por parte do biógrafo. Ou seja, a biografia, para ser artística, não pode e nem deve ser enganosa. Vejamos a afirmação do autor sobre o tratamento que o biógrafo deve dar à veracidade dos documentos:

The biographer who imagines that he can improve upon nature by modifying the element of the ridiculous men, by omitting a love-letter written in a moment of weakness, by denying a change of front or of doctrine, such a biographer mutilates, distorts and, in the last analysis, belittles his hero (Ibidem, p.26).

Para Maurois, portanto, o biógrafo moderno deve se manter fiel à história, sob o risco de mutilar, distorcer e diminuir a importância do biografado. Entretanto, assinala o autor que, se com relação à seriedade dada aos acontecimentos na vida do biografado, a biografia moderna se aproximaria da tradicional e poderia continuar sendo definida como “*the courageous search for truth*” (Ibidem, p.27), por outro lado, diferentemente da biografia tradicional, a moderna deve

¹⁶ Seria possível pensar, nessa perspectiva, a biografia como *art for art's sake* – expressão que remonta à idéia de que um trabalho de arte teria um valor intrínseco sem a necessidade do propósito moral ou didático. *Dictionary of Literary Terms & Literary Theory*, J. A. Cuddon, 1999, p.57

incorporar os debates sobre o conceito de verdade e descolar os pressupostos tomados como verdades eternas. Além disso, o trabalho do biógrafo moderno deve ir além da historicidade e mostrar preocupações éticas, psicológicas e, sobretudo, estéticas, como podemos conferir no seguinte excerto:

Such a method (referindo-se ao de Strachey e Nicolson) produces fine work since the writers are too good artists not to realize the importance of an artistic change being effected with scrupulous delicacy (Ibidem, p. 20).

Se, na primeira parte da obra, o autor atenta para a nova relação que a biografia moderna estabelecerá com a história – embora não rompesse com ela – na segunda, “*Biography as a work of art*”, e na quarta parte, “*Biographies as a means of expression*”, o autor se afasta da história para se dedicar ao apontamento de características da biografia como um meio de expressão do biógrafo. Assim, na progressão de sua argumentação, o autor assera que a partir do momento que o biógrafo considerar a biografia como uma obra de arte, esta poderá ser trazida para o domínio do estético. Com isso, o autor mostra conceber a biografia como uma prática de transformação da vida cotidiana em uma obra de arte, em que tanto biógrafo quanto leitor estariam expostos ao prazer estético.

If we could place ourselves in the position of the artist for the contemplation of our own lives, those lives would certainly give us intense esthetic pleasure (...) But at the moment at which we ourselves display emotion, we are incapable of observation. Our emotions are too strong and leave no faculty of esthetic criticism at our disposal. It might be easier, perhaps, to feel some aesthetic emotion from the contemplation of the lives of those around us (Ibidem, p.41).

O autor propõe um questionamento sobre como a vida humana seria capaz de fornecer tal prazer estético, ao que, para tal pergunta, ele sugere dois apontamentos.

O primeiro se refere ao fato de que a vida do biografado deveria ser levemente ligada pelo biógrafo às vidas dos demais, sem que seja estabelecido, nessa relação, nenhum tipo de valoração moral, nem desejo de fazer qualquer coisa por influência da leitura. Nessa perspectiva, para que a biografia moderna seja diferenciada da tradicional, dois dilemas fundamentais do fazer biográfico tradicional devem ser deslocados: a. o dilema de os biógrafos tradicionais, diferentemente dos romancistas, se preocuparem em criar no leitor uma necessidade moral de agir e de julgar em função da leitura. Se os romances livravam os leitores da necessidade de criar juízos de valor – o romance não serviria de baliza para suas vidas – a biografia, sob o entendimento tradicional, procurava impelir o leitor a produzir juízos de valor. Dito de outra

forma, as vidas dos biografados eram paradigmáticas como exemplos a serem seguidos ou refutados; b. o dilema de aproximar a biografia da principal qualidade estética da obra de arte, que seria a reconstrução sígnea por meio da ação humana. Para uma melhor compreensão desse segundo dilema, o autor propõe um desdobramento a partir dos seguintes questionamentos: Como a biografia faria essa reconstrução estética sem, ao mesmo tempo, desconsiderar os fatos da vida biografada? Um biógrafo preocupado com o estético deveria recriar o problema vivo que é a vida de um homem ou ignorar as contradições para manter a ordem da narrativa fluida? Para esses questionamentos, o autor propõe que o biógrafo deveria selecionar as qualidades essenciais da vida do biografado que fazem sentido para ele, pois, desta maneira, o biógrafo já estaria agindo na esfera da arte. Este procedimento biográfico-artístico seria balizado por: i. escolha criteriosa do biografado; ii. fidelidade à sequência cronológica – pois seria difícil fazer uma biografia artística sem mostrar a evolução espiritual do biografado; e iii. escolha dos detalhes – o biógrafo-artista, acima de tudo, aliviaria seu leitor do peso inútil de dados sem importância.

O segundo é refletir sobre o valor poético de uma biografia. Sua posição é a de que se se considerar a poesia em seu *latu sensu* como uma transmutação da natureza em algo esteticamente belo, algo tornado inteligível pelo uso de ritmo, a biografia seria, sem dúvida, uma forma poética de transformação da vida humana.

Se, como temos visto até agora, Maurois argumenta em defesa de uma mudança na forma de produção da biografia – para ele a biografia moderna deve ser encarada como uma produção artística – tal mudança significaria, necessariamente, uma ruptura com o modelo científico até então dominante. Vimos, desta forma, que o autor opõe aquela biografia que se rende à imposição das verdades científicas dos documentos à biografia obra de arte. Para fundamentar sua tese, o autor cita Harold Nicolson que teria afirmado:

I would suggest that the scientific interest in biography is hostile to, and will in the end prove destructive of the literary interest. (...) I foresee a divergence between the two interests. Scientific biography will become specialized and technical. There will be biographies examining the influence of heredity; medical biographies – studies of the influence of character of the endocrine glands, studies of internal secretions; there will be sociological biographies, esthetic biographies, and philosophical biographies. These will inevitably lessen the literary effort applied to their composition. The more the biography become a branch of science, the less will become a branch of literature (HAROLD NICOLSON Apud MAUROIS, 1928, p.78).

Interessa-nos observar que da oposição proposta pelo autor entre arte (literatura) e ciência, emerge um esclarecimento da concepção de história do autor, pois, como afirmamos

anteriormente, o modelo de biografia moderna do autor não excluiria a história, mas, pelo contrário, basear-se-ia nela. A esta altura, podemos perguntar qual seria, então, a concepção de história defendida pelo autor. Se ela não é vista como ciência, seria, então, uma arte? Vejamos que, em seguida, o autor faz a seguinte asserção “*It would be dangerous and absurd to try to establish too close parallelism between the exact sciences and historical science?*” (*Ibidem*, p. 103). Desta maneira, é posto pelo autor que a História estaria mais próxima da arte do que da ciência. Mais adiante, o autor expõe sua conclusão sobre o estatuto da História com uma citação de Strachey a respeito de se a história poderia ser encarada como uma obra de arte.

It is obvious that History is not a science; it is obvious that History is not an accumulation of facts, but the relation of them... Facts relating to the past, if they are collected without art, are compilations, and compilations, no doubt, may be useful, but they are no more History than butter, eggs, salt and herbs are an omelet. (STRACHEY Apud MAUROIS, 1928, pp.110 e 111)

Ao compartilhar da posição de Strachey, de que história também seria arte, uma vez que passaria pelo crivo subjetivo do historiador, Maurois assume que o biógrafo, ao se opor ao cientista, também seria um historiador sensível ao aspecto estético-artístico.

Podemos, assim, concluir que, para Maurois, a biografia moderna se caracterizaria pela possibilidade de um “extrapolamento narrativo” do nível histórico científico que, de certa maneira, daria abertura para o estético, na medida em que o biógrafo, ao representar aspectos de sua subjetividade, estaria compondo uma biografia artística, não mais atada a uma sequência de acontecimentos meramente factuais, ou, seria uma biografia mais próxima do romance que do relato científico.

1.1.2. *La Biographie*

Depois de iniciar reflexões sobre as relações de um fazer biográfico marcado pelas relações entre biografia artístico-literária e a documental-científica, biógrafo e biografado e os efeitos estético e moral produzidos a partir da leitura das biografias, propomos, aqui, questionar sobre a influência dos condicionantes históricos na produção de biografia. Formulado de maneira interrogativa: há, na enunciação biográfica, marcas discursivas que destacam diferenças dos momentos históricos em que são produzidas?

Para refletir sobre esse tópico, retomamos a obra *La Biographie*, (MADELÉNAT, 1984), que trata das distinções históricas das produções biográficas. Diferentemente de Maurois, que propõe uma distinção entre biografia tradicional e moderna a partir da utilização da consideração da estética, este autor, por sua vez, propõe uma distinção das produções biográficas tendo como critério os condicionantes históricos de três Períodos distintos: Clássico, Romântico e Moderno.

Dado tal panorama, sugere o autor que, no Período Clássico, que se estenderia da Antiguidade ao século XVIII, o papel da biografia seria o de funcionar como instrumento didático para os ensinamentos moral, político e religioso e se destinaria, sobretudo, a relatar uma vida para, a partir desse relato, inculcar nos leitores – indivíduos a serem doutrinados – valores políticos, morais e religiosos. O mito, a genealogia real, a inscrição funerária ou comemorativa seriam os originários embrionários e lacônicos da biografia.

O autor registra que, já durante a Antiguidade Greco-Latina, a decadência da *polis* seria o fator que levaria à necessidade e à possibilidade da biografia: o relato de vidas individuais só se tornaria relevante quando sobrevém o desencanto motivado pela deterioração da vida na cidade, da mudança na condição hegemônica de "cidadão", em relação a quaisquer outras condições da vida de cada um. Continua o autor que a biografia surgiria, então, da ruptura havida entre a civilização da *polis* e os grandes impérios que se lhes seguiam.

No Período Romântico, que, segundo o autor, estender-se-ia de meados do século XVIII ao início do XIX, a produção biográfica revelaria as influências advindas tanto dos estudos históricos quanto do discurso cientificista. Os biógrafos valorizariam a representação do verídico na vida dos biografados em clara oposição ao paradigma Clássico, que, por sua vez, impunha ao gênero biográfico padrões, como a medida quantitativa das realizações, divisões estruturais na narrativa e algumas tradições temáticas (*Ibidem*, pp. 51-52).

Vale ressaltar que, ainda de acordo com o autor, uma importante contribuição do modelo romântico foi o fato de ele permitir que a biografia se "popularizasse", no sentido de ir ao encontro dos indivíduos comuns. Conforme assinala Madelénat, o romance teria se adaptado à representação biográfica do indivíduo comum, próximo do leitor, e se tornaria, desta maneira, objeto de compreensão de aspectos internos.

Como conseqüência de sua popularização, a biografia passaria a fazer parte da arte romântica e a literatura começaria a representar a vida de seus personagens como biografias realistas. Se, com o paradigma biográfico do Período Clássico, os sujeitos biografados apareceriam fazendo parte de antologias biográficas, agrupados por semelhanças, muitas vezes, comparados uns com os outros, surtindo, assim, um efeito de homogeneização, massificação, igualdade redutora, podendo uma antologia ser vista como um espelho da totalidade dos personagens sociais, o paradigma do Período Romântico, por outro lado, faria da biografia uma institucionalização da individualização refletida nas formas materiais em que era produzida.

Se, como dissemos inicialmente, a obra de Madelénat se diferencia da de Maurois por não propor uma oposição entre biografia moderna e biografia tradicional, é necessário mencionar, entretanto, a semelhança entre esses autores ao selecionarem a publicação da mesma obra como divisor temporal. Este autor, a exemplo de Maurois, afirma que o terceiro Período – Moderno – seria inaugurado com a publicação, em 1918, da obra de Lytton Strachey, "*Eminent victorians*", em cujo prefácio seriam apresentados princípios que norteariam a construção biográfica nos moldes modernos e que, para tanto, condenariam, dentre outras características dos modelos biográficos anteriores, as pretensões à exaustividade.

Na mesma perspectiva de Maurois, Madelénat afirma que seriam características principais da biografia moderna: a ironia, leveza, habilidade em aguçar a curiosidade do leitor e manejar os contrastes, o direito à imaginação, à verdade poética, à reconstrução inventiva. Características subscritas a um trabalho propulsor do biógrafo de captar a lógica da personalidade do biografado.

A partir das biografias escritas por Strachey, continua o autor, o século XX presenciaria o advento de uma modalidade do gênero até então desconhecida ou pouquíssimo cultivada: a biografia romanceada, na qual o biógrafo recriaria, ficcionalmente, o material documental e de pesquisa coletado sobre a vida dos biografados.

Madelénat assinala que, se na Inglaterra Strachey teria produzido tanto teoria sobre o gênero biográfico, quanto biografias, propriamente dito, na Alemanha, seria Emile Ludwig quem teria proposto uma nova fórmula biográfica que obedeceria a dois critérios: o “*Interno*”, que partiria da visão que o biógrafo teria de um personagem para, assim, controlar sua leitura dos documentos; “*Externo*”, por meio do qual o biógrafo diagnosticaria o temperamento congênito e inato do personagem e desenvolveria uma biografia que ressaltasse esse temperamento do começo ao fim da narrativa. Esses dois critérios auxiliariam os biógrafos a compartilhar o idealismo de “obter a verdadeira psicologia de um romance guardando a precisão histórica de um diário íntimo” (*Ibidem*, p. 67), e a alcançarem o objetivo máximo da biografia que seria o de “filmar todas as paisagens da alma a ser biografada, desde sua infância até sua morte” (*Ibidem*, p. 67).

Portanto, como vimos, o autor propõe uma divisão metodológica de pensar a história das biografias pautada, exclusivamente, no fator temporal. Desta forma, as produções biográficas refletiriam as características dos momentos históricos em que foram produzidas. Ao propor um esquadramento histórico do gênero biográfico, e, ao reconhecer e contrastar as mudanças sucessivas do gênero, o autor defende a idéia de que a história da biografia seja, sobretudo, a história de seus re-começos sucessivos e de suas adaptações às novas imagens do homem.

A conclusão de tal estudo destaca que a biografia não deve ser pensada como um produto a-histórico, cujos sentidos se auto refeririam a si mesmos, mas, ao contrário, deve-se considerar que as condições históricas de produção dos sentidos biográficos são elementos determinantes tanto dos discursos construídos para o gênero, quanto dos materiais produzidos.

1.1.3. *Interpretive Biography*

Discutida na seção anterior, a questão das influências históricas na produção da biografia, propomo-nos, nesta seção, a refletir sobre como as biografias podem ser pensadas como meio de analisar o pertencimento e identificação, ainda que transitórios, dos biografados a e com determinados grupos sócio-culturais. Para tanto, julgamos pertinente revisitar a obra *Interpretive Biography* (DENZIN, 1989), que, diferentemente das mencionadas anteriormente, prescinde da história do gênero biográfico para se centrar em aspectos metodológicos da *construção* biográfica e para pensar o *fazer* biográfico enquanto uma prática cultural. O autor define o método biográfico como “*the studied use and collection of life documents, which describe turning-point moments in individual’s lives*” (DENZIN, 1989, p.7). Com a expressão *turning-point moments*¹⁷, contida no excerto, o autor sugere que o método biográfico esteja centrado em acontecimentos na vida de um sujeito que, de uma forma ou de outra, alteram ou formam os significados produzidos para tal vida.

Antes de avançarmos sobre as reflexões propostas pela obra, é necessário fazer, ainda que breve, uma ressalva para pontuar que, embora os conceitos de biografia e de método, pela grande utilização nos estudos das ciências humanas, possam gerar desentendimentos, para o autor a compreensão de biografia pode ser delimitada como “*conventionalized, narrative expressions of life experiences*” (*Ibidem*, p.17) e método, por sua vez, como “*understood to refer to a way of knowing about the world, a way of knowing may proceed from subjective or objective ground*” (*Ibidem*, p. 27).

Assim exposto, vale pontuar que no que diz respeito às filiações teóricas da obra, o autor reitera apoiar-se nos estudos de C. Wright Mills e J. Derrida. Do primeiro, Denzin (*Op. Cit.*) lembra que “*no social study that does not come back to the problems of biography, of history and of their intersections within a society has completed its intellectual journey*” (C. WRIGHT MILLS, 1959: *Apud* DENZIN, *Ibidem.*, p. 09). Do segundo, o autor cita as contribuições que os questionamentos derridianos concernentes à autoria, leitura e interpretação trariam para a compreensão do método biográfico.

Sob esta ótica, Denzin (*Op. Cit.*) enfatiza que o trabalho do biógrafo possibilita não apenas uma descrição de suas experiências pessoais sobre a vida do biografado, mas também, um

¹⁷ Sobre essa estratégia utilizada na produção de (auto) biografias, vale lembrar o texto “*The Turning Point of My Life*” de Mark Twain, disponível on-line: <http://www.readbookonline.net/title/467/>

mapeamento e uma interpretação dos aspectos comuns que seriam fatores condicionantes das vidas dos integrantes de grupos sócio-culturais dos quais o biografado faria parte.

Fundamentado nesse quadro teórico, além de discutir criticamente e refutar aspectos da obra “*Search for a Method*”, (JEAN-PAUL SARTRE, 1963, *Apud* DENZIN, 1989), o autor fornece e analisa uma série de excertos sobre o fazer biográfico, para, a partir de então, indicar a presença de nove convenções que, sob sua perspectiva, formariam a maneira como as vidas são biografadas e, na maioria das vezes, dadas como pressupostas pelos biógrafos, sendo, por isso mesmo, muitas vezes, ignoradas. Seriam elas:

1. “*the existence of others*” (DENZIN, 1989, p, 17) – a escrita do biógrafo seria produzida a partir de um duplo olhar, qual seja: o seu e o do outro sobre quem ele escreve;

2. “*the influence and the importance of gender and class*” (*Ibidem*, p.17) – as biografias seriam produtos marcados tanto por gêneros, quanto pelas posições sociais ocupadas pelos biógrafos e revelariam preconceitos e valores patriarcais da classe média;

3. “*family beginnings*” (*Ibidem*, p.17) – os biógrafos, como se agissem na defesa de valores morais da família, produziriam biografias fundadas na importância da família e se preocupariam em ressaltar o papel dos pais na formação do sujeito, bem como as consequências da ausência destes para o biografado. Um projeto biográfico de se chegar ao ponto zero da origem da vida em questão seria o resultado de tal postura;

4. “*starting points*”, re-escrito na página seguinte como “*Textual Turning Points*” – neste tópico o autor parafraseia o terceiro com a afirmação de que “*biographies begin with family, they presume that lives have beginnings or starting points in families*” (*Ibidem*, pp. 18 e 19);

5. “*knowing authors*” (*Ibidem*, p.17) – o biógrafo enunciaria como se conhecesse a vida em questão, pois, assim, teria credibilidade junto aos leitores para dar sentido a essa vida;

6. “*objective life markers*” (*Ibidem*, p.17) – as condições materiais de existência dos sujeitos que influenciariam seus percursos;

7. “*real persons with real lives*” (*Ibidem*, p.17) – o método biográfico criaria o sujeito sobre o qual se está escrevendo, porém, tal criação se basearia em uma existência já dada no mundo real;

8. “*Turning-points experiences*” (*Ibidem*, p.17) – certos momentos que funcionariam como divisor de águas na vida do sujeito; também denominados pelo autor como *epifanias*; e

9. “*Truthful statements distinguished from fictions*” (*Ibidem*, p.17) – característica documentária que seria dada às biografias em contraposição à característica inventiva das criações literárias.

Exposto este panorama das convenções que caracterizariam as produções biográficas, Denzin (*Op. Cit.*) se dedica a argumentar sobre as contribuições do método biográfico que, sob sua perspectiva, contribuiriam para uma construção interpretativa dos fatos das vidas dos sujeitos. Dentre tais contribuições, ressaltamos a definição de *turning points*. De acordo com tal definição, os acontecimentos individuais na vida de um sujeito provocadores de confronto e experiências seriam reveladores de um deslocamento identitário, a partir do qual a vida ganharia relevância em ser relatada. Esses acontecimentos, por alterarem estruturas significantes na vida do biografado, poderiam ser relatados tanto como estímulos para viradas positivas, como provocadores de derrota. Da mesma maneira, poderiam ocorrer tanto no domínio do individual, quanto no do coletivo, tais como acontecimentos sociais, históricos, institucionais e culturais que marcariam a vida de um grupo de sujeitos.

Face ao exposto, podemos compreender que, embora as biografias sejam tomadas tradicionalmente como documentos reveladores de *turning points* individuais, elas também podem ser tomadas como um documento por meio do qual pode se interpretar os avanços e recuos em um determinado aspecto de um determinado grupo social. Vale lembrar, ainda, a conclusão do autor de que os significados desses *turning points* são dados sempre retrospectivamente, sendo, portanto, reinterpretados no momento de suas descrições.

Além dessa contribuição do autor, outras conclusões valiosas para esta tese são o apontamento de que as biografias: a. são produzidas em grupos sociais; b. são ambíguas e inconclusivas; c. estão sujeitas às múltiplas interpretações, e d. são reflexo de entendimentos e práticas de um grupo cultural.

1.1.4. *O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*

Depois de vermos, com Denzin (*Op. Cit.*), que as biografias são caracterizadas pelo domínio da interpretação, da ambiguidade, da inconclusibilidade, das múltiplas interpretações, proporemos, nesta seção, uma reflexão sobre a característica interdisciplinar das biografias. Assim, importa citar a obra “*O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*”, organizada por Benito Schmidt (2000), que trata, dentre outros aspectos, das diferenças contemporâneas que marcam os diversos lugares de saberes de produção do gênero biográfico. Essas diferenças comparecem tratadas em oito capítulos que discorrem sobre a produção biográfica em distintas áreas, quais sejam: história, jornalismo, literatura, cinema, produção de dicionários biográficos, movimentos sociais e aparatos tecnológicos e comunicacionais. Embora cada capítulo da obra contribua, de certa maneira, para a compreensão do gênero biográfico de modo considerável, ateremo-nos ao capítulo intitulado “*Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema*”, assinado pelo organizador da obra.

Em tal capítulo, Schmidt, ao afirmar que os estudos biográficos deixaram os bastidores e passaram para o primeiro plano da historiografia internacional, propõe-se, a exemplo do texto de Maurois (1928), que pontuou diferenças entre as biografias modernas e as tradicionais, a assinalar as diferenças entre as “novas” biografias e as biografias “tradicionais”. Schmidt apresenta quatro elementos que, sob sua perspectiva, distinguiriam as novas biografias produzidas no seio da historiografia. Vejamos, desta maneira, quais seriam os quatro elementos distintivos entre as biografias históricas *novas* e tradicionais e quais seriam as diferenças que marcariam as biografias produzidas nos distintos campos de saber.

O primeiro elemento se referiria à escolha dos personagens a serem biografados. Se Maurois (*Op. Cit.*), por um lado afirmou que o biógrafo deveria se centrar na vida dos grandes homens, Schmidt, por seu turno, afirma que as biografias atuais não mais se restringiriam a representar as vidas dos grandes vultos, trazendo, desta forma, para cena, personagens tais como: o moleiro Menocchio, condenado como herege pela inquisição no século XVI; Dom Obá II D’África, que viveu no Rio de Janeiro nas últimas décadas da escravidão e do Império; e anarquista mineiro Avelino Fóscolo, ou como podemos verificar no seguinte excerto:

Como se sabe, os biógrafos tradicionais voltavam-se, via de regra, para aqueles homens a quem se atribui o fazer da história, os *grandes vultos*. Na historiografia atual, verifica-se igualmente um interesse pelos membros das classes subalternas, pelas pessoas comuns, pela *gente miúda* (destaques do autor) (SCHMIDT, 2000, p. 52).

A partir de tal perspectiva, a questão da representatividade do homem comum é posta. Neste sentido, o autor cita que Ginzburg teria pontuado que:

Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico. (GINZBURG, 1987 *Apud*, SCHMDIT, 2002, p. 53)

No entender de Schmidt, esse interesse pela história de vida de pessoas comuns seria uma característica marcadamente exclusiva da prática biográfica historiográfica, pois, para ele, o jornalismo, a literatura e o cinema teriam um interesse preferencial pelas trajetórias de indivíduos destacados.

O segundo elemento se referiria aos objetivos a que as biografias novas se proporião. Se, como mostra o autor, “as biografias tradicionais se preocupavam em louvar ou denegrir os personagens enfocados, apresentando suas vidas como modelos de conduta positivos ou negativos” (*Ibidem*, p. 55), as biografias recentes, preocupadas em estabelecer articulações entre as trajetórias biográficas e os contextos onde se realizaram, procurariam fugir do, às vezes, viés apologético, encarando seus personagens como vias de acesso para a compreensão de questões e/ou contextos mais amplos. Considerando tal elemento, o autor assinala que, diferentemente das biografias históricas, os romances biografados e as cinebiografias se utilizariam das referências históricas não para produzirem compreensão dos contextos sociais, mas meramente para uma ambientação das ações e sensações dos personagens.

O terceiro elemento seria o encadeamento textual das formas de construção da narrativa biográfica que indicara para um discurso de “predestinação dos biografados para suas atividades futuras” (*Ibidem*, p. 57). Ao examinar recentes biografias, Schmidt conclui que muitos biógrafos, refletindo aquilo que fora definido por Bourdieu (1989) como “ilusão biográfica”, buscariam explicações para as atitudes dos biografados em uma existência pré-textual, “como se a vida constituísse um bloco, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 1989)¹⁸.

¹⁸ Ainda sobre esse aspecto do ato de biografar, Miranda e Cascais (2000), afirmam que Jacques Derrida teria afirmado em seu livro *Otobiographies* que a biografia não é um meio de unir a vida e a obra, mas “um discurso sobre a vida/ a morte que ocupa um certo espaço entre o *logos* e o *drama*. A biografia procura dominar esta relação, apresentada como sujeito absoluto o que é apenas um sujeito possível (MIRANDA, José, CASCAIS, António. [2000] in. prefácio da 4ª. Ed. de *O que é um autor?* FOUCAULT, 1971).

Schmidt salienta que a constante utilização de expressões como “desde pequena”, “já na infância”, “sempre” e “destino delineado desde a infância” seriam um indício de uma concepção de identidade estável dos personagens.

O quarto e último elemento, a exemplo do fornecido por Denzin (*Op. Cit.*), citado anteriormente, quando aquele autor propõe o tópico distintivo biográfico do “*truthful statements distinguished from fictions*” (DENZIN, 1989, p.17), seria a presença do domínio fictício nas biografias. O autor destaca que, se de um lado as biografias históricas tradicionais demonstravam o esforço dos biógrafos em evitar a utilização de técnicas ficcionais – o que acabava gerando um excesso de zelo e uma sobrecarga de utilização de documentação –, as novas biografias históricas cada vez mais legitimariam o “papel da invenção no conhecimento histórico” (*ibidem*, p.66). Tal característica, todavia, na perspectiva do autor, longe de eliminar as diferenças distintivas entre as biografias históricas e as demais, funcionaria como mais um aspecto de distinção, na medida em que os historiadores se preocupariam em explicitar textualmente quando da utilização da imaginação e de outras técnicas fictícias.

Dentre as contribuições desta obra para nossa tese, podemos destacar: a. a sugestão de um dispositivo de produção e leitura da biografia não fixo à busca de uma coerência linear e fechada da vida dos biografados; b. um dispositivo de leitura e produção atento a apreender facetas variadas dos biografados, que transite do “social ao individual”, do “inconsciente ao consciente”, do “público ao privado”, do “pessoal ao profissional”, sem a tentativa de redução dos aspectos das biografias a um denominador comum; e, c. a definição de que o biográfico é um gênero de carácter interdisciplinar.

1.1.5. *Biografismo: Reflexões Sobre as Escritas da Vida*

Finalmente, ocupamo-nos em considerar os princípios organizadores de sentido que constituem a prática biográfica. Para tanto, referimos à obra, “*Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*” (VILAS BOAS, 2008), em que o autor, reafirmando o aspecto interdisciplinar marcante da biografia como subscrito na obra de Schmidt (2000), destaca os limites filosóficos e narrativos do discurso biográfico.

A exemplo da metodologia utilizada por Madelénat (1989), Denzin (1989) e Schmidt (2000), mostrada anteriormente, Vilas Boas desenvolve uma série de análises de diversas biografias, tais como: “*JK, o artista do impossível*”, de Cláudio Bojunga; “*O anjo pornográfico, a vida de Nelson Gonçalves*”; “*Estrela Solitária, um brasileiro chamado Garrincha*”, ambas de Ruy Castro; “*Chatô, o Rei do Brasil*”, de Fernando Morais; “*Mauá, empresário do império*”, de Jorge Caldeira; “*Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*”, de Alberto Dines; e, “*Fidel Castro: uma biografia consentida*”, de Cláudia Furiati, para, a partir do resultado de tais análises, propor pensar que o discurso biográfico seria constituído de seis princípios organizadores de sentido que, de certa forma, funcionariam como limitadores tanto do aspecto narrativo, quanto do filosófico.

O primeiro seria do domínio da *Descendência*, em que, também da mesma maneira proposta por Denzin (1989), o autor relativiza a idéia de uma herança familiar explicativa do biografado. Para Vilas Boas (2008), a maioria dos biógrafos recorre automaticamente aos pais para explicar os traços pessoais de seus biografados, revelando, dessa maneira, uma percepção linear-evolutiva-cronológica e uma visão uniaxial das causalidades. A partir de tal observação, o autor assinala que biógrafo deveria evitar fazer do biografado um mero efeito, uma mera consequência do que seus pais foram ou deixaram de ser.

O segundo seria o *Fatalismo*, em que, partindo da noção “ilusão biográfica” de Bourdieu (1998), Vilas Boas (2008) classifica como fictício qualquer fazer biográfico que designe o biografado, um personagem real, como um predestinado a vencer. O autor acentua que a textualização das biografias é marcada por um fatalismo segundo o qual os acontecimentos compareceriam fixados com antecendência pelo destino, como se tudo aconteceria porque teria de acontecer, sem que nada pudesse mudar o rumo dos acontecimentos. Para fundamentar tal asserção, o autor analisa trechos de biografias em que a presença de termos como “desde a infância”, “já nos primeiros anos de vida”, “já na adolescência”, junto com os relatos de fatos da

infância e da pré-infância apontariam para que os episódios da vida do biografado servissem apenas de coadjuvantes para uma certeza fatal, calcada em determinação, rebeldia, coragem, empenho, disciplina, liderança e rigor. Desta forma, na visão do autor, na maioria das biografias, é evidente o afã de se realçarem as várias qualidades supostamente inatas que explicariam o caráter e a história do herói vitorioso. Conclui que “essa narrativa meio folclorista denota fragilidade e ausência de substância (...) pois mostra um biografado predestinado” (*Ibidem*, p.91).

O terceiro seria a *Extraordinariedade*, em que o autor critica os preconceitos decorrentes da crença em uma genialidade inata. O autor registra que o biografado, geralmente, é tratado como “anormal, gênio, como se o biógrafo estivesse nos dizendo o seguinte: meu personagem tinha todas as qualidades para vencer, e, vejam só, ele venceu, claro” (*Ibidem*, p.121). Assim, tais biógrafos, na visão do autor, desconsiderariam que os biografados foram pessoas normais, possuidoras de um cotidiano normal, por mais incomuns que fossem suas habilidades.

O quarto seria *Verdade*, em que o autor afirma que os biógrafos sustentam a posição de que suas obras são a verdade exata da vida dos biografados, negando quaisquer reflexões filosóficas ou discursivas sobre a produção da verdade. Uma citação escolhida pelo autor para rebater tal postura dos biógrafos viria de Virginia Woolf, que teria afirmado que “Uma biografia só pode ser considerada completa se explicar seis ou sete eus, enquanto uma pessoa bem pode ter milhares. E todos esses eus pertencem à mesma pessoa – a pessoa procurada pelo biógrafo (VIRGINIA WOOLF *Apud* VILAS BOAS, *Ibidem*, p. 167).

O quinto seria a *Transparência*, em que o autor, refletindo os apontamentos de outros estudos (MAUROIS, 1928; DENZIN, 1989, dentre outros), critica uma falta de revelação dos procedimentos de construção do texto que elucidem os critérios de produção e escolha dos materiais utilizados – tais como entrevistas, documentos consultados –, os impasses vivenciados no processo da escrita, os fatos que levaram o biógrafo a chegar às suas conclusões. Dito de outra forma, ao afirmar que os biógrafos não deveriam se esconder atrás de “fatos-verdades” (VILAS BOAS, 2008, p. 180), o autor sugere uma exposição dos procedimentos subjetivos constitutivos do fazer biográfico.

O sexto, e último princípio, seria o *Tempo*, em que o autor critica o tratamento linear-cronológico narrativo presente na maioria das biografias analisadas. Ao propor que tal tratamento à temporalidade seja imbuído de uma limitação, o autor se afasta de um dos princípios defendidos por Maurois (1928), que, como mostramos anteriormente, prezava, acima

de tudo, por uma fidelidade à sequência cronológica. Para Vilas Boas, os biógrafos, ao se deixarem aprisionar pelo princípio da linearidade temporal, refletiriam uma prática diminuidora do valor do texto biográfico, pois compactuariam com a ilusão de que tal texto simplesmente representaria uma ordem pré-textual já estabelecida.

A partir da indicação de tais domínios discursivos limitadores do fazer biográfico, o autor conclui que reflexões tanto de ordem narrativa, quanto de ordem filosófica sejam incorporadas por biógrafos e trazidas para o debate dos teóricos envolvidos em discussões sobre o gênero.

1.1.6. Considerações Críticas

Depois de apresentar as indicações das pesquisas dos autores (MAUROIS, 1928; MADELÉNAT, 1984; DENZIN, 1989; SCHMIDT, 2000; e VILAS BOAS, 2008) e relacioná-las à particularidade de nosso *corpus*, deparamo-nos com dois dilemas: Se, como vimos, de um lado, cada autor contribui para a compreensão do gênero biográfico, pois, cada um, a sua maneira, esboça posicionamentos teóricos sobre as relações dos biógrafos com os biografados, de outro, suas abordagens, dado que suas pesquisas tomam como objeto de reflexão biografias individuais, não se mostram suficientes para explicar a complexidade de nosso *corpus* de análise. Embora contribuam para a compreensão sobre os modos de se pensar e produzir biografias, nenhum dos autores citados se refere à autoria de várias biografias que circulam em um mesmo material discursivo. Um segundo ponto a ser observado, derivado desse primeiro, é que todas as biografias analisadas, e citadas como exemplo pelos autores, são obras cujos nomes dos autores funcionam como um índice organizador de possíveis leituras, o que, de certa maneira, influenciou as pesquisas no modo como conceberam a noção de autoria, seja empírica ou discursiva.

Como em nosso caso, as várias biografias nas antologias, diferentemente, são agrupadas em um mesmo material e, além disso, não comparecem assinadas como obra de um biógrafo, perguntamo-nos:

Como pensar, então, no caso de nosso *corpus*, em uma autoria responsável pelas biografias de centenas de autores e que, ao mesmo tempo, se apaga enquanto lugar de responsabilização/identificação de sentidos?

Como fazer ouvir os sentidos produzidos por uma voz que designa os biografados como um grupo de autores negros com características em comum, mas que, todavia, pretende-se afastada desse dizer sobre esse grupo e “omite-se” da responsabilidade de tal voz?

Se a voz biográfica nas antologias é uma que não se identifica, e considerando que a legitimação da antologias passa pelo modo de biografiação, como mostraremos em nossas análises, quais são as decorrências discursivas dessa não identificação?

Para responder a tais questões, optamos, então, por estabelecer um diálogo com a Análise do Discurso e com a Semântica Histórica da Enunciação, que nos fornecem conceitos de análises, tais como os de: intradiscurso, interdiscurso, ressonância discursiva, designação e função-autor, a serem elucidados na seção seguinte.

1.2. ANÁLISE DO DISCURSO

Como argumentamos na Introdução desta tese, a Linguística Aplicada tem sido um campo científico marcado, principalmente, pelos diálogos interdisciplinares. Como vimos argumentando neste Capítulo I, a biografia, por sua vez, também tem sido, historicamente, caracterizada pela interdisciplinaridade, ou, nas palavras de Schmidt (2000, p. 65), “a biografia é um gênero de fronteiras”. Ao considerar essas características comuns tanto do lugar científico a partir de onde elaboramos esta tese, quanto do *corpus* de nossa análise, nada mais coerente que fazer uso de categorias de análise também formuladas por uma disciplina de fronteiras. Portanto, nosso diálogo com a Análise do Discurso se deve, dentre outros fatores, às possibilidades que ela nos oferece de produzir reflexões a partir desse cenário interdisciplinar. Vale dizer, que a Análise do Discurso, como sugere Orlandi (1996), é uma disciplina de entre-meio e se constitui no espaço indistinto das relações entre outras disciplinas e que seu objeto, o discurso, é pensado como constituído no entremeio de três campos científicos: a Linguística (ciência da Língua e das línguas), o Marxismo (teoria das formações sociais) e a Psicanálise (teoria do inconsciente e seus efeitos) (cf. Orlandi, 1996, 1999). A Análise do Discurso, todavia, “desterritorializa” os saberes produzidos por esses campos, interrogando a Linguística e a Psicanálise, de um lado, por desconsiderarem o ideológico e, o Marxismo, de outro, por ignorar a materialidade simbólica.

Ao dialogarmos com a perspectiva da Análise do Discurso, procuramos, por meio das análises das biografias, compreender o discurso antológico enquanto constituído historicamente. Para se construir tal compreensão, um caminho é considerar as condições de produção do discurso biográfico. Perguntas como: *Quem biografa? Quem são os biografados? Para quê/quem se biografa? Em que condições se biografa?* podem nos levar ao entendimento da autoria, da leitura, dos condicionantes históricos do discurso, dentre outros. Mediante esse amálgama de possibilidades, propomos, nesta tese, ocupar-nos com aspectos das condições de produção do discurso biográfico, a saber: a relação da função-autor com o objeto do discurso.

Além da noção de função-autor, encontramos na Análise de Discurso, e em seu diálogo com a Semântica Histórica da Enunciação, formulações de categorias úteis aos nossos objetivos, tais como os de: interdiscurso, intradiscurso, ressonância discursiva e designação, que exporemos a seguir.

1.2.1. FUNÇÃO-AUTOR

Foucault, em seus textos “*O que é um Autor?*” (1969) e “*A Ordem do Discurso*” (1971) expõe seus entendimentos da noção de autoria. Para o filósofo, o autor seria, de maneira complementar ao princípio do comentário, “um princípio de rarefação do discurso” (1971, p. 26), ou, ainda em suas palavras “princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, foco de sua coerência” (*Op. Cit.*). É mister notar, todavia, que em sua perspectiva, esse princípio não vogaria em toda parte, nem de modo constante. Haveria, assim, discursos que circulariam sem receber seu sentido ou sua eficácia de um autor ao qual seriam atribuídos. Como exemplo, o autor afirma que conversas cotidianas, decretos ou contratos e receitas técnicas transmitidas no anonimato não teriam autoria (*Op. Cit.*). Para o estudioso, os domínios em que a autoria seria atribuída seriam a literatura, a filosofia e a ciência, embora ela desempenhe, em cada um deles, um papel diferenciado.

De acordo com Foucault, seriam quatro as características da função-autor. A primeira a de transformar os discursos em “objetos de apropriação” (*Ibidem*, p.47); a segunda, o fato de que ela “não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização” (*Ibidem*, p.56); a terceira, o fato de a imagem do autor não coincidir simplesmente com o indivíduo que escreveu a obra, mas ser o resultado de uma construção posterior da sociedade (*Ibidem*, p. 52-54); e, a quarta, a possibilidade de um autor ocupar diversas posições-sujeitos, fazendo com que sua voz não remeta apenas a ele mesmo, como indivíduo real, mas, ao contrário, dê lugar a uma pluralidade de “eus” que se dispersam no interior de sua obra (*Ibidem*, p. 56-57).

Essas características garantiriam a possibilidade de se pensar a autoria não em nível empírico, mas, como “o modo de existência, de circulação e de funcionamento de *alguns* discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1969, p. 46). O destaque dado a *alguns* se deve ao fato de que o filósofo restringe a função-autor para produções literárias de vasto reconhecimento na sociedade, tais como, por exemplo, Freud e Marx, que, ao produzirem uma possibilidade e a regra de formação de outros textos, estabeleceriam, assim, possibilidades indefinidas de discursos, e, portanto, seriam fundadores de discursividades.

Ao considerarmos essa restrição que Foucault faz de autoria, seria cabível pensar as biografias presentes nas antologias como parte integrantes desses *alguns*? Seria viável tomar as biografias como um discurso “anônimo do cotidiano”, “científico” ou do “literário”? Para

responder a tais questionamentos, temos que lembrar que as biografias presentes nas antologias comparecem marcadas por uma ausência de assinatura de autor e mesmo que se possa inferir que os editores sejam os autores, isso não é esclarecido nas antologias. O que essa ausência do nome do autor pode indicar? Que as biografias não têm autoria? Que funcionam como documentos que apenas reportariam fidedignamente os fatos nas vidas dos biografados? Essa ausência de assinatura de autor das biografias faria delas um espaço neutro de ligação desprovido de subjetividade entre o mundo fictício das obras literárias com o mundo real do leitor? Elas seriam o lugar da comprovação, da verificação dos fatos contrapostos aos textos literários dos biografados que, por outro lado, seria a literatura genuína? Seriam as biografias o lugar de apresentação impessoal e precisa dos dados referentes à data e local de nascimento e morte, nomes das obras produzidas, cifras das vendas das obras, e, por isso, destituída de autoria? Como compreender a autoria nas biografias das antologias se elas são apresentadas como órfãs de um nome de autor?

Essas formulações, em si, não apontariam para uma inconsistência argumentativa de nossa tese: a de nos pautar justamente em Foucault – que restringe a noção de autoria a *alguns* tipos de textos – para analisar a autoria de textos que comparecem sem a assinatura de uma autor?

Como resposta, vale observar que, embora partamos do conceito da função-autor elaborada por Foucault, aproximamo-nos, também, de Orlandi, quando esta autora expande tal conceito para pensar a autoria como uma função discursiva geral, situando-a na origem da textualidade (ORLANDI, 1988, p. 61). Para ela, sempre se imputa autoria a um texto, mesmo na ausência de um autor específico (1988, p.77). Ou seja, em outra formulação da autora, “há função-autor desde que haja um sujeito que se coloca na origem do dizer produzindo efeitos de coerência” (ORLANDI, 2001, p. 09).

Ao concordar com esta autora, deixamos de lado o fato de não haver uma assinatura de autor para as biografias das antologias, para mostrar como aquilo que chamaremos de *função-autor-biográfico* trabalha na construção e organização de efeitos de coerência discursiva para as biografias.

Veremos, em nossas análises nos capítulos III e IV, como essa função-autor-biográfico está marcada nos modos enunciativos descritivo e narrativo das biografias. No capítulo V, veremos como os sentidos produzidos por essa autoria nas biografias sustenta o discurso antológico.

1.2.2. INTERDISCURSO E INTRADISCURSO

Como afirmamos anteriormente, este estudo sobre as biografias visa analisá-las em sua materialidade discursiva, que, de acordo com os estudos desenvolvidos pela Análise do Discurso, é linguística e histórica. Vale pontuar, então, que o pressuposto teórico central da Análise do Discurso encontra-se nas definições de *discurso* – efeito de sentidos entre interlocutores – e de *discursivo* – processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base, a saber, a materialidade linguística (PÊCHEUX, 1990). Importante, também, é lembrar que, no que diz respeito à discursividade, a presença do *histórico*, entendido, aqui, não como cronologia, embora ela conte, ou evolução, mas, sim, como historicidade, como um dos elementos constitutivos dos processos sociais e, por conseguinte, constitutivo da materialidade linguística.

A partir de tais postulados, das ponderações de Pêcheux (1990) sobre a relação da linguagem com a exterioridade, cujos resultados foram as noções de interdiscurso e de intradiscurso (*Op. Cit.*), vale questionar como se dá o encontro dessas materialidades históricas e linguísticas nas biografias. São essas as noções selecionadas por nós para analisar os domínios históricos e o linguístico, constitutivos das biografias.

Por meio da utilização da noção de intradiscurso – que diz respeito à consideração das sequências linguístico-discursivas efetivamente formuladas na cadeia horizontal do dizer, sendo, o fio do discurso na dimensão linear do dizer – é possível pensar na maneira em que as biografias são estruturadas textualmente. Focalizaremos as operações linguísticas que compõem efetivamente formuladas e que, de certa forma, relacionam-se ao que está dito antes e ao que está dito depois na cadeia verbal. Será por meio da mobilização dessa noção que faremos ver os funcionamentos dos domínios narrativos e descritivos tanto nas biografias individualmente como nas relações que elas mantêm entre si.

A noção de interdiscurso, por outro lado, mas não de forma opositiva, remete à dimensão não-linear do dizer, às memórias discursivas que atravessam verticalmente o discurso. Pela mobilização dessa noção será possível fazer ouvir sentidos construídos em diferentes momentos de historicidade que constituem as memórias discursivas sobre o negro no Brasil e nos Estados Unidos e que dão sustentação aos discursos da antologias.

1.2.3. RESSONÂNCIA DISCURSIVA

Juntamente às categorias de intradiscurso e interdiscurso, selecionamos, também, a definição de ressonância discursiva, elaborada por Serrani (1997) em seu estudo sobre o funcionamento da paráfrase discursiva, e desenvolvida em trabalho posterior (SERRANI, 2005), quando aplicada às práticas de leitura em contexto pedagógico, como categoria de análise. Para a autora, a ressonância discursiva acontece quando determinadas marcas lingüístico-discursivas, designações, modalizações apreciativas, dentre outras, que se repetem, contribuem para a construção de representações de determinados sentidos predominantes. Ao atentar para as ressonâncias discursivas, daremos um enfoque discursivo aos processos parafrásticos.

1.2.4. DESIGNAÇÃO

Guimarães (2002), ao produzir suas pesquisas a partir da Semântica Histórica da Enunciação, e manter diálogos com a Análise do Discurso, labora a definição de designação da qual faremos uso, com alguns deslocamentos, em nossas análises. Em suas palavras, designação:

É o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome, ou, o que poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história (p. 9).

Ao conceituar designação dessa maneira, o autor propõe distinguir noções aparentemente semelhantes, tais como nomeação, referência e denotação. Ou seja, para o autor, a designação, à diferença dessas três noções, que sinalizam para algo pré-existente, funcionaria como processo de significação de um nome, sendo própria de uma relação lingüística tecida pelo real, porque tomada pela história.

Na perspectiva do autor, restringir a designação à refratação do já existente seria excluir uma série de fatores histórico-sociais – interdiscursos – que singularizam a relação do sujeito com a linguagem. A utilização de um nome – substantivo ou adjetivo –, a partir dessa perspectiva, pode ser pensada já como um recorte do mundo construtor de sentidos para os objetos – existentes tanto no plano físico como metafísico. Ao assumir tal perspectiva, consideramos, então, que designar transcende a uma simples referência.

Todavia, é necessário pontuar que na elaboração dessa noção de designação, Guimarães (*Op.Cit.*) não ignora os estudos da Semântica quando de suas afirmações sobre o conceito de referência, mas assinala diferenças. Se, como pontua o autor, de um lado, Frege pensa sobre a

referenciação em termos de uma relação da linguagem com um objeto, de outro Strawson, Grice e Searle pensam em termos de particularização que um sujeito dá a um objeto do mundo. Como forma de se distanciar dessas duas concepções, Guimarães se propõe pensar a relação do sujeito com o mundo não como uma referenciação, mas, antes, como designação, ou, nas próprias palavras do autor, como “ uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposta à diferença” (*Ibidem*, p. 74).

A partir de nossas leituras dos estudos do autor sobre a designação, com os deslocamentos e apropriações aí implicadas (e, que, por si, já trazem riscos de uma aparente “distorção metodológica”), por exemplo, a de não ater nossas análises a nomes ou enunciados específicos e isolados, tais como a dos títulos das antologias, mas, de modo mais abrangente, pensar o processo de designação biográfica a partir das inúmeras ressonâncias discursivas – modalizações apreciativas, dentre outras –, instauradas pela função-autor-biográfico, procuraremos fazer ver como os modos de enunciação descritivo e narrativo (cf. adiante) funcionam nas biografias como uma lugar discursivo da relação de interlocução entre sujeito designante e objeto designado (voz biográfica e biografado), em que o designante predica diferente, designa diferente e que, ao integrar um enunciado biografado, integra o discurso antológico.

1.3. DESCRIÇÃO E NARRAÇÃO

As biografias são, não sem exceções, construídas com base em um modelo de gênero em que operações, como por exemplo, a referenciação ao local e data de nascimento e de morte, a indicação de feitos praticados pelos biografados, os registros das viradas na vida dos biografados (*turning points*), a exposição da relação de causa e consequência, a denotação de qualidades, dentre outras, são frequentemente utilizadas. Essas operações quando encaradas como “referenciação”, “indicação”, “exposição”, “registro” e “denotação” seriam, conseqüentemente, concebidas com uma rede de características responsáveis pela garantia do estatuto testemunhal/documental da biografia, e, por conseguinte, de uma posição de afastamento/neutralidade para aquele que biografava.

Todavia, como vimos afirmando, se pensarmos essas operações como processos de designação, e não como processo de referenciação, indicação, registro, referenciação, exposição e denotação, veremos que a biografia funciona, sobretudo, como um espaço de dizer em que diferentes direções argumentativas entram em colisão; um espaço em que um jogo de forças entre discursos que se afirmam e/ou se negam toma corpo; um espaço de contato entre diferentes tempos narrativo e enunciativo; um espaço em que uma rede de ambigüidades enlaça a voz biográfica e a coloca sob o risco do paradoxo.

Podemos adiantar, assim, que a voz da função-autor-biográfico, por mais que siga os parâmetros formais do gênero, por mais que seja tomada pela ilusão da neutralidade, ao se increver nessa memória, deixa seus posicionamentos se revelarem. Ao assinalar isso, estamos indicando que, por meio das análises das biografias, faremos ver a textualização desses posicionamentos.

Veremos, a seguir, as especificidades desses dois modos de enunciação.

1.3.1. Modo de Enunciação Descritivo

No texto “*O que é descrição*”, Hamon (1979) inicia sua reflexão destacando que uma descrição seria um “corte” na narrativa, um momento em que a narrativa “interrompe-se”, e em que o cenário “passa para primeiro plano”. Por conta de tais características, as descrições teriam um critério referencial, aquele da descrição das coisas, e um critério morfológico, aquele da utilização de adjetivos e verbos. Porém, tal destaque parece limitador para o autor, haja vista a existência de descrições de cunho estritamente narrativo e narrações descritivas. Como forma de expandir tal limite, o autor se propõe a mostrar que a descrição “forma um todo autônomo, uma espécie de bloco semântico; é mais ou menos ‘complemento-aperitivo’ da narrativa; insere-se livremente na narrativa; e, é desprovida de signos ou marcas específicas” (*Ibidem*, p. 57).

A partir da definição da descrição como uma “expansão da narrativa, um enunciado contínuo ou descontínuo, unificado do ponto de vista dos predicados e dos temas, cujo fechamento não abre nenhuma imprevisibilidade para o surgimento da narrativa” (*Ibidem*, p. 58), o autor pontua três questionamentos principais. O primeiro seria sobre a existência de signos demarcativos, introdutórios e conclusivos, restritos à descrição. Para tal questionamento, Hamon sinaliza que a descrição seria constituída de temas que servem de marcas introdutórias à narração e constituem uma “temática vazia”, cuja função seria, antes de tudo, a de evitar um certo “hiato” entre a descrição e narração, e de preencher os interstícios da narrativa tornando verossímeis as interrupções. O segundo seria concernente ao funcionamento interior da descrição que asseguraria a sua coesão semântica. Para Hamon, na descrição, passaria-se de uma “previsibilidade lógica”, a da narrativa, onde as noções de correlação e diferença seriam primordiais, a uma “previsibilidade lexical”, em que as noções de inclusão e semelhança são as que importam. Uma descrição, segue o autor, resultaria, frequentemente, da conjunção de uma (ou várias) personagens com um cenário, um meio, uma paisagem, uma coleção de objetos. O terceiro seria sobre o papel da descrição no funcionamento global da narração. Para o autor, a descrição seria o lugar privilegiado onde se organiza (ou se destrói) a legibilidade de toda a narrativa, funcionando, portanto, como uma espécie de “rede” semântica fortemente organizada.

Embora reconheçamos a importância de tal obra, e nos apoiemos nela para sustentar nossas análises do funcionamento discursivo da descrição, é importante salientar que a concebemos a descrição, antes de tudo, enquanto um modo de enunciação. Ou seja, antes de pensar em sua função como sendo algo já pronto, definido e utilizado pelo discurso biográfico

simplesmente para retratar as características dos biografados, focalizar-nos-emos no funcionamento que ela exerce na discursividade das biografias.

1.3.2. Modo de Enunciação Narrativo

Inicialmente vale lembrar que, embora haja uma vasta produção científica sobre o modo enunciativo narrativo¹⁹, basear-nos-emos, exclusivamente, nas obras de Genette (1971) para abordar nosso tema. Em seu texto *Fronteiras da Narrativa*, presente na obra *Análise Estrutural da Narrativa: pesquisas semiológicas*, organizada por Roland Barthes, Genette (*Op. Cit.*) tece reflexões sobre o conceito generalista de narrativa, que, por convenção, encontra-se definida como representação de um acontecimento, seja real ou fictício. Ao situar tal definição de narrativa, o autor alerta que:

Definir positivamente a narrativa é acreditar, talvez perigosamente, na idéia ou no sentimento de que a narrativa é evidente, de que nada é mais natural do que contar uma história ou arrumar um conjunto de ações em um mito, um conto, uma epopéia, um romance. A evolução da literatura e a consciência literária há meio século terão tido, entre outras felizes conseqüências, a de chamar a atenção, bem ao contrário, sobre o aspecto singular, artificial e problemático do ato narrativo (*Ibidem*, p.255).

A partir de tal afirmação, Genette esboça um estudo com objetivos de fazer reconhecer certos modos negativos da narrativa, a considerar os principais jogos de oposições por meio dos

¹⁹ De acordo com Chamberlayne (2004), duas formas de abordar a análise da narrativa foram amplamente debatidas no século XX. Uma foi proposta por Vladimir Propp, cuja obra *Morphology of the Folkatale* (1968) teria sido publicada em russo em 1928 e em inglês em 1958. Embora o autor tenha emprestado o termo “morphology” junto à biologia, e não à linguística, sua técnica empregada para mostrar o que as narrativas têm em comum e como podem ser diferenciadas seria correlatável com às da análise linguística. A autora lembra que o trabalho de Propp pode ser chamado de “a sintaxe da narrativa” uma vez que sua proposição fundamental seria a de que elas têm uma mesma estrutura sintagmática profunda, a mesma sequência de funções ou ações significativas conduzida pelos personagens. Enquanto essa abordagem de Propp de caracterização dos elementos da narrativa se assemelharia ao da sintaxe formal, a de Claude Lévi-Strauss (1955, 1964, 1966) seria mais semelhante à semântica formal. O interesse deste último estaria em descrever os elementos abstratos dos sentidos expressos nos mitos, contrastes semânticos tais como masculino/feminino, cru/cozido, por exemplo. Sua afirmação é a de que as narrativas tradicionais, embora guardem variações superficiais, sustentam-se em um limitado número de temas básicos. Se, como lembra a autora, não se pode dizer que essas duas abordagens estruturalistas são idênticas, é certo afirmar que compartilham ao menos dois pressupostos. O primeiro é de que há níveis abstratos por meio dos quais pode se comprovar que estruturas e significados que comparecem como superficialmente diferentes são, na verdade, semelhantes. O segundo é que a narrativa pode ser separada do evento que é narrado. Este último é discutido mais profundamente por Benveniste (1966) que propõe uma distinção entre narração – história – e discurso – a representação dos eventos na narrativa. Benveniste, por sua vez, influenciou o trabalho de Genette aos quais estamos nos referindo.

quais a narrativa se define e se constitui em face das diversas formas da não-narrativa, a saber: *diegesis* e *mimesis*, narração e descrição e narrativa e discurso.

O autor busca o primeiro exemplo de oposição – *diegesis e mimesis* – como descrita na *Poética* de Aristóteles. Segundo Genette, para este filósofo, a narrativa (*diegesis*) seria um dos modos de imitação, enquanto a representação poética (*mimesis*) seria a representação direta dos acontecimentos, que ocorreria por intermédio das falas e ações dos atores perante um público. A partir desta distinção entre poesia narrativa e poesia dramática, por um lado Sócrates negaria à narrativa a qualidade da imitação, e, por outro lado, tomaria em consideração aspectos de representação direta, como os diálogos que poderiam comportar um poema não dramático, como os de Homero.

Quanto ao acontecimento histórico, Genette afirma que este seria exterior ao discurso, não havendo, assim, diferença entre ficção e representação, e fazendo com que o objeto da ficção seja reduzido por ela a um real fingido e à espera ser representado.

A noção mesmo de imitação sobre o plano da lexis é uma pura miragem, que vai desaparecendo à medida que nos aproximamos dela, a linguagem só pode imitar perfeitamente a linguagem, ou mais precisamente, o discurso só pode imitar perfeitamente um discurso idêntico; em resumo, a imitação direta é, exatamente uma tautologia (*Ibidem*, p. 261).

Genette conclui que o narrativo é o único modo empregado pela literatura enquanto representação, equivalente verbal de acontecimentos não verbais e também de acontecimentos verbais, a não ser que ele se apague, neste último caso, diante de uma citação direta da qual se anula toda a função representativa.

A representação literária, a *mimesis* dos antigos, não é a narrativa mais os ‘discursos’: é a narrativa, e somente a narrativa. Platão oporia *mimesis* a *diegesis* como uma imitação perfeita a uma imitação imperfeita; mas a imitação perfeita não é mais uma imitação, é a coisa mesmo, e finalmente a única imitação é a imperfeita. *Mimesis* é *diegesis* (*Ibidem*, p. 262).

Partindo do pressuposto de que a representação literária se confunde com a narrativa, Genette propõe distinções que teriam sido ignoradas por Platão e Aristóteles e que, em sua opinião, desenhariam uma nova fronteira, interior ao domínio da representação. O autor argumenta que:

Toda a narrativa comporta, com efeito, embora intimamente misturadas em proporções muito variáveis, de um lado, representações de ações e de acontecimentos, que constituem

a narração propriamente dita, e, de outro lado, representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina *descrição* (*Ibidem*, p. 262).

Sobre a oposição entre os modos de enunciação narrativo e descritivo, Genette afirma que seria possível conceber textos puramente descritivos, visando a representação de objetos em sua única existência espacial, fora de qualquer acontecimento e de dimensão temporal. Para ele:

É mesmo mais fácil conceber uma descrição pura de qualquer elemento narrativo do que o inverso, pois a mais sóbria designação dos elementos e circunstâncias de um processo pode passar por um esboço de descrição (*Ibidem*, p. 263).

Tal afirmação leva à conclusão de que descrição tenha menos autonomia que a narração, uma vez que seria mais fácil descrever sem narrar, do que narrar sem descrever, talvez, porque os objetos possam existir sem movimento, mas, contrariamente, não pode haver movimento sem objetos.

Genette explica que a natureza da relação entre descrição e narração em textos literários seguiria da seguinte maneira: a descrição poderia ser concebida independentemente da narração, mas, de fato nunca se encontrará em um estado livre. A narração, por sua vez, não poderia existir sem a descrição. Todavia, esta dependência não a impediria de cumprir o primeiro papel, fazendo com que a descrição seja uma “escrava” sempre necessária, mas submissa, jamais sendo emancipada.

O autor afirma que o estudo das relações entre o narrativo e o descritivo reduzir-se-ia, portanto, no essencial, a considerar as funções diegéticas da descrição, isto é, o papel representado pelas paisagens, ou os aspectos descritivos na economia geral da narrativa. A fim de detalhar seu estudo sobre a descrição, Genette utiliza-se da tradição literária clássica para abordar duas de suas funções relativas distintas. Para a primeira, a descrição, pensada no domínio do decorativo, assim como outras figuras de estilo, funcionaria como um ornamento do discurso: uma descrição longa e detalhada apareceria como uma pausa, uma recreação na narrativa, puramente estética. Para a segunda função, a descrição compareceria como de ordem simultaneamente explicativa e simbólica e se tornaria o elemento maior da exposição. Destaca o autor que com a evolução das formas narrativas, a descrição ornamental teria sido substituída pela descrição significativa, tendendo assim a reforçar a dominação do narrativo. Porém, as diferenças que separariam a descrição da narração seriam de ordem do conteúdo, e não tem existência semiológica.

A narração liga-se a acontecimentos ou ações, considerados como processos puros e por isso põe acento sobre o aspecto temporal e dramático da narrativa; a descrição ao contrário, uma vez que se demora sobre objetos e seres considerados em sua simultaneidade, e encara os processos como espetáculos, parece suspender o curso do tempo e contribuir para espalhar a narrativa no espaço (*Ibidem*, p. 265).

Estes dois tipos de discursos exprimiriam duas atitudes antitéticas diante do mundo e da existência, uma mais ativa, e outra mais contemplativa, conseqüentemente, mais poética. Mas, ao referir-se à representação, narrar um acontecimento e descrever um objeto seriam duas operações semelhantes, que, todavia, utilizam-se dos mesmos recursos de linguagem. A diferença mais significativa seria o fato de a narração trazer no seu discurso a sucessão temporal, igualmente como dos acontecimentos, enquanto que a descrição, por sua vez, modula no sucessivo a representação de objetos simultâneos e justapostos no espaço. Para Genette (*Ibidem*, p. 266), “a linguagem narrativa se distinguiria assim por uma espécie de coincidência temporal do seu objeto, do qual a linguagem descritiva seria ao contrário irremediavelmente privada”.

Porém, salienta o autor, esta oposição perderia muito de sua força na literatura escrita, pela qual nada impediria o leitor de voltar atrás e de considerar o texto, em sua simultaneidade espacial.

Sobre o terceiro par opositivo constitutivo da narração, narrativa e discurso, o autor pontua que Platão e Aristóteles teriam reduzido o campo da literatura ao domínio particular da literatura representativa: *poiesis* = *mimesis*. A partir de tal cenário, Genette pretende desenhar uma fronteira da narrativa com o discurso, que, em seu modo de ver, poderia ser a mais importante e a mais significativa, considerando tudo o que se encontrava excluído do poético.

Genette adota a divisão proposta por Emile Benveniste entre narrativa (história) e discurso, com a diferença de que este último englobaria na categoria do discurso tudo que teria Aristóteles chamado de imitação indireta e que consistiria, ao menos na sua parte verbal, em discurso emprestado pelo poeta ou narrador a um dos seus personagens. Sinaliza Genette que Benveniste teria destacado que certas formas gramaticais como o pronome “eu” e sua referência implícita o “tu”, os indicadores pronominais, certos demonstrativos ou adverbiais (como aqui, agora, ontem, hoje, amanhã) e, certos tempos do verbo, como o presente, passado composto ou futuro, encontrariam-se “reservados” ao discurso, enquanto que a narrativa, em sua forma estrita, seria marcada pelo emprego exclusivo da terceira pessoa e de formas como o passado simples e o mais-que-perfeito. Irrelevante o idioma, todas essas diferenças serviriam para criar uma oposição entre a objetividade da narrativa e a subjetividade do discurso. Porém, Genette mostra

que Benveniste teria lembrado se tratar de uma “objetividade” e de uma “subjatividade” definidas por critérios de ordem propriamente linguística: é subjetivo o discurso onde se marca, explicitamente ou não, a presença do (ou a referência ao) “eu”, mas, este último não se definiria de nenhum modo com a pessoa que mantém o discurso.

Já a objetividade da narrativa se definiria pela ausência de toda referência ao narrador. Afirma Genette que “o narrador omite-se, os acontecimentos são colocados e se produzem à medida que aparecem no horizonte da história. É como se os acontecimentos narrassem a si mesmos” (*Ibidem*, p.269).

É preciso acrescentar que as “essências” da narrativa e do discurso não se encontrariam quase nunca em estado puro em nenhum texto, pois, quase sempre, haverá uma certa proporção de narrativa no discurso e uma certa dose de discurso na narrativa.

Porém, embora não seja possível esse estado de pureza entre o discurso e a narrativa, ao contrário ser normal haver elementos da narrativa em um discurso, a intervenção de elementos discursivos no interior de uma narrativa seria vista como infração.

A narrativa inserida no discurso se transforma em elemento do discurso, o discurso inserido na narrativa, permanece discurso e forma uma espécie de quisto muito fácil de reconhecer e localizar. A pureza da narrativa, dir-se-ia, é mais fácil de preservar do que a do discurso (*Ibidem*, p. 272).

Em sua outra obra, “*Narrative Discourse: an Essay in Method*”, Genette (1972) se concentra em analisar o discurso narrativo a partir da relação entre a temporalidade enunciativa e a temporalidade dos fatos narrados. Genette concebe a narrativa, sobretudo, como um modo de enunciação em que o narrador deixa marcas de sua voz. A partir de tal definição, o autor propõe que se pense não sobre o conteúdo das narrativas, mas, sobretudo, sobre o discurso narrativo produzido a partir do ato de enunciação.

As afirmações desse autor nos importam na medida que propomos uma análise discursiva do modo de enunciação narrativo colocado em funcionamento pelas biografias. É importante ressaltar, portanto, que embora o material de nossas análises sejam as biografias presentes nas antologias, não é nosso objetivo esboçar quaisquer tipos de avaliação dos conteúdos das biografias. Dito de outra forma, embora nossa estratégia para a compreensão do discurso biográfico se pautem em uma análise da materialidade linguística das biografias, não é nosso objetivo fazer um confronto do que é textualizado nas biografias com documentos terceiros, não nos interessa fazer um exame da veracidade dos fatos biografados, nem nos interessa contrastar

as biografias de um mesmo autor presentes em diferentes antologias. É fulcral para nos, simplesmente, o que não é pouco, compreender como o discurso biográfico comparece sustentado nos modos de enunciação descritivo e narrativo.

Vimos, então, nesse Capítulo I: com Maurois (1928), que a biografia pode ser assumida pelo biógrafo tanto como uma prática “historicizante-documentalista e moralista”, de um lado, quanto como uma prática “poético-estética”, de outro; com Madelénat (1984), que a biografia é, sobretudo, uma consequência das relações e condições históricas da produção de conhecimento; com Denzin (1989), que as biografias são marcadas por convenções que balizam as construções interpretativas dos fatos das vidas dos sujeitos; com Schmidt (2000), que as reflexões sobre as biografias são caracterizadas pela interdisciplinaridade; com Vilas Boas (2008), que as biografias são produzidas a partir de princípios tanto filosófico quanto narrativos que organizam os sentidos em torno das vidas dos biografados.

Assinalamos também que as categorias analíticas de função-autor, interdiscurso, intradiscurso, ressonância discursiva e designação nos serão útil para a compreensão do discurso biográfico e para a “costura” dos aspectos do discurso biográfico com os do discurso antológico, que discutiremos no capítulo IV. Dado esse panorama, nos Capítulos II e III, partiremos para as análises das biografias presentes nas antologias brasileiras e estadunidenses.

CAPÍTULO II: ANTOLOGIAS BRASILEIRAS

2.1. A RAZÃO DA CHAMA: ANTOLOGIA DE POETAS NEGROS BRASILEIROS

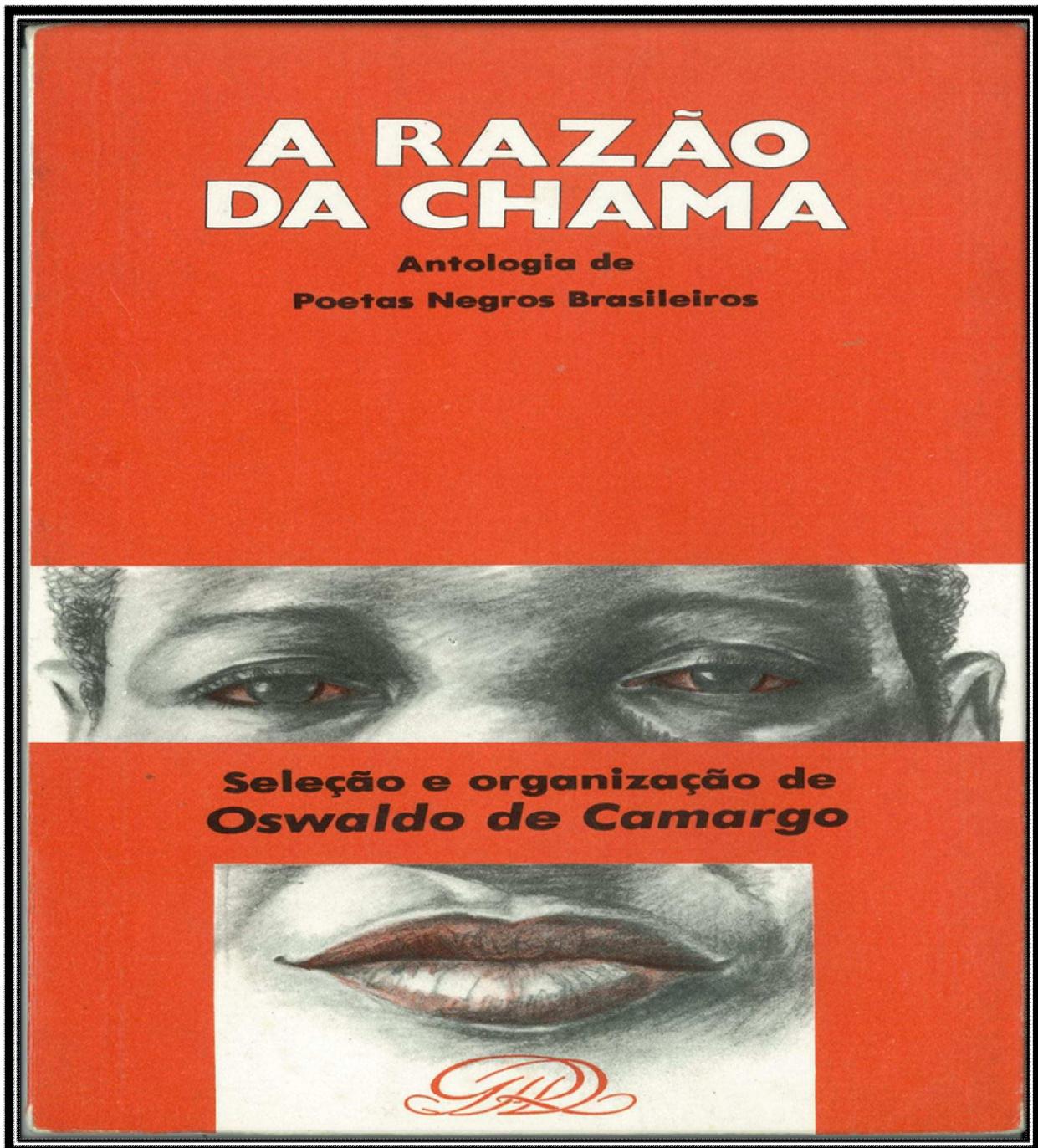


FIGURA 01 – *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros*. CAMARGO, Oswaldo de. (org.) São Paulo, ed. GRD, 1986.
[Capa: Cláudio Morato]

Nesta primeira parte deste Capítulo, analisaremos as biografias presentes na antologia *A Razão da Chama*. Inicialmente, ao fazer uma descrição geral da obra, destacaremos: 1. Objetivos da antologia; 2. Critério de seleção e organização dos autores; 3. Seções da antologia. Em seguida, analisaremos as ressonâncias discursivas nas biografias da antologia.

2.1.1. DESCRIÇÃO DA ANTOLOGIA

A antologia *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros*, organizada por Oswaldo de Camargo e publicada em 1986, em São Paulo, com 122 páginas, apresenta textos precedidos de uma breve biografia de autores, cujas obras refletem – sob a perspectiva do antologista – suas preocupações em se afirmarem como “autores negros” (p. ix).

Essa é uma obra que, segundo seu antologista, seria “uma antologia como outras que já surgiram neste país – desde a de Fausto Barreto e Carlos de Laet” (*Ibidem*, p. ix). Porém, para tal afirmação, acrescenta que “*Mas* essa é uma antologia de autores negros” (grifo meu). Esse aspecto adversativo, para o antologista, não seria índice de mudanças no que diz respeito à qualidade, mas, sim, ao fato de esta ser uma antologia diferente das demais, inclusive a de Fausto Barreto e Carlos de Laet, por ser voltada à poesia marcadamente negra.

O antologista afirma que o negro brasileiro “quase nada escreveu” (*Ibidem*, p. x). Todavia, ressalva que esse “quase nada” não diria respeito ao fato de o negro não ter, de fato, escrito, mas sim o fato de “os mulatos não ousaram se revelar negros” (*Op. Cit.*).

Exíguo e parco porque o próprio negro quase nada escreveu. E nem a maioria dos mulatos – como o mestre Machado de Assis – **ousou** revelar-se negro. Por quê? **Não era hora**, não havia o dom; era **prejuízo** (CAMARGO, 1986, p. X) (grifos meus).

Solano Trindade, em 1930, alargou o verso, e gesticulou, largo, como fazem os negros, pois Lino ainda não podia ousar, nem **convinha** que **ousasse** (*Ibidem*, p. XI) (grifos meus).

Ou seja, mesmo que tenha havido uma produção literária negra quantitativamente significativa no Brasil, por conta das políticas, tanto de construção identitária, quanto de publicação de livros, atravessadas, profundamente, pela ideologia da “democracia racial”, os autores negros, ao perceberem a necessidade de matizar, e, em alguns casos, até mesmo silenciar a questão étnico-racial, não se “revelavam” negros, o que, conseqüentemente, leva a se pensar que o negro brasileiro “quase nada escreveu”. Longe de criticar tais autores que não se teriam

revelados negros, o antologista assinala que, se assim o fizeram, era porque aquela seria a estratégia mais apropriada para o contexto.

2.1.1.1. OBJETIVOS DA ANTOLOGIA

São objetivos da obra:

1. Comemorar “o não distante centenário da ‘Abolição’ da Escravatura no Brasil” (CAMARGO, 1986, p.x);
2. Levar estudiosos a deterem-se sobre a problemática negra ou afro-brasileira (*Op. Cit.* p.x).

2.1.1.2. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS AUTORES ANTOLOGIZADOS

A antologia não faz menções claras aos critérios utilizados para a seleção dos autores. É afirmado, simplesmente, que se organizaram os textos de poetas negros e mulatos que se revelam negros.

Tal ausência de critérios é explicada pelo antologista por meio da afirmação de que a obra é marcada pelas “limitações naturais e essenciais de ser antologia” (*Ibidem*, p. ix). Ou, ainda em suas palavras, “o organizador da antologia escolhe o que ama” (*Op. Cit.*). Diante dessas afirmações, vimos a memória discursiva que determina os sentidos de ser antologia mobilizada como forma de abstenção de critérios rígidos para se legitimar uma liberdade de autoria para o organizador. Para o antologista, “não há regras especiais para um poema ser considerado bom ou ruim, inclusive os que aparecem antologizados” (*Ibidem*, p. x).

2.1.1.3. SEÇÕES

A obra apresenta duas seções: a primeira, intitulada *De Caldas Barbosa a Cruz e Souza*²⁰; e a segunda, intitulada *De Lino Guedes aos Novíssimos*.

²⁰ Vale lembrar que o nome “Souza” comparece grafado com Z nesta antologia e com S na *Poesia Negra Brasileira*, a ser analisada em seguida.

2.1.2. RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS E REPRESENTAÇÕES DO NEGRO BRASILEIRO RECORRENTES NAS BIOGRAFIAS

A seguir, analisaremos as ressonâncias discursivas nas biografias da antologia que constróem representações para os poetas negros brasileiros. Para tanto, organizaremos nossa análise em dois momentos. Inicialmente, focar-nos-emos no modo de enunciação descritivo, posto em jogo pela função-autor-biográfico quando da designação dos biografados, ressoando os discursos sustentados pela antologia, e, em seguida, ocupar-nos-emos do modo de enunciação narrativo. Antes, ainda, vale dizer que reunimos as ressonâncias que prevalecem no conjunto total das biografias. Assim, embora não comparecem necessariamente nesta ordem nas biografias, as mais recorrentes foram: 1. Local de nascimento; 2. Pertencimento familiar; 3. Modalizações apreciativas; 4. Marcador de contribuição cultural; 5. Obras salientadas; 6. Marcador de “negritude”; 7. Pseudônimo/apelido; 8. Projeção Nacional/Transnacional. Em seguida, passaremos a analisá-las.

2.1.2.1. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIÇÃO DESCRITIVO

PRIMEIRA SEÇÃO: DE CALDAS BARBOSA A CRUZ E SOUZA

Ressonâncias Discursivas	1. Local e Ano de nascimento	2. Pertencimento familiar	3. Modalizações apreciativas	4. Indicador de contri. Cultural	5. Obras salientadas	6. Indicador de “Negritude”	7. Pseudônimo / apelido	8. Projeção Nacional
Poetas Biografados								
Domingos Caldas Barbosa	Rio de Janeiro/Bahia – 1738	“filho de português com negra”	“Intelectual/gênio irascível”		“Coleção de cantigas”	“mulato”	“tinha o pseudônimo de Lereno Selenun tino”	“Permanece nas letras Brasileira”
Luís²¹ Gonzaga Pinto da Gama	Salvador – 1830	“filho de Luísa Mahin, africana livre, e de fidalgo bahiano de origem portuguesa”	“Liberal exaltado” Abolicionista	“Patrono da Cadeira 15 da Academia Paulista de Letras”	“Primeiras trovas burlescas de Getulino” “Borrada”	“Filho da africana”/ “Foi casado com a preta”	“Pseudônimo: Afro”	
Antônio Cândido Gonçalves Crespo	Rio de Janeiro / 1846	“Filho de português radicado no Brasil e da negra Francisca Rosa”			“Miniaturas”, “Noturnos”, “Obras Completas”			“Como brasileiro (já que viveu em Portugal)”.
João da Cruz e Sousa	Desterro (Florianópolis) 1861	“Filho de escravos forros”	“notável inteligência” “discípulo predileto	“firmou a poesia simbolista brasileira”	“Tropo e Fantasias”, “Missal”, “Broquéis”	“Filho de escravos forros”		“firmou a poesia simbolista brasileira”

Quadro 01: Modo de enunciação descritivo da Primeira Seção

²¹ Vale observar que Luís comparece grafado com S nesta antologia e com Z na *Poesia Negra Brasileira*.

SEGUNDA SEÇÃO: DE LINO GUEDES AOS “NOVÍSSIMOS”

Ressonâncias Discursivas	1.Local e Ano de nascimento	2.Pertencimento familiar	3. Modalizações apreciativas	4.Indicador de contri. Cultural	5.Obras publicadas	6.Indicador de Negritude	7. Pseudônimo / apelido	8. Projeção Transnacional
Poetas Biografados								
Lino Pinto Guedes	Socorro (SP) 1897	“descendia de ex-escravos”	“Jornalista”		“Canto de Cisne Preto”, “Ressurreição Negra” “Negro Preto Cor da Noite”	“descendia de ex-escravos”	“usou o pseudônimo de Laly”	
Solano Trindade	Recife (PE) 1908	“filho do sapateiro e comico Manuel A.Trindade”	“operário” “comerciante”, “poeta popular”	“fez cinema e cultivou o folclore”	“Poemas de uma vida simples”, “Cantares para o meu povo”			
Eduardo de Oliveira	São Paulo – 1926		“poeta”, “advogado” “militante político”	“pertenceu à Associação Cultural do Negro”	“Além do pó”, “Acoradouro”, “Banzo”, “Gestas Líricas”, “O Cancioneiro das Horas”	“pertenceu à Associação Cultural do Negro”		
Carlos Assunção	Tietê (SP) 1927		“poeta”, “declamador”, “professor” “militante político”		“Protesto”			
Oswaldo de Camargo	Bragança Paulista (SP) 1936	“Filho de apanhador de café”	“jornalista” “publicitário” “militou na Imprensa Negra”	“diretor de cultura”	“Um homem Tentar Ser Anjo”, “15 Poemas Negros”, “O Carro do Êxito”, “O Estranho”	“militou na Imprensa Negra”	“Tem assinado sua produção com o pseudônimo Benedito Antunes”	“Poemas e Contos publicados nos EUA, França e Alemanha”
Oliveira Silveira	Rosário do Sul (RS) 1941		“professor”		“Germinou”, “Poemas Regionais” “Banzo”, “Saudade Negra”, “Pelo Escuro”	“Saudade Negra”,		
Adão Ventura	Sêro (MG) 1946		“advogado”, “professor”	“coordenador do Núcleo de Cultura Afro Brasileira”	“Abrir-se um Abutre ou Mesmo depois de deduzir dele o azul”, “As musculaturas do Arco do Triunfo”	“coordenador do Núcleo de Cultura Afro Brasileira”		“publicação em Portugal, México, Espanha e EUA” “professor de Literatura Brasileira na <i>The University of New Mexico (USA)</i> ”
Geni Mariano Guimarães	São Manoel (SP) 1947		“professora”		“Terceiro Filho”, “Da Flor o Afeto, da Pedra o Protesto”			“poesia publicada na IKA, Republica Federal Alemã”
Paulo Colina	Colina (SP) 1950		“diretor da União dos Escritores”	Peça Teatral Entre Dentes (drama para negros em um ato)	“Fogo Cruzado”, “AXÉ- Antologia Contemporânea de Poesia Negra Brasileira”	Peça Teatral Entre Dentes (drama para negros em um ato)		
José Carlos Limeira	Bahia 1951				“Lembranças” “Zumbidos” “Atabaques” “Fala Crioulo	“Fala Crioulo (Depoimento)”		“Poesias traduzidas e publicadas em revistas dos EUA”

					(Depoimento)”			e República Federal Alemã
Cuti (Luís Silva)	Ourinhos (SP) 1951		“funcionário público e professor”	“Fundador da série Cadernos Negros”	“Poemas de Carapinha”, “Batuque de Tocaia”, “Suspensão”		Cuti	
Mirian²² Alves	São Paulo 1952		“assistente social”	“faz parte do Quilombhoje”	“Momentos de Busca” “Estrelas no Dedo”			
Abelardo Rodrigues	Monte Azul Paulista (SP) 1952				“Memória da Noite”			“Tem poemas traduzidos e publicados em revistas norte-americanas e alemãs”
Éle Semog	Nova Iguaçu (RJ) 1952				“Atabaques” “O Rei Nariz e a Borboleta Voa-Voa”		Ele Semog	
Jônatas Conceição da Silva	Engenho Velho das Brotas (BA) – 1952				“Minha Missão” “Margens Mortas”, “Miragen de Engenho”			
Ronald Tutuca					“o Paquiderme com asas de água”, “Mortoalegrense”			
José Luanga Barbosa	São Paulo – 1957				“Participou da coletânea Cadernos Negros”			
J. Abílio Ferreira	São José do Rio Preto (SP)			“faz parte do Quilomb hoje”	“Participou da coletânea Cadernos Negros”			

Quadro 02: Modo de enunciação descritivo da Segunda Seção

Como podemos ver nos quadros, há oito grupos de ressonâncias discursivas predominantes nas biografias da antologia produzidas que ressoam, a partir do modo de enunciação descritivo, os discursos sustentados pela antologia sobre os poetas negros brasileiros. Essas ressonâncias revelam, acima de tudo, como a função-autor-biográfico designa os poetas negros brasileiros.

A partir de uma leitura quantitativa das ressonâncias do **primeiro grupo**, podemos perceber uma centralidade nos autores nascidos na região Sudeste, em especial no estado de São Paulo. Da mesma maneira, uma análise das décadas de nascimento dos biografados revela que a antologia se concentra em autores nascidos na década de 1940 e 1950.

²² Embora no título da antologia “*Finally Us...*”, citada anteriormente, o nome Miriam compareça grafado com “m”, nesta antologia, é grafado com “n”.

No **segundo grupo**, as ressonâncias agrupadas revelam a presença do domínio discursivo do pertencimento familiar. Aqui, podemos ver que a função-autor-biográfico se afasta, ainda que momentaneamente, dos biografados para, então, discorrer sobre seus pais. Assim, nomes como Luísa Mahim, mãe de Luís Gama, e Francisca Rosa, mãe de Antônio Cândido Crespo, comparecerem nas biografias para representar as origens dos poetas. Porém, juntamente com essa pontualidade, há também um jogo de indeterminação na designação do pertencimento familiar de outros biografados. Desta maneira, as formulações “filho de português com negra”, “filho de escravos forros”, “descendia de ex-escravos” “filho de apanhador de café” estabelecem um sentido de generalidade que se contrapõe ao efeito de determinação dos antologizados que seriam pertencentes de famílias “nobres”. Isto é, a ausência de nomes e sobrenomes funciona, dentre outras coisas, como indicativo de uma origem social não dominante.

Essas designações, diferentes das outras que insistem na importância do nome próprio dos pais dos biografados, produzem um efeito de indeterminação, longe de dizer que as informações sobre os pais dos biografados não são importantes, reiteram o sentido de que aqueles poetas, filhos de pessoas simples, são, assim como a maioria do povo “humilde”, representados nas biografias pelo enunciado “os plantadores de café”, filhos do Brasil (sobre essa relação de identidade negra e pertencimento à brasilidade, desenvolveremos análises mais adiante).

Ainda nesse segundo grupo de ressonâncias, vale destacar que “pertencimento familiar”, embora no sentido atribuído tradicionalmente nas biografias sinalize para o domínio da origem, no caso dos autores biografados que viveram na época da escravidão, como o de Luis Gonzaga Pinto da Gama, por exemplo, é deslocado de “origem familiar” e desliza para os sentidos de “posse familiar”. Daí o fato de o futuro poeta citado ter sido vendido pelo próprio pai. Pertencer à família comparece, então, como ser “produto” dela, sendo portanto, passível de ser vendido pelo seu “dono”. Consequentemente, as referências ao “pertencimento familiar” são mais recorrentes nas biografias da primeira seção da antologia, com uma frequência de 100%, já na segunda seção, de 18 biografias, apenas 3, equivalente a 16%, fazem essa referência.

Essa diferença também pode ser compreendida como reveladora dos avanços do projeto brasileiro de “integração” do negro no quadro racial brasileiro. Ou seja, se nas biografias dos autores do primeiro grupo – dos autores nascidos no século XVIII e começo do XIX – a função-autor-biográfico faz ressoar sentidos que marcam a diferença entre o negro e o português –

ênfatizando de quem fora herdado o “sangue negro” dos poetas – revelando aí uma ausência de uma identidade brasileira unificada; nas biografias do segundo grupo – de autores do fim do século XIX e XX –, por outro lado, a função-autor-biográfico, atravessado, talvez, por essa memória da construção/unificação da identidade brasileira, em que o negro não comparece mais marcado como oposição ao português, não faz referência a origem do “sangue negro” dos poetas. Essa falta de marcação da “herança” familiar dos “traços de origem africana” nos poetas negros brasileiros pode ser indicativo de uma adesão do discurso biográfico da antologia à ideologia de que todos os descendentes de africanos passariam a ser considerados brasileiros, não havendo, assim, necessidade de marcar textualmente nas biografias dos poetas contemporâneos.

No **terceiro grupo**, reunimos enunciados que ressoam um processo modalizador apreciativo. Vejamos que há duas regiões discursivas dominantes nas formulações da função-autor-biográfico. A primeira é aquela que designa o poeta negro brasileiro a partir do domínio da “luta/enfrentamento”. Dentro desse primeiro, temos apreciações tais como: “gênio irascível” “Liberal exaltado” “Abolicionista”, e “militante político” (3 ocorrências). Vejamos que as três primeiras são utilizadas nas biografias dos poetas da primeira seção da antologia. De maneira que, como mostramos nos outros grupos, os sentidos de ira (irascível), exaltação (inflamado) e abolição configuram a identidade do poeta negro brasileiro, inconformado com a escravidão.

A formulação “militante”, presente em três biografias da segunda seção, remete, da mesma forma, para a questão da luta do poeta negro brasileiro. Todavia, aqui vale sinalizar para o interdiscurso, a memória discursiva que atravessa a voz da função-autor-biográfico. Ou seja, mediante a repetição desse dizer – militante – vale perguntar quais são os sentidos acionados nessa designação. A partir do questionamento dessa memória discursiva, podemos vislumbrar que militante pode ser parafraseado como aquele que milita, combate, atua, participa, faz guerra. Nessa memória, o poeta negro é aquele que luta para o deslocamento de uma ordem que o oprime. Entretanto, a memória discursiva do termo “militante” também ressoa sentidos produzidos para as Forças Armadas. Acionar essa outra memória, ainda que involuntariamente, traz para as biografias dos poetas negros brasileiros uma memória contra a qual eles lutam. Os militantes/militares integrantes das Forças Armadas, no “Estado de direito” capitalista, são, também, agentes de luta, combate, guerra, enfrentamento, porém, exercem o papel da manutenção da ordem de um sistema que, historicamente, reprimiu e combateu o negro em sua

tentativa de se fazer contar como sujeito de direito. É a partir do encontro ambivalente dessas memórias que o poeta negro é designado como sujeito de luta.

A segunda região discursiva, do sétimo grupo, é aquela que designa o poeta negro brasileiro a partir do domínio da “intelectualidade” (não que se contraponha ao militante/militar!). Dentro dessa segunda região, temos as seguintes apreciações: “intelectual”, “gênio”, “discípulo predileto”, “jornalista” (2x), “poeta” (2x), “advogado”, “publicitário”, “professor” (6x), “advogado”, “diretor da União dos Escritores” e “assistente social” que, em conjunto, corroboram para a construção de um perfil do poeta negro brasileiro. Com tais designações, a função-autor-biográfico assinala o status social ocupado pelo negro brasileiro no campo da intelectualidade. Interessante notar que essa marcação dos campos de atuação dos poetas revela uma justaposição de designações que não compartilham, necessariamente, de um mesmo ponto de referência. Há, de um lado, designações como “intelectual”, “gênio” que sugerem uma “distinção” de inteligência, mas há, diferentemente, de outro lado, as que subscrevem a profissão exercida pelos poetas. Vale ressaltar, também, a designação de dois biografados como “poetas”. A designação “poetas” nesses dois casos sinonimiza fazer poesia a uma atividade profissional? Se assim o for, os demais, por terem profissões, não seriam “bons” poetas? Ou essa designação abre espaço exatamente para o seu contrário, ou seja, para a falta de uma profissão?

No **quarto grupo**, as ressonâncias designam os biografados ao ressaltar suas contribuições culturais para a “negritude” como um grupo. Assim, assinalam a participação dos poetas negros na liderança/coordenação de atividades que representariam a cultura do negro brasileiro. Vemos, desta maneira, que os enunciados representam os domínios de manifestação e produção cultural do negro brasileiro que atua na produção de cinema, folclore, peça teatral e literatura.

No **quinto grupo**, as ressonâncias dizem respeito às obras salientadas nas biografias e confirmam a presença da condição *sine qua non* para a presença dos poetas na antologia, qual seja, a da produção poética dos biografados. Vale notar que os títulos das obras, em si, abrem possibilidades para uma análise mais detalhada, pois podem revelar aspectos da relação do negro com a produção poética e com o ato de representar a si mesmo.

No **sexto grupo** de ressonâncias, estão reunidos enunciados em que a função-autor-biográfico designa os biografados a partir do domínio da indicação da “negritude”. Vejamos que há uma diferença significativa no modo de designar essa indicação entre as duas seções da antologia. No grupo da primeira seção, há um conjunto de enunciados a partir do qual os biografados são designados como “mulato”, “filho da africana” “casado com a preta”, e “filho de escravos forros”. Essas designações sugerem que a “cor da pele” seja fator determinante para que os autores sejam identificados como negro. No grupo da segunda seção, diferentemente, a indicação da “negritude” é designada a partir da textualização da participação dos autores em movimentos e associações culturais. Assim, enunciados como: “Peça Teatral Entre Dentes (drama para negros em um ato)”, “coordenador do Núcleo de Cultura Afro Brasileira”, “militou na Imprensa Negra pertenceu à Associação Cultural do Negro” e “Fala Crioulo (Depoimento)” apontam para uma marcação da “negritude” a partir não da pigmentação da pele, mas da participação/contribuição na produção cultural negra brasileira.

Novamente, como no grupo de recortes 1, a função-autor-biográfico faz ressoar os sentidos dos desenvolvimentos do discurso da integração do negro no projeto de identidade nacional brasileiro. Assim, se na primeira seção, a marcação do pertencimento dos poetas à “negritude” é formulada a partir da diferenciação em relação aos portugueses, na segunda, tal marcação se dá a partir do papel que tais autores desempenhariam enquanto produtores de “cultura negra”. Evidencia-se, a partir dessa diferença no modo descritivo, uma reconfiguração dos sentidos de ser negro no Brasil em diferentes momentos da história empreendida pelo discurso biográfico. É válido indagar até que ponto o discurso da “contribuição cultural” não compareceria, ainda que pelas frestas do imprevisto, como uma forma de esvaziamento das políticas de identificação do negro e, desta forma, não silenciaria o negro em se dizer como negro em troca de um dizer que substitui o ser negro por ser um produtor de “cultura negra”.

No **sétimo grupo** de ressonâncias, reunimos enunciados que enfatizam o domínio dos pseudônimos e apelidos utilizados pelos biografados. Sobre esse domínio, vale lembrar que, embora vários estudos apontem para a questão da renomeação dos negros como uma forma de

reconstrução do eu²³, a maneira como a utilização de pseudônimos é designada pela função-autor-biográfico instaura o sentido de que essa utilização de pseudônimos e apelidos restringir-se-ia a uma prática de nomeação artística (para não dizer uma prática de marketing!). Ou seja, afirmar que um sujeito passou a se chamar X e não mais Y, significa diferentemente de dizer que X usou o pseudônimo de Y; ou, ainda, que X assina suas produções poéticas com o pseudônimo de Y. Vale lembrar que essa prática, que revela um diálogo do discurso biográfico com o discurso da historiografia literária, não estaria restrita àquela de identificação do negro.

No **oitavo e último grupo** de ressonâncias, há uma projeção dos sentidos de nacional e transnacional. Vejamos que há, nesse grupo, uma diferença significativa entre as duas seções da antologia.

Na primeira seção, as designações estabelecem uma relação entre os poetas negros brasileiros com o sentido de nacionalidade. Para exemplificar isso, tomemos os enunciados: “Permanece nas letras Brasileira”, “Como brasileiro (já que viveu em Portugal)” e “firmou a poesia simbolista brasileira”. Nesses enunciados, a identidade do negro brasileiro é designada a partir dos domínios de “pertencimento”, “permanência” e “firmação” que atentariam para os objetivos dos poetas negros brasileiros dos séculos XVIII e XIX, quais sejam, o de ter sua identidade incluída, contada e afirmada no projeto de identidade nacional brasileira. Vale registrar que esse projeto, marcado nas designações biográficas, faz ver um jogo entre os sentidos de ser negro *versus* ser português, como podemos notar em “Como brasileiro (‘já que’ viveu em Portugal)”. Assim, mesmo que haja a marcação da “negritude” nas designações, ela não expressa um conflito entre ser negro *versus* não-negro, mas sim entre ser negro e estrangeiro.

Na segunda seção, as designações assinalam uma relação dos poetas negros brasileiros com uma projeção transnacional. Assim as ressonâncias do grupo destacam que os efeitos do desenvolvimento do projeto de integração racial brasileiro culminaria em uma projeção transnacional em que os limites das fronteiras do ser brasileiro começariam a ser rompidos. Nesses enunciados, os poetas negros brasileiros não são designados a partir da necessidade de afirmação de sua identidade em confronto com o estrangeiro, como as biografias da primeira seção. Dito de outra forma, a função-autor-biográfico não se preocupa em designar os poetas

²³ Cf. comparar, por exemplo, com as biografias de Frederick Douglas, Sojourner Truth, Malcolm X e Amiri Baraka, que, em determinados momentos de suas vidas, passaram a utilizar outro nome como forma de resistência e reconstrução do “eu”.

como “negros que querem ser considerados como brasileiros”, pois considera, talvez, superado o debate sobre a integração do negro no projeto de identidade brasileiro e toma como já dada a visibilidade do negro no território nacional e da importância do negro na construção da identidade nacional.

Outro aspecto digno de observação é o fato de a função-autor-biográfico propor, nas biografias da segunda seção da antologia, um diálogo com outros poetas e meios de divulgação da poesia negra. Tal característica é indicativa de uma expansão da identidade negra brasileira que, contemporaneamente, busca pertencimento, permanência, afirmação desses poetas em um cenário no qual as barreiras do nacional não restringem a produção literário-cultural do negro. As citações dos países onde os poetas teriam seus trabalhos publicados indicam, possivelmente, que a identidade negra brasileira é representativa do Brasil no exterior, fazendo assim, talvez, com que o Brasil no exterior, a partir das formulações das biografias, seja representado como um país negro.

2.1.2.2. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIÇÃO NARRATIVO

A função-autor-biográfico, em seu processo de construção de um dizer sobre as vidas dos biografados, coloca em funcionamento uma quantidade reduzida de enunciados formulados a partir do modo de enunciação narrativo. Ou seja, o domínio narrativo das biografias, com média de três-quartos de página por autor antologizado, comparece reduzido a enunciados coordenados do tipo: nasceu em X, publicou Y e, para os falecidos, faleceu em Z (como podemos ver nos quadros de enunciados).

Sobre essa “minimização” da narrativa da história do negro, podemos dizer que, provavelmente, seja decorrência tanto do fato de, no Brasil, a tradição biográfica não ser tão disseminada quanto em outros países, Estados Unidos, por exemplo, quanto do fato de que, como o antologista afirma na apresentação da obra, “o negro foi colocado como ‘personagem’ e motivo na Literatura Brasileira” (CAMARGO, p.x). Nessa esteira, a narração lacunar da história da vida do negro brasileiro poderia ser pensada como indicativa de um silenciamento de sua voz.

Todavia, mesmo que as biografias sejam reduzidas e os períodos compareçam, em sua maioria, por meio coordenadas assindéticas, sem deixar marcas de interpretação quantitativamente consideráveis, quando tomamos as biografias das antologias como um todo contrastando-as umas às outras, ou seja, quando tomamos cada biografia como parte metonímica de uma “biografia geral” do poeta negro brasileiro, podemos visualizar um certo modo de funcionamento do modo de enunciação narrativo.

Dito de outra forma, mesmo na escassez de elementos linguísticos, tradicionalmente caracterizados como representantes do modo de enunciação narrativo, a simples disposição e organização dos elementos do modo de enunciação descritivo, que vimos acima, estabelecem uma ordem narrativa. Com essa consideração, afirmamos que as biografias de cada poeta negro antologizado funcionam como fragmentos de uma narrativa maior. Assim, se a função-autor-biográfico predica os primeiros poetas como filhos de portugueses com negras e, simplesmente silencia a questão do pertencimento familiar nas biografias dos poetas contemporâneos, podemos dizer que há, nesse gesto diferenciado de designação, um gesto narrativo colocado em funcionamento.

Da mesma maneira, podemos indicar que, por meio de elementos geralmente classificados como pertencentes ao modo descritivo, a função-autor-biográfico enuncia uma

narração da integração do negro ao projeto de identidade brasileira. Retomemos, assim, como afirmado anteriormente, que as biografias dos poetas negros dos séculos passados os designam como lutadores em busca de serem considerados brasileiros. Sem o dizer, mas significando narrativamente esse silêncio, as biografias dos autores contemporâneos não sinalizam para essa busca e apresentam os biografados como participantes de um quadro transnacional. Esse não dizer o nacional, para dizer o transnacional, é significativo do modo de enunciação narrativo.

Vejamos, como último exemplo, o primeiro grupo dos enunciados que designa o local e ano de nascimento dos poetas. Quando, a partir de gesto analítico, agrupamos os dados referentes ao local e ano de nascimento dos poetas presentes em todas as biografias, podemos revelar que a função-autor-biográfico, ao fazer com que essas informações estejam presentes em todas as biografias, pressupõe um interlocutor – efeito-leitor – que vai preenchendo as lacunas da leitura e construindo as narrações das vidas dos poetas negros, de modo que, mais que apenas indicar os estados e os anos em que os poetas nasceram, a função-autor-biográfico fornece um fio narrativo que entrelaça o domínio do lugar (geografia brasileira) ao do tempo. Ou seja, a função-autor-biográfico narra as histórias de vida dos poetas textualizando a multiplicidade (ubiquidade) geográfica – poetas de vários estados – e temporal do negro no Brasil.

Podemos concluir que o modo de enunciação narrativo funciona no discurso biográfico da antologia *A Razão da Chama* nas lacunas do dizer entre uma biografia e outra. O que se diz em uma biografia e não se diz na outra vai constituindo, no material do silêncio, os sentidos narrativos da história do poeta negro brasileiro.

2.2. POESIA NEGRA BRASILEIRA: ANTOLOGIA

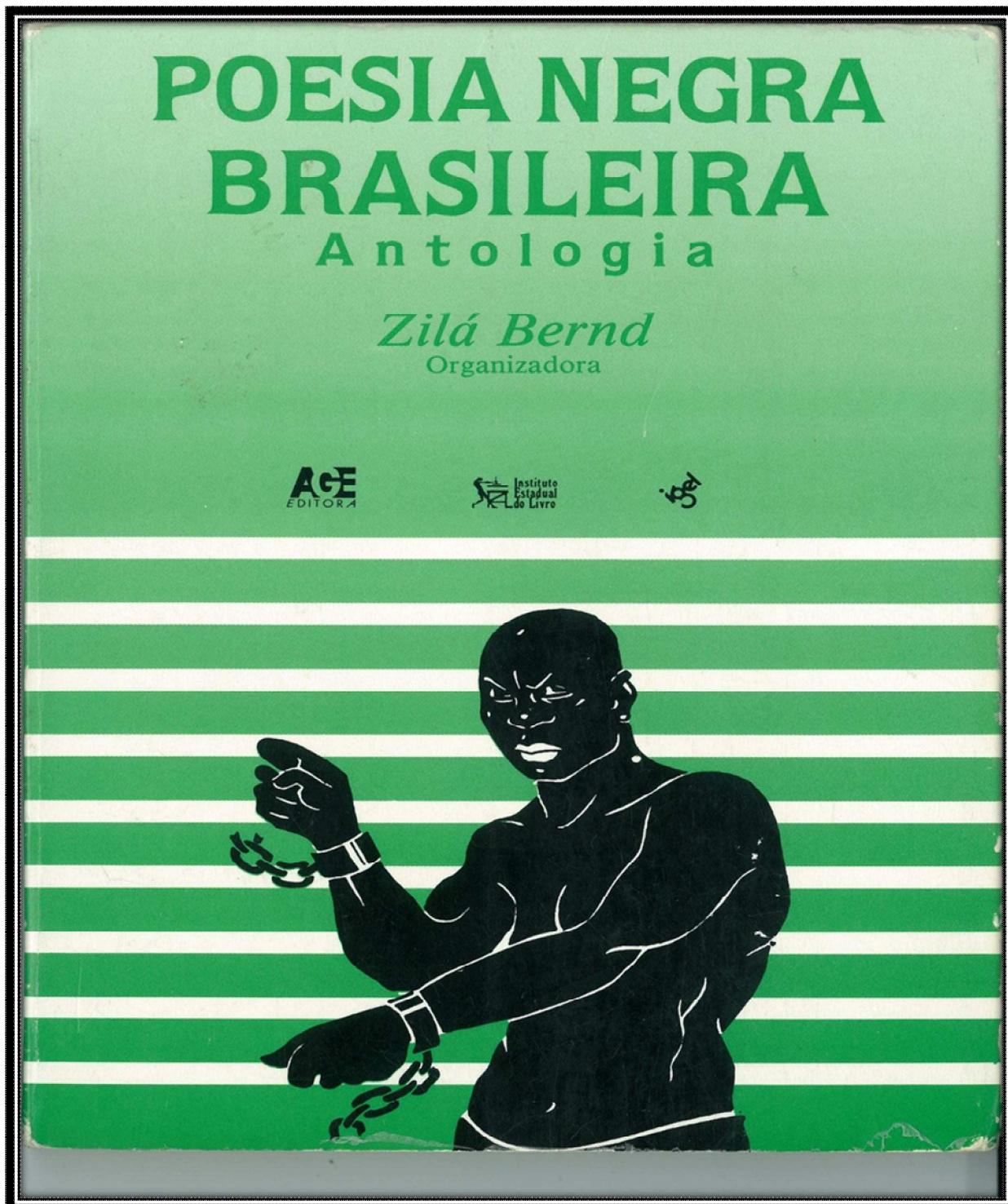


FIGURA 02 – *Poesia Negra Brasileira: Antologia*. BERND, Zilá Bernd. (org.), Porto Alegre, ed. AGE, 1992.
[Capa: Fernando Menegotto]

2.2.1. DESCRIÇÃO DA ANTOLOGIA

Qualificada por Domício Proença Filho, no prefácio da antologia, como “uma publicação que se situa entre as mais sérias e representativas já publicadas, no gênero, em nosso país” (*Poesia Negra Brasileira*, 1992, p. 08), a antologia, editada por Zilá Bernd, Porto Alegre, 1992, com 154 páginas, reúne textos de autores negros brasileiros, precedidos de curtas biografias, referências bibliográficas e comentários críticos.

2.2.1.1. OBJETIVOS DA ANTOLOGIA

A antologia tem como objetivo:

(...) reunir, em um período de cem anos de história literária brasileira, a construção e a evolução de uma consciência negra e sua expressão através do texto poético (Bernd, 1992, p. 11).

A antologista afirma que o projeto da obra fundamenta-se em três interesses:

1. em resgatar a participação do negro na literatura brasileira, acompanhando a construção de uma identidade negra expressa através do discurso poético, para assinalar a passagem do Centenário da Abolição da Escravatura a partir de uma perspectiva crítica (*Ibidem*);
2. na preocupação em recuperar textos poéticos que apesar de seu valor estético e de se constituírem no espaço privilegiado da emergência de uma consciência de ser negro no panorama da literatura brasileira, são muito pouco valorizados pela história literária “oficial”, não fazendo parte dos currículos das escolas (*Ibidem*);
3. na quase inexistência de antologias e de bibliografias sobre literatura negra no Brasil, ao contrário de outros países com grande população de descendência africana, onde abundam as obras antológicas, elemento indispensável não apenas para nortear futuras pesquisas como para divulgar esta vertente da literatura brasileira em escolas e universidades, alargando assim, o horizonte dos alunos e provendo-os dos subsídios necessários à sua tomada de consciência de integrarem um país multiétnico e pluriracial (*Ibidem*).

2.2.1.2. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS ANTOLOGIZADOS

Os critérios utilizados pela antologia na seleção dos autores foram:

1. A representatividade dos autores – sendo antologizados autores com no mínimo duas ou três obras publicadas;
2. O grau de literalidade de suas produções;
3. Uma classificação de literatura negra que considera o eu enunciativo das obras.

2.2.1.3. SEÇÕES

A obra é dividida em quatro seções: a primeira, *Período Pré-Abolicionista*; a segunda, *Período Pós-Abolicionista*; a terceira, *Período Contemporâneo*, subdividida em três partes: a) *A Consciência Resistente*; b) *A Consciência Dilacerada*; e c) *A consciência trágica*; a quarta seção da obra, intitulada *Os grupos*, aborda a história dos grupos: QuilombHoje, Negrícia e Poetas Baianos.

2.2.3. RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS E REPRESENTAÇÕES DO NEGRO BRASILEIRO RECORRENTES NAS BIOGRAFIAS

Diferentemente das outras antologias analisadas nesta tese, a *Poesia Negra Brasileira* apresenta uma organização distinta dos textos que precedem às poesias dos biografados. Ou seja, se nas demais obras os antologiatas incorporam os comentários críticos e referências às obras mencionadas nas biografias, não separando os dados bibliográficos e o comentários críticos daquilo que seria “dados biográficos”, esta faz uma distinção e apresenta, além das biografias, seções específicas intituladas como *Bibliografia do autor* e *Comentário crítico*.

Para nós, esse procedimento pode ser indicativo de uma tentativa da antologista em distinguir o que seria considerado “informação sobre os autores”, sendo, pois, provavelmente, tomado como “destituído” de interpretação, daquilo que seria assumido como posição da própria antologia. Haveria, neste procedimento, uma demarcação diferenciadora entre o “discurso da antologista” *versus* “um discurso biográfico sem autoria idêntica”. Dito de outra maneira, a interpretação da antologista estaria sedimentada e organizada na seção *Comentário Crítico*, enquanto que a biografia, fiel aos “fatos da vidas dos autores”, estaria “esvaziada” de qualquer tomada de posicionamento.

Aqui, abrimos um parêntese para lembrar Foucault (1971) ao afirmar que:

(...) o comentário seria um procedimento de controle e de delimitação do discurso. No comentário, há um desnível entre o texto primeiro e o texto segundo que desempenha dois papéis solidários. Por um lado permite construir novos discursos, mas por outro, não tem outro papel senão o de dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no *texto primeiro*. Deve, conforme um paradoxo que ele descola sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito (p. 19).

Em outra passagem, o autor afirma que “o comentário limita o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma da *repetição* e do *mesmo*” (*Ibidem*, p. 21 e 22) (grifos meus).

Fechando o parêntese, assinalamos que a antologista, diferentemente do procedimento tomado em relação às demais seções, não intitula a seção em que estão presentes os textos que analisaremos como *biografias*, como se fosse óbvio a necessidade da presença dos dados “biográficos” na antologia. Todavia, como esses textos mencionam dados das vidas dos autores antologizados (local e ano de nascimento/morte, pertencimento familiar, etc.), podemos afirmar que têm um funcionamento discursivo de biografias.

Antes da análise, vale dizer que, com o mesmo procedimento analítico utilizado com a antologia anterior, organizamos as ressonâncias discursivas mais recorrentes em grupos. Desta maneira, embora não comparecem, necessariamente, nesta ordem nas biografias, as mais recorrentes foram: 1. Local de Nascimento; 2. Pertencimento familiar; 3. Modalizações Apreciativas; 4. Marcação da voz de terceiros; 5. Nomes de terceiros; 6. Instituição; 8. Escolaridade; 9. Projeção Transnacional.

3.2.3.1. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIÇÃO DESCRITIVO

Ressonâncias Discursivas	1. Local/ano de nascimento	2. Pertencimento Familiar	3. Modalizações Apreciativas	4. Voz de Terceiros marcados com aspas	5. Nomes de Terceiros	6. Instituição	7. Escolaridade	8. Projeção Transnacional
Poetas biografados								
Luiz Gama	Salvador (BA) 1830	“Filho de africana com um português”	“incansável defensor da causa abolicionista”, “satírico”	Sobre ele escreveu Coelho Neto: “satírico (...) trouxe para a poesia a audácia (...)”	Coelho Neto; Gregório de Matos;	“impedido de fazer o curso jurídico”		
Cruz e Sousa	Florianópolis (SC) 1898	“filho de pais negros e escravos alforriado”	“alforriado” “maior poeta simbolista brasileiro”		Marechal Guilherme Xavier de Sousa		“Cursa Humanidades”	
Lino Pinto Guedes	Socoro (SP) 1906					“Membro da Sociedade Paulista de Escritores”	Jornalista	
Solano Trindade	Recife (PE) 1908		“animador da negritude” “Irradiação da cultura negra”	“Clovis Moura o coloca como um dos pioneiros da negritude popular” “Segundo Clovis Moura, Solano	Edson Carneiro; Clóvis Moura;	“Teatro Popular Brasileiro”		

				Trindade fundia as reivindicações dos negros aos problemas da luta de classes”				
Eduardo de Oliveira	São Paulo 1926			“Tristão de Ataíde: e a poesia com um (...) Eduardo de Oliveira e tantos outros, tem um papel a representar.”	Tristão de Ataíde, Aimé Césaire, Segnhor, Eduardo Oliveira		Advogado, professor	Aimé Césaire e Segnhor
Oswaldo de Camargo	Bragança Paulista (SP) 1936			“Florestan Fernandes afirma que gostaria que Oswaldo de Camargo completasse o círculo intelectual (...)”	Florestan Fernandes	“Associação Cultural do Negro”	Jornalista	
Domício Proença Filho	Rio de Janeiro – 1936			“a memória e a resistência são as dominantes (...); “difusor da literatura brasileira no exterior”		Univesidade Federal do Rio de Janeiro	Doutor em literatura	“difusor da literatura brasileira no exterior”
Luiz Silva (Cutí)	Ourinhos (SP) 1951			“Sou negro: entendo-me em toda dimensão humana da palavra...”		Quilomb Hoje	Professor	
Mirian Alves	São Paulo 1950		“figura mais expressiva”			Quilombhoje	Assistente social	
Oliveira Silveira	Rosário do Sul (RS) 1941		“entre os melhores autoers da negritude” “perfeita sintonia”		Aimé Césaire, N. Guillén, Segnhor	Escola Cândido de Godoy	Formado em Letras	entre os melhores autoers da negritude latino-americana como Aimé Césaire e N. Guillén
Antônio Vieira	Bahia – 1939		Poeta, artista	“não sei se faço bem, acrescenta, mas no entanto, tentar é preciso”		“Leciona na Universidade de Ife – Nigéria”	Antropólogo	professor na Univesidade de Ife, Nigéria, onde divulga a literatura brasileira”;
Paulo Colina	São Paulo – 1950			Segundo Clovis Moura “a poesia de P.Colina é filtrada, contida, correndo no asfalto (...)”	Clovis Moura			
Abdias do Nascimento	Franca (SP) - 1914					Criou em Búfalo (USA),na univer. do Estado de Nova York, a cadeira de (...); Fundou o IPEAFRO na PUC-SP		

Quadro 01: Modo de enunciação descritivo

Como podemos ver, ao selecionar as ocorrências do modo de enunciação descritivo, há oito grupos de recortes das ressonâncias discursivas predominantes nas biografias da antologia. Esses recortes são reveladores do modo como a função-autor-biográfico designa os poetas negros brasileiros.

No **primeiro grupo**, as ressonâncias dizem respeito ao local e ano de nascimento dos biografados. Uma leitura quantitativa dessas ressonâncias revela a centralidade atribuída aos autores nascidos na região Sudeste, em especial o estado de São Paulo.

No **segundo grupo** de ressonâncias, os enunciados remetem ao domínio do pertencimento familiar. Aqui, devido à semelhança entre os enunciados desse grupo com os presentes em *A Razão da Chama*, analisados anteriormente, remetemos a análise desse segundo grupo ao resultado já obtido anteriormente.

No **terceiro grupo** de ressonâncias, as designações são formadas por modalizações apreciativas. Vejamos que termos como “incansável”, “maior”, “mais expressiva”, “melhores” e “perfeita” assinalam um processo de designação da função-autor-biográfico revelador não do objeto de sua predicação – os biografados, mas de sua relação com tal objeto. Em outras palavras, essas ressonâncias são indicativas de posições ideológicas assumidas pelo discurso biográfico – quais sejam: a de julgamento positivo, o de reforço das qualidades dos poetas negros e do acentuamento da importância de suas produções. Com tais observações, confirmamos o indicado anteriormente sobre a tentativa da antologista de marcar o que é considerado “informação sobre os autores”, logo destituído de interpretação, do que é assumido como “sua posição”, presente nos comentários críticos.

No **quarto grupo** de ressonâncias, os enunciados são marcados gráfica e textualmente como uma voz terceira que, *a priori*, não seria oriunda do gesto interpretativo da função-autor-biográfico. Tomemos alguns como exemplo:

“Sobre ele escreveu Coelho Neto: ‘satírico (...) trouxe para a poesia a audácia’ (...);
(excerto da biografia de Luiz Gama)

“Clovis Moura o coloca como um dos pioneiros da negritude popular(...);
(excerto da biografia de Cruz e Sousa)

“Segundo Clovia Moura, Solano Trindade fundia as reivindicações dos negros aos problemas da luta de classes(...);
(excerto da biografia de Solano Trindade)

“Tristão de Ataíde: e a poesia com um (...) Eduardo de Oliveira e tantos outros, tem um papel a representar.(...)”
(excerto da biografia de Eduardo de Oliveira)

“Florestan Fernandes afirma que gostaria que Oswaldo de Camargo completasse o círculo intelectual (...)”
(excerto da biografia de Oswaldo de Camargo)

Tais excertos nos mostram que a função-autor-biográfico usa como estratégia de legitimação de seu dizer indicar que as afirmações biográficas são reconhecidas socialmente. É um dizer institucionalizado e, acima de tudo, assim marcado. Vejamos que as aspas, os dois pontos, o discurso direto, em conjunto, afastam o dizer da função-autor-biográfico de cena para dar espaço a uma outra voz.

Todavia, se, a partir desta observação, voltarmos aos enunciados do grupo anterior, em que não há marcação de voz, podemos nos perguntar: De quem, então, seria aquela voz que predica os biografados como: “incansável defensor da causa abolicionista”, “maior poeta simbolista brasileiro”, “figura mais expressiva”, “entre os melhores autores da negritude” e “perfeita sintonia”? Seria aquela a “voz biográfica” que, ao contrário dessas vozes marcadas como de terceiros, não precisaria de identificação? Uma voz que se faz ouvir sem que seja necessário alguém para falar? Com essas perguntas podemos visualizar um jogo de “apagamento” da responsabilidade pela autoria das biografias.

Essa remissão da voz da função-autor-biográfico a uma terceira voz traduz, inevitavelmente, outros dizeres sobre os biografados que passam, ao ser incluídos nas biografias, a constituir o discurso antológico. Há, nessa incorporação de um dizer terceiro, uma não-suturação, enquanto possibilidade de dispersão, de fuga dos sentidos (ORLANDI, 2001). Ao mesmo tempo em que assinalam a incompletude do dizer, visto que não impõem um sentido único sobre os biografados, as biografias abrem a possibilidade para que esses outros sentidos, não necessariamente previstos pelo discurso biográfico, se instaurem em sua textualização. Consideramos, portanto, esse modo de acréscimo de vozes terceiras ao dizer da função-autor-biográfico, tanto como um reconhecimento do domínio da incompletude constitutiva do discurso biográfico, quanto como indicativo da co-existência de diversos posicionamentos ideológicos que se espriam nas biografias.

O **quinto grupo** de ressonâncias, com semelhanças do grupo anterior, reúne nomes de outras pessoas que aparecem nas biografias. Novamente, o papel exercido por esses nomes é o de legitimar o que a função-autor-biográfico diz sobre os biografados.

O **sexto grupo** de ressonâncias condensa enunciados em que os biografados aparecem associados à instituições. Atenção para o movimento de sentidos entre os enunciados desse grupo. Inicialmente, a biografia de Luiz da Gama sugere que ele teria sido “impedido de fazer o curso jurídico”. Com tal formulação, denunciavam-se as atrocidades cometidas contra os negros no século XIX, tal como a de os proibir de frequentar uma instituição de ensino. As biografias seguintes, como, por exemplo, a de Lino Pinto Guedes, Oswaldo de Camargo, diferentemente, salientam que os escritores teriam sido membros da Sociedade Paulista dos Escritores e da Associação Cultural do Negro. Vimos, nesses casos, que o autor negro passa a ser designado como incluído em uma instituição. Finalmente, na biografia de Abdias do Nascimento, vimos o escritor negro sendo mencionado como o fundador de uma cadeira em uma universidade estadunidense, que, considerando as condições de produção dos sentidos, pode ser entendido como sinônimo de prestígio. Desse movimento discursivo de Luiz da Gama até chegar a Abdias do Nascimento, essas descrições funcionam como uma narrativa da história do escritor negro brasileiro.

O **sétimo grupo** de ressonâncias, ligado ao sexto, reúne enunciados em que as biografias mostram o grau de escolaridade dos autores. Se, como acabamos de ver, as designações de Luiz da Gama sugerem que ele teria sido impedido de se formar em Direito e de se tornar advogado, as dos autores que o sucederam, em termos cronológicos, assinalam que o negro teria se tornado jornalista, advogado, professor, doutor em literatura etc. Há que se lembrar que a designação do grau de escolaridade funciona como um indicativo de reconhecimento social das conquistas alcançadas pelos negros.

No **oitavo, e último, grupo** de ressonâncias, os enunciados sinalizam para o processo de designação que a função-autor-biográfico faz da relação do poeta negro brasileiro com as projeções de transnacionalidade. Isso se dá de duas formas: comparação com poetas negros africanos – Senghor – e caribenhos – Aimé Césaire e N. Gullén – e indicação das atividades dos poetas negros brasileiros como divulgadores da cultura e literatura brasileira no exterior.

A análise das ressonâncias reunidas nesses grupos nos permitem afirmar que as designações do modo descritivo não se limitam a uma “revelação” de informações objetivas sobre os biografados, mas, antes, estabelecem uma determinada leitura que a função-autor-biográfico – uma das vozes do discurso antológico – faz dos mesmos. Assim, a partir da análise dessas ressonâncias, podemos dizer que, nas biografias, é estabelecida uma relação de interlocução entre a voz da função-autor-biográfico, que enaltece os biografados e os possíveis leitores de tais biografias. A descrição, então, na sua enunciação, cumpre três papéis: diz sobre quem diz (função-autor-biográfico), diz sobre aquele que se diz a respeito (biografados) e sobre aquele para quem se diz (leitor).

2.2.3.2. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIÇÃO NARRATIVO

De modo semelhante ao da antologia *A Razão da Chama*, a função-autor-biográfico de *Poesia Negra Brasileira*, em seu processo de designação da vida dos biografados, faz uso de uma quantidade representativamente insignificante de enunciados formulados a partir do modo de enunciação narrativo. Ou seja, o domínio narrativo das biografias, com média de três-quartos de página cada, comparece reduzido a enunciados coordenados tais como: nasceu em X, publicou Y e, para os falecidos, faleceu em Z.

Por conta disso, pensamos que as considerações que fizemos sobre o funcionamento do modo narrativo em *A Razão da Chama* são elucidativas sobre a “minimização” da narrativa da história do negro nessa antologia. Ou seja, como já concluímos naquele caso, o funcionamento do modo de enunciação narrativo é garantido pelo discurso antológico e colocado em funcionamento nas lacunas do dizer entre as biografias. O que se diz em uma biografia e não se diz na outra vai constituindo, no material do silêncio, os sentidos narrativos da história do poeta negro brasileiro.

Ao perceber que as biografias nas duas antologias brasileiras enfatizam marcadamente o modo de enunciação descritivo – em detrimento de um uso mais extenso do modo narrativo – vale indagar se o mesmo acontece nas biografias das antologias estadunidenses. Tal indagação poderá ser respondida a partir dos resultados das análises a serem desenvolvidas no Capítulo seguinte.

CAPÍTULO III: ANTOLOGIAS ESTADUNIDENSES

3.1. *The Norton Anthology of African American Literature*

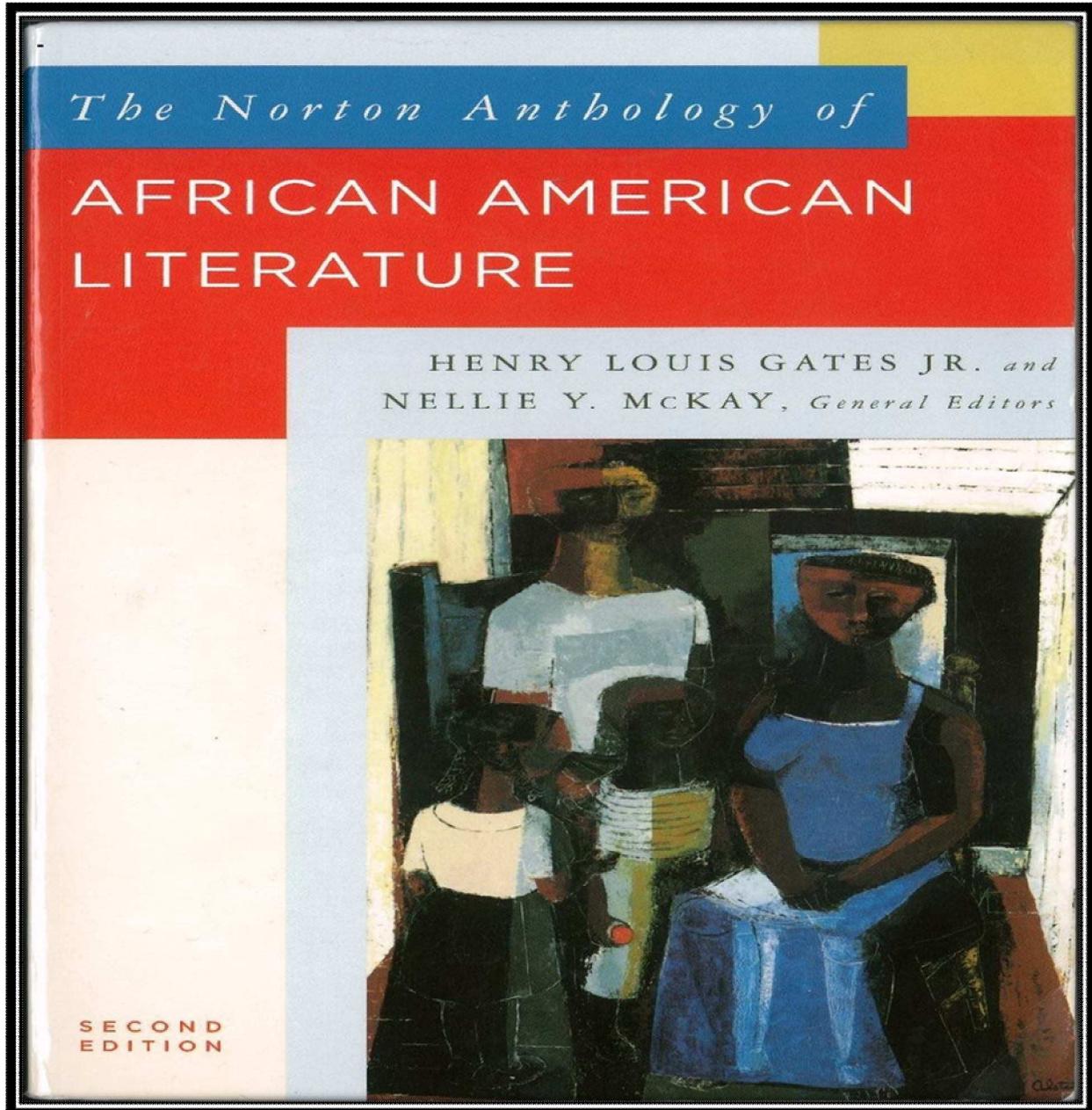


FIGURA 03 – *The Norton Anthology of African American Literature*. GATES Jr., H. L. MCKAY, N. Y. (orgs.), New York, London, ed. W.W. Norton & Company, 1997/2004.
[Capa: Laura Shaw]

3.1.1. DESCRIÇÃO DA ANTOLOGIA

A *Norton* foi publicada em Nova Iorque em 1997, e re-editada em 2003, acrescentando, na segunda edição, oito autores e alterando o total de 119²⁴ para 127 antologizados. Essa é uma extensa antologia com 2.665 páginas, lançada como marco da celebração de dois séculos de redação criativa produzida por negros nos Estados Unidos e, na tentativa de representar essa escrita de forma geral, reúne textos de diversos gêneros – *Spirituals, Blues, Jazz, Rap, Hip Hop, Gospel*, poesia, ficção, contos, autobiografia, dentre outros. A obra é acompanhada de um CD de áudio com textos dos diferentes gêneros lidos e/ou cantados. Além de Henry Louis Gates, Jr. e Nellie Y. McKay, editores gerais, a obra ainda conta com outros nove editores.

3.1.1.1. OBJETIVOS DA ANTOLOGIA

São dois os objetivos expressos pela antologia:

1. Fazer da antologia um lugar de valorização e preservação da memória da literatura negra estadunidense.
2. Fazer da antologia um material voltado para o ensino da literatura negra.

A partir desse segundo objetivo, pretende-se que:

- i. as seleções permitam um estudo dos maiores escritores da tradição literária negra estadunidense;
- ii. a antologia seja completa e suficientemente abundante para dar opções de escolha aos professores;
- iii. as biografias e notas de rodapé libertem os estudantes da necessidade de livros de referência, de forma que a antologia possa ser lida em qualquer lugar;
- iv. cada editor seja permitido manter sua própria e distinta voz; e,
- v. que a antologia seja fácil manuseio para que o aluno possa levá-la para a sala de aula.

²⁴ Embora, no prefácio da primeira edição (p. xxxix), afirma-se que a obra agrupe 120 autores, há, como pudemos conferir, 119. Na segunda, com a inclusão de 8 novos autores, totalizam-se 127 antologizados.

3.1.1.2. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS AUTORES ANTOLOGIZADOS

Segundo os editores, o primeiro critério de seleção foi incluir textos que, desde “*the dozens, signifying, rap poetry, call/response*” até obras recém publicadas, fossem representativos, de acordo com os julgamentos de cada editor, do cânone da literatura negra estadunidense.

O segundo foi a inclusão de autores considerados pioneiros em seus gêneros. Ênfase é dada às obras de Lucy Terry, com o poema *Bars Fight* (1746), que seria a primeira poetisa; Victor Séjour, com a obra *The Mulatto* (1837), que seria o primeiro contista; Harriet E. Wilson, com o livro *Our Nig* (1859), que seria a primeira romancista.

O terceiro foi a seleção de as obras que “revelassem” um “desenvolvimento técnico e retórico” da literatura negra produzida nos Estados Unidos.

O quarto critério foi a inclusão de obras completas consideradas clássicas da literatura negra nos Estados Unidos, tais como: 1. *Narrative of the Life of Frederick Douglass*, de Frederick Douglass; 2. *The Souls of Black Soul*, de W.E.B. DuBois; 3. *Autobiography of an Ex-Colored Man*, de James Weldon Johnson; 4. *Cane*, de Jean Toomer; 5. *Libretto for the Republic Liberia*, de Melvin B. Tolson; 6. *The Man Who Lived Underground*, de Richard Wright; 7. *Maud Martha*, de Gwendolyn Brooks; 8. *A Raisin in the Sun*, de Lorraine Hansberry; 9. *Dutchman*, de Amiri Baraka; 10. *Goin’ a Buffalo: A Tragifantasy*; 11. *Sula*, de Tony Morrison; 12. *A Movie Star Has to Star in Black and White*, de Adrienne Kennedy; e 13. *Fences*, de August Wilson.

O último critério foi o de organização cronológica. Dentro das sete seções, a antologia apresenta os escritores em ordem de nascimento, e seus trabalhos em ordem de publicação.

3.1.1.3. SEÇÕES DA ANTOLOGIA²⁵

A obra é dividida em sete seções: a primeira intitulada, *The Vernacular Tradition*, é organizada por Robert G. O'Meally. Nela, são agrupados desde músicas sacras anônimas do século XVIII, até *jazz*, *blues* e *rap* do século XX. As subseções são formadas de textos representantes dos gêneros: a. *Spirituals*²⁶; b. *Gospel*²⁷; c. *The Blues*²⁸; d. *Secular Rhymes and Songs, Ballads, asnd Worksongs*²⁹; e. *Jazz*³⁰; f. *RAP*³¹; g. *Sermons*³²; e, finalmente, h. *Folktales*³³; a segunda, “*The Literature of Slavery and Freedom: 1746 – 1865*”, organizada por William L. Andrews; a terceira, “*Literature of the Reconstruction to the New Negro Renaissance: 1865-1919*”, organizada por William L. Andrews, Frances Smith Foster e Richard Yarborough; a quarta, “*Harlem Renaissance: 1919-1940*”, organizada por Arnold Rampersad, dedica-se aos autores que “floresceram” no movimento artístico literário desenvolvido em Nova Iorque entre as décadas de 1920 e 1940; a quinta, “*Realism, Naturalism, Modernism: 1940-1960*”, organizada por Deborah E. McDowell e Hortense Spillers; a sexta, “*Black Arts Movement: 1960-1970*”, organizada por Houston A. Baker, Jr; a sétima e última seção, “*Literature since 1970*”, organizada por Barbara T. Christian, reúne obras que testemunharam um “re-aparecimento” da escrita feminina que culminou no recebimento do Prêmio Nobel de Literatura por Toni Morrison.

²⁵ Os nomes dos autores antologizados aparecem em apêndice.

²⁶ Definidos como cantigas religiosas cantadas pelos negros estadunidenses desde os mais remotos dias da escravidão, reunidos pela primeira vez em 1801, pelo líder religioso Richard Allen.

²⁷ A exemplo dos “spiritual”, são classificadas como canções religiosas cantadas pelos negros estadunidenses. O que diferenciaria esses dois gêneros é o fato de o gospel ter emergido nas primeiras décadas do século XX como um estilo de cantar e tocar canções religiosas influenciado pelo Jazz e Blues.

²⁸ Estilo surgido em Nova Orleans, que, diferentemente do gospel, era cantado por apenas uma pessoa e, geralmente, abordava temas voltados para a situação do homem em uma perspectiva não religiosa.

²⁹ Paródias de músicas sacras em que os negros expressavam seus descontentamentos com a existência terrena bem como a limitação do discurso religioso.

³⁰ Estilo de música criado a partir do encontro dos elementos artísticos do *ragtime*, *marching band*, opera e músicas clássicas européias, etc.

³¹ Surgido no contexto urbano negro dos anos 1970 e 80.

³² Sermões usados em igrejas negras.

³³ Textos de tradição oral.

3.1.2. RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS E REPRESENTAÇÕES DO NEGRO ESTADUNIDENSE RECORRENTES EM BIOGRAFIAS DA ANTOLOGIA

Nesta parte do capítulo, primeiramente, analisaremos como o modo de enunciação descritivo é trabalhado pela função-autor-biográfico, e, em seguida, ocupar-nos-emos do modo narrativo.

3.1.2.1. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIÇÃO DESCRITIVO

Podemos adiantar que encontramos as seguintes ressonâncias discursivas no modo enunciativo descritivo da *Norton*: 1. Descrições marcadas como voz do outro; 2. Descrições não-marcadas explicitamente como voz do outro; 3. Modalizações apreciativas atributivas; 4. Modalizações apreciativas superlativas; 5. O grupo dos pioneiros; 6. Modalizações apreciativas comparativas com autores não-negros; 7. Modalizações apreciativas com autores negros; 8. Identificações políticas; 9. Projeção Transnacional. A seguir, desenvolveremos as análises:

FREDERICK DOUGLASS	WEB DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
In his introduction to Frederick Douglass's second autobiography, <i>My Bondage and My Freedom</i> (1855), James McCune Smith, a black physician and abolitionist, hailed Douglass as a "Representative American man – a type of his countrymen." (...)	Du Bois has been called the founder of Black studies in American academic life. (...)	Hughes was almost everywhere recognized, because of his versatility and skill, as the most representative writer in the history of African American literature and also as probably the most original of all black American poets. (...)	A summary of Richard Wright's life is captured in the title of an early critical article on his work: "Juvenile Delinquent Becomes Famous Writer. (...)	"When I was in high school I used to drink a lot of wine, throw bottles around, walk down the street in women's clothes just because I couldn't find anything to satisfy myself". (...)	

Quadro 01: Descrições marcadas como voz do outro

Tais recortes são ilustrativos de que a função-autor-biográfico labora um modo de descrição por meio do qual uma rede de vozes terceiras é colocada em jogo na designação dos biografados. Isso é feito ora pelo uso de aspas, ora pela citação dos nomes dos autores responsáveis por tais dizeres, ora pela indeterminação do sujeito da oração, ora ainda pela indicação do discurso direto. Esse modo de descrição revela uma estratégia de tentativa de legitimação do que será dito sobre os biografados. Ou seja, é evidenciado, a partir da marcação das vozes outras, e conseqüente afastamento da função-autor-biográfico do dizer, que as biografias serão anunciadas a partir de um lugar impessoal, científico e objetivo. É uma voz

terceira que comparece responsabilizada pela designação dos biografados como: “homem representativo – um homem típico dentre seus compatriotas”, “o fundador dos estudos negros nos Estados Unidos”, “escritor versátil e hábil”, “um jovem delinquente que se torna escritor famoso”. No caso da biografia de Amiri Baraka, a responsabilidade de descrevê-lo como “um sujeito que bebia muito vinho, jogava as garrafas para todo lado e saía pelas ruas vestido de mulher não encontrando nada que o satisfizesse” comparece marcada como sendo um relato do próprio biografado. Ou seja, tais recortes fazem ver a presença do outro em um discurso já-dito, reconhecido, demarcado.

Porém, se há, como essas passagens ilustram, essa preocupação da função-autor-biográfico em impessoalizar sua descrição, em mostrar/pontuar que as descrições sobre os biografados são feitas pelas/nas vozes de terceiros, podemos destacar, porém, uma mudança discursiva (deslize discursivo!) quando nos deparamos com uma identificação da função-autor-biográfico com essas vozes terceiras. Na sequência das biografias, podemos uma fusão de vozes terceiras com a voz da função-autor-biográfico.

Vejamos a presença de designações dos biografados utilizadas pela função-autor-biográfico que comparecem sem a marcação de enunciadores terceiros.

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. Du BOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
Premier African American leader and spokesman (...); The most highly regarded African American man of letters (...); The man who became internationally famous as Frederick Douglass (...);	He was the Renaissance man of African American letters during the fifty years on the twentieth century (...); The founder of the black studies in American academic life (...);	Poet laureate of the negro race (...);	First African American to receive both critical and commercial success (...); Awarded Spingarn Medal (...);	Admirer of Malcolm X (...); Reputed as music critic(...)	A writer committed to exploring the lives of black women (...)

Quadro 02: Descrições não-marcadas explicitamente como voz do outro

Essas designações comparecem enunciadas como se fossem um dizer já sedimentado sobre os biografados, um dizer conhecido de todos, uma verdade de todos que acaba sendo voz de ninguém, daí a desnecessidade da função-autor-biográfico marcá-las como voz de um outro.

Tal apropriação dos dizeres de outros pelo dizer da função-autor-biográfico somente se torna possível por conta de um esquecimento discursivo que a habilita a se colocar na origem do dizer. Ou seja, se de início, como mostramos a partir da análise dos excertos do Quadro 1, a voz

da função-narrador-biográfico se ocupa em marcar textualmente a presença das vozes terceiras, assinalando, assim, seu afastamento, quando ela passa a se colocar na origem do dizer, aquelas vozes, anteriormente marcadas, passam a ser constitutivas de sua voz. Identificação e reconhecimento. Quaisquer dizeres outros comparecem como originados na voz da função-autor-biográfico.

Uma análise mais detalhada, todavia, pode revelar que a incorporação do dizer do outro escapa ao controle da função-autor-biográfico, e, por conta disso, deliberadamente ou não, filia seu dizer à determinadas memórias discursivas. Dizemos com isso que as designações, que a princípio possam aparecer no texto sob a insígnia de uma simples exposição pictórica dos biografados, simples descrições, quanto contrapostas aos interdiscursos para os quais apontam, revelam, na verdade, posicionamentos ideológicos assumidos pela função-autor-biográfico. É, então, por conta de um deslize discursivo da apropriação do dizer do outro, que ocorre uma pessoalização das descrições que passam a ser produzidas de forma constitutiva, como mostram os seguintes excertos:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>Recalcitrant black youth;(...)</p> <p>Desperate sixteen-year-old slave; new servant with unusual kindness(...)</p> <p>His natural brilliance, inspiring physique, and rhetorical skills soon; brought him national notoriety; (...)</p>	<p>He was the most multifaceted, prolific, and influential writer that black America has ever produced; (...)</p>	<p>Descendent from a distinguished family; brilliant poet; (...)</p>	<p>American success myth; protest writer par excellence; (...)</p>	<p>He was an uneasy spirit; bohemian; a national sensation; (...)</p>	<p>A writer committed to exploring the lives of black women; a prolific writer and a courageous thinker (...)</p>

Quadro 03: Modalizações apreciativas atributivas

A materialidade linguística dessas construções instaura um efeito de apreciação atributiva da função-autor-biográfico sobre as vidas dos biografados. Há nessas designações, diferentemente das do [Quadro 1], que comparecem marcadas graficamente, formulações discursivas não mais indicativas de uma tentativa de legitimação científica e afastamento do dizer, mas, contrariamente, de um comprometimento da voz da função-autor-biográfico com o que é dito sobre os biografados. Ou seja, designar os autores biografados como: “desobediente”, “possuidor de um brilho natural”, “desesperado”; “multifacetado”, “influyente”, “produtivo”, “brilhante”, “de família distinta”, “mito”, “protestador”, “espírito inquieto”, “boêmio”, “sensação

nacional”, “comprometida” e “pensadora corajosa” comparece como constitutivo da voz da função-autor-biográfico, indo além de uma simples descrição denotativa de características físicas dos biografados ao revelar um gesto interpretativo construído pela função-autor-biográfico. Vale pontuar, como será mostrado nas análises seguintes, que essas modalizações apreciativas predominam nas biografias da antologia *Norton*.

Observemos, a seguir, o funcionamento das modalizações apreciativas superlativas nas biografias:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. Du BOIS	LANGSTON HUGES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>The most electrifying speaker (...);</p> <p>The most highly regarded African American man of letters (...);</p> <p>The most compelling and sophisticated of an African American selfhood (...)</p>	<p>He was <i>the</i> Renaissance man of African American letters during the fifty years on the twentieth century (...);</p> <p>He was <i>the most multifaceted, prolific, and influential</i> writer that black America has ever produced (...);</p> <p><i>The founder</i> of the black studies in American academic life (...);</p>	<p>the most representative writer of all black American poets (...);</p> <p>the most representative writer in the history of African American literature (...);</p> <p>the most original of all black American poets (...);</p> <p>his autobiography <i>The Big Sea</i> (1940), the finest first-person account of the renaissance(...);</p>	<p>the most monumental achievement (...);</p> <p>A major 20th century writer (...);</p> <p>a major literary talent (...)</p>	<p>the American writer of the 1950s and 1960s who most effectively bridged the sometimes precarious territory between (...)</p>	<p>the best known southern African American writer of the second half of his century (...);</p> <p>the major feminist / womanist writer (...)</p>

Quadro 04: Modalizações apreciativas superlativas

Dado o modo de funcionamento linguístico do superlativo em inglês, há que se observar que nessas ressonâncias, as modalizações apreciativas superlativas são trabalhadas por meio de outros recursos linguísticos, quais sejam: utilização do artigo definido “*the*” enfatizado, como visto em:

(...)He was *the* Renaissance man of African American letters during the fifty years on the twentieth century;

(...)The founder of the black studies in American academic life;

e utilização do qualificador “*the major*”, como visto em:

(...) the major feminist / womanist writer;

(...) A major 20th century writer;

(...) a major literary talent

A utilização dos superlativos nas biografias, também, aponta para duas instâncias de comparação. A primeira é aquela, segundo a qual os biografados são descritos dentro de um

agrupamento de escritores estadunidenses negros, ou seja, eles parecem referidos em relação a um grupo específico. Assim temos, por exemplo:

(...) *He was the most multifaceted, prolific, and influential writer that black America has ever produced;*
 (...) *the best known southern African American writer of the second half of his century;*
 (...) *the most representative writer of all black American poets;*
 (...) *The most highly regarded African American man of letters;*

A segunda instância é aquela em que os biografados são designados tendo como referência todos os demais escritores estadunidenses, negros ou não, como podemos ver nos seguintes exemplos:

(...) *Douglass Narrative became an international best-seller;*
 (...) *The most electrifying speaker;*

Vale lembrar que a utilização dos adjetivos superlativos, ao colocar os biografados em uma posição acima dos demais, negros ou não, exime-se da necessidade de citar nomes de autores que seriam tomados como referência para tal comparação. Ou seja, quando nos deparamos com o enunciado de que Alice Walker é “a maior escritora feminista”, há um silenciamento de nomes das outras escritoras que, eventualmente, também, tenham uma escrita feminista. É digno de observação que as modalizações apreciativas com superlativos são recorrentes nas biografias.

Uma outra estratégia utilizada para distinguir os biografados é designá-los como os pioneiros:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. Du BOIS	LANGSTON HUGES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
Selling more than thirty thousand copies in the first five years of its existence, Douglass <i>Narrative</i> became an international best-seller (...)	<i>The Philadelphia Negro (1899)</i> , the first sociological text on an African American community published in the United States (...).	<i>The Big Sea</i> (1940), the finest first-person account of the renaissance (...) his poem <i>The Weary Blues</i> helped to launch his career when it won the first prize in the poetry section on the 1925 literary contest (...)	<i>Native son</i> made him the first African American writer to receive both critical acclaim and commercial success simultaneously (...)		(...) her Pulitzer Prize-winning <i>The Color Purple</i> (1982), the first novel by an African American woman to win this award (...)

Quadro 05: Os pioneiros

Nesse quadro de ressonâncias, os biografados comparecem designados como sendo os pioneiros em determinados gêneros literários. Notemos que a presença do qualificador “*the*

first” “funciona” nas biografias como uma modalização superlativa, pois, comparece como sinonímia de “o mais importante escritor negro”.

Vejamos, a seguir, o modo de enunciação descritivo funcionando a partir da modalização enunciativa comparativa. Nesse processo comparativo, há duas estratégias distintas (Quadros 6 e 7, a seguir). A primeira é comparar os biografados com renomados escritores não-negros, tais como Thoreau, Walt Whitman, Carl Sandburg e John Steinbeck, como podemos ver nos excertos que seguem:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. Du BOIS	LANGSTON HUGES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
After years of obscurity, <i>My Bondage and My Freedom</i> is now being advanced as one of the crucial “I-narratives” of the American 1850’s, comparable in significance to the first-person writings of such renowned figures as <i>Thoreau and Walt Whitman</i> (...)		Although Hughes’s earliest influences as a mature poet came from <i>Walt Whitman and Carl Sandburg</i> (“my guiding star”), Claude McKay stood for him in the early 1920s as the embodiment of the cosmopolitan and yet racially confident and committed black poet Hughes hoped to be (...)	Published by Harper & Brothers, <i>Native Son</i> was a Book-of-the-Month Club selection. It sold two hundred thousand copies inside of three weeks, breaking a twenty-year sales record for Harper’s and beating out <i>John Steinbeck’s</i> Pulitzer Prize – winning novel <i>The Grapes of Wrath</i> as number one best-seller (...)		

Quadro 06: Modalizações apreciativas comparativas com autores não-negros

Não apenas a comparação com autores não-negros é significativa, como o é também a forma gradativa como é feita. Se na biografia de Frederick Douglass as referências a Thoreau e a Walt Whitman são utilizadas como instrumento de comparação da relevância da autobiografia daquele, na biografia de Langston Hughes, diferentemente, os nomes de Walt Whitman e Carl Sandburg são referidos como menos importantes que o de Claude Mackey – escritor negro também publicado na antologia *Norton* – no que se refere à influência que teriam tido sobre Hughes. Tal gradação comparativa pode ser vista como um indicativo de desenvolvimento da literatura negra estadunidense que, com o passar do tempo e, através de sua produção, igualar-se-ia e superaria a produção literária não negra. Um exemplo mais explícito para ilustrar essa afirmação é a biografia de Richard Wright, em que John Steinbeck, escritor não-negro de reconhecimento social, é lembrado por ter tido a venda de seu livro “superada” pela de Wright.

Embora, não haja modalizações enunciativas comparativas a autores não-negros em todas as biografias, diferente é a segunda estratégia, em que todos os biografados são comparados com outros escritores negros (todos presentes na antologia). Como podemos ver no Quadro seguinte:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. Du BOIS	LANGSTON HUGES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
Booker T. Washington; W.E.B. Du Bois; Paul Laurence Dunbar and Ned Douglass (...)	Langston Hughes Countee Cullen Booker T. Washington (...)	Zora Neale Hurston; W.E.B. Du Bois; Claude McKay; James Weldon Johnson (...);	Jean Toomer; Dorothy West; Frederick Douglass; Ralph Ellison; James Baldwin (...);	Malcolm X W.E.B. Du Bois Richard Wright Sterling A. Brown (...)	Zora Neale Hurston ; Richard Wright (...)

Quadro 07: Modalizações apreciativas comparativas com autores negros presentes na antologia

Importa mencionar que não apenas o número de referência a outros autores negros presentes na antologia é maior, dado que por si só já é significativo, pois aponta para a reiteração dos nomes dos autores negros e o fortalecimento do sentido de união da *Norton*, mas também o tom das comparações é outro. Se, como vimos anteriormente, a comparação a autores não-negros realça a diferença entre os autores – e a exibição da superação da qualidade dos autores negros – a comparação entre os próprios autores aponta para um efeito de agrupamento de escritores reconhecidos por suas contribuições valiosas para a “negritude” estadunidense. As referências aqui são feitas para mostrar a influência de um sobre o outro, os pontos em comum em suas escritas e as citações que fizeram entre si.

Todavia, vale destacar que, se a referência a outros autores negros corrobora para a construção de um efeito de sentido de homogeneidade entre os autores presentes na antologia, ha, também, nas biografias, espaço para a textualização das idiossincrasias entre tais autores, como observaremos a seguir.

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>His loyalty to the Republican Party, whose candidates he supported, won Douglass appointment to the highest political offices that any man from the North had ever won: federal marshal and recorder of deeds for the District of Columbia, president of the Freeman's Bureau Bank, consult to Haiti, and change d'affaires for the Dominican Republic (...)</p> <p>The income he earned from these political jobs allowed Douglass and his family to live in comfort in Washington, D. C., during the last two decades of his life (...)</p> <p>"life of victory, if not complete, at least assured" (...)</p> <p>"Representative American Man" (...)</p>	<p>A radical Democrat (...)</p> <p>The blend of socialist propaganda (...);</p> <p>He was a Marxist(...);</p> <p>Du Bois's writing later in the 1940's affirmed his growing affinities to Marxism (...)</p> <p>Du Bois's left wing politics had more than a little to do with his forced retirement from Atlanta University in 1944 and his firing in 1948 by the NAACP from his position as director of special research. (...)</p> <p>In 1951 the U.S. government indicated Du Bois and his colleagues in the New York-based Peace Information Center, an organization that promoted the banning of atomic weapons, as subversive agents of a foreign power (...)</p> <p>In 1963 Du Bois renounced his American citizenship and became a citizen of Ghana, where he had moved died. (...)</p> <p>Despite a paltry salary, no assistance and lack of even an office, DuBois did his work in exemplary fashion producing <i>The Philadelphia Negro (1899)</i> (...)</p>	<p>in 1931 Hughes used money from a prize to spend several weeks recovering in Haiti. When he returned to the United States, he made a sharp turn toward the political left (...)</p> <p>He published verse and essays in <i>New Masses</i>, a journal controlled by the Communist Party (...);</p> <p>In 1932, at the end of the tour, he boarded a ship in New York and sailed for the Soviet Union with a band of young African Americans invited to take part in a film about American race relations (...);</p> <p>In 1947, as lyricist for the Broadway musical <i>Street Scene</i>, with music by Kurt Weil, Hughes earned enough money to purchase a house in his beloved Harlem, where he lived for the rest of his life (...).</p>	<p>Wright turned to Communism and began to find a literary voice and ideological affinity in the leftist political ferment of the 30's (...);</p> <p>Wright urged black writers to embrace a Marxist conception of reality and society;</p> <p>Wright moved to Paris, where he remained until his death in 1960. (...)</p> <p>Writing in the militant spirit of Frederick Douglass's 1845 <i>Narrative</i>, Wright fashioned a myth of self that conformed to the stock pattern of the American myth of the "self-made-man", of which Benjamin Franklin's <i>Autobiography</i> and Douglass's <i>Narrative</i> are prototypical examples (...).</p> <p>Despite this prodigious output during the 1950s critics generally agree that Wright's career as a serious literary artist ended in 1946, when he left the United States. They argue that while France liberated Wright as a person, it shackled his creative expression (...),</p>	<p>During his stay in Cuba, he encountered third world political artists and intellectuals who challenged the status of his art and his political convictions (...).</p> <p>Furthermore, they questioned his allegiance to America and tabbed him a "cowardly bourgeois individualist" (...).</p>	

Quadro 08: Identificações políticas

Há, nesse grupo de ressonâncias, as designações de posicionamentos não-conciliáveis cuja textualização indicaria tanto a heterogeneidade das identificações políticas dos autores, quanto a tomada de posição da função-autor-biográfico em relação a essas filiações. Contrastemos os modos como essas identificações comparecem designadas nas biografias.

Por um lado, Frederick Douglas seria um “republicano *fiel*”, W.E.B Du Bois, por outro, seria um “democrata *radical*”, “um *marxista*”; por um lado “o dinheiro ganho por Douglass com seus trabalhos políticos garantiria a ele e a sua família uma vida de conforto durante suas últimas décadas de existência”; por outro “a política de esquerda de DuBois estaria relacionada com sua aposentadoria forçada da Universidade de Atlanta em 1944 e sua demissão em 1948 da posição de diretor de pesquisa especial da NAACP”; por um lado “Douglass teria ocupado cargos políticos de confiança”, por outro “Du Bois em 1951 teria sido acusado de ser um agente subversivo de poderes estrangeiros”. Essas designações, ao contrário de revelar simplesmente percursos diferentes nas vidas dos biografados, dizem respeito, como facilmente percebido, ao processo de seleção e organização das “informações” da função-autor-biográfico. As conclusões dessas duas biografias, sintomaticamente, apontam para o fato de que, de um lado, Douglass teria “uma vida de vitórias, senão completa, ao menos garantida” e W.E.B Du Bois, de outro, teria “renunciado à cidadania estadunidense e se tornado um cidadão de Ghana”.

A partir do modo como as posições políticas desses biografados são designadas e relacionadas ao desfecho de suas vidas, podemos formular hipóteses sobre as filiações político-ideológicas da função-autor-biográfico. Não estamos, com isso, dizendo que as designações são falsas/enganosas, mas, assinalando a presença do interdiscurso que atravessa a voz da função-autor-biográfico e baliza, de forma ideologicamente comprometida, sua organização discursiva-textual. A textualização das outras biografias reforça essa hipótese.

Richard Wright é comparado com Frederick Douglass, sendo designado como “tendo construído um eu mítico que se enquadraria no perfil do mito estadunidense de ‘self-made-man’ instaurado por Frederick Douglass”, porém, ao seguirmos o fio discursivo da voz da função-autor-biográfico, vemos que, a exemplo de W.E.B. Du Bois, Richard Wright é designado como “comunista, de afinidade ideológica com a política de esquerda da década de trinta” e “marxista”. Qual seria então o desfecho da vida de Wright textualizado pela função-autor-biográfico? É assinalado que o autor “muda-se para Paris, onde vive até sua morte em 1960”.

A balização da biografia de Richard Wright, inicialmente, com a de Frederick Douglass, a partir do qual o primeiro é igualado ao segundo, pertencendo, portanto, à classe dos *self-made-men*, e em seguida com a de W.E.B. Du Bois, quando Wright passa a ser designado como “comunista”, “de esquerda” e “marxista”, justaposta, textualmente, ao fato de que, de um lado Frederick Douglass tenha morrido no conforto, de outro Richard Wright e W.E.B. Du Bois

tenham deixado os Estados Unidos e morrido no exterior, longe da terra natal – pode ser lida como indicativa do gesto de interpretação da função-autor-biográfico que resulta em uma representação discursiva: *comunistas, marxistas e esquerdistas (infiéis) morrem esquecidos e desamparados dos braços da pátria estadunidense, enquanto aos “republicanos fieis”, garante-se uma vida de conforto.*

Passemos para as biografias de Amiri Baraka e Langston Hughes. Na primeira, é afirmado que, por conta de seu poema *January 1 1959: Fidel Castro*, o poeta teria sido convidado a visitar Cuba, o que teria feito em 1960. Porém, como mostra o Quadro 10, “durante sua estada em Cuba, ele teria encontrado artistas políticos do terceiro mundo que teriam desafiado o estatus de sua arte e suas convicções políticas” e, além disso, “teriam posto em xeque sua fidelidade à America e o rotulado de ‘covarde burguês individualista’”. Observemos que a referência a Cuba traz à tona uma memória explícita – terceiro mundo³⁴ – e uma memória implícita – Cuba = Comunismo + Socialismo + Esquerda. Essas duas memórias compareceriam associadas a um desafio “rançoso” do estatus de sua arte e a um “desacato” sofrido pelo artista. Qual seria a resposta de Amiri Baraka a tal insulto? A função-autor-biográfico textualiza que:

“In ‘Cuba Libre’ (1961), Baraka responded to such criticism: “Look, why jump upon me?... I’m in complete agreement with you. I’m a poet... what can I do? I write, that’s all, I’m not even interested in politics”” (NORTON, p. 1878)

A biografia de Langston Hughes não o designa diretamente como um comunista, socialista, marxista, como o faz com W.E.B. Du Bois e Richard Wright. Porém, ressalta que o autor teria “sofrido” influências de esquerda. Usamos o termo “sofrido” em destaque justamente para seguir a argumentação da voz da função-autor-biográfico. Vejamos que “em 1931, Hughes teria usado o dinheiro ganho em um prêmio para passar algumas semanas no Haiti. Quando retornou aos Estados Unidos, teria se envolvido com a política de esquerda”. A partir dessa influência “sofrida” no Haiti, segue-se que o biografado teria “publicado versos e ensaios na *New Masses*, controlado pelo Partido Comunista” e “feito uma viagem à União Soviética para participar de um filme sobre as relações raciais nos Estados Unidos”.

Porém, diferentemente de W.E.B. Du Bois e Richard Wright, que não teriam voltado aos Estados Unidos, Langston Hughes volta e “em 1947, ao compor para o musical *Street Scene* da

³⁴ Embora lá na minha quarta série eu tenha aprendido que Cuba fosse “segundo mundo”.

Broadway, teria ganho dinheiro suficiente para comprar uma casa em seu amado Harlem, onde teria vivido até o fim de sua vida”.

A partir dessas análises seria possível afirmar que a função-autor-biográfico opera uma organização de sentidos a partir de uma posição discursiva comprometida com uma certa ideologia nacionalista/capitalista estadunidense.

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>president of the Freeman’s Bureau Bank, consult to Haiti, and change d’affaires for the Dominican Republic (...)</p>	<p>In 1963 Du Bois renounced his American citizenship and became a citizen of Ghana, where he had moved died. (...)</p> <p>His admiration of the Soviet Union (...)</p>	<p>in 1931 Hughes used money from a prize to spend several weeks recovering in Haiti. When he returned to the United States, he made a sharp turn toward the political left, (...)</p> <p>In 1932, at the end of the tour, he boarded a ship in New York and sailed for the Soviet Union with a band of young African Americans invited to take part in a film about American race relations; (...)</p>	<p>(Wright moved to Paris, where he remained until his death in 1960. (...)</p> <p>Despite this prodigious output during the 1950s critics generally agree that Wright’s career as a serious literary artist ended in 1946, when he left the United States. They argue that while France liberated Wright as a person, it shackled his creative expression (...)</p>	<p>During his stay in Cuba, he encountered third world political artists and intellectuals who challenged the status of his art and his political convictions (...).</p> <p>Furthermore, they questioned his allegiance to America and tabbed him a “cowardly bourgeois individualist”. (...)</p>	<p>Harlem</p>

Quadro 09: Projeção transnacional

A alusão às várias nacionalidades provocaria, inicialmente, no discurso biográfico, um efeito de consideração de espacialidades distintas, com suas idiossincrasias e conflitos. Entretanto, ao observarmos o modo como essas nacionalidades estão designadas, podemos assinalar, na verdade, um efeito homogeneizante que faz com que tudo o que esteja fora dos Estados Unidos pareceria como sendo seu contrário e como “ameaça” à integridade de seu projeto nacionalista. Embora os autores biografados possam ter vivido experiências com outras formas de discursivizar os sentidos de nacionalismo, os modos de textualização das biografias apontariam para uma homogeneização dessas experiências, designando-as como negativas³⁵.

³⁵ Sobre a projeção transnacionalista desenvolveremos mais análises no capítulo IV.

3.1.2.2. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIÇÃO NARRATIVO

Nas análises a seguir, atentaremos para ressonâncias discursivas que constituem as biografias a partir da enunciação narrativa. Para tanto, focar-nos-emos na relação do tempo de enunciação da função-autor-biográfico com os diferentes tempos da narrativização biográfica. Expliquemo-nos recorrendo à obra de Genette quando de sua citação de Christian Metz que teria afirmado que:

“Narrative is a doubly temporal sequence. There is the time of the thing told and the time of the narrative (the time of the signified and the time of the signifier). This duality invites us to consider that one of the functions of narrative is to invent one time scheme in terms of another time scheme” (Christian Metz, *Apud* Genette, 1972, p.33).

Para empreender a análise dessa relação, dividimos nossos recortes em dois grupos. No primeiro, analisaremos formas de designação dos tempos referentes a: i. Tempo da atualidade enunciativa (inicial); ii. Ancestralidade; iii. Infância/juventude; iv. *Turning points* biográficos e v. Vida adulta/morte do biografado. No segundo, continuando com a enumeração, analisaremos as marcas de: vi. Recorte anual do tempo; vii Tempo da atualidade enunciativa (final); viii. recorte histórico do tempo e ix. Presença de marcadores argumentativos.

i. Tempo da Atualidade Enunciativa

Iniciemos nossa análise a partir do seguinte quadro:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
In his introduction to Frederick Douglass's second autobiography, James McCune Smith, a black physician and abolitionist, hailed Douglass as a "Representative American man – a type of his countrymen." To Smith Douglass's record of "self-elevation" from the lowest to the highest condition in society marked him as a "noble example" for all American to emulate	Du Bois has been called , with justification, the founder of Black studies in American academic life	Langston Hughes enjoys a special relationship to the Harlem Renaissance for two reasons above all	A summary of Richard Wright's life is captured in the title of an early critical article on his work: "Juvenile Delinquent Becomes Famous Writer	Without doubt, Baraka has been influential in the development of contemporary black letters, succeeding and building upon the work of such major figures and W. E. B. Du Bois and Richard Wright	Alice Walker is the best known southern African American writer of the second half of this century, perhaps because of the controversy generated by her Pulitzer Prize-winning <i>The Color Purple</i> (1982), the first novel by an African American woman to win this award

Quadro 10: Momento 1: Tempo da atualidade enunciativa

Neste quadro de ressonâncias, trazemos os trechos iniciais das biografias. Neles o dizer da função-autor-biográfico está situado no presente. Esse tempo de enunciação da função-autor-biográfico é, logicamente, diferente daquele vivido pelos biografados, sendo, então, posterior ao momento de suas vidas. Vemos assim uma enunciação que, vinculada ao momento presente, sinaliza a importância dos biografados e designa suas influências para a literatura negra estadunidense contemporânea.

Todavia essa localização temporal do dizer *sobre/a* a vida dos biografados não é estática. A função-autor-biográfico deslocar-se-á em direção a diferentes momentos. Vejamos o seguinte quadro.

ii. Ancestralidade

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>The son of Harriet Bailey, a slave, and an unknown white man (...);</p> <p>His mother died when he was about seven years old (...);</p>	<p>His mother, Mary Burghardt Du Bois, and her extended family (which could trace its ancestry back to the earliest settlers of the valley where Du Bois grew up), protected and encouraged William after his father, Alfred Du Bois, deserted his family when his son was still an infant. (...);</p>	<p>Hughes was descended from a distinguished family. Langston's maternal grandfather, had been prominent in Kansas politics during and his brother, John Mercer Langston, had been one of the most famous black Americans of the nineteenth century, a congressman from Virginia and the founding dean of the law school of Howard University (...);</p> <p>His father emigrated to Mexico, where he was successful in business. In contrast, Langston grew up lonely and near poverty in Lawrence, Kansas. (...);</p> <p>Carrie Langston Hughes, and his father, James N. Hughes</p>	<p>Shuttled from relative to relative, after his mother's partial paralysis force her to place him in an orphanage (...);</p> <p>Wright's early life gave him bitter preparation for the intellectual outlook and the acute social and political consciousness of his writing (...);</p>	<p>Born LeRoi Jones in Newark, New Jersey, to middle-class parents who would gladly have seen him become a doctor or lawyer, Baraka did extremely well in his studies and graduated at the age of 15. (...);</p>	<p>From her mother artistry, she learned (...);</p> <p>Her mother, who worked as a domestic and made everything Alice and her seven siblings used, was known for her incredible gardens she grew, gardens her literary daughter commemorated in the classic essay <i>In Search of Our Mother's Garden: The Legacy of Southern Black Women</i> (1974) (...);</p>

Quadro 11: Momento 2: Tempo da ancestralidade

Nas ressonâncias desse Quadro, a função-autor-biográfico instaura um efeito de retrocesso temporal e passa a enunciar a partir de um tempo pré-nascimento dos biografados e, ao fazê-lo, produz uma textualização das origens dos biografados indicativa de uma preocupação em demarcar a linha genealógica dos biografados.

Que essa seja uma característica do gênero biográfico e que, na maioria das vezes, é utilizada de maneira automática nas biografias, já foi significativamente debatido por diversos autores (cf. DENZIN, 1989; SCHMIDT, 2000 e VILAS BOAS, 2008). Porém, vale atentar para a especificidade dessa característica nas biografias presentes na antologia *Norton*.

Atentemos para os sentidos produzidos a partir do deslocamento da voz da função-autor-biográfico em direção a um momento anterior ao do nascimento dos biografados.

Nas biografias de W.E.B. DuBois, Langston Hughes, Amiri Baraka e Alice Walker, a ancestralidade comparece textualizada como um traço distintivo das origens e como responsabilizado por influências nas vidas dos biografados. Na primeira biografia, a função-autor-biográfico destaca que W.E.B. Du Bois seria descendente dos primeiros moradores do vale onde nascera; na segunda, Langston Hughes seria descendente de uma família distinta; na terceira, Amiri Baraka seria filho da confortável classe média; na última, Alice Walker seria filha de empregada doméstica, porém, “possuidora de dons artísticos” que teriam sido passados como herança para a escritora.

A partir de tal textualização, o sucesso desses biografados passa a ser assinalado como tendo origem genética, uma vez que as características e atitudes dos autores estariam vinculadas à ancestralidade. Ou seja, as afirmações de que os biografados seriam pertencentes à linhas genealógicas distintas conduzem ao efeito de sentido de que seja “óbvio” pensar que as qualidades que dão notabilidade social aos biografados sejam heranças recebidas de seus antepassados. Há, podemos dizer, uma “busca citológica” da função-autor-biográfico por “cromossomos” responsáveis pelos feitos dos biografados. Assim, neste discurso circular *post hoc propter hoc*, os antecedentes dos biografados seriam importantes porque teriam influenciado os biografados, e os biografados, por sua vez, seriam importantes porque seus antecedentes também teriam sido.

Outro sentido predominante na enunciação narrativa da função-autor-biográfico quando dessa volta ao tempo é a uma centralização no papel das mães³⁶. A figura materna comparece responsabilizada pela criação, fortalecimento e cuidado dos biografados. Frederick Douglass é filho de Harriet Bailey, uma escrava, e um homem branco desconhecido; W.E.B. DuBois é filho de Mary Burghardt Du Bois e Alfred DuBois, sendo que este último o teria abandonado ainda na infância; Langston Hughes é filho de Carrie Langston Hughes e James N. Hughes, sendo que o pai teria migrado para o México e se tornado um bem sucedido homem de negócios, enquanto, Langston Hughes, em oposição ao seu pai, teria crescido na solidão e perto da pobreza. Finalmente, enquanto sabemos que mãe de Alice Walker a teria influenciado artisticamente, do pai nada se diz³⁷. Nesse escrutínio genealógico, o papel do pai é secundarizado.

³⁶ Para observar que essa não é uma característica restrita às biografias de autores negros, mas se aplica no discurso biográfico em geral, vale citar James Hillman (*Apud*. VILAS BOAS, 2008, p. 49) quando este afirma que: “nossas biografias e o histórico de nossos casos começam com nossos pais e o lugar em que nascemos. Às vezes remontam a quatro avós; nos melhores casos, até a oito avós. A maioria tem uma genealogia que termina em mamãe e papai, alguns em mamãe mesmo – já que papai está sempre ausente”, e “falácia parental é a fantasia da influência dos pais sobre a infância, algo que nos segue a vida afora muito depois de nossos próprios pais se tornarem apenas fotos esmaecidas, portanto muito do poder que eles têm vem da idéia desse poder” .

³⁷ Para um aprofundamento da compreensão da textualização da figura da mãe como elemento de construção da história e cultura negras, conferir site <http://www.panafricanwisdom.com/Magazines/Who%20is%20Mother%20Africa.pdf> – acessado em 10/11/2009, em que se afirma que “*Mother Africa is known by several names including Naa Jaku, Naa Yoomo, Asaase Yaa, the Human Spirit, and the Mother of the Human Race. Her names as the Mother of the Human race and the Human Spirit point to the fact that there is only one true race - the Human Race - and only one true nation - the nation of Human Beings. The two names also emphasize the undeniable fact that human life originated from Africa even as science has also confirmed. The origin of the word “Europe” shows that Europeans are essentially descendants of Mother Africa. The word Europe etymologically derives from the name of an African princess called Europa who visited the descendants of Mother Africa that migrated to and were living on that continent*”, ou, em português, conferir, dentre outras possibilidades: SANTOS, D. A. (2007). Representações da Mãe-África na Literatura Angolana. **Revista Trama**. Vol. 3, n. 6, 2007, pp. 27 – 42.

iii. Infância/Juventude

O próximo deslocamento temporal da função-autor-biográfico será em direção ao tempo de infância/juventude dos biografados. Vejamos o seguinte recorte:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>his mother died when he was about seven years old (...)</p> <p>Before he was old enough to do fieldwork, Frederick was selected to go to Baltimore in 1826 (...)</p> <p>In 1833 a quarrel between Hugh Auld and his brother Thomas, Frederick's legal owner, resulted in Frederick's return to his boyhood home in St. Michaels, Maryland (...)</p>	<p>From his childhood and Great in Barrington, Massachusetts, he had cherished a fondness for books and a desire for intellectual distinction (...)</p> <p>Du Bois graduated with honors from the local high school in 1884 (...)</p>	<p>Langston grew up lonely and neat poverty in Lawrence, Kansas (...)</p>	<p>Wright lived a time with his grandmother and aunt, whose religious fanaticism stunted Wright's education but not his passion for encyclopedic reading. Working in Memphis as an errand boy, Wright fed his obsession, subverting Jim Crow laws by forcing the now famous note to the public librarian: "Dear Madam: Will you please let this nigger boy have some books by H. L. Mencken?" (...)</p>	<p>Baraka did extremely well in his studies and graduated at the age of 15. During his teenage years, he was an uneasy spirit (...)</p>	<p>When Walker was eight, one of her brothers "accidentally" shot her with a gun he'd received for Christmas, resulting in the loss of one eye (...)</p> <p>Walker left Eatonton in 1961 to go to college, first at Spelman, a black women's college in Atlanta, then two years later at Sarah Lawrence, in the suburb of New York City (...)</p>

Quadro 12: Momento 3: Tempo da infância/juventude

Nas ressonâncias desse grupo, a função-autor-biográfico enuncia a partir do tempo da infância/juventude dos biografados. Diferentemente da textualização do tempo anterior ao nascimento dos biografados – em que vimos a exaltação das qualidades de seus pais – esse tempo de infância/ juventude, com exceção de W.E.B. DuBois, é textualizado como uma época de dificuldades, um tempo de preparação e fortalecimento dos biografados para a vida adulta. É, então, um tempo de destaque das adversidades. Frederick Douglass sofre com o capataz responsável pelo controle dos escravos; Langston Hughes, com a solidão e pobreza; Richard Wright, com a vida no orfanato; Amiri Baraka, por conta de seu espírito inquieto e Alice Walker, com a violência e o machismo dentro de sua própria casa.

iv. *Turning Points* Biográficos

O próximo ponto de marcação temporal da narrativa é ordem do *turning-point* biográfico, conceito utilizado nas biografias e proposto como categoria de análise da biografia por Denzin (1989). Vejamos as ressonâncias:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>After six months of unrelenting labor, merciless whippings, and repeated humiliation, the desperate sixteen-year-old slave fought back, resisting one of Covey's attempt beatings and intimidating his tormentor sufficiently to prevent future attacks. Douglass's dramatic account of his struggle with Covey would become the heroic turning point of his future autobiographies and one of the most celebrated scenes in all of antebellum African American literature. (...)</p> <p>Frederick Bailey took a northbound train out of Baltimore on September 3, 1838, and arrived in New York City the next day. Before a month had passed he and Anna were reunited, married, and living in New Bedford, Massachusetts, as Mr. and Mrs. Frederick Douglass, the new last name recommended by a friend in New Bedford's thriving black community.</p>		<p>In 1927, his life took an extraordinary turn when he met Charlotte Osgood Mason, a wealthy, white patron of arts then in her seventies; (...)</p>	<p>"Juvenile Delinquent Becomes Famous Writer" (...)</p>	<p>In <i>The Autobiography of Le Roi Jones</i> (1984), he commented about the experience "Cuba spit on me", and went on to add that trip was "a turning point in my life" (...)</p> <p>During these transitional years, Baraka changed his name from LeRoi Jones to Amiri Baraka. (...)</p>	<p>When Walker was eight, one of her brothers "accidentally" shot her with a gun he'd received for Christmas, resulting in the loss of one eye. Not only this experience make Alice feel an outcast, but also it caused her to begin to notice relationship and to start recording her observations and feelings in a notebook. (...)</p> <p>While at Sarah Lawrence, she became pregnant, at a time when abortion was illegal. Decided to commit suicide because of the shame her family would feel and because of the powerless she felt, especially in relation to her own body, Walker instead began writing, and soon published her first book, <i>One</i>. (...)</p>

Quadro 13: Momento 4: Tempo dos turning points

Diferentemente dos demais momentos de análise, iniciamos pela ausência. Como podemos ver, a biografia de W.E.B DuBois é a única em que não há um ponto narrativo voltado para o desequilíbrio, ou *turning point*. Se tomarmos a biografia de W.E.B. DuBois por inteira (cf. anexo), poderemos ver, entretanto, que vários são os momentos importantes em sua carreira que poderiam ser textualizados como modificadores do percurso de sua vida. Porém, em contraste com o procedimento adotado nas demais biografias, a função-autor-biográfico não textualiza essa biografia como sendo marcada por aventuras, acontecimentos inesperados, ou epifanias. Longe disso, esta é uma biografia marcada pela concatenação unidirecional da citação das publicações de livros, experiências acadêmicas, participações em congressos, e sucesso

intelectual. Ou seja, a forma de textualização dessa biografia sinaliza, talvez, para o sentido de que uma carreira intelectual-acadêmica planejada não deixaria espaço para a aventura, pois, em termos de vida acadêmica, ela poderia significar sinonimicamente falta de responsabilidade, incoerência teórica, falta de proposta intelectual, etc.

Vale observar, todavia, que esse sucesso intelectual, embora tenha sua importância reconhecida pela função-autor-biográfico, não significa que W.E.B. duBois seja considerado como modelo a ser seguido. Aliás, esse sucesso, em várias passagens da biografia, dá lugar ao sentido de fracasso, como vimos anteriormente. Isso pode ser pensado como um reflexo do anti-intelectualismo presente na memória discursiva estadunidense.

O mesmo não acontece, porém, na narrativização das demais biografias. Frederick Douglass comparece como um herói que, ainda na juventude, enfrenta um dos capatazes que o maltratava e, a partir de tal enfrentamento, redireciona o percurso de sua vida. Outro ponto válido de ser notado é a mudança de nome de Frederick Bailey para Frederick Douglass quando de seu casamento.

Sobre a vida de Langston Hughes, a função-autor-biográfico assinala que a mudança dos rumos de sua vida tenha se dado *a partir do* encontro com uma senhora branca rica incentivadora das artes.

A biografia de Richard Wright comparece narrada como tendo sido toda ela um grande *turning point*.

Sobre Amiri Baraka, a função-autor-narrador refere-se à viagem a Cuba como o *turning point*. Nessa biografia, um aspecto a ser notado é que da mesma forma a função-autor-biográfico aponta para a re-nomeação de Frederick Douglass – que antes do casamento se chamava Frederick Bailey, também aponta para a alteração do nome LeRoi Jones para Amiri Baraka. Essa prática de mudança de nome, indicativa de uma reinvenção de si, de um “rito de passagem”, é textualizada como uma forma de *turning point* característico da biografia de inúmeros escritores negros estadunidenses presente nessa antologia³⁸.

Os *turning points* na vida de Alice Walker comparecem textualizados em relação a seu corpo. O primeiro acontecimento teria sido um tiro dado pelo irmão que a teria deixado cega, e fazendo-a “enxergar” o mundo diferentemente. O segundo seria uma gravidez inesperada em

³⁸ Vale apontar que as biografias de Sojourner Truth e Malcolm X, dentre outras, também apontam para essa prática de renomeação.

“uma época em que o aborto era ilegal” que teria feito a escritora, primeiramente, pensar em suicídio, mas, em seguida, optar pelo ingresso no mundo das letras. Atentemos para a marcação do lugar de dizer ocupado pela função-autor-biográfico.

No primeiro *turning-point* há uma indicação, marcada pelo uso de aspas no termo “*accidentally*”, que assinala uma intencionalidade do irmão em ferir Alice Walker. Mesmo que nenhum outro detalhe seja dado sobre possíveis desentendimentos entre ambos, esta forma de narrar esse *turning point* já assim o significa.

No segundo, embora a função-autor-biográfico não afirme que a biografada tenha praticado aborto, o fato de dizer que ela tenha ficado grávida “em uma época em que o aborto era ilegal” já é indicativo de tal prática/opção. A confirmação desse aborto é dada justamente pelo silenciamento. Vejamos que mais adiante é afirmado que ela teria se casado com um advogado e tido uma filha chamada Rebecca.

A presença desses *turning points* na vida dos biografados faz funcionar o sentido de que suas histórias de vida sejam testemunhas da possibilidade do deslocamento da ordem pré-estabelecida socialmente que seria desfavorável ao negro.

Todavia, há que se pontuar que, ao contrastarmos os efeitos de sentidos produzidos por esse princípio dos *turning points* com os efeitos de sentido produzidos pelo princípio da ancestralidade, apontados anteriormente, vemos instaurado um “jogo de contradição”. Ou seja, se inicialmente a função-autor-biográfico apresenta serem os biografados herdeiros das qualidades paternas, ou melhor, maternas, com a instauração dos sentidos dos *turning points*, a função-autor-biográfico argumenta que o percurso dos biografados seria em direção inversa à que lhes foi herdada dos pais. Assim, uma vez que os biografados comparecem designados como herdeiros de qualidades hereditárias, a presença de um *turning point* significaria que eles não dariam continuidade ao percurso iniciado pelos pais.

Porém, essa contradição, longe de instaurar um *non-sense* argumentativo, é administrada pela função-autor-biográfico de forma a fazer com que tanto a herança familiar das qualidades quanto os *turning points* – que em princípio seriam contraditórios – indiquem para uma mesma direção – qual seja, a do resultado vitorioso na vida dos biografados (cf. representações gráficas adiante).

v. Vida Adulta/Morte

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>In 1845 he published Narrative of the Life of Frederick Douglass (...);</p> <p>He came back to US in the spring of 1847 (...);</p> <p>second autobiography, <i>My Bondage and My Freedom</i> (1855) (...)</p> <p>Douglass kept his newspaper from 1847 to 1863 (...);</p> <p>His final memoir, <i>Life and Times of Frederick Douglass</i>, first in 1881 and expanded in 1892 (...)</p> <p>Douglass died of a heart attack on February 20, 1895 (...);</p>	<p>Du Bois graduated with honors from the local high school in 1884 (...);</p> <p>In 1885 the “quite thoroughly New England” youth went to Fisk University in Nashville (...);</p> <p>In 1895 Du Bois earned his doctored in history from Harvard; his dissertation, <i>The Suppression of the African Slave-Trade to the United States</i>, was published in 1896 (...);</p> <p><i>The Philadelphia Negro</i> (1899) (...);</p> <p>In 1903 <i>The Souls of Black Folk</i>. (...);</p> <p>In 1915 he published <i>The Negro</i> (...);</p> <p>In 1940 Du Bois published his first full-length autobiography <i>Dusk of Dawn</i>;</p> <p>In 1963 Du Bois renounced his American citizenship and became a citizen of Ghana, where he had moved in 1961 (...);</p> <p>He died planning his Encyclopaedia Africana.</p>	<p>In September 1921, he arrived in New York (...);</p> <p>By 1924, his poetry showed the powerful influence of the blues and jazz (...);</p> <p>published the <i>The Weary Blues</i>, his first collection of verse, in 1926 (...);</p> <p><i>Fine Clothes of the Jew</i> (1927)</p> <p>The year before, 1926, he had published in the <i>Nation</i> (...);</p> <p>his 1930 novel <i>Not without Laughter</i> (...);</p> <p>in the 1930s Hughes’s main concern was probably the theater. His drama of miscegenation and the South, <i>Mulatto</i> (1935) (...);</p> <p>In 1947, as lyricist for the Broadway musical <i>Street Scene</i>, (...);</p> <p><i>Montage of a Dream Deferred</i> (1951) (...);</p>	<p>In 1927 Wright migrated to Chicago (...);</p> <p>In 1936 he served as a literary adviser and press agent for the Negro Federal Theatre of Chicago (...);</p> <p><i>New Challenge</i> (1937) (...);</p> <p><i>Uncle Tom’s Children</i> (1938) (...);</p> <p>in 1942, was awarded the NAACP’s Spingarn Medal (...);</p> <p><i>Native Son</i> (1941) (...);</p> <p><i>Black Boy</i>, published in 1945 (...);</p> <p><i>The Outsider</i> (1953) (...);</p> <p>Wright traveled throughout Europe and Africa in the 1950s (...);</p> <p><i>Savage Holiday</i> (1954) and <i>The Long Dream</i> (1958) (...);</p> <p>Following the publication of <i>Black Boy</i>, Wright moved to Paris, where he remained until his death in 1960 (...);</p>	<p>In 1952, Baraka enrolled at Howard University in Washington D.C (...);</p> <p>By the late 1950s and early 1960s, Baraka’s reputation had grown to that extent that he gained the moniker “King of the Village” (...);</p> <p>In <i>The Autobiography of Le Roi Jones</i> (1984) (...);</p> <p>In 1966 Baraka moved to Newark (...);</p> <p><i>Tales</i>, a collection of impressionistic and sometimes surreal short fiction, appeared in 1967(...);</p> <p><i>Black Fire: An Anthology of African-American Writing</i> (1968) (...);</p>	<p>Pulitzer Prize-winning <i>The Color Purple</i> (1982) (...);</p> <p>publication of <i>Once: Poems</i> (1968) (...);</p> <p><i>The Third Life of Grange Copeland</i> (1970) (...);</p> <p><i>In Search of Our Mother’s Garden: The Legacy of Southern Black Women</i> (1974) (...);</p> <p><i>Possessing the Secret of Joy</i> (1992). (...);</p> <p>Walker left Eatonton in 1961 to go to college (...);</p> <p><i>Revolutionary Petunias</i> (1973) and <i>In Love & Trouble: Stories of Black Women</i> (1973) (...);</p> <p>From 1965 to 1968 Walker was actively involved in the civil rights movement (...);</p> <p>In 1967 she married Melvyn Levanthal (...);</p> <p>They divorced in 1977 (...);</p> <p>Walker moved first to New York and then to northern California, where she still lives.</p>

Quadro 14: Momento 5: Vida adulta/morte

Esse quadro de ressonâncias reúne enunciados em que a função-autor-biográfico textualiza os momentos da vida adulta dos biografados. Notemos que esse tempo das biografias, por ser o tempo das produções e publicações dos biografados, é o que mais ressoa nas biografias.

vi. Tempo da Atualidade Enunciativa

Depois de narrar a história de vida dos autores e citar algumas de suas obras publicadas, o percurso temporal da função-autor-biográfico volta-se para o momento inicial da biografia, ou seja, aquele do presente da enunciação.

Vejamos a forma de encerramento das biografias:

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
In twentieth century African American literature, from Paul Laurence Dunbar's brooding poetic tribute <i>Douglass</i> (1903) to the idealistic characterization of Ned Douglass in Ernest J. Gaines's novel <i>The Autobiography of Miss Jane Pittman</i> (1971), the criterion for a black heroism that uses words as a weapon in the struggle for self and communal liberation remains the example set by Frederick Douglass. (...)		Hughes's career demonstrates the solidity of that movement as the main foundation of modern African American literature. (...)	While critics have disagreed – often bitterly – over the artistic merits of <i>Native Son</i> , none denies its power. <i>Native Son</i> , with its class consciousness, its exploration of sexual racism and social dislocation, and its rejection of the dominant discourse on race, guarantees Wright's place in the world of letters. (...)	Baraka's influence on and his prolific contributions to the Black Arts movement ensure the importance of the 1960s in black art and culture. (...) <i>Black Fire: An Anthology of African-American Writing</i> (1968) is a veritable handbook of the themes, techniques, and personalities of the Black Aesthetic. Amiri Baraka has bestowed a profound legacy on African American creativity. (...)	Walker's recent works have continued the global direction first taken by <i>The Color Purple</i> . A prolific writer and a courageous thinker, Walker is without question one of the major African America feminist/womanist writers of this century. (...)

Quadro 15: Momento 6: Tempo da atualidade enunciativa

Nas ressonâncias desse quadro, a função-autor-biográfico volta a enunciar a partir de seu presente. Com essas análises dos recortes desse primeiro grupo assinalamos que o modo como a enunciação narrativa é trabalhada pela função-autor-biográfico corresponde a uma maneira circular de biografar. Dito de outra forma, a enunciação narrativa inicia no presente enunciativo, regressa aos dos tempos de infância, passa pelos dos *turning points*, pelos de publicação de obras e mortes dos biografados e volta ao seu tempo inicial.

Passaremos, a seguir para os recortes do segundo grupo:

vii. Recorte anual do tempo

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>Frederick Douglass's birthday is listed as February 1818 (...);</p> <p>He was selected to go to Baltimore in 1826 (...);</p> <p>In 1833 he returned to his boyhood home (...);</p> <p>In the spring of 1836 he went back to Baltimore (...);</p> <p>Frederick Bailey took a north train out of Baltimore on September 3, 1838 (...);</p> <p>In 1845 he published Narrative of the Life of Frederick Douglass (...);</p> <p>He came back to US in the spring of 1847 (...);</p> <p>Douglass kept his newspaper from 1847 to 1863 (...);</p> <p>Douglass died of a heart attack on February 20, 1895 (...);</p>	<p>Du Bois graduated with honors from the local high school in 1884 (...);</p> <p>as he recalled in his autobiography, <i>Dusk of Dawn</i>, in 1940 (...);</p> <p>In 1885 the "quite thoroughly New England" youth went to Fisk University in Nashville (...);</p> <p>he graduated from Harvard with another bachelor's degree in 1890 and a master degree the next year (...);</p> <p>Between 1892 and 1894, he pursued his education at the University of Berlin (...);</p> <p>In 1895 Du Bois earned his doctorate in history from Harvard; his dissertation, <i>The Suppression of the African Slave-Trade to the United States</i>, was published in 1896 (...);</p> <p>In 1897 du Bois joined the faculty of Atlanta University (...);</p> <p>DuBois did his work in exemplary fashion producing <i>The Philadelphia Negro (1899)</i> (...);</p> <p>In 1897 du Bois joined the faculty of Atlanta University (...);</p> <p>In 1903 Du Bois voiced his conviction and his plea in the eloquent and experimental book for which he is now known, <i>The Souls of Black Folk</i>. (...);</p>	<p>In September 1921, he arrived in New York (...);</p> <p>In 1923, he sailed to Africa as a member of the crew of a merchant steamer; the following year he traveled the same way to Europe (...);</p> <p>By 1924, his poetry showed the powerful influence of the blues and jazz (...);</p> <p>published the <i>The Weary Blues</i>, his first collection of verse, in 1926 (...);</p> <p>Even more radical experimentation with the blues form led to his next collection, <i>Fine Clothes of the Jew (1927)</i></p> <p>The year before, 1926, he had published in the <i>Nation</i> (...);</p> <p>Also in 1926, Hughes returned to school (...);</p> <p>he graduated in 1929. In 1927, his life took an extraordinary turn (...);</p> <p>in 1931 Hughes used money from a prize to spend several weeks recovering in Haiti (...);</p> <p>his 1930 novel <i>Not without Laughter</i> (...);</p> <p>In 1932, at the end of the tour, he boarded a ship in New York and sailed for the Soviet Union (...);</p> <p>However, in the 1930s Hughes's main concern was probably the theater. His drama of miscegenation and</p>	<p>In 1927 Wright migrated to Chicago (...);</p> <p>In 1936 he served as a literary adviser and press agent for the Negro Federal Theatre of Chicago (...);</p> <p>The final break with the party came in 1942 (...);</p> <p>The break became public and official in 1944 (...);</p> <p><i>New Challenge (1937)</i> (...);</p> <p><i>Uncle Tom's Children (1938)</i> (...);</p> <p>in 1942, was awarded the NAACP's Spingarn Medal (...);</p> <p><i>Native Son (1941)</i> (...);</p> <p><i>Black Boy</i>, published in 1945 (...);</p> <p><i>The Outsider (1953)</i> (...);</p> <p>Wright traveled throughout Europe and Africa in the 1950s (...);</p> <p><i>Black Power: A Record of Reactions in a Land of Pathos (1945)</i> and <i>White Man Listen! (1957)</i> (...);</p> <p><i>Savage Holiday (1954)</i> and <i>The Long Dream (1958)</i> (...);</p> <p>Following the publication of <i>Black Boy</i>, Wright moved to Paris, where he remained until his death in 1960 (...);</p>	<p>In 1952, Baraka enrolled at Howard University in Washington D.C (...);</p> <p>and by 1954 he had flunked out (...);</p> <p>In 1957 he was dishonorably discharged (...);</p> <p>he married in 1958 (...);</p> <p>By the late 1950s his own poetry began attracting critical attention(...);</p> <p>By the late 1950s and early 1960s, Baraka's reputation had grown to that extent that he gained the moniker "King of the Village" (...);</p> <p>Baraka's 1959 poem <i>January 1 1959: Fidel Castro</i>, inspired the New York chapter of the Fair Play for Cuba Committee to invite the poet to visit Cuba, which he did in 1960 (...);</p> <p>In <i>The Autobiography of Le Roi Jones (1984)</i> (...);</p> <p>In <i>Cuba Libre (1961)</i>, Baraka responded to such criticism (...);</p> <p>The play garnered the 1964 Obie award (...);</p> <p>In 1966 Baraka moved to Newark (...);</p> <p><i>Tales</i>, a collection of impressionistic and sometimes surreal short fiction, appeared in 1967(...);</p>	<p>Born in 1944 (...);</p> <p>Pulitzer Prize-winning <i>The Color Purple (1982)</i> (...);</p> <p>publication of <i>Once: Poems (1968)</i> (...);</p> <p><i>The Third Life of Grange Copeland (1970)</i> (...);</p> <p><i>In Search of Our Mother's Garden: The Legacy of Southern Black Women (1974)</i> (...);</p> <p><i>Possessing the Secret of Joy (1992)</i>. (...);</p> <p>Walker left Eatonton in 1961 to go to college (...);</p> <p><i>Meridan (1976)</i> (...);</p> <p><i>Revolutionary Petunias (1973)</i> and <i>In Love & Trouble: Stories of Black Women (1973)</i> (...);</p> <p>From 1965 to 1968 Walker was actively involved in the civil rights movement (...);</p> <p>In 1967 she married Melvyn Levanthal (...);</p> <p>They divorced in 1977 (...);</p> <p>During the 1970s Walker published several important essay, among then <i>Saving the Life That is Your Own: The Importance of Models in the Artist's Life (1976)</i> and <i>One Child of One's Own (1979)</i> (...);</p> <p><i>Looking for Zora (1975)</i> (...);</p> <p><i>I Love Myself when I am Laughing...</i></p>

	<p>Between 1903 and 1910, Du Bois wrote some of his memorable work in poetry and narrative prose (...);</p> <p>In 1911 Du Bois tried his hand a long fiction (...);</p> <p>he devoted considerable energy during the 1910 and 1920 to international questions. In 1915 he published <i>The Negro</i> (...);</p> <p>He resigned from the NAACP in 1934 (...);</p> <p>In 1940 Du Bois published his first full-length autobiography (...);</p> <p>his forced retirement from Atlanta University in 1944 and his firing in 1948 by the NAACP (...);</p> <p>In 1951 the U.S. government indicated Du Bois as subversive agent of a foreign power. Acquitted in November 1951 (...);</p>	<p>the South, <i>Mulatto</i> (1935) (...);</p> <p>In 1947, as lyricist for the Broadway musical <i>Street Scene</i>, (...);</p> <p><i>Montage of a Dream Deferred</i> (1951) (...);</p>		<p><i>Black Fire: An Anthology of African-American Writing</i> (1968) (...);</p>	<p>(1979) (...);</p> <p><i>Good Night Willie Lee</i> (1979) (...);</p> <p><i>In Search of Our Mothers' Gardens: Womanist Prose</i> (1983) (...);</p>
--	---	--	--	---	---

Quadro 16: Recorte anual do tempo

Nesse quadro, o tempo, embora marcadamente destacado, comparece em segundo plano. Expliquemo-nos. Os anos são “esvaziados” de seus acontecimentos para servir como um elemento de contextualização exclusiva dos feitos dos biografados. Todos e quaisquer acontecimentos outros que não se refiram à vida dos biografados são, providencialmente, ignorados. O tempo é, assim, um pretexto, um pano de fundo, para a trajetória da vida dos biografados. O efeito produzido por essa secundarização do tempo na vida dos biografados é aquele da leitura de um currículo em que se ignora todos os tipos de acontecimentos para se centrar nos feitos individuais de um sujeito. Desta maneira, os anos comparecem associados, principalmente, ao lançamento e publicações de livros e poemas. É indicativo desse funcionamento “curricular” do tempo o fato de a biografia de W.E.B. DuBois, reconhecidamente

aquele que mais atuou na vida acadêmica, por exemplo, apresentar uma quantidade enorme de citação de anos.

Porém, embora esse efeito de leitura de currículo seja produzido na esfera da vida individual, ao considerarmos o fato de essas biografias estarem reunidas em uma antologia, há um estrapolamento desse domínio individual e é instaurado um efeito de leitura de um currículo coletivo do negro estadunidense. Ou seja, ao associarmos essa presença marcante da referência aos anos a um dos objetivos da antologia, “celebrar o bicentenário da escrita imaginativa em inglês de afro-descendentes nos Estados Unidos”, podemos afirmar que a referência ao tempo é utilizada como uma estratégia para pontuar a história negra no domínio do coletivo. Instaura-se, desta maneira, um funcionamento de “biografia metonímica” que faz ver esses anos como sendo os anos de produção do negro estadunidense como um grupo.

viii. Recorte histórico do tempo

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
Douglass by the outbreak of the Civil War was generally recognized as the premier African American leader and spokesman for his people (...); After the outbreak of Civil War (...); When the war ended (...);	By the turn of the century (...); in the wake of a brutal outbreak of violence against blacks in Atlanta in September 1906 (...); The Depression of 1930's (...);	With the start of World War II (...);	In 1927 Wright migrated to Chicago, along with masses of blacks who fled the racism (...); during the World War II African American fiction of the post-World War II era. (...);	Baraka was shocked into action by Malcolm's assassination in 1965 (...);	Her years at Spelman coincided with the rise of the civil right movement (...); she became pregnant, at a time when abortion was illegal (...); At a time when interracial marriage was illegal in Mississippi (...);

Quadro 17: Recorte histórico do tempo

Nesta outra maneira de indicação temporal, há forma diferente de textualizar a relação entre biografado e tempo. O tempo nesses excertos comparece designado a partir de uma generalização.

Vejamos o último quadro de excertos:

ix. Presença de Marcadores Argumentativos

FREDERICK DOUGLASS	W.E.B DUBOIS	LANGSTON HUGHES	RICHARD WRIGHT	AMIRI BARAKA	ALICE WALKER
<p>Douglass cites the resentments he felt over not knowing his birthdays. But in many respects Douglass's childhood in slavery was not as miserable as it might have been (...);</p> <p>Recent biographical scholarship, however, has uncovered the property book of Douglass's first master, Aaron Anthony, in which Frederick Augustus Bailey's birth is listed as February 1818 (...);</p> <p>Although he was best known in his own time as a speaker, Douglass worked hard to deserve the recognition he enjoys today as a writer (...);</p> <p>Although the early twentieth century heard an occasional plea for the recognition of Frederick Douglass as a major contributor to the tradition of American autobiographical literature, not until the civil rights movement of the 1950's and the agitation for black studies in the 1960's did the Narrative of the Life of Frederick Douglass begin its ascent into the higher echelons of the canon of nineteenth century American prose" (...);</p>	<p>Du Bois's Feminism, though imperfect for today's standards, came to (...)</p> <p>Thus, although he was educated as a scholar, he turned to traditional literary forms (...)</p> <p>Despite a paltry salary, no assistance, and a lack of even an office, he did his work (...)</p> <p>Although the <i>Crisis</i> serve well as a forum for his ideas, he devoted considerable energy during (...)</p> <p>Despite the friction between Du Bois and some of the firebrands of the New Negro Renaissance (...)</p> <p>Although <i>Dusk of Dawn</i> firmly stated the he was not a communist (...)</p>	<p>Perhaps his finest single book of verse in the black press (though not the white) (...)</p> <p>Also in 1926, Hughes returned to school, this time at the historically black (although the faculty was almost entirely white) Lincoln University in Pennsylvania, from which he graduated in 1929</p> <p>However, Hughes's mother (...);</p> <p>In contrast, Langston grew up lonely and neat poverty (...);</p> <p>Although Hughes's earliest influences</p> <p>Unlike most of the writers of renaissance, (...);</p>	<p>At times, the stories are flawed by Marxist propagandizing, melodrama, ponderous didacticism, and improbable plots. Nevertheless, they show some of the major influences on Wright's fiction (...);</p> <p>but only recently have they begun to notice (...);</p> <p>Despite its success, however, Wright was harshly critical of the collection (...);</p> <p>While he was clearly influenced by these traditions, however, Wright, as his more perceptive critics have noted (...);</p> <p>But whatever modernist elements can be found in Wright's work (...);</p> <p>Despite this prodigious output during the 1950s (...);</p> <p>Even without these invaluable new editions of Wright's work (...);</p>	<p>Without doubt, Baraka has been influential (...)</p> <p>Not surprisingly, given the depth of restlessness of his intellect, he quickly found college atmosphere claustrophobic (...)</p> <p>Before leaving Howard, however (...)</p> <p>Neither Clay nor his antagonistic counterpart (...)</p> <p>Lula is not meant to represent white people – as some critics have thought – but America (...)</p>	<p>She has, however, published many other works (...)</p> <p>But <i>The Color Purple</i> is (...)</p> <p>despite the oppressions (...)</p> <p>Though not admitted to the libraries or schools (...)</p> <p>Not only this experience make Alice feel an outcast, but also it caused her to begin to notice relationship (...)</p> <p>Not only did many feel the film prettified the difficult issues of Walker's narrative, but some criticized (...)</p> <p>When Walker was eight, one of her brothers "accidentally" shot her with a gun he'd received for Christmas, resulting in the loss of one eye (...)</p> <p>Her early experience of being different may be in some sense responsible for her tendency to pursue "forbidden" subjects in her writing (...)</p>

Quadro 18: Marcadores argumentativos

Nesse quadro de ressonâncias há uma regularidade marcante de elementos conectivos. Na biografia de Frederick Douglass, encontramos os elementos: *but*, *however* e *although* (2x); na de W.E.B. Du Bois: *although* (3x), *despite* (2x) e *though*; na de Langston Hughes: *although* (2x), *though*, *however*, *unlike*, *in contrast*; na de Richard Wright: *but* (2x), *despite* (2x), *however*, *nevertheless* e *even without*; na de Amiri Baraka: *without doubt*, *not surprisingly*, *however*, *neither – nor*, *not – but*; na de Alice Walker: *however*, *but*, *despite*, *instead*, *though*, *not only – but also* (2x), “*accidentally*” e “*forbidden*”.

Essa sistematização dos marcadores levantados nas biografias, quando submetida a uma análise semântico-argumentativa, é indicativa do modo como a função-autor-biográfico se posiciona frente à discursivização biográfica. Do ponto de vista do significado, esses marcadores argumentativos, ainda que formados por elementos distintos, apresentam nuances semânticas que, dentro da discursividade biográfica das antologias, aproximam-nas umas das outras e regulam o jogo sintático entre os tempos que vimos chamando de tempo da enunciação e o tempo da biografia. Ou seja, esses elementos, ao funcionarem como marcadores de subjetividade, apontam para a subordinação do tempo da enunciação ao tempo da biografia. Assim, não apenas significam aquilo de que se enuncia, mas também aquele que o faz. E é por meio da relação entre o que enuncia e o objeto da enunciação que a interpretação é produzida.

Além disso, esses marcadores nos habilitam a pontuar o caráter contestativo da função-autor-biográfico em relação aos sentidos com os quais ela se depara. Vejamos, a seguir, como se dá a marcação da voz da função-autor-biográfico em alguns dos excertos de cada biografia.

Na biografia de Frederick Douglass, *but*, no primeiro excerto, mostra a função-autor-biográfico se contrapondo aos relatos de Douglass e afirmando que, embora o biografado tivesse tido ressentimentos pelo fato de não saber sobre sua data de nascimento, sua infância não teria sido *tão* miserável como poderia. A partir dessa contraposição, a função-autor-biográfico mostra-se conhecedora de outras histórias que, se comparadas às de Douglass, diminuiriam seus motivos de ressentimento. No segundo excerto, o uso de *however* ilustra que a função-autor-biográfico compartilha de um saber produzido por pesquisas recentes sobre a paternidade e ano de nascimento do biografado não acessível a Douglass e que foi, portanto, equivocadamente, referido pelo autor em suas autobiografias. No terceiro excerto, a função-autor-biográfico, por meio da utilização de *although*, se posiciona contrária à ideia daqueles que pensam que o reconhecimento de Douglass teria sido um resultado automático do fato de ele ter sido um orador

e destaca seu trabalho árduo na atividade de escritor. No quarto excerto, a função-autor-biográfico contesta possíveis afirmações de que a primeira autobiografia de Douglass teria sido reconhecida desde o começo do século XX e conclui que o reconhecimento de que hoje goza, longe de ser algo concedido a Douglass – como se pode pensar – teria sido uma conquista dos movimentos civis da década de 1950 e das reivindicações pela instituição dos *Black Studies* na década de 1960.

Na biografia de W.E.B DuBois, a função-autor-biográfico usa *though* para contrastar a concepção de feminismo do biografado com a de atualmente; *despite* é utilizada para mostrar que, embora tivesse um salário ruim, e não tivesse condições, ainda assim, teria produzido e para mostrar que embora o biografado tivesse desentendimentos com outros autores, por fidelidade à causa negra, ele os teria apoiado; *although* é utilizado para mostrar uma contradição no dizer do biografado, pois, embora dissesse não ser comunista, suas decisões apontavam para tal.

Na biografia de Langston Hughes, *though* e *although* têm como efeito, dentre outros, enfatizar a crítica da função-autor-biográfico sobre a presença maciça de professores brancos na Universidade Lincoln – reconhecida historicamente como instituição de ensino para os negros.

Na biografia de Richard Wright, o marcador *nevertheless* remete à posição anti-marxista defendida pela função-autor-biográfico. Vejamos a formulação de que “algumas histórias escritas por Wright apresentavam um caráter propagandista do marxismo, *mesmo assim*, ainda mostravam algumas influências das características do autor”. Ao associarmos esse trecho com o restante da biografia, em que Wright é designado como um grande autor, podemos ver que, ao usar o marcador *nevertheless*, a função-autor-biográfico, mais uma vez, pontua sua posição sobre anti marxismo.

Na biografia de Amiri Baraka, vale assinalar o funcionamento da afirmação dos valores e qualidade de sua produção a partir da negação.

Na biografia de Alice Walker, dentre outros funcionamentos, apontemos uma negação indireta. Ou seja, nega-se não pelo uso de *não* ou qualquer outro afixo de negação, mas pela marcação de aspas, como é o caso em:

“When Walker was eight, one of her brothers ‘accidentally’ shot her with a gun he’d received for Christmas, resulting in the loss of one eye (...);”

“Her early experience of being different may be in some sense responsible for her tendency to pursue ‘forbidden’ subjects in her writing”

O uso das aspas nesses enunciados funciona como um operador argumentativo que invalida os sentidos do termo asgado. Nesse processo, podemos identificar uma ironia em que as palavras enunciadas por uma outra voz são utilizadas pela voz da função-autor-biográfico para dizer o contrário. Assim, é possível identificar um embate de duas vozes. Uma que diz que:

Alice Waler foi acidentalmente ferida pelo irmão;

Alice Walker tinha uma tendência de tratar de assuntos proibidos em sua escrita;

E outra que diz que:

Alice Waler foi “acidentalmente” ferida pelo irmão;

Alice Walker tinha uma tendência de tratar de assuntos “proibidos” em sua escrita;

Porém, há que se ressaltar, essa segunda voz depreende sua posição argumentativa da voz que ela nega. É um jogo de valorização pela negação. Portanto, o apagamento dessa voz negada seria, da mesma forma, o da voz que nega. Como podemos ver abaixo:

Alice Waler foi “ “ ferida pelo irmão;

Alice Walker tinha uma tendência de tratar de assuntos “ ” em sua escrita;

Nesses excertos do último Quadro, podemos afirmar que há um embate entre a voz da função-autor-biográfico e vozes outras que a precedem materializado nos marcadores argumentativos. Assim, as conjunções adversativas, os termos asgados e as negativas ressoam discursivamente no texto e marcam um posicionamento de contestação assumido pela função-autor-biográfico frente a diversas interpretações produzidas anteriormente. Ou seja, longe de um gesto interpretativo narrativo factual impessoalizado, que simplesmente exporia fatos conhecidos das vidas dos biografados, tais excertos testemunham um trabalho da função-autor-biográfico comprometido ideologicamente com uma posição discursiva que contesta os dizeres já cristalizados e causa um efeito discursivo de verdade-outra, não contemplada por outras biografias.

A partir do diálogo que estabelecemos com a perspectiva dos estudos da Semântica Histórica da Enunciação, é possível dizer que há, nessas ressonâncias, um argumento mais forte dentro de uma escala argumentativa que vai se sobrepor aos outros argumentos, presentes, e, às

vezes ausentes, nos enunciados iniciais. Dessa maneira, *although, though, however, but* (dentre outros) fazem mais que simplesmente adicionar/explicar uma informação aos enunciados precedentes e não indicam que há simplesmente uma posição entre os enunciados, mas que eles opõem-se no que concerne ao movimento argumentativo em relação à conclusão. Ou seja, o feminismo de Du Bois não é negado, *porém* é designado como não capaz de dar conta dos questionamentos atuais; a obra de Hughes foi reconhecida, *porém* apenas pela imprensa negra; Universidade Lincoln na Pennsylvania era considerada negra, *porém* a maior parte dos professores era branca. Vejamos, então, que não há uma simples negação, mas uma explicação negativa.

Podemos afirmar que, a essa voz de contestação da enunciação da história “oficial” amarra, visível com a análise das adversativas, não sem contradição, o fio narrativo da função-autor-biográfico.

Concluimos as análises do funcionamento do modo de enunciação narrativo na *Norton* com as representações gráficas a seguir:

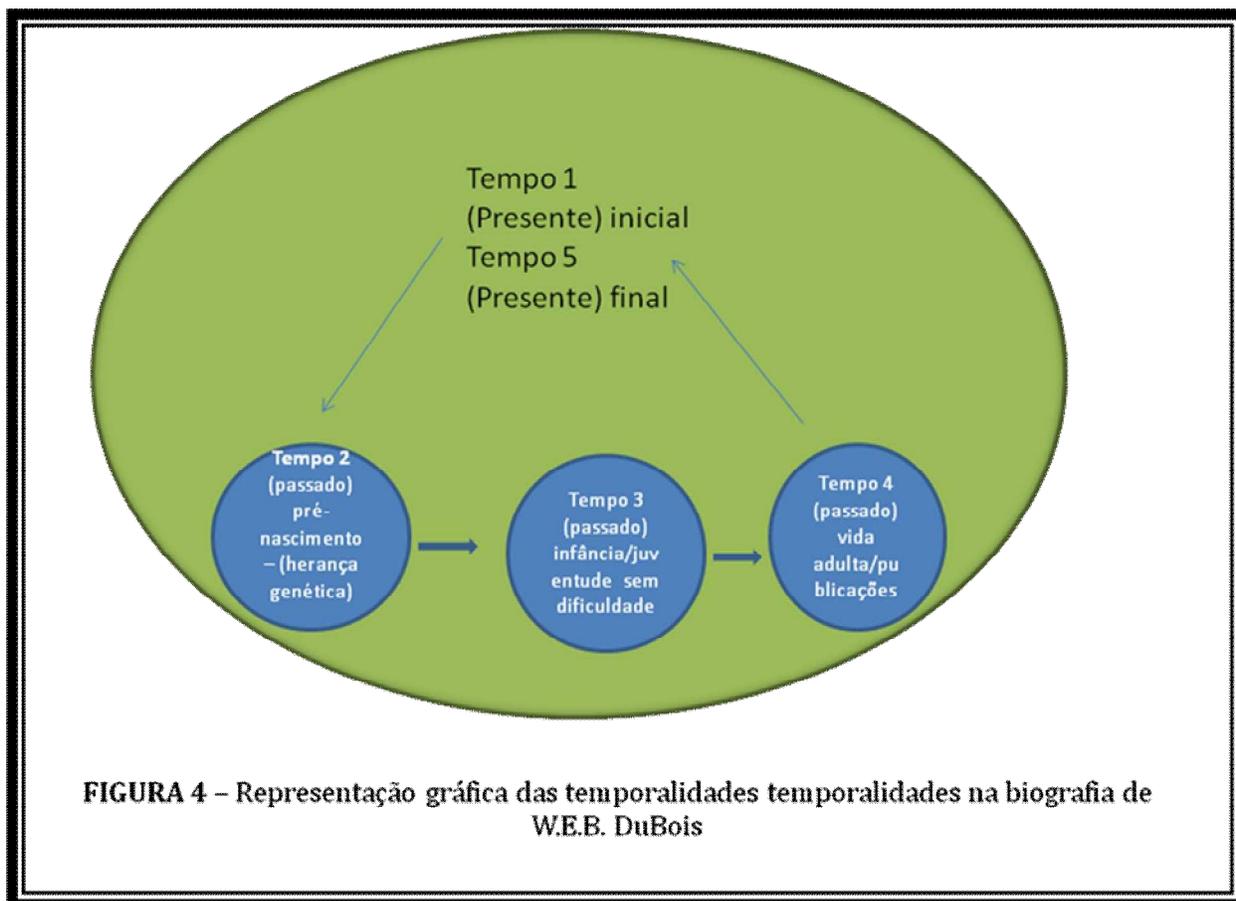
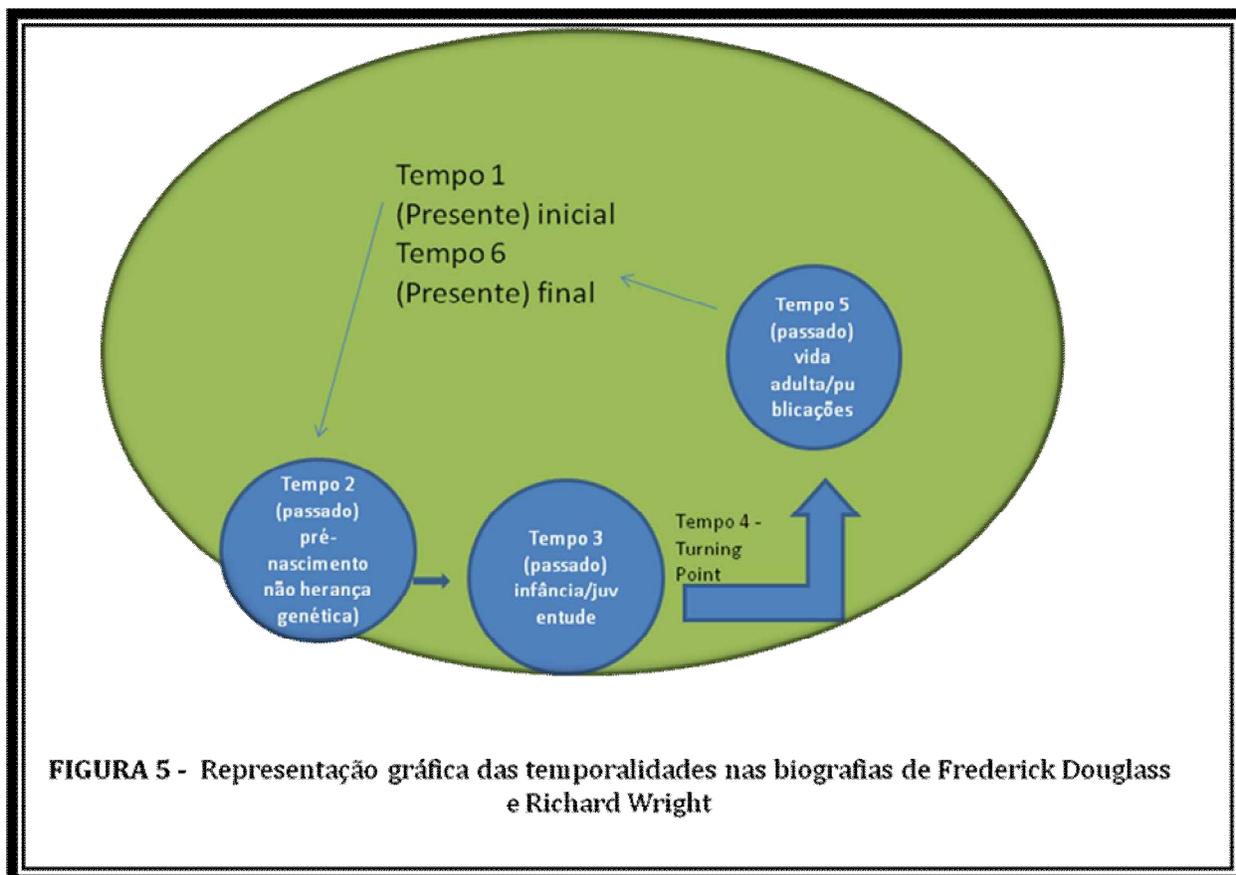


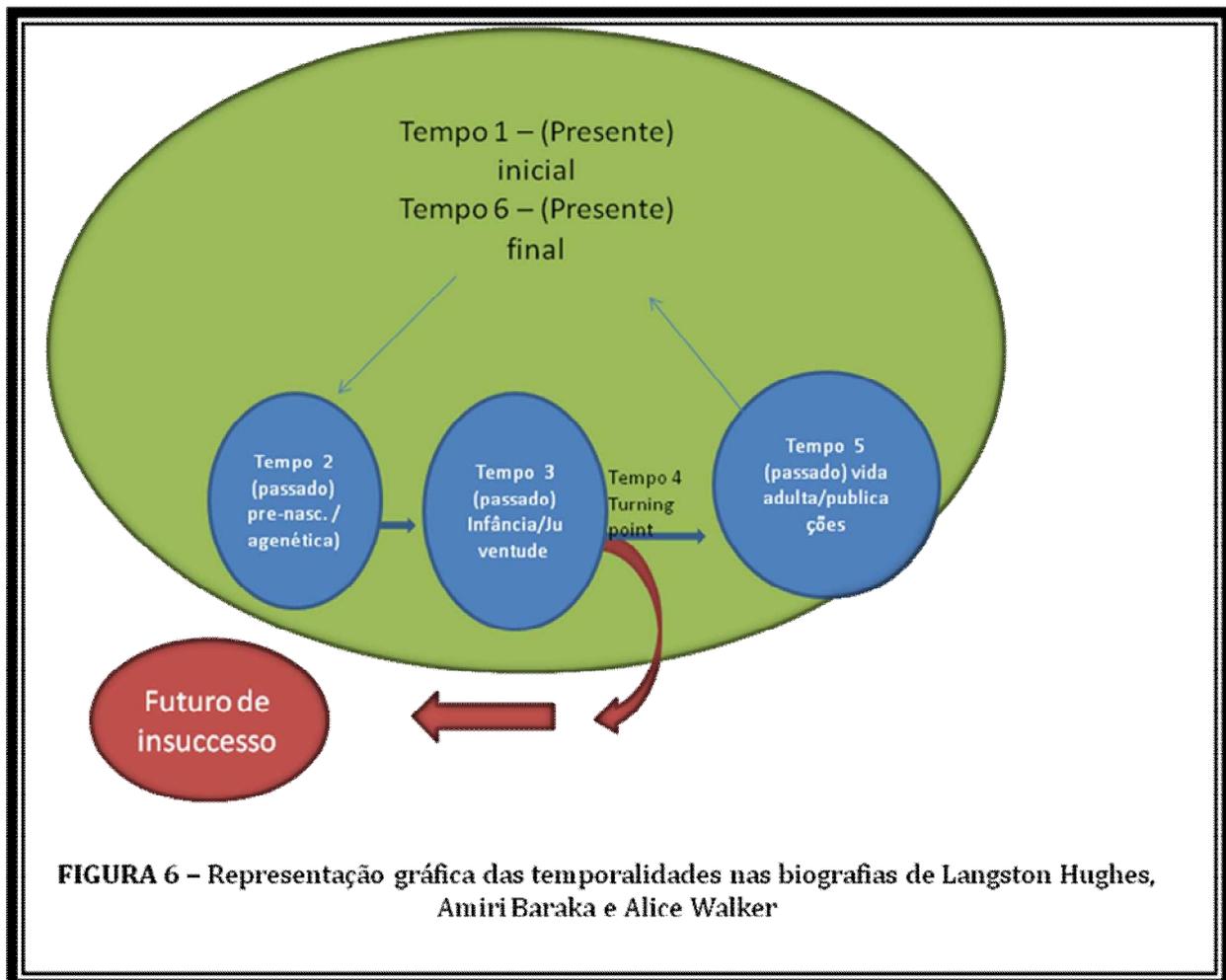
FIGURA 4 – Representação gráfica das temporalidades temporalidades na biografia de W.E.B. DuBois

O modo narrativo na biografia de W.E.B. Du Bois apresenta a seguinte progressão temporal. Primeiramente, a voz da função-autor-biográfico enuncia de seu presente (Tempo 1) para apontar a importância das obras do biografado para a literatura negra estadunidense na atualidade. Em seguida, essa voz se desloca para um tempo pré-nascimento do biografado (Tempo 2), momento em que é feito um mapeamento genealógico do biografado e indicado que seus antecedentes seriam responsáveis pela sua inteligência. O próximo tempo (Tempo 3) é aquele em que a infância e juventude do biografado são narradas. Nesse tempo, a função-autor-biográfico pontua que o biografado não teria sofrido discriminações, evoluído intelectualmente, conseguido se titular em várias universidades. No próximo tempo (Tempo 4), são narradas as datas de publicação das obras do biografado e os desenvolvimentos de sua vida adulta. Terminada essa narração, a enunciação é direcionada para o último tempo (Tempo 5), que coincide com o mesmo tempo do início da biografia, qual seja, o presente da enunciação.



Nas biografias de Frederick Douglass e Richard Wright, o modo de enunciação narrativo colocado em jogo parte do presente da voz da função-autor-biográfico (Tempo 1). Em seguida, desloca-se para o passado pré-nascimento dos biografados (Tempo 2), em que a falta de

ascendência nobre seria responsável pelo fortalecimento dos biografados. Passa-se para o tempo da infância/juventude dos biografados (Tempo 3), momento em que eles se deparam com as dificuldades que a sociedade impõe aos negros estadunidenses e são igualados aos demais. Em seguida, há uma passagem para o tempo do *turning point* (Tempo 4), momento em que há uma virada na vida dos biografados e eles deslocam a ordem socialmente pré-estabelecida para assumirem o papel do *self-made-man* e se destacarem. O próximo tempo (Tempo 5) é o momento em que as produções bibliográficas são apresentadas, comentadas e exaltadas. Também é o momento de se designar as mortes dos biografados. Depois de designar o ciclo de vida dos biografados, há uma volta ao tempo presente de enunciação da função-autor-biográfico (Tempo 6).



Nas biografias de Langston Hughes, Amiri Baraka e Alice Walker, da mesma forma que as anteriores, o modo de enunciação narrativo colocado em funcionamento aponta para um início

centrado no tempo presente da voz da função-autor-biográfico (Tempo 1). Em seguida, há um deslocamento temporal para o passado pré-nascimento dos biografados (Tempo 2). Nesse tempo, a voz da função-autor-biográfico ressalta que esses biografados teriam recebido uma herança dos pais. Langston Hughes é designado como sendo descendente de uma família distinta; Amiri Baraka, filho de uma classe média que o veria formada na universidade; Alice Walker, filha de uma mulher com “dons-artísticos”. Porém, o próximo tempo na vida desses biografados é o *turning point*, que, necessariamente, indica um desvio de direção de vida. Porém, essa nova direção do *turning point* é ignorada, pois se fosse assumida sua conclusão apontaria para o insucesso dos biografados e não seria condizente com a discursividade mantida pela biografia. Após esse deslize, a enunciação encaminha para o tempo das produções bibliográficas (Tempo 5) e, em seguida, para o tempo da conclusão da biografia (Tempo 6), que é o tempo da enunciação da função-autor-biográfico.

Vejamos que a organização temporal nas biografias apresenta um movimento circular, partindo de um ponto e voltando para o mesmo. A interpretação temporal da voz da função-autor-biográfico predomina nas narrativas. O entrelaçamento desses tempos narrativos com o tempo discursivo se dá por meio de intervenções, explicações, comparação com o presente, utilização de aspas, e, sobretudo, por meio das adversativas, produzindo um efeito, dentre outros, de luta por deslocamento de uma outra voz.

3.2. *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition*

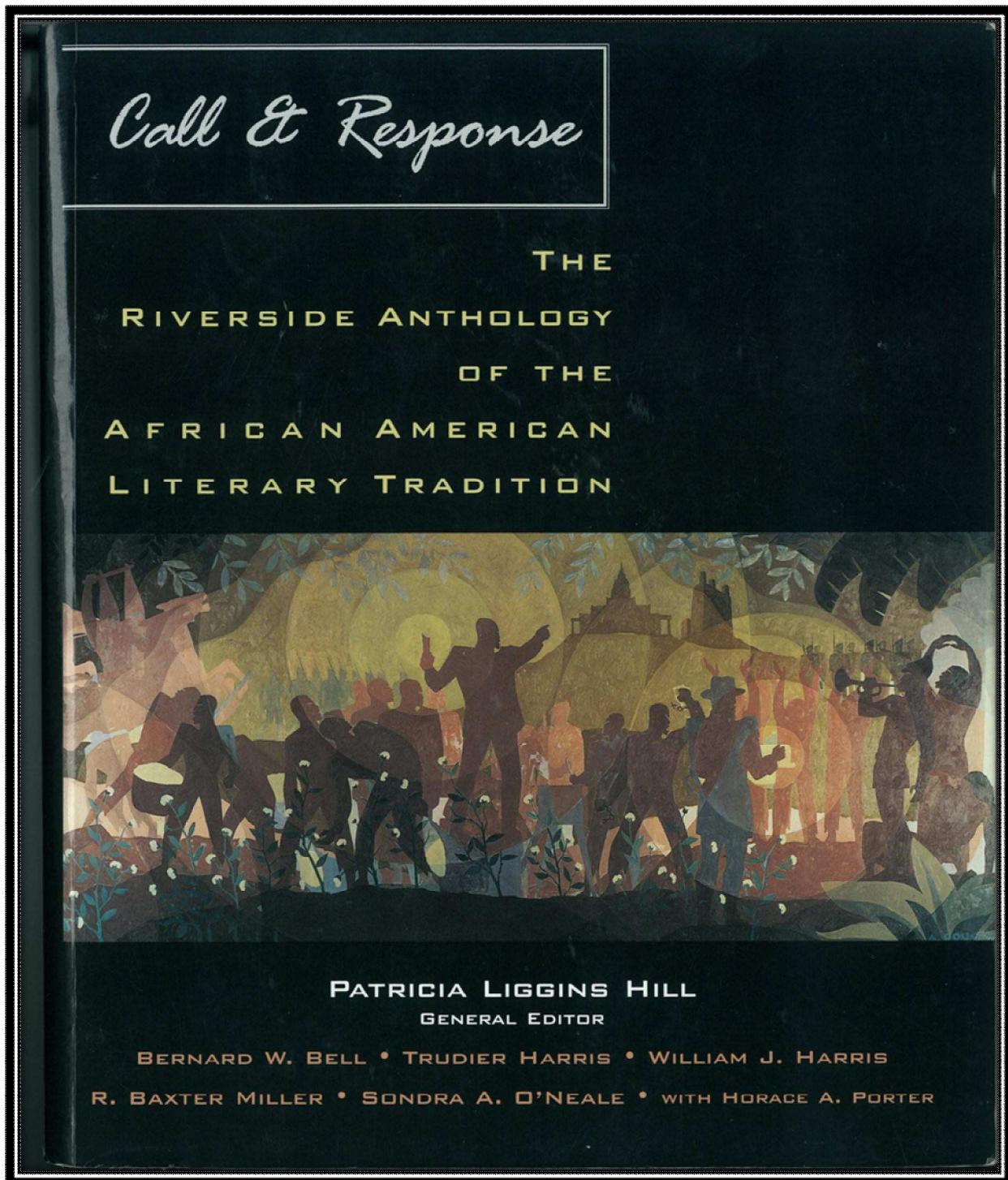


FIGURA 7 – *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition*.
HILL, Patricia L. (org.), Boston, ed. Houghton Mifflin, 1998.
[Capa: Diana Coe]

3.2.1. DESCRIÇÃO DA ANTOLOGIA

A *Riverside*, publicada em 1998, inclui obra textos de 150 autores, e apresenta 134 biografias. Além de Patricia Liggins Hill, editora geral, a obra conta com mais seis editores: Bernard W. Bell, Trudier Harris, William J. Harris, R. Baxter Miller, Sondra A. O’Neale e Horace A. Porter. A antologia é um extenso volume com 2.039 páginas, reunindo textos de divesos gêneros – *Spirituals, Blues, Jazz, Rap, Hip Hop, Gospel*, poesia, ficção, contos, autobiografia, dentre outros. Acompanha a obra um CD áudio com dirvesos textos dos diferentes gêneros lidos ou cantados.

A obra é dividida em seis seções, sendo que em cada uma há uma proposta de diálogo entre textos orais com textos escritos. Assim, elas são iniciadas com textos voltados para a oralidade (sermões, folclores, discursos) que equivaleriam a um “chamado” e, em seguida, apresentam textos escritos que equivaleriam a uma “resposta” para o chamado oral.

A antologia contém algumas obras completas, tais como : 1 autobiografia (*The Narrative of the Life of Frederick Douglass, An American Slave*), 4 peças (*A Raising in the Sun*, de Lorraine Hansberry, *Wedding’s Brand*, de Alice Childress, *Dutchman*, de Amiri Baraka e *Joe Turner’s Come and Gone*, de August Wilson), 1 romance (*The Bluest Eye*, de Toni Morrison) e 3 contos (*Miss Buriel*, de Ann Petry, *Barbados*, de Paule Marshall, e *Three Men*, de Earnest Gaines).

3.2.1.1. OBJETIVOS DA ANTOLOGIA

São objetivos declarados pela Antologia:

1. Integrar os estudantes em séculos de debates da literatura negra produzida nos Estados Unidos (xxxiii);
2. Agrupar autores segundo um critério Estético da arte negra;
3. Representar igualmente as dimensões oral e escrita da literatura Negra Estadunidense.

3.2.1.2. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS AUTORES

Apesar de destacar que a antologia reúne autores de vários períodos, temas e gêneros distintos, e ressaltar a inclusão de setenta autoras – como forma de balancear a representação entre homens e mulheres – nenhuma menção é feita sobre os critérios de seleção dos autores.

3.2.1.3. SEÇÕES³⁹

A antologia apresenta seis seções: a primeira, intitulada “*Go Down, Moses, Way Down in Egypt’s Land*”, 1619-1808, organizada por Sondra A O’Neale; a segunda, intitulada “*Tell Ole Pharoah. Let My People Go*”, 1808-1865, organizada por Patricia Liggins Hill; a terceira, intitulada “*No More Shall They in Bondage Toil*”, 1865-1915, organizada por Trudier Harris; a quarta, intitulada “*Bound No ‘th Blues*”, 1915-1945, organizada por Baxter Miller e Patricia Liggins Hill; a quinta, intitulada “*Win the War Blues*”, 1945-1960, organizada por Patricia Liggins Hill, Bernard Bell e Horace Porter; a sexta, intitulada “*Cross Road Blues*”, 1960 to the Present, organizada por William J. Harris:

³⁹ Os nomes dos autores antologizados comparecem em Apêndice.

3.2.2. RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS E REPRESENTAÇÕES DO NEGRO ESTADUNIDENSE RECORRENTES EM BIOGRAFIAS DA ANTOLOGIA

Nesta parte do Capítulo, analisaremos os discursos que ressoam nas biografias da antologia *Riverside* e que constróem uma representação para o autor negro estadunidense. Para tanto, organizaremos nosso *corpus* em dois momentos. Inicialmente, analisaremos como o modo de enunciação descritivo, trabalhado pela função-autor-biográfico, ressoa os discursos antológicos. Em seguida, ocupar-nos-emos em analisar o trabalho como o modo de enunciação narrativo.

3.2.2.1. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIACÃO DESCRITIVO

Podemos adiantar que encontramos as seguintes ressonâncias discursivas no modo enunciativo descritivo da *Riverside* (cujas análises serão sistematizadas e organizadas em Quadros) a seguir: 1. Descrições marcadas como voz do outro; 2. Descrições não-marcadas explicitamente como voz do outro; 3. Modalizações apreciativas críticas das obras/autores; 4. Modalizações apreciativas superlativas; 5. Domínio da relação língua/cultura; 6. Filiações religiosas; 7. Comparações com autores negros presentes na antologia; 8. Identificações Políticas; 9. Projeção nacional/transnacional.

Antes de iniciarmos as análises, vale um esclarecimento metodológico. Como há várias semelhanças entre a forma de composição/estrutura das biografias da *Riverside* e da *Norton*, analisadas anteriormente, mostraremos, necessariamente, alguns grupos de enunciados que se assemelham, porém, para evitar repetição, centraremos em desenvolver nossas análises dos grupos que se diferenciam da *Norton*. Dessa forma, quando os grupos de enunciadores forem semelhantes, simplesmente nos referiremos aos resultados das análises anteriores. Vale ressaltar que algumas semelhanças e diferenças entre as antologias serão tratadas no próximo capítulo.

Começamos, então, com um grupo de ressonância que já havíamos identificados na *Norton*, que é constituído de descrições marcadas.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>is claimed as an influential, if unofficial, statesman, essayist, and prose artist on three continents-Europe, Africa, and North America (...);</p> <p>"My mother adorned me with emblems after the manner of our greatest warriors," (...);</p> <p>The Gentleman's Magazine refers to his as "Gustavus Vassa, the African, well know as the champion and advocate for procuring the suppression of slave trade." (...);</p>		<p>in the words of Charles H. Wesley, our greatest "lyric historian." (...);</p> <p>Du Bois called him "the most dangerous enemy of the Negro race in America and the world" (...);.</p> <p>Called by John Oliver Killens "the greatest American intellectual of the twentieth century", (...);</p>		<p>Arna Bontemps commented on Baldwin's "The Harlem Ghetto," published in the February of 1948 issue of <i>Commentary</i>. Referring to "that remarkable piece by the 24-year-old colored kid". Bontemps wrote, "What a kid! He has zoomed high among our writers with his first effort." (...);</p> <p>the <i>New York Times</i> reported on its front page the following day, "James Baldwin, Eloquent Essayist in Behalf of Civil Rights, Is Dead." (...);</p>	

Quadro 01: Descrições marcadas como voz do outro

Essas ressonâncias são representativas da estratégia da função-autor-biográfico em marcar seu dizer como voz de um outro. Fazendo isso, ao mesmo tempo em que se legitima seu dizer, imprime-lhe um sentido de autoridade para a biografiação. Para uma análise mais detalhada da presença dessas descrições marcadas na voz do outro, conferir análises feitas no Quadro 1 da *Norton*.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>Equiano was of royal African blood (...);</p> <p>A precocious youth (...);</p> <p>the precocious youth (...);</p> <p>the former sailor had become a well-known and articulate abolitionist in British circles (...);</p> <p>the now-internationally famous author (...);</p>	<p>Douglass was prophetic (...);</p> <p>Fredrick Douglass seemed almost to have been writing about the post-Reagan-Bush era in the twentieth century. His genius was that he was a man for all seasons (...);</p> <p>(...);</p>	<p>he had been a skilled debator and orator and later he developed into a talented autobiographer (...);</p> <p>He was a literary artist, a symbolist, and a writer of visionary fictions (...);</p> <p>he was a dedicated thinker and indefatigable researcher (...);</p> <p>He was truly gifted, and he was most likely a genius (...);</p> <p>The remarkable scholar, educator, and philosopher (...);</p> <p>he was an incurable seeker for world peace (...);</p> <p>he was at least six generations ahead of his time (...);</p>	<p>he became a troublemaker, a nuisance in the classroom, and a victim of overpowering sexual impulses (...);</p> <p>(...);</p> <p>(...);</p>	<p>The victim of poverty and anger of his stepfather (...);</p> <p>He was a gay youth (...);</p> <p>He was a voracious reader (...);</p> <p>(...)</p>	<p>unmatched genius in her linguistic feats (...);</p> <p>she was precocious in all of her studies (...);</p> <p>(...);</p>

Quadro 02: Descrições não-marcadas explicitamente como voz do outro

Nesse segundo grupo de ressonâncias, o funcionamento discursivo indica a utilização de descrições não-marcadas como voz do outro. Ou seja, aqui, a função-autor-biográfico incorpora a voz do outro em seu dizer e enuncia como fonte originária de sentidos (conferir análises feitas no Quadro 2 da Norton).

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>Critics who render Equiano naïve point to this attempt to tap white conscience</p> <p>a stupendous travel saga (...);</p> <p>the hallmark of black autobiography (...);</p> <p>it is dominated by the author's fervent activism on behalf of enslaved (...);</p> <p>His <i>Interesting Narrative</i> advanced a literary art form (...);</p> <p><i>The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano or Gustavus Vassa, the African, Written by Himself</i>, first published in 1789, has been in print continuously for over two hundred years (...)</p> <p>But even the best traditional accounts neglect true appreciation for his superb gift of metaphor and symbol (...);</p>	<p>Although he was sometimes romantically naïve</p> <p>Douglass wrote brilliant about the slave experience (...);</p> <p>His <i>Narrative</i> is analytical and subjective persuasive. It is historical situations (...);</p> <p><i>The Narrative of the Life of Frederick Douglass. An American Slave</i> (1845) is factual and popular (...);</p> <p>It clarifies the artistic development in Douglass's craft from the first draft to the last one. (...);</p> <p>The story is the dynamic present, passionately energetic (...);</p> <p>Douglass helps create a racial aesthetic-a fusion of beauty and communal purpose (...);</p> <p>The autobiographies of Frederick Douglass should be read by Americans and all lovers of freedom worldwide (...);</p>	<p>To many, Du Bois had an arrogant and abrasive manner</p> <p><i>The Souls of Black Folk</i> (1903), one of the most seminal treatises in African American aesthetics (...);</p> <p>Essentially, the work is a passionate outcry (...);</p> <p><i>The Souls of Black Folk</i> stands as Du Bois's major literary achievement. (...);</p> <p>It probably has had a greater impact in America than any other book written by an African American. (...);</p> <p>It has passed through more than thirty editions and is still selling (...);</p>	<p>Toomer suffered from a pronounced sense of cultural and racial ambivalence</p> <p><i>Cane</i> (1923), a work that reflects both his joy in discovering the black folk spirit and his sadness in realizing that it was a thing of the past (...);</p> <p>Today most critics agree that it is an experimental lyrical novel whose unity is derived not from its plot or characters but from its images. (...);</p>	<p>The guilt-soothing rhetoric that characterized his early writing quickly gave way in the sixties to the much more militant expression of intense disgust with America</p> <p>poignant and moving essays (...);</p>	<p>Although Morrison's novels have themes in common and even a penchant for a weird character or two, they also are distinctive</p> <p>On another level, <i>Sula</i> is the antithesis of Hurston's heroine (...);</p> <p>Judged to be her most ambitious novel (...);</p> <p>Morrison's novels are distinctive (...);</p>

Quadro 03: Modalizações apreciativas-críticas das obras

Nesse Quadro, embora as ressonâncias mantenham uma certa semelhança com o que vimos na *Norton*, vale observar que a utilização de modalizações apreciativas trabalhada pela função-autor-biográfico aloca seu dizer em um lugar de especialista em crítica literária. Vejamos, como ilustrativo, que o adjetivo “*naive*”, utilizado para predicar Olaudah Equiano e Frederick Douglass, muito mais que afirmar que os escritores fossem inocentes, funciona para acentuar um aspecto sobre suas obras. Observemos que, por meio da utilização desse adjetivo, juntamente às demais formulações, “*critics*”, “*romantically naive*”, “*guilt-soothing rhetoric*”, “*militant expression*” e “*a perchant for a weird character*” torna-se possível identificar o lugar de crítico literário sendo ocupado, ainda que transitoriamente, pela função-autor-biográfico. Ou seja, as biografias se ocupam também em predicar as obras dos antologizados. Nesse dizer, ao se utilizar de termos como “*metaphor and symbol*”, “*literary art form*”, “*aesthetic fusion*”, “*american aesthetic*”, “*artistic development*”, “*experimental lyrical*”, “*antitheses*”, “*moving essays*”, dentre outros, a função-autor-biográfico associa sua voz a um dizer da crítica literária cujo papel é, dentre outros, construir valorização para algumas obras, fazendo com que sejam lidas e comentadas, e desvalorização de outras, jogando-as no limbo do esquecimento.

O próximo Quadro de ressonâncias sinaliza para uma semelhança entre as duas antologias, qual seja, a utilização de sintagmas superlativizados. Vejamos:

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
One of the best illustrations both of irrepressible African genius (...); one of the eighteenth century's best works (...);	one of the most gifted and thinkers in America during the nineteenth century (...); He was one of the most famous black abolitionists and one of the most talented orators (...); one of the first people to propose that the problem of slavery and race in America (...); He was one of the first to narrate the crisis (...);	one of the most brilliant men of words and action born in the United States (...); the greatest American intellectual of the twentieth century (...); one of the earliest pluralist or proponents of diverse cultures in America	One of the most innovative works of twentieth-century American fiction (...); Toomer remains one of America's most talented artists, and Cane one of its most original and innovative (...);	this most famous essay (...); One of his most poignant and moving essays (...); the publication of two of his most famous essays (...); Baldwin was one of the most eloquent and influential writers of the twentieth century	was a national and international bestseller (...); The novel earned Morrison a place on the cover of <i>Newsweek</i> and was on the <i>New York Times</i> bestseller list for four months (...); the best that literature has to offer across races, cultures, and languages (...);

Quadro 04: Modalizações apreciativas superlativas

Sobre o funcionamento discursivo da presença dessas descrições marcadas pelo uso de superlativos, conferir análises feitas no Quadro 4 da *Norton*.

O próximo Quadro de ressonâncias atesta uma singularidade desta antologia em relação à *Norton*: a proposição do binômio língua/cultura. Vejamos:

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>By 1759, Equiano was fully articulate in English language</p> <p>who was able to give such a clear record of cultural life on the rich African continent (...);</p> <p>as the languages did not “<i>totally differ</i>” and the cultures were familiar (...);</p> <p>The language and the culture of white slave traders (...);</p> <p>Richard Baker befriended the slave and tutored him in English language and culture. (...);</p> <p>Thus, culturally informed from his youth(...);</p> <p>observing the similarities of cultures around the world to those of black Africa (...)</p>		<p>He exploited a rare talent for languages coupled with experimental understanding in the social dynamics of race and culture. He was truly gifted, and he was most likely a genius (...);</p> <p>the young scholar to his cultural roots (...);</p> <p>Du Bois was one of the earliest pluralist or proponents of diverse cultures in America. (...);</p>	<p>Toomer suffered from a pronounced sense of cultural and racial ambivalence. (...);</p>	<p>(...);</p>	<p>belongs to the best that literature has to offer across races, cultures, and languages (...);</p> <p>Pilate has imbibed African culture from her father and Indian culture from other foreparents in the hills (...);</p> <p>As an adolescent, she read Russian novels and works by Jane Austen</p>

Quadro 05: Domínio de relação língua/cultura

Como podemos ver, a designação da língua justaposta à de cultura, e sua repetição, faz com que esses dois elementos funcionem na discursividade da biografia como elementos indissociáveis. Vale notar, entretanto, que mesmo a partir da repetição e reforço da idéia de complementaridade entre esses dois elementos, se na biografia de Olaudah Equiano, a partir do uso desse binômio língua-cultura, a função-autor-biográfico aponta para as semelhanças que o biografado teria observado entre os negros africanos e demais povos, ou nas próprias palavras da função-autor-biográfico: “*as the languages did not totally differ and the cultures were familiar*

(...); e “*observing the similarities of cultures around the world to those of black Africa*”, na biografia de JeanToomer, por outro lado, quando o termo cultura justaposto ao termo raça, passa a pontuar uma ambivalência na identidade do biografado cuja consequência teria sido seu afastamento do cenário da escrita negra. Ou seja, a partir da contraposição desses enunciados, fica posto que, talvez, o jogo de complementaridade entre língua e cultura não seja aplicável à relação entre raça e cultura.

Nosso próximo Quadro de ressonâncias ilustra a identificação dos biografados com o domínio religioso. Vejamos:

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>He had rejected the Catholic, Jewish, and Quaker faiths, and had even considered moving to Turkey and taking up the Turkish religion (...);</p> <p>including especially the traditional practice of religious worship (...);</p> <p>he worshipped the Judeo-Christian God (...);</p> <p>Africans were “the original” Judeo-Christian believers (...); did not assimilate with Euro-centric religion when they filled a spiritual void during their enslavement by practicing one of the Judeo-Christitan religions (...);</p> <p>enough to convey the inconsistency with humanity – not to mention Christianity (...);</p> <p>“I wrestled hard with God in fervent prayer...Now the Ethiopian was willing to be saved by Jesus Christ, the sinner’s only surety, and also to rely on none other person or thing for salvation.”</p>	<p>He was one of the first to narrate the crisis in a captivating rhetoric exposing the irony of Christian civilization (...);</p> <p>Douglass has left to the posterity the image of some men who have proclaimed themselves God over the hopes and dreams of others (...);</p> <p>“I mean, by religion of this land, that which is revealed in the words, deeds, and actions, of those bodies, north and south, calling themselves Christians churches, and yet in union with slave holders. It is against religion, as presented by these bodies, that I have felt in my duty to testify” (...);</p>	<p>He never loved art as a God unto itself (...)</p>	<p>Toomer experienced a loss of faith in God, saying that he felt “condemned and betrayed” (...);</p> <p>As a substitute for religion, he tried sociology (...);</p> <p>his joy in discovering the black folk spirit (...);</p> <p>Toomer found what he was looking for in Gurdjieff’s philosophy, a blend of mysticism, Freuduanism, and religion. (...);</p>	<p>He was a voracious reader, devouring the King James version of the Bible, (...);</p> <p>Himself a Holy Roller preacher in storefront churches by the age of fourteen, Baldwin speaks of Christ as a “disreputable sunbaked Hebrew” in “The Fire Next Time” (1963). He notes, “If the concept of God has any validity or any use, it can only be to make us larger, freer... if God cannot do this, then it is time we got rid of Him.” (...);</p>	

Quadro 06: Filiações religiosas dos biografados

Esse Quadro de ressonâncias destaca a presença do discurso religioso. Vale assinalar que esta discursividade ressoa as não-diferentes relações que os autores negros estabeleceram com os sentidos de religiosidade, *i.e.*, a função-autor-biográfico, a partir de seu lugar no discurso, estabelece relações semelhantes para os biografados no que se refere à relação deles com o símbolo religioso. Vejamos a força da ressonância discursiva que nega/refuta a existência de Deus.

“Olaudah *lutou* com Deus”; “Douglass *expôs as ironias* do cristianismo”; Toomer comparece designado pelo seu próprio dizer como um *ateu* que, “depois de se sentir *traído por Deus, o substitui* pela sociologia”; Baldwin teria afirmado ter “chegado a hora de se *livrar de Deus*”. Essas designações vão construindo um lugar de deslocamento da idéia do divino, que, na memória histórica ocidental, pode ser pensada como que ligada à esquerda.

O próximo grupo de ressonâncias se refere a outros autores negros presentes na antologia. Vejamos:

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
Frederick Douglass (Francis Wtakins Harper; Sojourner Truth;	Booker T. Washington; John Oliver Killens ; Alain Locke; Alexander Crummell;	Marcus Garvey; Langston Hughes; Alain Locke; Waldo Frank; Claude McKay; Countee Cullen;	Arna Bontemps; Langston Hughes; Richard Wright; Frederick Douglass; Malcolm X; Harriet Beecher Stowe;	Toni Cade Bambara; Gayl Jones; Leon Forrest; Henry Dumas; Angela Davis; Barbara Christian; bell hooks; Zora Neale Hurston; Amiri Baraka; Carolyn Denard; Marilyn Mobley; Charles Waddell Chesnutt; Langston Hughes; Richard Wright;

Quadro 07: Modalizações apreciativas comparativas com autores negros presentes na antologia

Embora já tenhamos analisado essa ressonância na *Norton*, podemos acrescentar que a simples gradação numérica de outros autores presentes nas antologias – começando com *uma* citação na primeira biografia, passando a ser *três* na segunda até chegar a *treze* na sexta, já indica um desenvolvimento da escrita negra – e para sua auto-sustentação – podendo comparar os escritores negros a outros, também negros. Mais análises sobre a presença de outros autores negros presentes nas antologias trazidas para as biografias, conferir Quadro 7 de análises da *Norton*.

Nosso próximo grupo de ressonâncias refere-se às filiações políticas dos biografados. Vejamos:

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
By the time he was in his forties, the former sailor had become a well-known and articulate abolitionist in British circles (...)	Forced by lack of funds to discard his plan of an industrial college for black people, he was at first a member of the Liberty Party . Later, he would become a crucial registrant in the Republican assembly of President Abraham Lincoln . (...) Would the American nation, in other words, ever persist in redressing the grievances of African Americans? Fredrick Douglass seemed almost to have been writing about the post- Reagan-Bush era in the twentieth century. His genius was that he was a man for all seasons (...)	Although he was labeled a Marxist revolutionary, his political range transcended nearly all schools and ideologies. During the 1880's, he was a reform Republican when people of the kind were still the party of Lincoln . In the second decade of the twentieth century, he was a socialist , though by 1912 he supported Woodrow Wilson for president. And, as a political independent during the thirties, he proposed the Progressive Party as an answer for the country during the late forties. By the fifties, Du Bois was a candidate for U.S. Senator on the ticket for the Party American Labor . (...)		accused the Nixon administration of plotting, with the help of FBI director J. Edgar Hoover, the genocide of all people of color at home and abroad (...)	

Quadro 08: Identificações políticas

Nesse grupo de ressonâncias, a função-autor-biográfico esquadrinha as identificações e filiações políticas dos biografados. Olaudah Equiano é designado como abolicionista. Com isso, não é classificado como sendo de direita ou esquerda. Todavia, com os demais autores o gesto interpretativo é outro.

Frederick teria se envolvido com a política partidária de forma *forçada*, por estar sem recursos para seus projetos. Assim, é designado, inicialmente, como integrante do Partido Liberal e, em seguida, do Partido Republicano. Vale considerar que, além de ser designado como tendo sido *forçado* a entrar na vida político-partidária, a função-autor-biográfico também ressalva sua filiação ao Partido Republicano como diretamente influenciada pela imagem de Abraham Lincoln. A posição de desconforto da função-autor-biográfico em relação ao republicanism estadunidense é expressa no fim da biografia.

“The American nation, in other words, ever persist in redressing the grievances of African Americans? Fredrick Douglass seemed almost to have been writing about the **post-Reagan-Bush era** in the twentieth century” (grifo nosso).

Quanto ao que acabamos de formular, se voltarmos à análise das ressonâncias sobre Frederick Douglass na *Norton*, nela, o autor é designado como *Republicano fiel* e que, por conta de sua fidelidade, *teria galgado cargos dantes jamais ocupados por negros nos Estados Unidos*. Afinal, Frederick Douglass era republicano, como designado pela *Norton* ou *não* como designado pela *Riverside*? Essa questão, para nós, não se coloca. Interessamo-nos, como vimos afirmando, justamente pela designação colocada em funcionamento pelas biografias que, por sua vez, indicam o discurso das antologias.

Vejamos o caso de W.E.B. Du Bois. Na *Norton*, ele é designado como *democrata radical, marxista, esquerdista, tendo se aliado a forças estrangeiras, etc.* Aqui, na *Riverside*, como podemos ver, a função-autor-biográfico afirma que: “*embora fosse tachado de revolucionário marxista (...) durante a década de 1880, ele foi um reformista republicano quando Lincoln ainda estava no partido (...), ele se tornou socialista (...), nos anos trinta teria proposto o Partido Progressista (...) e nos anos cinquenta foi candidato a senador pelo Partido Trabalhista Estadunidense*”.

Exposta essa diferenciação do processo de designação das identificações políticas dos biografados (a ser aprofundada no Capítulo IV), passemos ao nosso próximo Quadro de ressonâncias, constituído de enunciados que dialogam com as projeções de transnacionalidade.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>eventually travelled throughout much of the known world, including the Arctic, North and Central America, the West Indies, Europe, and Great Britain. (...)</p> <p>Likewise, it is one of few extant works from the eighteenth century that relates an African's eyewitness account of slavery both in the American colonies and in the Caribbean (...)</p> <p>and prose artist on three continents- Europe, Africa, and North America. (...)</p> <p>During the war, he served in the waters of the Maritime Provinces of Canada (...)</p> <p>In Honduras and Nicaragua, he was introduced to native Americans whose ways of life he found more honest and trusting than anything known to white Europe (...)</p> <p>Back in London, Equiano appealed to Quakers there to help the situation of oppressed Africans. (...)</p> <p>Within the Afrocentric text, the purposeful narrator carries the story of a former free Ibo, a former Ibo slave, a former slave to whites, and eventually a free man living quite successfully in a Eurocentric world(...)</p>	<p>Douglass was one of the first people to propose that the problem of slavery and race in America was a failure of imagination, a failure, in other words, to create the new vision of humanity since the European Renaissance of the sixteenth century(...)</p> <p>its presents one or two other scenes in England more than forty years apart. Indeed, the <i>Narrative</i> depicts classical scenes of Egypt and Avignon, France or Genoa, Italy against the backdrop of the American slavery(...)</p>	<p>Du Bois had begun to develop the idea of Pan-Africanism, a concept dedicated to the liberation of blacks throughout the world. (...)</p> <p>he disagreed with the position advocated by Locke in "The Colonial Literature of France." (...)</p> <p>I know the United States. It is my country and the land of my fathers. (...) I have served my country to the best of my ability. I have never knowingly broken its laws or unjustly attacked its reputation. At the same time I have pointed out its injustices and crimes and blamed it, rightly as I believe, for its mistakes. It has given me education and some of its honors, for which I am thankful (...)</p> <p>He become a full citizen of Ghana(...)</p>	<p>Toomer was born in Washington, D.C., of racially mixed parentage: French, Dutch, Welsh, African-American, German, Jewish, and Native American(...)</p>	<p>"I love America than any other country in the world, and exactly for this reason, I insist on the right to criticize her perpetually." (...)</p> <p>For him, Paris truly became the "City of Light." After arriving there, he said "I felt as though I had come out of a dark tunnel and seen the sky for the first time." While in Europe, Baldwin made a discovery about himself. (...)</p> <p>Baldwin achieved success and fame as an expatriate (...)</p> <p>he writes about his experience with two Bessie Smith recordings while living and writing in Switzerland (...)</p> <p>Baldwin predicted the end of the Western civilization and Eurocentricism as early as 1972 in <i>No Name in the Street</i> (...)</p> <p>Commuting back and forth between the United States and his home in St. Paul de Vence in the south of France, Baldwin was one of the most eloquent and influential writers of the twentieth century. (...)</p>	

Quadro 09: Projeção nacional/transnacional

Nesse Quadro de ressonâncias, vale observar, primeiramente, para o modo como a função-autor-biográfico textualiza a relação dos escritores negros com os sentidos de

nacionalismo. Os biografados são relacionados aos Estados Unidos a partir da crítica que fazem ao país. Em seguida, vale atentar para a forma como a memória transnacional, aquela que significa a experiências dos escritores negros estadunidenses em outros países. A partir de enunciados que se referem a outros países, contrapostos aos Estados Unidos, podemos perceber uma direção argumentativa de valoração da transnacionalidade.

Se, como pontuamos nas análises do Quadro anterior, há uma diferença de designação das identificações políticas dos biografados, o mesmo acontece quando a relação desses biografados com outros países é predicada. Na *Norton*, os sentidos de exterior comparecem associados ao marxismo, esquerda, Cuba, URSS, Ghana, morte longe dos braços da pátria etc; aqui, na *Riverside*, o exterior é o lugar da expansão, da busca, da realização. Dentre os vários exemplos presentes nesse grupo, tomemos o de James Baldwin, designado como tendo “feito sucesso como expatriado”, “previsto o fracasso do ocidentalismo e do eurocentrismo” e “vivido entre seus dois lares, um nos Estados Unidos e outro na França”.

3.2.2.2. ANÁLISE DO MODO DE ENUNCIÇÃO NARRATIVO

Para empreender a análise do modo de enunciação narrativa das biografias, organizamos as ressonâncias discursivas em nove grupos, quais sejam: 1.Tempo da atualidade enunciativa; 2.Tempo da infância; 3.Tempo da ancestralidade; 4.Tempo da vida adulta; 5.Tempo da busca de si; 6. Biografados a frente de seu tempo; 7.Tempo histórico; 8.Progressão do tempo Narrativo; 9. Marcadores argumentativos.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
One of the best illustrations both of irrepressible African genius and of the thriving network between eighteenth-century black abolitionists in England and the American colonies and their simultaneous connections with the fledging international abolition movement is Olaudah Equiano (...)	Frederick Douglass was one of the most gifted and thinkers in America during the nineteenth century. He was one of the most famous black abolitionists and one of the most talented orators. But even the best traditional accounts neglect true appreciation for his superb gift of metaphor and symbol (...)	W.E.B. Du Bois was one of the most brilliant men of words and action born in the United States. By his death at ninety-three, he had become not only a product of African American history but a significant director of its course as well (...)	It is within such a current that Jean Toomer took his bearings (...)	From the beginning of his career to the very end, Baldwin exercised his right to criticize America racism “perpetually” in virtually everything he wrote. (...)	When Toni Morrison was awarded the Nobel Prize for literature in 1993, it was a celebrated occasion for American literature, African American literature, and women’s literature. (...)

Quadro 10: Tempo da atualidade enunciativa

Os exertos desse Quadro de ressonâncias ilustram que a função-autor-biográfico enuncia sobre os biografados a partir de seu tempo presente. Isso acontece seja por meio da utilização de verbos no presente, como é o caso da biografia de Olaudah Equiano e F. Douglass, seja por meio da utilização de verbos no passado.

Depois de situar os biografados na sua atualidade, a função-autor-biográfico se volta para o tempo de infância dos mesmos. Com isso, inicia-se uma linha temporal que constituirá uma tessitura dos momentos da vida dos biografados.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>Captured along with his sister by local raiders when he was about ten or eleven years old, Olaudah was taken to the West Coast of Africa and sold to slavers headed for the West Indies (...)</p> <p>The two children were kidnapped by a woman and two men who came over the walls of his home when his parents were away. (...)</p>	<p>Fredrick Bailey (later Douglas) was born in 1817 of a slave mother and an unknown white father on the Eastern Shore of Maryland. (...)</p>	<p>The remarkable scholar, educator, and philosopher was born free in Great Barrington, Massachusetts, in 1868, among a family that dated back several generations in America. (...)</p>	<p>On December 26, 1894, Toomer was born in Washington, D.C., of racially mixed parentage: French, Dutch, Welsh, African-American, German, Jewish, and Native American. (...)</p> <p>In childhood he suffered from a lack of self-esteem (...)</p>	<p>The victim of poverty and anger of his stepfather, Baldwin had a difficult childhood, as revealed in his semiautobiography novel <i>Go Tell It on the Mountain</i> (1953). The son of Emma Berdis Jones, a single parent, James Baldwin was born August 2, 1924, and grew up in Harlem with David Baldwin, his stepfather, and eight brothers and sisters. (...)</p>	<p>Morrison was born Chloe Anthony Wofford in Lorain, Ohio, on February 18, 1931.. She grew up in an environment where she heard the stories and folktales that would influence the imaginative creativity of all her novels. (...)</p>

Quadro 11: Tempo da infância

Com essas ressonâncias referentes aos dias de infância dos biografados, instaura-se um efeito de testemunha que marcará a voz da função-autor-biográfico. Sua enunciação sugere um conhecimento de dados referentes a datas (nascimento), condições de vida “*The victim of poverty and anger*” até pontuar estados de espíritos dos biografados quando crianças “*In childhood he suffered from a lack of self-esteem*”. De sua posição – presente da enunciação – a função-autor-biográfico conduz uma volta ao passado dos biografados para construir as condições que teriam levado-os a se tornarem grandes escritores.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>“My mother adorned me with emblems after the manner of our greatest warriors” (...)</p> <p>The tragic separation from his family is forever after a personal point of reference, with the sensitive man, the pain over which he grieved throughout his life, (...)</p>		<p>One ancestor, in fact, had served as a soldier in the American Revolution (...)</p> <p>Of partly French, Dutch, and African ancestry (...). His mother, Mary Burghardt, lived somewhat meagerly while he was recognized as a youth with unusual gifts of intellect (...)</p>	<p>His father deserved his mother a few months after he was born, and his mother died during a brief, unhappy second marriage when Toomer was fourteen (...)</p> <p>his tyrannical grandfather P. B. S. Pinchback, a mulatto who had served as governor from Louisiana for two months. (...)</p>		<p>From her parents, who were first-generation northerners, and from both sets of grandparents, Morrison inherited a legacy rich in southern oral traditions. Her father George Wofford, had migrated from Alabama; her mother, Rahmah Willis Wofford, had migrated from Georgia (...)</p>

Quadro 12: Tempo da ancestralidade

Outra ressonância encontrada é a que se refere ao tempo da ancestralidade – tempo dos pais. Vejamos que a função-autor-biográfico afasta seu dizer momentaneamente dos biografados para dizer sobre sua origem genealógica. Sobre esse funcionamento discursivo nas biografias ver análises anteriores na *Norton*.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
By 1759, Equiano was fully articulate in English language (...) By the time he was in his forties, the former sailor had become a well-known and articulate abolitionist in British circles (...)	At twenty-one, in 1838, Bailey used his literacy to forge some papers. With some other documents provided by a free black seaman, he escaped to freedom. Shortly afterwards, he married Anna Murray, a free black woman in Baltimore. Later, and further north, he began work as an antislavery crusader in New Bedford, Massachusetts (...)	Upon his mother's death following his high school graduation, Du Bois received a scholarship to attend Fisk University, a prominent black institution of higher education founded originally in Nashville, Tennessee, to educate the children of freed slaves. (...)	In 1920, he returned to his grandfather in Washington, D.C., where, in a mood of defeat and rejection, he began reading literature (...)	Baldwin left Harlem after high school and found employment during World War II in Trenton, New Jersey. One of his most poignant and moving essays, "Notes of a Native Son" describes this period in his life. He frequently experienced racism and discrimination while there (...)	Graduating with honors from Lorain High School, Morrison enrolled at Howard University, from which she would receive a B.A. in English with a minor in classics in 1953. (...)

Quadro 13: *Tempo da vida adulta*

Neste quadro, agrupamos as ressonâncias sobre o tempo da vida adulta dos biografados. Esse é o período de tempo para o qual a função-autor-biográfico dedica a maior parte do texto biográfico. Nele são narrados os primeiros passos dos biografados como sujeitos “independentes” que o levariam à execução de fatos mais importantes, publicações, viagens até chegarem ao reconhecimento.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
The first thing Equiano did after obtaining his freedom was to officially discard his Scandinavian name, but later, as a published author, he would find that shedding his identity was not as easy as he hoped (...)	At times, Douglass became profoundly disappointed, especially with the passage in 1850 of the Fugitive Slave Law (...)	He had wanted to attend Harvard University but thought that he needed to learn more about his people. The journey south would return the young scholar to his cultural roots, tracing him to the souls of black folk (...)	he continued to suffer from self-doubt and morbid introspection. He attended the M Street High School, where he became a troublemaker, a nuisance in the classroom, and a victim of overpowering sexual impulses, which he thought were destroying his health. He turned to barbells and special diets and began a three-year period of revolt and wandering. In 1914, he enrolled as a student of agriculture at the University of Wisconsin for a semester and at the Massachusetts College of Agriculture, where he lasted only a week. He then went to a physical center college in Chicago, but ended up more interested in Darwin and atheism than in physical fitness. (...)	This, with his typewriter, a small sum of money, and his faith, he bought a one-way ticket to Paris in 1948. For him, Paris truly became the “City of Light.” After arriving there, he said “I felt as though I had come out of a dark tunnel and seen the sky for the first time.” While in Europe, Baldwin made a discovery about himself. In “The Discovery of What It Means to Be an American” he writes about his experience with two Bessie Smith recordings while living and writing in Switzerland (...) He was a gay youth who divided his time between helping with his younger siblings and reading(...)	During the twenty years that Morrison worked for Random House, she was also pursuing her own creative objectives. (...)

Quadro 14: Tempo da busca de si

Nesse Quadro de ressonâncias, a função-autor-biográfico textualiza uma viagem interna dos biografados em busca de respostas para questões subjetivas. Assim, ao textuaizar que a primeira medida tomada por Equiano após conseguir sua liberdade seria se livrar de seu nome escandinávio – marca do senhor dono de escravos – a função-autor-biográfico indica a busca de identidade empreendida pelo biografado. Frederick Douglass comparece se questionando a respeito das até então novas leis sobre a escravidão. W.E. B. Du Bois é designado como tendo feito uma viagem rumo à alma do negro (em referência ao seu mais notável livro). Jean Toomer é designado como tendo sofrido de baixo auto-estima e introspecção mórbida, tendo se tornado um causador de problemas, uma vítima de impulsos sexuais, e que, como busca de respostas para esses problemas, ele teria primeiramente iniciado uma dieta especial, matriculado-se como aluno de agricultura, depois como de educação física, e se interessando mais por Darwin e pelo ateísmo do que pelas atividades físicas. James Baldwin é designado como tendo se encontrado quando

viajado para Paris. Nessa complexa busca de si dos biografados, a voz da função-autor-biográfico coordena suas ações e estabelece uma relação entre viagem ao exterior do mundo físico com uma viagem ao interior da alma.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
His autobiography, <i>The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano or Gustavus Vassa, the African, Written by Himself</i> , first published in 1789, has been in print continuously for over two hundred years. (...)	Douglass was prophetic in his understandings that racial history is cyclical. He understood that the black writer was to define and direct the flow of history. (...) Fredrick Douglass seemed almost to have been writing about the post-Reagan-Bush era in the twentieth century. His genius was that he was a man for all seasons (...)	“the greatest American intellectual of the twentieth century”, he was at least six generations ahead of his time. (...)	One of the most innovative works of twentieth-century American fiction, <i>Cane</i> , anticipated the later experimental works of John Dos Passos and William Faulkner (...)	the prophet of a new, more human black American. (...)	Having learned reading before entering school, she was precocious in all of her studies. As an adolescent, she read Russian novels and works by Jane Austen (...)

Quadro 15: Biografados a frente de seu tempo

Nos excertos desse Quadro, os biografados são designados como sujeitos diferenciados dos demais que, por inteligência destacável, atuaram como “antena da raça” – para usar o termo de Ezra Pound. Oludah é designado como tendo escrito um livro cuja impressão perdura por duzentos anos. Douglass é predicado como um “profeta” em seus entendimentos de que a história racial seria cíclica. Du Bois, da mesma forma, é designado como estando pelo menos seis gerações a frente de seu tempo. Jean Toomer teria se antecipado a escritores como John Dos Passos e William Faulkner. Baldwin, como DuBois seria um “profeta”. Toni Morrison seria uma aluna precoce com habilidades de ler em russo.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
Because Pascal and others had promised that he would be free at the war's end, Olaudah fought in the Seven Years War between England and France. During the war, he served in the waters of the Maritime Provinces of Canada, in the Mediterranean, and along the coast of France. (...)	In Massachusetts, he helped recruit the 54 th and 55 th regiments, both of which earned distinction in the Civil War (...)	During the 1930's, Du Bois brought out Black Reconstruction (1935), which was originally titled Black Reconstruction of Democracy in America, 1860-1880. He saw the era of national restructuring as dating back from the Civil war rather than afterwards. (...) Du Bois proposed slavery as the primary cause of the Civil War and the major agent of northern victory within it; (...)	The New Negro Movement, which flourished after the outbreak of World War II, was an extremely variegated phenomenon, far more differentiated in its scope and aims than is commonly assumed. Although the movement was often identified simply with the racial thinking of figures such as Marcus Garvey, Langston Hughes, and Alain Locke, the intellectuals who formed its conspicuous mainstream, it included a whole range of subcurrents whose adherents often defined themselves in oppositions to Locke and his race theories. It is within such a current that Jean Toomer took his bearings. (...)	Baldwin openly advocated gay rights, criticized American military involvement in Vietnam, equated the Civil Rights Movement in the United States with decolonization abroad, and accused the Nixon administration of plotting, with the help of FBI director J. Edgar Hoover, the genocide of all people of color at home and abroad. (...)	During the Depression, when whites received good food and the Wofford family, like other blacks, received bug-infested meal from a relief agency, the Wofford wrote to Franklin D. Roosevelt to complain about the discrimination (...)

Quadro 16: Tempo histórico

Nesse Quadro de ressonâncias, há um direcionamento do dizer para uma localização dos feitos dos biografados em um conjunto de acontecimentos históricos. Vimos, assim, que a função-autor-biográfico não concebe o percurso de vida dos biografados como algo independente das condicionantes históricas e, antes de designar esses autores como se fossem um sujeito individualizado, isolado, essas enunciações dizem respeito a uma coletividade.

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>Within a short time (...)</p> <p>Until then, he had been among Africans (...)</p> <p>When the slave ship reached Barbados (...)</p> <p>During the war, he served in the waters of the Maritime Provinces of Canada (...)</p> <p>1759, Equiano was fully articulate in English language (...)</p> <p>The first thing Equiano did after obtaining his freedom was to officially discard his Scandinavian name, (...)</p> <p>Near death during the treacherous voyage with Irving (...)</p> <p>During his lifetime, Equiano learned to read and write as well as to clerk (...)</p>	<p>As a youth, he went to Baltimore (...)</p> <p>At twenty-one, in 1838, Bailey used his literacy to forge some papers (...)</p> <p>When the publication of his <i>Narrative</i> in 1845 endangered his freedom (...)</p> <p>Meanwhile, he opposed colonization of African Americans as a solution to the race problem (...)</p> <p>Finally, with the support of Frances Watkins Harper (...)</p>	<p>During the 1880's, he was a reform Republican (...)</p> <p>Near the end of the decade (...)</p> <p>During the summers (...)</p> <p>By 1909, Du Bois became the only African American founder of NAACP and, the following year, he assumed the editorship of <i>The Crisis</i>(...)</p> <p>Somewhat in the twenties by the appeal to the provement Association (...)</p> <p>throughout the twenties and early thirties his theory of a black aesthetic (...)</p> <p>During the 1930's, Du Bois brought out Black Reconstruction (...)</p> <p>As the Great Depression of the 1930's gave way to World War II (...)</p> <p>His life span has covered ninety-three productive years(...)</p>	<p>Toomer initially liked his new life (...)</p> <p>He then went to a physical center college in Chicago (...)</p> <p>When history became a bore, psychology took its place (...)</p> <p>In 1920, he returned to his grandfather in Washington, D.C (...)</p> <p>The following year, he wrote to his close friend Waldo Frank (...)</p>	<p>He continued writing(...)</p> <p>After arriving there(...)</p> <p>Because these and similar statements, Baldwin was heralded early in his career by white liberals as the supreme voice on race matters in America (...)</p> <p>During the final decade of his life (...)</p> <p>After his death in France on November 30, 1987, the <i>New York Times</i> reported on its front page the following day, "James Baldwin, Eloquent Essayist in Behalf of Civil Rights, Is Dead." (...)</p>	<p>When Toni Morrison was awarded the Nobel Prize (...)</p> <p>Having learned reading before entering school, she was precocious in all of her studies. As an adolescent, she read Russian novels and works by Jane Austen (...)</p> <p>During the Depression, when whites received good food and the Wofford family, like other blacks, received bug-infested meal from a relief agency (...)</p> <p>Graduating with honors from Lorain High School, (...)</p> <p>After her return to Howard(...)</p>

Quadro 17: Progressão do tempo narrativo

Nesse Quadro de ressonâncias predomina o discurso da progressão temporal narrativo. Vejamos as inúmeras vezes que termos como *during* é utilizado para conectar períodos. Todavia, para não entrar no efeito da evidência produzida pela função-autor-biográfico, devemos atentar a uma leitura que diferencia história e sentido, mesmo quanto petrificados por uma memória legitimada como oficial. Isto é, vale compreender como esses marcadores de tempo funcionam como elementos de apagamento das contradições nas vidas dos biografados, produzindo efeitos de evidência que organizam a rede de filiações de sentidos em sua aparência linear, estável e homogênea. Isso porque, embora a memória seja não-linear, lacunar, o efeito produzido por

essas formulações é apresentar conexões entre os períodos de vida dos biografados como unívocos e estabilizados no fio do discurso. A função-autor-biográfico forma uma rede de significância, tecida na repetição de termos, que reitera uma consequência linear do tempo. Ou seja, embora os sentidos que constituem as histórias de vida dos antologizados sejam muitos, a narração biográfica os faz aparecerem como unidirecionais

Vejamos o último Quadro de ressonâncias:

OLAUDAH EQUIANO	FREDERICK DOUGLASS	W.E.B. DU BOIS	JEAN TOOMER	JAMES BALDWIN	TONI MORRISON
<p>The language and the culture of white slave traders, however, eluded the grasp of the young boy's imagination. (...)</p> <p>Instead of granting him freedom however, Pascal confiscated Equiano's book and other belongings and sold him without notice to the captain of a slave ship that was headed for the West Indies(...)</p> <p>However, the persistence of African presence in America lured him to make several return trips. (...)</p> <p>Throughout his account of all these travels, however, Equiano seems to have been motivated by two principal hopes: to return to Africa and to become an influential force for the abolition of slavery</p> <p>However, Equiano remembers his African people as believing in one creator who was the Maker of all (...)</p> <p>Although the ship's crew had been calling him by various names like Jacob or Michael, Pascal insisted on renaming Gustavus Vassa (...)</p> <p>Although he had joined a church in England, the writer says that he had not experienced real conversion (...)</p> <p>although he never realized his desire to return to Africa (...)</p> <p>Although he did not live to see it (...)</p>	<p>But even the best traditional accounts neglect true appreciation for his superb gift of metaphor and symbol (...)</p> <p>Although he was sometimes romantically naïve, Douglass was prophetic (...)</p> <p>Although <i>My bondage and My Freedom</i> (1855) further developed his ideas (...)</p> <p>Though Douglass wrote brilliant about the slave experience (...)</p>	<p>However, he had never abandoned his dream of attending Harvard. (...)</p> <p>he had become not only a product of African American history but a significant director of its course as well (...)</p> <p>He had wanted to attend Harvard University but thought that he needed to learn more about his people. (...)</p> <p>But, in the same year, he disagreed with the position advocated by Locke in "The Colonial Literature of France(...)</p> <p>Although he was foremost a historian(...)</p> <p>Although he was labeled a Marxist revolutionary (...)</p> <p>He had wanted to attend Harvard University but thought that he needed to learn more about his people. (...)</p> <p>Du Bois was acquitted, although the government retained his passport. (...)</p> <p>Although Du Bois would die almost as an embittered Communist disowned (...)</p>	<p>After the publication of <i>Cane</i>, however, he abandoned his black identity and mobilized his white one(...)</p> <p>He then went to a physical center college in Chicago, but ended up more interested in Darwin and atheism(...)</p> <p>Today most critics agree that it is an experimental lyrical novel whose unity is derived not from its plot or characters but from its images</p> <p>Instead, he continued his quest for "unity" (...)</p> <p>Although the movement was often identified simply with the racial thinking of figures (...)</p> <p>Although highly acclaimed by white critics, the book did not initially sell well (...)</p>	<p>However, nearly two decades before the publication of this most famous essay, he had already captured the attention of an assortment of writers, (...)</p> <p>But white American's romance with Baldwin was short-lived. (...)</p> <p>But Baldwin was not to be intimidated (...)</p> <p>Although she was very supportive of him (...)</p> <p>Although he admired and supported both the Black Muslims and the Black Panthers (...)</p>	<p>Morrison ends her story on a mythical note instead of conclusively resolving conflict (...)</p> <p>Although the problem was not immediately rectified, Morrison and her three siblings (...)</p> <p>Although Claudia and Frieda MacTeer befriended the child, as to three prostitutes in the community (...)</p> <p>Although the tales of both women focus on the intrinsic relationship between the black woman and her community (...)</p> <p>Although Morrison's novels have themes in common and even a penchant for a weird character or two, they also are distinctive. (...)</p>

Quadro 18: Marcadores argumentativos

Como podemos ver nesse Quadro, a constante utilização de marcadores argumentativos revela o tipo de relação que a função-autor-biográfico estabelece com os sentidos pré-fabricados, já-ditos sobre os biografados, com os quais ela se depara. Assim, a utilização das conjunções adversativas explicita uma tentativa de deslocamento de tais sentidos, para, depois disso, mostrar sua forma de ver. Há, desta forma, nessas formulações, um jogo de força entre a voz da função-autor-biográfico e outras que dizem diferente.

Esse grupo de ressonâncias indicativas de embate entre vozes – também marcante da *Norton* – é revelador de como o intradiscurso trabalha com o interdiscurso. O narrar da função-autor-biográfico costura os acontecimentos, tendo as adversativas como fio e elimina tudo o que possa ameaçar a estabilidade/veracidade de seu dizer.

A partir das análises realizadas neste Capítulo III, podemos constatar que, diferentemente das antologias brasileiras, as estadunidenses não enfatizam o modo de enunciação descritivo em detrimento do narrativo. Ambos os modos são marcadamente mobilizados para a construção do discurso biográfico e revelam filiações ideológicas das antologias.

CAPÍTULO IV: OS DISCURSOS ANTOLÓGICOS NAS BIOGRAFIAS

Como mostramos nos Capítulos precedentes, um dos efeitos dos discursos das biografias presentes nas antologia é fazer ver a biografiação como um espaço de debates e sobreposições de vozes oriundas de diversas posições discursivas.

A partir do diálogo a que nos propusemos com a Análise do Discurso e Semântica Histórica da Enunciação, pudemos compreender o funcionamento do discurso biográfico em suas dimensões tanto intra quanto interdiscursiva. Ou seja, vimos como as formulações da materialidade linguística ressoam determinadas memórias históricas, em detrimento de outras. Assim, concluímos que as biografias, embora possam ser concebidas como um texto documental, *i.e.*, sem autoria, de acesso às “informações das vidas do autores”, não funcionam somente como um material de consulta limitado à introdução da leitura dos textos poético-literários e com a finalidade de situar o leitor perante o conjunto de obras de um determinado autor.

Neste capítulo, exporemos a relação do discurso biográfico com o discurso antológico. Nossa hipótese é a de que as biografias funcionam como um dos lugares de manifestação do discurso antológico.

4.1. DISCURSO ANTOLÓGICO

As antologias, em nossa perspectiva, têm um *duplo* relacionamento tanto com a “indústria cultural” quanto com a academia – instâncias controladoras da disseminação dos textos literários. *Duplo* porque, se de um lado, as reprodução e circulação das antologias dependem, intrinsecamente, dessas duas instâncias, de outro, essas mesmas instâncias utilizam as antologias como ferramenta de construção e preservação de seus valores e memórias⁴⁰.

Pensar o funcionamento do discurso antológico como algo que, em movimento dialético, vai-e-vem, produz e/ou reproduz, refuta e/ou endossa sentidos implica, por conseguinte, afastar-mo-nos, inevitavelmente, da tradicional forma de se pensar as antologias que as restringe a

⁴⁰ Sobre esse tópico vale lembrar que, segundo J. A. Cuddon (1999, p.42 in *Dictionary of Literary Terms & Literary Theory*) “In the last fifty years anthologies have proliferated endlessly, especially anthologies of verse. Many are little than commercial publishing packages which provoke the invention of anaemic academic ‘joke’ titles such as *The Oxford Book of Cambridge Light Verse*, *The Cambridge Book of Oxford Light Verse*, *The Oxford Book of Heavy Verse* – and so forth.”

funções meramente coletoras de discursos já prontos. Pois, como argumentamos no Capítulo anterior, se as biografias presentes nas antologias não se limitam a “denotar” e “referir” sentidos sobre os biografados, mas, vão além, e funcionam como modos de “designação” dos autores antologizados, o discurso antológico, por sua vez, não se restringe a “refletir” o que já está concluído, mas, “contribui” para sua “construção”.

Conceber as antologias com funções meramente “refletidoras” tem sido recorrente entre as pesquisas que as tomam como objeto de análise, visto que esta é uma concepção facilmente tomada como óbvia. Assinalemos, por exemplo, que Razzini (2000), em sua tese de doutoramento sobre a *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, formula:

A organização da *Antologia Nacional* e seu sucesso editorial **refletem** o momento nacionalista (...) tornando-a representante da nação (...);
A legislação de 1971 trocou o ‘bem falar e bem escrever’ dos textos literários *antológicos* por uma profusão de textos de origens diversas que transmitissem a eficácia da comunicação (...) e a compreensão da cultura brasileira sucateando a *Antologia Nacional* até então **difusora** e **reprodutora** da vernaculidade brasi-lusa (p.13) (grifos nossos)

Na perspectiva da autora, o papel da antologia compareceria reduzido a *refletir, difundir* e reproduzir o momento nacionalista vivido na época no Brasil. Embora reconheçamos a importância do trabalho da referida autora em pesquisar o papel das antologias no ensino, por outro, afastamo-nos de sua forma de conceber discursivamente as antologias, pois, quando pensada analogamente a um espelho, como sugerido inclusive pelo título da tese “*O Espelho da Nação: Antologia Nacional e o Ensino de Português e de Literatura (1838 – 1971)*”, a antologia compareceria, a partir de nossa leitura, designada como “esvaziada” de seu poder de desconstruir determinados discursos para, então, erigir outros. Não seria válido questionar se a Antologia Nacional, ao invés de simplesmente *refletir, difundir e reproduzir* o momento nacionalista, não seria um aparato que *corroboraria* para sua construção?

Para consolidar nosso distanciamento dessa forma de conceber o papel das antologias, e enfatizar nosso posicionamento de que elas funcionam discursivamente como ferramenta, pautar-nos-emos em três autoras que, guardadas suas especificidades, dedicam-se a pensar sobre as antologias como discurso. Tratam-se, em ordem cronológica, de Re (1992), que analisa o papel das antologias na canonização da poesia italiana; Lavin (2000) que tece afirmações sobre as antologias de arquitetura publicadas nos Estados Unidos; e, em contexto brasileiro, embora lidando largamente sobre as produções em contexto hispânico, Serrani (2005b, 2006, 2008a e

2008b), que parte de análises de antologias para discorrer sobre as questões de identidade, memória transcultural, discurso e capital simbólico.

Estabelecendo, a partir de agora, uma apresentação das pesquisas dessas autoras, por ordem de aproximação com os objetivos desta tese, iniciemos pela menos próxima, que é Lavin (2000). Com essa autora, que realiza uma pesquisa sobre as antologias de arquitetura⁴¹, e as predica, sugestivamente, como antologias-museu, podemos fortalecer nosso posicionamento de conceber a antologia como uma prática de construção do discurso.

A autora explica conceber as antologias como museus, na medida em que estas seriam uma instituição tanto de construção quanto de preservação de memória. Se Lavin, de um lado, sugere pensar a antologia como museu, por outro, ressalta que o museu também, por sua vez, pode ser pensado como uma antologia, na medida que necessita fazer constantemente uma re-textualização de seu acervo, sob o risco de, se não o fizer, ter sua legitimidade enquanto instituição questionada. Para ilustrar tal afirmação, a autora fornece um exemplo, que tomamos a liberdade de aqui reproduzir:

The Museum of Modern Art was recently forced to give several valuable drawings to the Metropolitan Museum of Art in New York and the Art Institute of Chicago. Abby Aldrich Rockefeller, the original donor of the drawings, by van Gogh and Seurat, had specified in her will that after fifty years, when the paintings were no longer 'modern', MoMA be required to deaccession them (p. 498).

Após esse esclarecedor exemplo de como o museu se utiliza de técnicas semelhantes àquelas empregadas no processo de antologização, a autora estabelece um diálogo com os estudos sobre a Revolução Francesa para reforçar sua tese sobre a função construtiva das antologias.

Por conseguinte, a autora propõe que uma estratégia largamente utilizada no século XVII para a construção dos arquivos de memória da história teria sido justamente a reunião de textos publicados como um organismo único. Considerando tal fato, para a autora, a Revolução Francesa poderia ser pensada não como estando meramente ligada, mas também como tendo sido causada pelos textos antologizados pelos filósofos iluministas. Com tal proposição, o espírito

⁴¹ *Architecture Culture 1943-1968* (New York, 1993) – organizada por Joan Ockman; *Architecture Theory Since 1968* (Cambridge, Mass., 1998), organizada por K. Michael Hays; e *Rethinking Architecture* (Londres e New York, 1997), organizada por Neil Leach.

filosófico da reflexão crítica – produtor da ferramenta antologia – teria sido seria não produto, mas um dos agentes responsáveis pela derrocada do Antigo Regime.

Essa inversão da lógica proposta por Lavin é desenhada a partir da leitura de Chartier, que afirma:

In affirming that it was the Enlightenment that produced the Revolution, the classical interpretation perhaps inverts logical order: should we not consider instead that it was the Revolution that invented the Enlightenment by attempting to root its legitimacy in a corpus of texts and founding authors reconciled and united, beyond their extreme differences, by their preparation of a rupture with the old world? When they brought together (not without debate) a pantheon of ancestors including Voltaire, Rousseau, Mably and Raynal, when they assigned a radically critical function to philosophy ..., the revolutionaries constructed a continuity that was primarily a process of justification and a search for paternity (Chartier Apud Lavin, 2000, p.495)

Essa passagem destaca que aquilo que os revolucionários caracterizavam como uma evidência para o fato de que a Revolução teria uma conclusão previsível, seria, na verdade, um sintoma de um conflito ainda não resolvido.

Em sequência a essa elaboração do argumento de que a antologia seria uma ferramenta utilizada para a construção e demolição de discursos e memórias, a autora centra-se em suas análises das antologias de arquitetura que, embora iluminadoras, não traremos para esse trabalho.

A segunda autora, cujo trabalho nos interessa, é Re (1992). Seu estudo, embora no concernente à função construtora da antologia não rompa com a linha de pensamento de Lavin, centra-se, a partir da mobilização de conceitos da filosofia althusseriana, exclusivamente, em assinalar como as antologias funcionam como um “aparelho ideológico”.

A partir de tal perspectiva, Re (*Op. Cit.*), ao tecer reflexões sobre o papel ideológico das antologias, afirma que:

The anthology can never be a disinterested or non-ideological instrument for the dissemination of literary discourse. Indeed, the anthology is one of the textual places where the ideological appropriation of literature becomes most readily visible (p. 585).

Ao ver a antologia como um instrumento institucional e/ou uma instituição, a autora enfatiza que a antologia não seja apenas um reflexo do *status quo*. Ao contrário, precisamente através de seu status como instituição, a antologia compartilharia da dinâmica dos processos institucionalizantes, podendo romper com a ordem pré-estabelecida e/ou contribuir com a fundação de uma nova ordem.

Em particular, a antologia é, na perspectiva de Re (1992), um meio fundamental de formação e transformação do cânone⁴². Ou, em suas palavras: “*an anthology can in fact reflect, expand, or modify (in more or less radical ways) the existing canon*” (p.586).

Para ela, tanto os “julgamentos de valor” quanto a “qualidade” das antologias podem ser identificadas através de uma análise da quantidade dos autores representados. Essa análise, por sua vez, forneceria uma compreensão da “representação imaginária” do antologista sobre as “reais” condições do cânone. O entendimento desses três fatores – julgamento, qualidade e representação imaginária do antologista – é, na visão da autora, uma etapa necessária para se chegar à “configuração ideológica” do discurso da antologia. Essa configuração, por sua vez, deve ser esclarecida pelo leitor que não pode simplesmente ignorar as introduções, prefácios, notas – aqui acrescentaríamos as biografias – e focar exclusivamente nos textos antologizados.

Assinalando as lógicas que governam a função e produção das antologias, a autora propõe uma análise de antologias da “moderna poesia italiana”: *Lirica del Novecento* (Anceschi, 1953); *Letteratura dell’Italia Unita* (Contini, 1968); *Poesia del Novecento* (Sanguineti, 1969); *I poeti del Novecento* (Fortini, 1977) e *Poeti italiani de Novecento* (Mengaldo, 1978).

Dentre suas conclusões, a autora destaca que as antologias italianas, ao contrário de “instituírem” algum tipo de deslocamento, propõem, na verdade, com a exceção parcial de Sanguineti, uma simples reorganização dos mesmos poetas que, segundo a autora, seriam colocados “*from room to room in the canonical house of Italian poetry rather than an actual reconstruction or deconstruction of the house itself*”(RE, 1992, p. 602).

A partir dos resultados de suas análises, a autora finaliza destacando dois aspectos negativos das antologias italianas. O primeiro é que elas não cumpririam o papel de construção e desconstrução do cânone poético. O segundo, que a autora generaliza para o gênero antologia, seria o fato de que ao recortarem os textos de suas condições originais de produção, as antologias “desfigurariam tais textos” ou, em certa medida, lhe dariam uma “nova configuração diferente da original, pois os contextos de produção dos textos seriam diferentes dos da antologia”. Essa desfiguração seria, na visão da autora, consequência do fato de que no ritual de composição e recomposição do espaço imaginário, que é o espaço da história literária, a antologia sempre

⁴² Sobre o papel das antologias na constituição do cânone, lembremos Costa (2008) ao afirmar que: “*La Antologia de la literatura fantástica*, de Jorge Luís Borges, Adolfo Bioy Casares y Silvina Ocampi ha sido considerada por la crítica y por la historia literaria como una pieza clave en la formación del género fantástico en la literatura rioplatense e hispanoamericana, contribuyendo a la renovación del canon y transformando un género antes marginal en un género central en las literaturas (*Ibidem*, p. 76).

tenderia a “impor” os códigos ideológicos do presente sobre os do passado, os valores dos antologistas sobre os dos autores antologizados. Como consequência da “desfiguração”, que seria, em um certo grau, “violenta e repressiva”, uma “leitura enganosa” seria produzida pela antologia.

Para Serrani, a terceira autora, o funcionamento das antologias deve ser pensado, sobretudo, em seu caráter discursivo. Coerentes com tal pressuposto, os resultados de suas pesquisas sinalizam para um deslocamento das reflexões tradicionais sobre antologia que, geralmente, encerram-na como material “descontextualizado”, “desfigurante”, como acabamos de ver na conclusão de Re (1992).

É necessário ressaltar ainda, que, embora possamos identificar pontos de convergência tanto entre as pesquisas de Serrani com as de Re – na medida em que ambas assinalam a possibilidade de se identificar o discurso antológico funcionando em textos de fonte secundária que dão suporte a antologias, quanto entre as pesquisas de Serrani com as de Lavin, na medida em que propõem pensar as antologias enquanto lugar de memória, o fato de as investigações de Serrani partirem de análises do discurso antológico para propor reflexões sobre as funções das antologias na “construção do leitor, na representação político-cultural de literaturas nacionais e suas funções na educação” (SERRANI, 2008, p. 270) faz com que nos aproximemos mais de suas pesquisas que das outras duas autoras.

Serrani (*Ibidem*), a partir de uma investigação voltada para a representação da poesia brasileira em antologias poéticas bilíngues continentais editadas nos Estados Unidos, analisa a antologia organizada por Stanley Burnshaw, *The Poem Itself*, e mostra que na referida antologia: “Subjaz uma concepção de língua totalmente desvinculada da história; que a experiência de leitura se reduz aos sons da língua; e, que, desconsidera a materialidade sócio-histórica do sentido” (*Ibidem*, p. 274).

Todavia, diferentemente de Re (*Op. Cit.*), que generaliza o caráter “desfigurativo” das antologias italianas para o gênero antológico, uma vez que, em sua visão, tal discurso produziria uma “leitura enganosa”, Serrani (*Ibidem*), sinaliza que, a “descontextualização” não seria algo inerente à definição do gênero. Para ilustrar tal asserção, a autora mostra alguns dos resultados de sua pesquisa com a antologia de Stephen Tapscot, *Twentieth-Century Latin America Poetry*. Dentre eles, que os “ensaios biográficos com considerações sobre a vida e obra de cada poeta

antecede a apresentação dos poemas de cada autor” (*Ibidem*, p.274) reforçam a contextualização por relações que a antologia possibilita entre os textos compilados.

Ou seja, antes de se afirmar que a antologia, por “desconfigurar” o contexto de produção do texto, causaria uma “leitura enganosa”, a autora propõe considerar que embora “uma antologia convide a leitura em que a configuração contextual é necessariamente diferente daquela dos textos originais, isso não significa que a descontextualização seja uma característica inerente ao gênero” (*Ibidem*).

Além dessa reconsideração sobre a “descontextualização” das antologias, Serrani (*Op. Cit.*) assinala que as antologias funcionam contribuindo para a “construção de blocos geopolíticos regionais” (*Ibidem*, p. 275) e mostra que, concomitantemente ao crescimento dos acordos bilaterais entre Brasil e Argentina, foi empreendido o projeto da *Antologia Bilingue Puentes/Pontes: Poesia Argentina e Brasileira Contemporânea*. A partir de sua investigação, Serrani (*Op. Cit.*) põe em relevo o fato da contribuição da antologia para a configuração de memórias das culturas poéticas dos dois países e propõe que a obra passe a funcionar como uma possível “ponte” entre as duas culturas.

Após dissertar sobre esses dois aspectos constitutivos do discurso antológico, “descontextualização” e “lugar de memória cultural”, a pesquisadora atenta para a relação desse discurso com a formação educativa. Para tanto, sinaliza que as antologias didáticas cumpririam um papel importante na “transmissão e definição de literatura” (*Ibidem*, p. 277) e conclui que elas “se revestem de uma importância singular para os estudos de memória sociocultural” (*Ibidem*, p. 277) e que “*podem* propiciar encontros significativos de seu leitor com a literatura” (*Ibidem*, p. 278).

A seguir, a partir da consideração dos apontamentos de Serrani (2008), e das reflexões propostas por Lavin (2000) e Re (1992), analisaremos o discurso antológico das obras das quais recortamos as biografias que compõem nosso *corpus* de pesquisa. Vale lembrar, mais uma vez, que, embora seja possível realizar uma análise do discurso antológico a partir da consideração das fontes primárias – textos compilados – ou mesmo de outros textos de fonte secundária – este trabalho tem por foco as biografias.

4.2. ANÁLISES

As quatro antologias (*A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros / Poesia Negra Brasileira: Antologia / The Norton Anthology of Black American Literature / Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition*) revelam tanto semelhanças de escopo e foco, quanto diferenças em suas tomadas de posição ideológico-discursiva. Antes de formarem um conjunto de obras que “refletem” com neutralidade os sentidos já prontos para os escritores negros brasileiros e estadunidenses, as obras laboram, cada uma a seu modo, na construção de sentidos para a identidade cultural/literária negra. Por conseguinte, devido ao fato de terem a linguagem como ferramenta, que, por natureza é imperfeita em sua opacidade, apresentam similitudes e diferenças. Ou seja, se, de um lado, constróem sentidos para os “mesmos referentes” – autores negros – por outro, todavia, não o fazem da mesma maneira. Realizaremos, a seguir, análises comparativas entre as antologias organizando-as em dois grupos: a. ressonâncias discursivas e b. distanciamentos discursivos. Dentro desses dois grupos, apresentaremos subgrupos de tópicos discursivos.

4.2.1. RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS

4.2.1.1. Contextualização das produções dos autores

Como vimos nos Capítulos precedentes, as quatro antologias compartilham da preocupação em contextualizar os momentos em que os autores produziram suas obras⁴³. Todavia, é válido ressaltar, além de procurar situar o leitor nos diversos momentos da história da produção de literatura negra, o discurso antológico propõe uma nova forma de contextualização e historicização. Isso é feito de duas maneiras. A primeira é fornecer um recorte histórico voltado para o nível individual de cada um dos autores: nascimento, infância, *turning points*, ingresso em escolas e universidades, publicação de obras, conquistas de prêmios literários etc. A segunda é se referir a momentos históricos, tais como: Período Pré-Abolicionista, Período Pós-Abolicionista, Período Contemporâneo – nas antologias brasileiras, e Guerra Civil, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, Guerra Fria, nas antologias estadunidenses, a partir das ações dos autores.

⁴³ Cf. quadros de análises da enunciação descritiva da *Razão da Chama* e da *Poesia Negra Brasileira*, e quadros [Recorte Anual do Tempo], [Recorte Histórico do Tempo] presentes na *Norton*, e [Tempo Histórico] e [Progressão do Tempo Narrativo] presentes em *Riverside*.

Aqui vale abrir um parêntese sobre a relação entre uma produção de biografias voltadas para o domínio individualizante *versus* aquelas produzidas como representativas de um coletivo. Se as autobiografias escritas nos séculos XVIII e XIX, tais como as de Frederick Douglass, Alexander Crummel, Ida Wells-Barnett, James Weldon Johnson, Harry Haywood, Adam Clayton Powell e W.E.B. Du Bois foram utilizadas com um instrumento de reivindicação racial em nome do povo negro, como mostra Franklin e Collier-Thomas (1996), autobiografias do século XX, por outro lado, tais como as de Richard Wright, Zora Neale Huston, James Baldwin, Malcolm X, Gwendoyne Brooks e Amiri Baraka, presentes no livro *Living Our Stories, Telling Our Truths* (FRANKLIN e COLLIER-THOMAS, 1996), ao se voltarem para uma preocupação individual dos autores, deixariam de localizar as preocupações com as reivindicações raciais no centro de debate para se voltar à questões individuais. Esse deslocamento do olhar do enunciador autobiográfico aconteceria juntamente com a instauração de um enunciador biográfico. Ou seja, na visão de Franklin e Collier-Thomas (*Op. Cit.*), a escrita sobre a vida do autor negro deixaria de ser uma escrita “sobre si” – *autobiografia* – para ser produzida a partir de fora, instaurando assim um efeito de cientificidade. Consequentemente à redução de autobiografias, ainda segundo os autores, presenciou-se no início do século XX a aparição da profissão do biógrafo de personalidades negras.

Fechando o parêntese, pensamos que a partir do entrelaçamento dos tempos individuais das vidas de cada autor com os tempos coletivos, o discurso das antologias analisadas traz à tona uma discursividade sobre a temporalidade histórica ignorada em discursos de outras antologias. Ademais, além de indicar ao leitor quando as obras foram produzidas, o discurso antológico ainda propõe um deslocamento do lugar enunciativo a partir do qual a história “oficial” vem/vinha sendo escrita.

A contextualização do discurso antológico é fornecida pelo discurso biográfico, uma vez que este procura, acima de tudo, além de dar coerência temporal e histórica àquele, situar a produção de cada autor mediante a de outros.

4.2.1.2. Os pioneiros

Uma segunda ressonância presente no discurso antológico estadunidense, em diálogo com o discurso da historiografia literária, é designar os autores como sendo os pioneiros em seus campos de atuação, [cf.(Quadro 5) *Norton*]. Dessa maneira, temos que:

Em *Norton*:

“The Philadelphia Negro (1899), the **first** sociological text on an African American community published in the United States”
(excerto da biografia de W.E.B Du Bois);

“Hughes was among the **first** of the writers and artist drawn to Harlem by its promise as a center of African American cultural activity”;
“His landmark poem The Weary Blues was the **first** by any poet to make use of basic blues form”
(excertos da biografia de Langston Hughes);

“It also made him the **first** African American writer to receive both critical acclaim and commercial success simultaneously”
(excerto da biografia de Richard Wright);

“The Color Purple (1982), the **first** novel by an African American woman to win this award” (A. W)
(excerto da biografia de Alice Walker);

Em *Riverside*:

“Douglass was one of the **first** people to propose that the problem of slavery and race in America was a failure of imagination, a failure, in other words, to create the new vision of humanity since the European Renaissance of the sixteenth century. He was one of the first to narrate the crisis in a captivating rhetoric exposing the irony of Christian civilization”;
(excerto da biografia de Frederick Douglass)

“The Philadelphia Negro (1899), which documents and interviews the lives of 5,000 African Americans steeped in poverty, is the **first** sociological study on American blacks by an American of African descent”;
“This organization became perhaps the **first** formal committee on African American protest in the twentieth century”
(excertos da biografia de W.E.B Du Bois)

A partir de tais recortes podemos ver que o discurso antológico trabalha na confecção de um mapeamento histórico em que os escritores negros comparecem como sendo fundadores de tradições e instauradores de caminhos serem trilhados pelas próximas gerações.

Vale assinalar, todavia, que, no discurso das antologias brasileiras, esse discurso dos pioneiros não ressoa com tanta força, sendo encontrado apenas uma vez na biografia de Solano Trindade, designado na *Poesia Negra Brasileira* como: “um dos pioneiros da negritude

popular”. Isso se deve, possivelmente, pelo fato de elas se restringem ao gênero poesia. Ou seja, se essas biografias estivessem em uma antologia de literatura negra com diversos gêneros – o que não encontramos no Brasil, talvez, esse domínio discursivo ressoasse, uma vez que o discurso antológico assinalaria os primeiros autores de cada gênero, mas isso é uma inferência.

4.2.1.3. Referência a outros autores

Uma terceira ressonância do discurso antológico é, novamente em diálogo com o discurso da historiografia literária, fazer referências a outros autores presentes na antologia. Como pudemos ver em nossas análises dos Quadros [*7 Norton e Riverside – modalização apreciativa comparativa com outros autores negros presentes na antologia*], as antologias, ao designarem um determinado autor, o fazem em comparação com outros autores presentes na antologia, produzindo, assim, tanto um efeito de continuidade – em que um autor estaria dando prosseguimento ao que fora iniciado por um outro, quanto um efeito de auto-referência – em que a literatura negra poderia se sustentar ao comparar seus autores entre si.

A partir da referência a outros autores negros presentes na antologia, os discursos antológicos contextualizam as obras de cada autor e indicam para determinadas possibilidades de leitura. Assim, as referências às narrativas autobiográficas de ex-escravos como as de Olaudah Equiano e Frederick Douglass e a contextualização das mesmas em relação ao seu momento de produção, fornecem “chaves” interpretativas para que o leitor reconheça o valor dessas obras.

O efeito discursivo desse agrupamento sinaliza para a antologia funcionando como um mosaico da história negra, em que os antologizados, individualmente, representariam metonimicamente partes de uma história coletiva. Ou seja, cada escritor negro é predicado como integrante (uma faceta) de um grupo maior que compartilha ideais e que, por isso, compartilha também de modos de interpretar os referentes do mundo exterior.

Esses três tópicos discursivos nos possibilitam, até agora, assinalar que o discurso nas antologias analisadas não descontextualiza as obras e os autores. Muito pelo contrário, além de contextualizar, ainda propiciam uma nova re-contextualização, na medida que indicam a possibilidade de um novo olhar para os momentos históricos em que o negro, antes silenciado, passa a ser designado como ator principal.

4.2.1.4. *Deslocamento de estereótipos*

Outra ressonância discursiva nas quatro obras analisadas é o trabalho de deslocamento de representações pejorativas previamente construídas para o negro. Em seu esforço de se contrapor a essas representações, o discurso antológico sinaliza, necessariamente, ainda que de forma indireta, para as memórias de sentido sobre os negros que tenta deslocar, quais sejam, aquelas que significam os negros como sendo inferiorizados, seja intelectual, ou socialmente. Para compreendermos melhor esse trabalho de deslocamento de determinados discursos, façamos ouvir, ainda que suscintamente, alguns dos sentidos com os quais o discurso antológico se contrapõe. Uma maneira de ouvir tais sentidos é citar alguns exemplos de representações estereotipadas tanto do negro brasileiro quanto do estadunidense.

Em contexto brasileiro, podemos nos reportar a Proença Filho, ao afirmar que “a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade” (2004, p.161). Embora, na pesquisa do autor, sejam citados dois posicionamentos que atestam a maneira de presentificação do negro no discurso literário brasileiro, quais sejam: “a condição negra como objeto – numa visão distanciada”, e “o negro como sujeito, numa atitude compromissada”, atentar-nos-emos, a seguir, para as representações oriundas da primeira maneira.

Segundo o autor essas representações estereotipadas corresponderiam às figuras do:

a. **Escravo nobre,**

Aquele que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação. Seriam os casos de a escrava Isaura, do livro codinome, escrito por Bernardo Guimarães e publicado em 1872 e de Raimundo, mulato de olhos azuis criado por Aluísio de Azevedo, em *O mulato*, lançado em 1881. Essa nobreza identifica-se claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista que o primeiro pretende empunhar e da denúncia do preconceito assumida pelo segundo (PROENÇA FILHO, 2004, p. 162);

b. **Negro vítima,** sobretudo quando escravo. “Nessa óptica, ele se transfigura em objeto de idealização, pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista, como nos empolgados versos de Castro Alves, poeta romântico” (*Ibidem*, p. 163);

c. **Negro infantilizado** “serviçal e subalterno, que se encontra, por exemplo, em peças de teatro como *O demônio familiar*, de José de Alencar, e *O cego*, de Joaquim Manuel de Macedo” (*Ibidem*, p. 165);

- d. **Escravo demônio** – “tornado fera por força da própria escravidão, e que aparece, por exemplo, num romance pouco divulgado do mesmo Joaquim Manuel de Macedo, que tem por título *As vítimas algozes*” (*Ibidem*);
- e. **Negro pervertido**, “que ganha a cena no excelente romance *O bom crioulo* (1885), de Adolfo Caminha” (*Ibidem*);
- f. **Negro/Mestiço erotizado**,
Erotizado, sensualíssimo, objeto sexual, é uma presença que vem desde a Rita Baiana, do citado *O cortiço*, e mesmo do mulato Firmo, do mesmo romance, passa pelos poemas de Jorge de Lima, como ‘*Nega Fulô*’, suaviza-se nos *Poemas da negra* (1929), de Mário de Andrade e ganha especial destaque na configuração das mulatas de Jorge Amado (*Ibidem*, p. 166);
- g. **Negro fiel**, “símbolo da antiviolença, presente em *Corpo vivo* (1962), romance de Adonias Filho” (*Ibidem*);

Em contexto estadunidense, Gates Jr. (1988), ao pesquisar aspectos da reconstrução das representações imaginárias do negro empreendida pelo *New Negro Movement*⁴⁴, expõe um levantamento de alguns estereótipos largamente circulados na sociedade até o começo do século XX. Dentre eles, podemos citar:

- a. **Sambo**, uma representação do negro como uma criatura inferior, desfigurada tanto intelectual como fisicamente. No século XVI o termo *zambo*, advindo do português e do espanhol, seria usado para se representar o sujeito que tinha pernas tortas e que dançava músicas sexuais;
- b. **Pickaninny**, versão infantil do Sambo;
- c. **Jim Crow**, termo utilizado para predicar aquele escravo que, por sua docilidade, não oferecia resistência ao seu dono. Este foi um termo que seria posteriormente utilizado para se referir às leis de segregação racial (*Separated but Equal*);
- d. **Zip Coon**, imagem do negro que tentava, arduamente, ascender socialmente pela participação em shows e eventos artísticos, e que, portanto, atuava caricaturalmente para o divertimento dos brancos;

⁴⁴ Vale lembrar que o autor problematiza a relação entre as noções de *New Negro versus Old Negro*, citando algumas limitações consecutivas das radicalizações de alguns autores do Movimento.

- e. **Tom's Cabin**, imagem criada a partir do romance *Tom's Cabin: Life among the Lowly*⁴⁵, escrito por Harriet Beecher Stowe, em 1852, em que o negro é predicado como sendo zeloso e fiel ao seu mestre;
- f. **Mammy**, imagem da negra, cozinheira dos mestres de escravo, retratada com o rosto coberto pelo branco do pó de farinha de trigo;
- g. **Uncle Remus**, imagem do negro ideal para o trabalho no campo e, devido a sua infantilidade, hábil no entretenimento das crianças;
- h. **Tragic Mulatto**, imagem do descendente tanto de negro quanto de branco que tenta esconder sua origem negra.

Aqui, fechando o parêntese, assinalamos que, ao fazer ouvir tais sentidos – silenciados, mas, ecoando nas memórias discursivas brasileira e estadunidense – podemos indicar que a utilização de modalizações apreciativas superlativas (cf. a seguir), como forma de valorizar a imagem do negro, ganha importância material quando remetida a essas representações estereotipadas com as quais tenta romper. Podemos afirmar, também, que, mesmo que o discurso das antologias assinala um desenvolvimento da literatura negra, tendo como um de seus objetivos erradicar as práticas de construção de representações estereotipadas, é em relação a elas que esse discurso se exerce.

⁴⁵ O sucesso editorial desse livro foi tanto, tendo atingido a marca de 300.000 cópias vendidas, que o então presidente Abraham Lincoln teria se encontrado com Stowe no início da Guerra Civil Estadunidense e afirmado “*Então essa é a senhorita que provocou a grande guerra*”, In: Charles Edward Stowe, Harriet Beecher Stowe: *The Story of her life* (1911, p. 203)

4.2.1.5. Modalizações Apreciativas Superlativas

Como mostramos nas análises dos Quadros [4] do modo de enunciação descritivo das duas antologias estadunidenses, o discurso antológico dessas obras, observado na esfera das biografias, é fortemente marcado pela utilização de adjetivos superlativos. Há, todavia, uma gradação desse discurso.

Em *A Razão da Chama* não há ocorrência de frases com adjetivos superlativos;

Em *Poesia Negra Brasileira*, temos:

“Cruz e Sousa – o **maior** poeta simbolista brasileiro”;

“Miram Alves – talvez seja a figura feminina **mais expressiva** da literatura negra atual”;

“Oliveira Silveira – sua obra revela uma **perfeita** sintonia com os **melhores** autores da negritude latino-americana” (grifos nossos).

Em *Norton*, temos:

“**The most electrifying speaker** (...)”;

“**The most highly regarded African American man of letters** (...)”(grifos nossos).

(excertos da biografia de Frederick Douglas)

“**He was the most multifaceted, prolific, and influential writer that black America has ever produced** (...)”(grifos nossos).

(excerto da biografia de W.E.B. DuBois)

“**the most representative writer of all black American poets** (...)”;

“**the most original of all black American poets** (...)”(grifos nossos).

(excertos da biografia de Langston Hughes)

“**the best known southern African American writer of the second half of his century** (...)”(grifos nossos).

(excertos da biografia de Alice Walker)

Em *Riverside*, temos:

“**One of the best illustrations both of irrepressible African genius** (...)”;

“**one of the eighteenth century’s best works** (...)”(grifos nossos).

(excertos da biografia de Olaudah Equiano)

“**one of the most gifted and thinkers in America during the nineteenth century** (...)”;

“**He was one of the most famous black abolitionists and one of the most talented orators.** (...)”;

“**He was one of the first to narrate the crisis** (...)”(grifos nossos).

(excertos da biografia de Frederick Douglass)

“**one of the most brilliant men of words and action born in the United States** (...)”;

“**one of the earliest pluralist or proponents of diverse cultures in America** (...)” (grifos nossos).

(excertos da biografia de WEB DuBois)

“**One of the most innovative works of twentieth-century American fiction** (...)”;

*“Toomer remains **one of America’s most** talented artists, and Cane one of its most original and innovative (...)”*(grifos nossos).
(excertos da biografia de Jean Toomer)

*“**One of his most** poignant and moving essays (...);
“Baldwin was **one of the most** eloquent and influential writers of the twentieth century (...)”*(grifos nossos).
(excertos da biografia de James Baldwin)

Como os excertos nos permitem afirmar, por meio da utilização de modalizações apreciativas superlativas, o discurso antológico empreende uma “reconstrução⁴⁶” de sentidos, como os descritos na seção anterior, até então empregados para se referir aos negros.

Todavia, há uma diferença substancial nas formas como o discurso de cada antologia textualiza a superlativização. Entre as antologias brasileiras não é possível fazer comparação, visto que apenas uma usa de tal recurso. Entre as antologias estadunidenses, porém, podemos assinalar que a *Norton* não modaliza seu discurso. Como podemos observar nos excertos acima, os superlativos são estruturados com um artigo definido *the* mais *most* seguido do adjetivo – ou suas flexões. No discurso da *Riverside*, por outro lado, há uma modalização expressa pela expressão *one of* que precede os superlativos. Ou seja, embora o discurso das duas antologias compartilhem posições, a forma de textualizar se dá de forma diferente. O discurso da *Norton* dialogaria mais com a individualização, enquanto o da *Riverside* abriria mais espaço para coletivização. Dito de outra forma, se Norton diz que Frederick Douglass é *“The most highly regarded African American man of letters (...)”*; não abriria possibilidade de se considerar que haveria outros escritores dignos de serem lembrados, e se a *Riverside*, por outro lado, diz que Frederick Douglass é *“one of the most gifted and thinkers in America during the nineteenth century (...)”*, necessariamente, o situaria dentre outros que também seriam memoráveis.

Vejamos como os discurso das duas antologias textualizam os feitos dos autores:

⁴⁶ Gates Jr. (1988) defende o argumento de que a *Reconstrução Intelectual Negra* teria iniciada com as narrativas de escravos publicadas entre 1831 e 1861 e teria findado com o movimento *New Negro Renaissance* de 1920. Para esse autor, o instrumento da *Reconstrução* seriam as manifestações do discurso sobre o New Negro que constitui as representações do negro estadunidense durante os anos de 1895 a 1925. Assim, a concepção do *New Negro* teria origem no ano 1895, com a publicação, na *Cleveland Gazette*, de um artigo que comemorava a aprovação das Leis dos Direitos Civis em Nova Iorque, em que se menciona *“a class of colored people, the ‘New Negro’, who have arisen since the war, with education, refinement, and money”* (*Ibidem*, p. 136).

*“Douglass’s **speech rallied** northern black men to the cause;
When the war ended, **Douglass pleaded** with President Andrew Johnson for a national
voting rights act that would allow African Americans to vote in all the states;
After the outbreak of Civil War, **Douglass lobbied** President Lincoln to let black troops
join the fighting (...)”*
(excertos da biografia de Frederick Douglas presentes em *Norton*)

*“With the **help** of Sojourner Truth, a fellow abolitionist, he enlisted blacks in the Union
Army”;*
*“Meanwhile, he opposed colonization of African Americans as a solution to the race
problem and **helped** to convince Abraham Lincoln to sign the Emancipation
Proclamation on January 1, 1863(...)”*
(excertos da biografia de Frederick Douglas presentes em *Riverside*.)

Como podemos ver nesses recortes, se de um lado o discurso da *Norton* atribui a responsabilidade de “convocar” os negros a participarem da Guerra, para que eles tivessem direito ao voto exclusivamente, a Frederick Douglass, de outro lado, a *Riverside* modaliza seu discurso e se refere aos feitos do biografado como sendo parte de uma ação em conjunto, tendo, então, recebido “ajuda” de Sojourner Truth, tendo “ajudado” a convencer Abraham Lincoln.

Para concluir, em relação a essa característica dos discursos antológicos, é válido destacar que, se de um lado, não encontramos em *Riverside* o uso de formulações linguístico-discursivas que apontam para a individualização, por outro lado, em *Norton* encontramos uma série de enunciados formados a partir do prefixo *self*, como podemos ver a seguir:

“Self-elevation from the lowest to the highest condition in societt” (...);
*“His model of **selfhood**” (...);*
*“Douglass’s style of **self-representation**” (...);*
“Self-determination” (...);
*“Most notably the one titled **Self-Made-Men** ” (...);*
*“Teaching **himself** to read and to write” (...);*
*“Narrator shows **self-determination** independent of external expectations and
conventions” (...) (grifos nossos).*
(excertos da biografia de Frederick Douglas presentes em *Norton*)

*“Wright fashioned a myth of self that conformed to the stock pattern of the American
myth of the **self-made-man**” (grifos nossos).*
(excerto da biografia de Richard Wright presente em *Norton*)

As análises desses cinco tópicos discursivos nos possibilitam concluir que o discurso antológico trabalha, inicialmente, na desconstrução de representações reificantes do negro e que, após essa desconstrução, empreende uma reconstrução de imagens que, a partir da superlativização, ressalta os feitos dos negros e a qualidade de suas obras.

Todavia, se, de um lado, notamos que as antologias compartilham do objetivo de reconstruir as imagens dos negros, por outro lado, notamos, também, que elas sustentam diferenças significativas entre sí. Isso não significa, porém, que os discursos antológicos sejam contraditórios, mas revela, diferentemente, que a reconstrução da identidade negra é empreendida de maneiras heterogêneas.

4.2.2. DISTANCIAMENTOS DISCURSIVOS

4.2.2.1. Nacionalismo⁴⁷

No discurso das antologias brasileiras, os discursos em torno da incorporação da identidade negra ao projeto de identidade nacional indicam uma diferença significativa quando comparadas com os discursos das estadunidenses. Enquanto nas brasileiras, o debate sobre o hífen que separaria os sentidos de africano e brasileiro, aparentemente, comparece estando “diluído”, “superado”, nas estadunidenses tal debate é mantido como ponto chave de identificação entre um “nós afro-americanos” e um “eles americanos não descendentes de africanos”. Citemos, como ilustração, os títulos das antologias. Os das brasileiras, *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros* e *Poesia Negra Brasileira: Antologia*, não textualizam uma separação entre os sentidos de ser negro e ser brasileiro, *i.e.*, haveria uma relação complementar. Os títulos das estadunidenses, por outro lado, *The Norton Anthology of African American Literature* e *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition*, ao textualizarem duas nacionalidades justapostas – *African* e *American* – seriam indicativos de uma duplicidade identitária do negro, ou, para usar os termos de W.E.B. DuBois, “*twoness*” e “*double-consciousness*” que marcariam a ambivalência da identidade do negro nos Estados Unidos⁴⁸.

Podemos indicar, assim, que as antologias estadunidenses assinalam, por meio da narração biográfica, que a história dos negros naquele país não se diluiu com a do não-negro. Daí uma ampla utilização do modo de enunciação narrativo sempre em busca das origens históricas. Para tanto, os tempos históricos são re-enunciados a partir da perspectiva do negro. As biografias reorganizam a enunciação da Guerra Civil dos Estados Unidos, Primeira e Segunda Guerra, Movimentos Civis de modo a enfatizar o papel do negro nesses movimentos e indicar um modo de o dizer.

Nas brasileiras, diferentemente, o modo de enunciação narrativo perde força, como se os discursos antológicos considerassem as histórias de vida dos negros como algo já conhecido, ou, ao contrário, não conhecido ao ponto de não ser narrável.

⁴⁷ Para um aprofundamento das discussões sobre o nacionalismo, vale retomar os conceitos de “*imagined communities*” elaborado por Benedict Anderson (1983) e “*banal nationalism*” elaborado por Billig (1995).

⁴⁸ É provável que o fortalecimento desse hífen entre os sentidos de ser “americano” e “afro-americano” seja uma das consequências do *Movimento New Negro*, mas não só, ocorrido entre as décadas de 1920 e 1930, cujo objetivo era “reconstruir” a identidade negra estadunidense

As antologias brasileiras apresentam a textualização de uma participação *em movimento* do negro no projeto de construção de uma identidade nacional brasileira. Ou seja, ambas as antologias designam os poetas negros dos primeiros períodos literários como africanos e descendentes de africanos em oposição ao estrangeiro/português. Em *A Razão da Chama: Domingos Caldas Barbosa* é designado como “filho de português com negra”; Luís Gonzaga Pinto da Gama é designado como “filho de Luísa Mahin, africana livre, e de fidalgo bahiano de origem portuguesa”; Antônio Cândido Gonçalves Crespo é designado como “Filho de português radicado no Brasil e da negra Francisca Rosa”. Em *Poesia Negra Brasileira: Luiz Gama* é designado como “filho de africana” e Cruz e Souza como “filho de pais negros e escravos”.

Dessa forma, podemos afirmar que o discurso antológico aponta, nas biografias dos poetas negros dos primeiros períodos, para um não pertencimento do poeta negro no ideário de brasilidade e para uma identidade do negro em oposição a do português. Todavia, com a resignificação dos sentidos de brasilidade – decorrentes de projetos ideológicos raciais no Brasil – essa designação opositiva vai perdendo forças e a distinção entre negro e brasileiro vai sendo extinta.

Assim, a direção desse discurso sobre o negro toma o rumo de sua integração aos sentidos de brasilidade, a ponto de, nas biografias posteriores, designá-lo, sem a necessidade da marcação no discurso que lhe designa. Ou seja, diferentemente dos poetas dos primeiros períodos, podemos ver que os poetas negros contemporâneos não apenas não são designados como africanos ou descendentes, como também não são sequer designados individualmente como brasileiros.

Porém, essa ausência de designação não aponta para uma não-brasilidade, mas ao contrário, se o poeta negro brasileiro não é designado individualmente nem como negro, nem como brasileiro, isso se dá por uma negação da tautologia, *i.e.*, não é preciso afirmar o óbvio. Esse efeito é garantido tanto pela memória construída para a identidade nacional brasileira – que passa a não distinguir o negro do não-negro enquanto a ser brasileiro – quanto pelos títulos das antologias que já funcionam como uma designação coletiva. Assim os títulos: *Poesia Negra Brasileira: Antologia* e *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros* já

funcionariam como um indicativo de pertencimento do poeta negro no projeto de identidade nacional⁴⁹.

Após textualizar o negro como estando “inserido” no projeto de identidade nacional, sendo, portanto, “brasileiro legítimo”, o discurso antológico movimenta-se em direção ao transnacionalismo. Ou seja, se os primeiros poetas são designados a partir da oposição brasileiro/ estrangeiro, os poetas contemporâneos são designados como tendo uma relação de troca com o estrangeiro, pois, em de suas viagens ao “exterior”, busca no “outro” estrangeiro, possibilidade de produzir sentidos sobre sua cultura e literatura.

Os discursos das antologias estadunidenses também pontuam a relação do escritor negro com os sentidos de pertencimento, ou não, à nação. Eles apontam para a diversidade das posições dos autores sobre a adesão ou não à identidade nacional estadunidense. Entretanto, mesmo considerando as diferentes posições, esses discursos abordam a questão do contato do negro com o branco de forma mais marcadamente acentuada que as brasileiras.

Vejamos, assim, alguns exemplos dessas múltiplas posições reunidas nas antologias. De um lado, as duas antologias dão voz a W.E.B. Du Bois, que situa a relação entre negros e brancos como o problema central do século vinte.

*“The ‘**problem**’ of the Twentieth Century is the problem of the **color-line**”* (W.E.B. Du Bois) (Norton);

*“Du Bois’s term **double-consciousness** – which for Du Bois defined both the crux of black Americans’ **struggle** to identify themselves and the crucible in which their African and American identities could be merged into a **unity** of which they and the **nation** could be proud”* (Riverside).

Por outro lado, também trazem excertos que apontam para outra direção, em que a relação entre negros e brancos não parece compartimentalizada:

*“Lula... is not meant to represent **white** people – as some critics have thought – but America itself... the spirit of America ... The play is about the difficulty of becoming and remaining a man in America ... Manhood – **black or white** – is not wanted here”* (Amiri Baraka) (Norton);

⁴⁹ Saindo de nosso terreno – as biografias – para dar uma espiada no terreno vizinho – os textos de apresentação das antologias – podemos encontrar sentidos que ressoam esse aspecto do discurso antológico. Assim, vejamos que em *A Razão da Chama*, Oswald de Camargo afirma: “E, detendo-nos sobre a fonte da História Literária do Brasil, vamos descobrindo, aos poucos, que algo **nosso** se retinha, ocultado às margens de algum rio difícil de transpor mas que vamos atravessando – **negros, brasileiros e irmãos** – amparados e sustentados por levas de palavras. As **nossas** palavras” (p. xii). Em *Poesia Negra Brasileira*, por sua vez, Zilá Bernd afirma: “A questão que se coloca é a que remete à pertinência e à validade de se falar em ‘literatura negra’ em um país **multiétnico e pluricultural** como o Brasil (...) Contudo reconhecer a **mestiçagem étnica e cultural** (...) não deve nos impedir de reconhecer igualmente a construção de uma **identidade negra**” (p. 13) (grifos nossos).

*“On December 26, 1894, Toomer was born in Washington, D.C., of **racially mixed parentage**: French, Dutch, Welsh, African-American, German, Jewish, and Native American” (...) (Riverside);*

Of partly French, Dutch and African ancestry, W.E.B. DUBOIS (...) (Riverside).

Notemos que, se de um lado, as antologias brasileiras, de certa maneira, silenciam a relação entre negros e brancos, ressoando e endossando os discursos das “ideologias raciais” produzidas e colocadas em funcionamento no Brasil, de outro, como podemos assinalar com os excertos acima, as antologias estadunidenses abordam a questão do pertencimento do negro ao projeto identitário estadunidense como que passando, necessariamente, pela sua relação dialógica – conflituosa e/ou complementar – com o branco.

Uma segunda particularidade de textualização desse pertencimento é subscrever a relação do escritor negro ao ideal de país. Vejamos os seguintes excertos:

*“In Harlem, Baraka established the Black Arts Repertory/School. His productions from the mid-sixties through the end of decade were allowedly **nationalist**” (Norton);*

*Would the **American nation**, in other words, ever persist in redressing the grievances of African Americans? (Riverside);*

*“I love **America** more than any other country in the world (...) wrote James Baldwin” (Riverside).*

É importante pontuar que, mesmo que as antologias façam questão de congregarem diferentes posições de seus autores sobre a questão do contato entre negros e brancos, o discurso antológico, por sua vez, produz efeitos de sentidos convergentes na direção de destacar exclusivamente os valores literário-culturais negros.

4.2.2.2. Transnacionalismo

O discurso das antologias brasileiras, depois de indicar o movimento do negro em ser designado como brasileiro, sinaliza para a busca de identificação transnacional desses poetas com memórias que constituem a história do negro em outros países, ao mesmo tempo, que levam para o exterior, uma memória do que é ser negro no Brasil. Daí a possibilidade de falarmos em memória e identidade transnacionais. Assim vejamos que:

Em *Poesia Negra Brasileira*: Eduardo de Oliveira é comparado a Aimé Césaire e Senghor; Domício Proença Filho é designado como “difusor da literatura brasileira no exterior”; Oliveira Silveira situa-se “entre os melhores autores da negritude latino-americana como Aimé Césaire e N. Guillén”; Antônio Vieira comparece como “professor na Univesidade de Ife, Nigéria, onde divulga a literatura brasileira”; Abdias do Nascimento comparece como “criador e Búfalo (USA), na Univesidade do estado de Nova York, da cadeira de Culturas Africanas no Novo Mundo”;

Em *A Razão da Chama*: Oswaldo de Camargo é designado como tendo publicado poemas e contos nos EUA, França e Alemanha; Adão Ventura, como tendo publicado em Portugal, México, Espanha e EUA; Geni Mariano Guimarães, como tendo publicado poesia na IKA, República Federal Alemã; José Carlos Limeira, como tendo publicado poesias em revistas dos EUA e República Federal Alemã; Abelardo Rodrigues, como tendo poemas traduzidos e publicados em revistas norte-americanas e alemãs.

O que esses recortes indicam é que os limites iniciais da identificação com o nacionalismo brasileiro não impedem uma posterior expansão da literatura negra em direção ao que não está contido nesses limites, e isso comparece como uma convergência entre os discursos das duas antologias brasileiras.

Quanto a este tópico, os discursos das antologias estadunidenses textualizam direções divergentes entre si.

A *Norton* balizaria a relação com a memória transnacional a partir do domínio do confronto. Dessa forma, não reconhecera as produções do negro fora dos Estados Unidos. Ou seja, mesmo que apresente diversas referências ao exterior, todas funcionariam como uma marcação de “retrocesso” na “evolução dos autores negros estadunidenses”. Ilustremos essa nossa afirmação com excertos:

*“In 1931 Hughes used money from a prize to spend several weeks recovering in **Haiti**. When he returned to the United States, he made a sharp turn toward the political left”*

*“In 1932, at the end of the tour, he boarded a ship in New York and sailed for the **Soviet Union** with a band of young African Americans invited to take part in a film about American race relations (...)”(grifos nossos)
(excertos da biografia de Langston Hughes – Norton)*

*“Despite this prodigious output during the 1950s critics generally agree that Wright’s career as a **serious literary artist ended in 1946, when he left the United States**. They argue that while **France** liberated Wright as a person, it shackled his creative expression, dulling the vivid memories of his childhood and early life, deadening his ear to the rhythms and cadences of black American speech, all of which he had captured so compelling in such works as *The Ethics of Living Jim Crow* and *Black Boy*. **The result was contrived and artificial work, full of windy abstraction.**” (grifos nossos)
(excerto da biografia de Richard Wright – Norton)*

*“Baraka’s 1959 poem *January 1 1959: Fidel Castro*, inspired the New York chapter of the Fair Play for Cuba Committee to invite the poet to visit Cuba, which he did in 1960. In *The Autobiography of Le Roi Jones* (1984), he commented about the experience **“Cuba spit on me”** (grifos nossos)
(excerto da biografia de Amiri Baraka – Norton)*

*“In 1963 Du Bois renounced his American citizenship and became a citizen of **Ghana**, where he had moved and died” (...)
“His admiration of the **Soviet Union**” (...) (grifos nossos)
(excertos da biografia de W.E.B DuBois – Norton)*

Notemos que, embora essas várias nacionalidades, contrastadas à estadunidense, remetam à memórias discursivas distintas, com suas idiossincrasias e conflitos, compareceriam subscritas a um bloco semântico reduzido, ou seja, são organizadas pelo discurso antológico a partir de um efeito de homogeneidade. As memórias constitutivas de sentido para haitiano, cubano, francês, soviético passariam a compor, em conjunto, apenas uma memória: a outra – contra-memória – que não é a estadunidense. Nesse viés, transnacionalismo compareceria para significar que tudo o que está fora dos Estados Unidos, sendo seu contrário, representaria uma “ameaça” a sua integridade nacionalista. O resultado desse posicionamento é a produção de uma redução da memória transnacionalista. Isto é, embora os autores biografados tivessem suas experiências com outras formas de discursivizar os sentidos de nacionalismo, o discurso antológico assinalaria para uma homogeneização dessas experiências, designando-as como negativas.

Essa relação do discurso antológico da Norton com as memórias transnacionais, pontuada nesses excertos de biografias, indicaria a filiação ideológica assumida pela antologia. Aqui vale

destacar que, embora nosso *corpus* de análise seja constituído de biografias, no prefácio da *Norton*, os editores afirmam que:

*“In the stubbornly durable history of human slavery, it was **only the black slaves in England and the United States** who created a genre of literature that, at once, testified against their captors and bore witness to the urge to be free and literate”* (grifos nossos)

O excerto mostra que o discurso antológico em sua dimensão biográfica ressoa, com notável semelhança, sentidos presentes no texto de apresentação da antologia, e desconsidera, explicitamente, as literaturas negras produzidas em demais países que não sejam Inglaterra e Estados Unidos.

A *Riverside*, por outro lado, baliza a relação com as memórias transnacionais de maneira diferente. Vejamos:

*“During this return voyage, the erudite African also sailed to **Turkey, Italy, Portugal, and Spain**, and he even had smooth stops in **Honduras and Nicaragua**, where he lived among the **Miskito Indians** (...)”*(grifos nossos)
(excerto da biografia de Olaudah Equiano – *Riverside*)

*“Eventually, observing the **similarities of cultures** around the world to those of black Africa, he turned his attention to further travels. In **Honduras and Nicaragua**, he was introduced to native Americans whose **ways of life he found more honest and trusting than anything known to white Europe** (...)”*(grifos nossos)
(excerto da biografia de Olaudah Equiano – *Riverside*)

*“For him, Paris truly became the “City of Light.” After arriving there, he said “I felt as though I had come out of a dark tunnel and seen the sky for the first time.” While in **Europe**, Baldwin made a discovery about himself (...)”*
*“Baldwin **achieved success and fame as an expatriate** (...)”*(grifos nossos)
(excertos da biografia de James Baldwin – *Riverside*)

*“Wright joined other board member os **Les Temps Modernes**, wrote articles in English for **Presence Africaine**, and with Camus, Sartre, and André Gide, he served the magazine’s board of patrons (...)”*
*“The Outsider showed his **attraction to French** existentialism. Possibly the first novel of the kind by an American (...)”*(grifos nossos)
(excerto s da biografia de Richard Wright – *Riverside*)

*“Indeed, the Narrative depicts classical scenes of **Egypt and Avignon, France or Genoa, Italy** against the backdrop of the American slavery, and it reveals brilliantly the capacity of the human race for creativity and destruction (...)”*(grifos nossos)
(excerto s da biografia de Frederick Douglass – *Riverside*)

Esses excertos indicam que a *Riverside*, diferentemente da *Norton*, textualizaria uma memória transnacional que sai dos limites nacionalistas estadunidenses e reconhece o valor do produzido no exterior. Assim, Equiano é designado como tendo aprendido nos vários países

pelos quais passou; Baldwin, como tendo se descoberto ao chegar em Paris e tendo alcançado o sucesso como um expatriado; Wright, como tendo mostrado atração pelo existencialismo francês e produzido naquele país. Vejamos mais excertos:

*“as the **languages** did not “totally differ” and the **cultures** were familiar (...);*
*“The **language** and the **culture** of white slave traders (...);*
*“Richard Baker befriended the slave and tutored him in English **language** and **culture** (...);*
*“Thus, **culturally** informed from his youth(...);*
*“Observing the **similarities** of **cultures** around the world to those of black Africa (...)”(grifos nossos)*
(excertos da biografia de Olaudah Equiano)

*“He exploited a rare talent for **languages** coupled with experimental understanding in the social dynamics of race and **culture**. He was truly gifted, and he was most likely a genius (...);*
(excerto da biografia de W.E.B. DuBois)

*“belongs to the best that literature has to offer across races, **cultures**, and **languages** (...);*
*“Pilate has imbibed African **culture** from her father and Indian **culture** from other foreparents in the hills (...);*
*“As an adolescent, she read **Russian** novels and works by Jane Austen” (grifos nossos)*
(excertos da biografia de Toni Morrison)

É possível afirmar, ao se focar nos trechos acima, que o discurso antológico da *Riverside* esboçaria uma relação de sinonímia para os termos língua e cultura, de forma que aprender a língua do outro passaria a ser tomado como etapa para o aprendizado da cultura, e vice-versa. Dessa sinonímia resultaria a relação entre nacional/transnacional. Dito de outra forma, o discurso antológico estabeleceria um paralelo entre os pares língua/cultura e nacional/transnacional.

4.2.2.3. Identificações político-partidárias

Iniciemos afirmando que os discursos das duas antologias brasileiras designam os antologizados politicamente por meio do domínio de suas ações, e não de filiações partidárias. Ou seja, eles são predicados como “abolicionistas”, “militantes”, “participantes de associações culturais” e, em nenhum caso, como fundadores ou membros de partidos políticos. O que há, então, nos discursos antológicos brasileiros, é uma identificação com a causa negra, e não da perspectiva partidária de como ela causa vai ser traduzida pelos antologizados.

Por outro lado, os discursos das antologias estadunidenses, diferentemente, textualizam a participação dos antologizados como filiados a partidos políticos. Vale lembrar, todavia, que, se há diferenças entre os discursos antológicos brasileiros e estadunidenses do *corpus*, também, são significativas as diferenças entre os discursos presentes nas duas obras estadunidenses entre si.

Observemos, assim, que, embora *Norton e Riverside* antologizem, em grande parte, quase os mesmos escritores, mantêm discursos diferenciados. Vejamos, por exemplo, como essas duas antologias designam Du Bois:

Em *Norton*, o autor é designado como:

“A radical Democrat; he was a Marxist; Du Bois’s writing later in the 1940’s affirmed his growing affinities to Marxism; Du Bois’s left wing politics had more than a little to do with his forced retirement from Atlanta University in 1944 and his firing in 1948 by the NAACP from his position as director of special research (...)” (grifos nossos).
(excerto da biografia de W.E.B DuBois presente na antologia Norton)

Em *Riverside*, diferentemente, o autor é designado como:

“Although he was labeled a Marxist revolutionary, his political range transcended nearly all schools and ideologies. During the 1880’s, he was a reform Republican when people of the kind were still the party of Lincoln. In the second decade of the twentieth century, he was a socialist, though by 1912 he supported Woodrow Wilson for president. And, as a political independent during the thirties, he proposed the Progressive Party as an answer for the country during the late forties. By the fifties, Du Bois was a candidate for U.S. Senator on the ticket for the party American Labor. Near the end of the decade, according to his editor Herbert Aptheker, he would come to doubt that even his great young faith in American democracy could remedy the ills facing America (...)” (grifos nossos).
(trecho da biografia de W.E.B DuBois presente na antologia Riverside)

Vale lembrar que, assinalar se o intelectual defendia ou não uma determinada visão política, ou outra, diz muito mais do discurso antológico em si do que dos biografados

propriamente ditos. Reforcemos essa afirmação com uma observação das formas como Frederick Douglass é designado pelas duas antologias.

Em *Norton*, o autor é designado como:

“His **loyalty to the Republican Party**, whose candidates he supported throughout his later years, won Douglass appointment to the highest political offices that any man from the North had ever won (...)” (grifos nossos)
(trechos da biografia de Frederick Douglas presentes na *Norton*)

Em *Riverside*, diferentemente, o autor é designado como:

“Would the American nation, in other words, ever persist in **redressing the grievances of African Americans**? Fredrick Douglass seemed almost to have been writing about **the post-Reagan-Bush era in the twentieth century** (...)” (grifos nossos)
(trechos da biografia de Frederick Douglas presentes na *Riverside*)

Tais passagens ilustrariam como os discursos antológicos designam o mesmo autor a partir de lugares enunciativos diferentes. Essas diferentes designações das filiações político-partidárias, embora, quando lidas isoladamente, possam surtir um efeito de distanciamento/ausência do discurso antológico – pois, ser republicano ou não compareceria como relacionado aos antologizados – quando comparadas, elucidam não as filiações dos antologizados, mas, ao contrário, as filiações ideológicas dos discursos antológicos. Dito de outra forma, elas revelam as filiações ideológicas não sobre de quem *se* diz, mas sobre quem *as* diz. Poderíamos dizer, então, que o discurso da *Norton* filiar-se-ia mais a uma memória Republicana e que o da *Riverside*, por outro lado, a uma memória Democrata.

4.2.2.4. Designações do corpo e sexualidade

Um outro subgrupo de discursos que marca distanciamentos entre o discurso das antologias se refere à forma de designação do corpo e da sexualidade dos antologizados que, em nossa perspectiva, implica pensar em processos de investidura de significações.

Vamos às análises. As antologias brasileiras não enfatizam a designação do corpo, nem da sexualidade dos antologizados e limitam-se a assinalar que os poetas dos primeiros períodos teriam sofrido discriminações por serem negros. O mesmo não acontece com as estadunidenses. Vejamos:

Alice Walker é designada pela *Norton* como tendo ficado grávida em um momento em que o aborto era proibido.

“While at Sarah Lawrence, Walker became pregnant, at a time when abortion was illegal (...)”

Embora nenhuma afirmação de que ela tenha optado pelo aborto seja feita pelo discurso antológico, como vimos em nossas análises [Quadro 13], tal silenciamento, ao não negar tal opção, funciona como indicativo de tal prática. A confirmação do aborto, pelo silenciamento, é dada quando, em seguida, afirma-se que a autora tenha se casado com um advogado e tido uma filha:

“Walker and Levanthal lived in Mississippi and there had a daughter, Rebecca (...)”

Em *Riverside*, afirma-se, sem modalizações, que Alice Walker teria feito aborto. Vejamos:

“She finished Once while she was waiting for friends to find an abortionist for her, which they succeeded in doing (...)”

Aqui abrimos um parêntese para notar que, os debates sobre o aborto desenvolvidos pelos estudos da “negritude” estadunidense são controversos. Há, de um lado, correntes que, por pensarem sobre o tema a partir de uma perspectiva feminista, discursivizam o aborto como sendo uma conquista para as negras. De outro, há correntes que, contrariamente, defendem que as leis que passaram a criminalizar o aborto funcionariam muito mais como um instrumento de controle do corpo do negro – visto que o índice de abortos entre as escravas era altíssimo e gerava

prejuízos financeiros aos senhores de escravos – do que uma conquista dos movimentos feministas⁵⁰.

Fechamos o parêntese, e observemos o caso de James Baldwin, designado pela *Norton*, como:

“All of James Baldwin’s writings bear some stamp of his assertion that “all art is a kind of confession”, that all artists are forced to tell the whole story, to “vomit the anguish up”. But in Baldwin’s work, such confession was not merely a self-indulgent form of personal catharsis. With elegance and artfulness, he pierced the historic block in America’s racial conscious by linking the most intimate areas of his own experience with the broadest question of national and global destiny (...)”(grifos nossos).

E designado pela *Riverside*, como:

“He was a gay youth who divided his time between helping with his younger siblings and reading (...)”
“Baldwin achieved success and fame as an expatriate. Writing about race and sexuality (including homosexuality, major themes in Giovanni’s Room [1956] and Another Country [1962]) (...)”;
Baldwin openly advocated gay rights (...)”(grifos nossos).

Os recortes exemplificam que o discurso da *Norton* não construiria associações entre a “vida privada” de Baldwin e sua produção literária, mostrando, aliás, que, ao invés de se restringir a uma catarse da vida pessoal, o antologizado transcenderia em direção aos problemas raciais nos Estados Unidos. Coerente com esta posição, a antologia optaria por não fazer menção alguma às identificações sexuais de Baldwin.

Em *Riverside*, por outro lado, essa identificação ganharia relevo e, juntamente com o tema das relações raciais, a sexualidade compareceria mencionada como sendo tema central na literatura de Baldwin. Há, então, uma instauração de uma visibilidade da homossexualidade que passa a ser essencial para o reconhecimento tanto do direito de sua manifestação quanto da qualidade da escrita negra homossexual. Todavia, há que se lembrar que os efeitos desta visibilidade são imbuídos de ambivalências, contradições, e, às vezes, podem produzir sentidos diferentes dos imaginados. Sobre esse aspecto, Souza (1997) assinala que:

O dilema do discurso *gay* é que, ao dar visibilidade a uma certa forma de vivência homossexual, pode produzir a marginalidade de outros modos de viver a homossexualidade. Por outro lado, há a relação entre esse grupo minoritário e a sociedade mais ampla, em um âmbito em que a heterossexualidade é o referencial único da normalidade (1997, p. 23).

⁵⁰ Sobre esse debate, ver (BEISEL, Nicola e KAY, Tamara. Abortion, Race, and Gender in Nineteenth-Century. In. *American Sociological Review*, vol. 69, No. 4, Aug., 2004, pp. 498-518).

Ainda sobre os modos de significar a sexualidade, vejamos o caso de Jean Toomer, que, em *Norton*, é designado como:

*“Toomer **married** one of his white students, a writer named Margery Latimer, who died a year later during childbirth. He then **married** Marjorie Content, another white woman, in 1934 (...)”*(grifos nossos).

E designado pela *Riverside*, como:

*“He attended the M Street High School, where he became a troublemaker, a nuisance in the classroom, and a victim of **overpowering sexual impulses**, which he thought were destroying his health (...)”*(grifos nossos).

Podemos dizer, há uma diferença nas formas de abordar as questões de sexualidade. Se *Norton* restringe-se a mencionar que Jean Toomer teria se casado duas vezes, o que é, de certa maneira, “aceitável” pela sociedade, *Riverside*, por outro lado, não menciona que ele se teria casado, mas, focaliza-se em “destacar” uma “desfunção” de ordem sexual que afligiria o autor.

O que propomos com a comparação desses excertos é destacar que os discursos antológicos sustentam diferentes políticas de significação do corpo. De um lado, a *Norton* textualizaria o que é “aceitável” dentro da sociedade, a *Riverside*, de outro, textualizaria o que, de certa forma, é visto como “subversivo” dos valores sociais.

Dado que o controle dos sentidos constituídos para o negro, como apontam várias pesquisas da área (SWEET, 1995 e NOGUEIRA, 1998, dentre outros em contexto estadunidense e brasileiro), passa, necessariamente, por aquele dos sentidos que designam seu corpo e sua sexualidade, essas análises, ainda que sucintas, possibilitam entender aspectos das filiações ideológicas das duas antologias. Assim, pudemos ver a maneira como o discurso antológico dialoga com – ou silencia os – valores socialmente privilegiados – ou negados.

Sobre esses dois últimos tópicos discursivos, é válido lembrar que a afirmação de Foucault (1971) de que:

Em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (p. 09).

4.2.2.5. Filiações religiosas

Finalmente, o último subgrupo diz respeito às filiações religiosas. Continuemos com Jean Toomer e James Baldwin.

Em *Norton*, Jean Toomer é designado como:

*“Toomer **never** showed any interest in religion (...)”*(grifo nosso).

E James Baldwin, como:

*“**Although** he left the Church and renounced Christianity, he often conceded that he never left the pulpit, and the **spirit** of **evangelism** in his writings bears him out (...)*”.

*“Baldwin possessed the consciousness of a **moralist**, **shaped** by an **Old Testament** certainty of right and wrong, sin and transgression, and the **New Testament** promise of resurrection and redemption(...)*”

*“His immersion in black **biblical** rhetoric earned Baldwin the **rightful** title of latter-day Jeremiah (...)*”(grifos nossos).

Em *Riverside*, por outro lado, Jean Tommer é designado como:

*“Toomer experienced a loss of faith in **God**, saying that he felt “**condemned and betrayed**” (...);*

*“As a **substitute** for **religion**, he tried sociology (...);*

*“Toomer found what he was looking for in Gurdjieff’s philosophy, a blend of **mysticism**, Freudianism, and **religion**. (...)*”(grifos nossos).

E James Baldwin, como:

*“Himself a **Holy Roller preacher** in storefront churches by the age of fourteen, Baldwin speaks of **Christ** as a “**disreputable** sunbaked Hebrew (...)*”

*“He notes, ‘If the concept of **God** has any validity or any use, it can only be to make us larger, freer... if **God** cannot do this, then **it is time we got rid of Him.**’” (...)* (grifos nossos).

Esses excertos mostram que há, também, na forma de dizer sobre as filiações religiosas, diferenças marcantes entre os discursos da *Norton* e da *Riverside*. Juntamente a esses excertos, o Quadro [6] do Capítulo III, em que analisamos os modos de enunciar as filiações religiosas, reiteraria o posicionamento da *Riverside* em “preconizar” os antologizados como ateus.

Para concluir sobre as diferentes formas de construção discursiva das subjetividade dos autores negros, colocadas em funcionamento pelos discursos antológicos, afirmamos que, para que elas sejam percebidas é necessário um trabalho analítico detalhado, uma vez que esses discursos, ao se apoiarem na prática da biografação – tomada, geralmente, como um texto-documento/verídico –, transferem suas identificações discursivas para os antologizados, ou seja, fazem funcionar um discurso a partir do qual designar os antologizados como republicanos, religiosos, homens casados, ou, democratas, ateus, gays e portadores de “distúrbios” e impulsos

sexuais, compareça como meramente um ato referencial de algo já pronto, e não designativo. Isso porque, como afirma Foucault (1971):

É, contudo, da vontade de verdade, que menos se fala. Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro não pode reconhecer a vontade da verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la (pp. 19, 20).

O que essas compreensões sobre o discurso antológico nos propiciam pensar é que as antologias, tomadas como um lugar de memória e artefato cultural – assim como proposto por Serrani (2006, p. 98) –, dado o fato de produzirem tanto um efeito de unidade quanto de heterogeneidade entre as histórias literário-culturais negras brasileira e estadunidense, são um material indispensável para se esboçarem pontes entre objetos simbólico-culturais negros do Brasil e dos Estados Unidos.

CAPÍTULO V: LINEAMENTOS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA INTECULTURAL/DISCURSIVA DE PROFESSORES DE INGLÊS

Neste Capítulo, procuramos ilustrar uma forma de responder positivamente ao debate sobre a incorporação da perspectiva cultural ser constitutiva do ensino de LE e dos estudos da Linguística Aplicada, como mostrado na introdução desta tese, e contribuir para o deslocamento da visão que cinde língua e cultura, e, muito frequentemente, exclui esta última.

A partir dos resultados das análises das antologias feitas nos Capítulos anteriores, basear-nos-emos na “*Proposta Intercultural/Discursiva*” (SERRANI, 2005) para esboçar lineamentos voltados para uma formação continuada de professores de inglês sensível ao tratamento dos legados de “culturas negras”. Seguindo tal proposta, nosso procedimento metodológico será apontar para a presença nas biografias das antologias, *i.e.*, no discurso antológico, dos eixos temáticos constitutivos dos componentes *intercultural*, *linguístico/discursivos* e de *práticas-verbais* elencados pela autora.

Antes, porém, dialogaremos com dois textos: “*As concepções de Cultura e a Educação em Letras e Línguas*” (SERRANI, 2008c), que retoma uma discussão da idéia de cultura; e “*Que ‘Negro’ é Esse na Cultura Negra?*” (HALL, 1998), que discute sobre as políticas identitárias que emergem juntamente com a aparição das “culturas negras”.

5.1. “AS CONCEPÇÕES DE CULTURA E A EDUCAÇÃO EM LETRAS E LÍNGUAS”

A partir de um contraste de opiniões, levantadas junto a profissionais ligados ao ensino de línguas – que confirmam a relevância do componente sociocultural neste ensino – e as das instituições de ensino – feitas em momentos de avaliações de cursos superiores do Ministério da Educação no Brasil –, Serrani (2008c) retoma as discussões da idéia de cultura presentes nas obras de Eagleton (2005) e Garcia Canclini (2005), para pensar a cultura no contexto de ensino

Sobre a reflexão teórica do primeiro autor, a estudiosa observa que a cultura pode ser compreendida em um conjunto de dualidades. Dentre essas, pode se referir a um grupo social específico ou a manifestações restritas da produção artística. Nas palavras do autor, “a cultura aponta para uma dualidade no sujeito que, enquanto ser cultural, é tanto agente de mudanças, como também objeto ou matéria prima do que é mudado” (EAGLETON, 2005 *Apud* SERRANI, p. 319). Uma outra dualidade é a que resulta das abordagens descritivas e normativas do termo cultura.

Dentre os sentidos contemporâneos de cultura, a autora assinala que Eagleton – retomando Raymond Williams – sintetiza o desenvolvimento da noção em: cultura como civilidade; como modo de vida característico; como produção artística e, como identidade específica (nacional, sexual, regional, étnica, etc.). Embora reconheça a dificuldade de sistematizar essas características em uma única formulação, a autora indica que Eagleton procura sintetizar cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” e, em outra passagem complementar “o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos” (*Ibidem*, p. 320).

Por meio das ponderações de Canclini, Serrani ressalta sua proposta de se estudar a “hibridização cultural”, que, nas palavras de Canclini, seria “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que previamente existem em formas separadas, se combinam para gerar estruturas, objetos e práticas novas”. (CANCLINI, 2005 *Apud* SERRANI, 2008, p. 325) A autora assinala que a concepção de culturas híbridas possibilita estudar realidades socioculturais superando binarismos, tais como: dependência/nacionalismo; modernização/tradicionalismo local, dentre outros.

A partir da consideração da diferença cultural, Serrani (*Op. Cit.*) observa que no anseio de negar o dogmatismo de visões homogeneizadoras da cultura, “caiu-se em um certo culturalismo dogmático” que pode gerar uma exacerbação tamanha da diferença cultural e, por conseguinte, “produzir o efeito contrário à democratização sócio-histórica que postula” (*Apud* Serrani, *Op. Cit.*321). Uma forma salientada pela autora é considerar a cultura como prática política, ou, nas palavras de Eagleton, “a política é a condição da qual a cultura é o produto” (*Ibidem*).

5.2. “QUE ‘NEGRO’ É ESSE NA CULTURA NEGRA?”

“A negritude enquanto signo nunca é suficiente. O que aquele sujeito faz, como ele age, como pensa politicamente... o ser negro realmente não me basta: eu quero conhecer suas políticas culturais”.
(Isaac Julien, *Apud* Hall, 1998, p. 329)

Hall (1998), em seu texto, “*Que ‘Negro’ é Esse na Cultura Negra?*”, inicialmente, remete-se ao estudo de Cornel West que, em seu ensaio “*The New Cultural Politics of Difference*”, teria proposto uma genealogia do momento de aparição da cultura popular identificando três eixos: o deslocamento dos modelos de alta cultura; o surgimento dos Estados Unidos como potência mundial e, conseqüentemente, como centro de produção e circulação global de cultura; e a descolonização do Terceiro Mundo.

A partir de tal remissão, Hall, assim como Eagleton, Canclini e Serrani, preocupado em deslocar o binarismos da noção de cultura, dentre eles o de alta cultura *versus* cultura popular, propõe-se a pensar como a exposição da cultura popular nos Estados Unidos em contexto mundial – por conta do poder de alcance e influência desse país – traria visibilidade, mesmo que de forma regrada e vigiada, para as discussões em torno da políticas de “culturas negras”.

Na perspectiva assumida por ele, “o impacto dos direitos civis nos Estados Unidos e as lutas negras pela descolonização das mentes e dos povos da diáspora negra” (*Ibidem*, p. 318) seriam fatores primordiais para se pensar no surgimento da noção de “cultura negra”. Assim, para ele, aquele país teria sido palco de um deslocamento da noção de alta cultura para dar espaço à cultura popular, ou, em suas palavras:

Quero lembrar as ambigüidades daquele deslocamento da Europa para a América, uma vez que ele incluiu a relação ambivalente dos Estados Unidos com a alta cultura européia e a ambigüidade da relação dos Estados Unidos com suas próprias hierarquias étnicas internas (*Ibidem*, p. 318).

O autor assinala que, antes desse deslocamento não havia, na Europa Ocidental, “qualquer tipo de etnicidade, ou não reconhecia que tivesse”. Todavia, como os Estados Unidos “sempre tiveram uma série de etnicidades” e “a construção de hierarquias étnicas sempre definiu suas políticas culturais”, os demais países se viram “encorajados”, se não a tomar integralmente como exemplo, ao menos em reconhecer a existência da “cultura negra”. Dito de outra maneira, uma vez que “a cultura popular americana sempre conteve – silenciada ou não – as tradições

vernáculos da cultura popular negra americana”, o posicionamento dos Estados Unidos como potência “influenciadora” teria dado visibilidade à cultura popular negra daquele país e “ensejado” outros países a fazerem o mesmo, fosse pela exposição de cifras dos lucros obtidos com a mercantilização das “culturas negras”, ou não.

Essa visibilidade, por conseguinte, teria possibilitado o “descentramento e aberto caminhos para novos espaços de contestação e causado uma importantíssima mudança nas relações culturais populares” (*Ibidem*, p. 319), além de apresentar uma oportunidade para a intervenção no campo das “culturas negras”.

Há que se lembrar, todavia, que essa visibilidade e oportunidade não foram consequências automáticas que, por serem inevitáveis, no final das contas, aconteceriam a despeito da ação do negro em lutar pelo seu direito de representatividade. Se hoje, “dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora” (*Ibidem*, p. 320), isso não significa simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora, senão “o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural” (*Op. Cit.*).

Tais consequências, tanto não são automáticas, que, lembra Hall (*Op. Cit.*), se há uma abertura ambígua à diferença e para as margens, há, por outro lado, uma reação que vem do âmago das políticas culturais:

A resistência agressiva à diferença; a tentativa de restaurar o cânone da civilização ocidental; o ataque direto ao multiculturalismo; o retorno às grandes narrativas da história, da língua e da literatura (os três grandes pilares de sustentação da identidade e da cultura nacionais); a defesa do absolutismo étnico (*Ibidem*, p. 322).

Embora, como temos visto, o autor ressalta a importância de se pensar a importância das “culturas negras” que, a partir dos Estados Unidos, influenciariam o cenário político-cultural mundial, não o faz sem se questionar tanto os motivos pelos quais as “culturas negras” vêm sendo “incluídas” na agenda de pesquisas, por exemplo, “a ambivalente fascinação do pós-moderno pelas diferenças sexuais, culturais e, sobretudo, étnicas” (*Ibidem*, p.319), quanto as formas dessa abordagem, por exemplo, o “essencialismo necessário” defendido, segundo Hall, por bell hooks (*grafadas com minúsculas mesmo*) e Gayatri Spivak.

Sua crítica se assenta, especificamente, em práticas políticas que, ao desconsiderarem as dinâmicas histórica-discursivas, tendem a idealizar a “identidade negra” e, por conseguinte,

defender uma essência da “cultura negra”. Uma das limitações do essencialismo, na visão do autor, seria “enxergar as diferenças como ‘as tradições deles *versus* as nossas’ de uma forma excludente, autônoma e auto-suficiente” (*Ibidem*, p. 326) que faria com que os essencialistas se tornassem incapazes de reconhecer as estratégias dialógicas e as formas híbridas da estética diaspórica.

Uma segunda fragilidade seria a naturalização e desistoricização da diferença que provocaria uma confusão do que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. Na visão de Hall, quando os essencialistas naturalizam categorias históricas, tais como a de “negro”, por exemplo, acabam por fixar esse significante fora da história, da mudança e da intervenção política. A partir de tal fixação, “usam ‘negro’ como algo a-histórico, suficiente em si mesmo, como se não tivessem nenhuma outra política para discutir, exceto a de que algo é negro ou não é” (*Ibidem*, p. 327).

Tal fragilidade impediria a compreensão de que as subjetividades negras, como todas as outras, se dão em um espaço de “contínuo deslocamento-cruzado de uma identidade por outra, de uma estrutura por outra” (*Ibidem*, p. 328). Como exemplo, o autor lembra que certas formas pelas quais os homens negros continuam a viver suas contra-identidades enquanto masculinidades negras são, quando vistas a partir de outros eixos de diferença, opressivas tanto para as mulheres quanto para os homossexuais negros.

Como conclusão da discussão que faz do aparecimento da “cultura negra” e das críticas ao essencialismo, o autor aponta para uma necessidade do “fim da inocência do sujeito negro ou o fim da noção ingênua de um sujeito negro essencial” (*Ibidem*, p. 329).

Com esse autor podemos pensar nas marcas discursivas que remetem à “identidade cultural negra” brasileira e estadunidense, textualizadas nas biografias analisadas nos Capítulos anteriores, como ressoando sentidos de que as influências africanas não são nem a origem nem o resultado dessas “identidades”, mas um elemento transformador que as coloca em constante movimento.

A seguir, considerando essas discussões em torno de cultura e “culturas negras”, esboçaremos um conjunto de lineamentos voltados para a formação continuada do professor de inglês a partir de um trabalho com as antologias analisadas.

5.3. PROPOSTA INTERCULTURAL/DISCURSIVA

Em sua “*Proposta Intercultural/Discursiva*”, Serrani (2005, p. 29) chama a atenção para o fato de que “o conhecimento linguístico não é o único objetivo do ensino de língua”. Com tal proposição, a autora assinala a necessidade de se pensar o ensino de línguas estrangeiras não em um viés instrumentalista e utilitarista, mas, sim, de o conceber – e praticá-lo – levando-se em consideração o papel decisivo do ensino de línguas no processo educativo geral. Exposta essa assertiva fulcral de sua proposta, Serrani defende uma implementação curricular *multidimensional e interculturalista* de língua no qual “o componente sócio-cultural tenha explicitamente o lugar relevante que lhe é de direito” (*Op. Cit.*).

Em sua perspectiva, a premissa norteadora para um ensino de línguas voltado para o multidimensionalismo e interculturalismo é partir “(...) sempre da cultura de origem dos estudantes, consideradas suas heterogeneidades” (*Op. Cit.*). Ou seja, esse tratamento prioritário de questões sócio-cultural-discursivas previsto por Serrani (*Op. Cit.*) dá-se a partir da consideração de heterogeneidades das comunidades falantes tanto da língua materna quanto das de língua estrangeira, possibilitando, desta forma, refletir sobre um tratamento do ensino da LE que vai além da comparação meramente linguística entre as duas línguas.

A *Proposta* é estruturada da seguinte maneira:

<p><i>COMPONENTE INTERCULTURAL</i> <i>Eixo: Território, Espaços e Momentos</i> <i>Eixo: Pessoa e Grupos Sociais</i> <i>Eixo: Legados Sócio-Culturais</i></p> <p><i>COMPONENTE INTEGRADO LÍNGUA/DISCURSO</i> <i>Materialidade Linguística e Gêneros Discursivos</i></p> <p><i>COMPONENTE PRÁTICAS VERBAIS</i> <i>Eixo: Leitura</i> <i>Eixo: Escrita</i></p> <p>SERRANI, Silvana. <i>Discurso e Cultura na Aula de Língua: Currículo – Leitura – Escrita</i>. Campinas: Pontes, 2005.</p>

5.3.1. COMPONENTE INTERCULTURAL

Ao propor este componente, Serrani (2005) prevê que ele seja elaborado *antes ou concomitantemente* com o componente específico de linguagem. A autora, desta maneira, ressalta que o domínio sócio-cultural não deve ser tratado como um mero acréscimo que simplesmente complementaria os conteúdos de língua. Muito pelo contrário, assinala que “a diversidade cultural deve ter seu lugar proeminente em todo currículo de línguas” (*Ibidem*, p. 31).

Consequentemente, tal proposta direciona para uma reconfiguração do que geralmente é feito em aulas de línguas quando, depois de se estudar os conteúdos de língua, os professores indicam que há – como pano de fundo/pretexto – elementos culturais. Dessa maneira, Serrani (2005) propõe que se pensem em quais conteúdos e contextos sócio-culturais estejam previstos para os tratamentos dos aspectos linguísticos e em quais gêneros discursivos o tratamento desses conteúdos e contextos será efetuado. Em síntese, a partir do tratamento prioritário desse componente, a autora prevê a possibilidade de uma integração com outros componentes do currículo.

A seguir, discutiremos como as biografias presentes nas antologias atendem aos eixos temáticos desse componente, e indicaremos as possibilidades de elaboração de atividades passíveis de serem desenvolvidas a partir de tais materiais.

5.3.1.1. EIXO TEMÁTICO: TERRITÓRIOS, ESPAÇOS E MOMENTOS

Ao propor a consideração deste eixo, a autora salienta a importância do espaço geográfico a partir de um ponto de vista não meramente físico. Ou, em suas palavras, “o território deve se visto como um espaço social, que se define por sua história e pelos conflitos, alianças ou acordos sociais que lhe dizem respeito” (SERRANI, 2005, p. 31). Assim, concordando com a autora quanto à importância de tal eixo, assinalamos que as biografias das antologias, ao designarem os locais de nascimento, atuação, publicação e morte dos autores brasileiros e estadunidenses, fornecem possibilidades de contextualização geográfica da história dos negros no Brasil e nos Estados Unidos. Com vistas a sistematizar nossas reflexões sobre esse eixo, veremos alguns tópicos discursivos passíveis de serem abordados.

i. TÓPICOS

A partir das biografias das antologias em foco neste estudo, podemos, dentro desse eixo, tratar de vários tópicos concernentes à história dos negros nos dois países. Dentre eles: **A. Diáspora Negra no Brasil e nos EUA; B. Migração (interna) Negra nos Países. C. Distribuição Geográfica da População Negra nas Regiões dos dois Países**, dentre outros. Vejamos algumas formas de se trabalhar com esses tópicos:

A. Diáspora Negra

Objetivos: Abordar a Diáspora Negra como um movimento de desenraizamento forçado provocado pela escravidão que gerou uma resignificação das culturas africanas, brasileiras e estadunidenses. Compreender que a Diáspora Negra, no Brasil e nos Estados Unidos, mas não só, provocou uma ampliação da compreensão das culturas africanas e das forças que levaram às suas transformações nesses dois países, mas não só, durante e após o comércio de escravos pelo Atlântico.

Contexto de Partida - Para abordar esse tópico a partir da perspectiva brasileira, podemos utilizar as antologias que fornecem biografias de:

1. Domingos Caldas Barbosa, presente na antologia *A Razão da Chama*, que designa que o poeta, como “filho de português com negra, teria nascido a bordo de um navio, perto da Bahia”;
2. Luiz Gonzaga Pinto da Gama, presente nas duas antologias brasileiras, que, filho de português, teria sido vendido pelo pai;
3. Antônio Viera – presente na *Poesia Negra Brasileira* – designado como professor de literatura na Universidade de Ife na Nigéria e que por:

Sua longa vivência em solo africano desfez as ilusões de que na África, a condição negra seria melhor do que no Brasil. As marcas do colonialismo, mesmo após as independências das ex-colônias africanas, deixando uma população saqueada, aniquilada pela perda de seus valores materiais e culturais (*Ibidem*, p.107).

A partir das biografias presentes nas antologias, podemos desenvolver pesquisas de forma a aprofundar as reflexões sobre a condição de vida desses autores e suas relações com as culturas africanas.

Contexto Alvo: Para abordar este tópico na perspectiva estadunidense, podemos utilizar as antologias que fornecem biografias de:

1. Olaudah Equiano – as duas antologias “narram” as viagens do biografado entre os continentes africano, europeu e americano;
2. Marcus Garvey – as duas antologias pontuam o projeto de Garvey de levar os negros dos Estados Unidos de volta para a África;
3. W.E.B. DuBois – as duas antologias pontuam que o autor teria voltado para a África em busca de uma “origem cultural africana” depois de se decepcionar com o tratamento do negro nos Estados Unidos.

Como podemos ver, é possível tratar sobre Diáspora Negra nesses dois países a partir das biografias dos escritores antologizados. Além disso, como forma de complementar o estudo deste tópico, ainda podemos utilizar as biografias para pontuar: as viagens dos escritores em direção a diferentes países (Haiti, Cuba, Nigéria, Ghana, dentre outros).

B. Migração Negra nos Países

Objetivo: Estudar as diferenças e semelhanças no processo de migração populacional negra nos dois países.

Contexto de Partida - Para abordar este tópico na perspectiva brasileira, podemos utilizar as antologias que fornecem biografias de:

1. Luís Gonzaga Pinto da Gama – que teria nascido na Bahia e sido levado para Rio de Janeiro
2. Solano Trindade Recife – que teria nascido em Pernambuco e se mudado São Paulo

Contexto Alvo - Para abordar este tópico na perspectiva estadunidense, as antologias que fornecem biografias de:

1. Langston Hughes – que teria migrado de Lawrence, Kansas, para Harlem, New York;
2. Richard Wright – que em 1927 teria migrado de Mississippi para Chicago, fugindo dos linchamentos dos estados do sul.

C. Distribuição Geográfica da População Negra nas Regiões dos dois Países:

Objetivo: Estudar a relação da distribuição geográfico-populacional negra nos dois países.

Contexto de Partida: Para abordar esse tópico na perspectiva brasileira, a partir das biografias nas antologias, podemos:

1. Produzir um mapa⁵¹ dos estados em que os poetas antologizados nasceram:



FIGURA 8: Mapa referente aos estados de origem dos autores negros no Brasil

A partir da leitura desse mapa, é possível abordar a predominância geográfica dos estados do sudeste do Brasil como região de atuação da maioria dos poetas negros brasileiros. Vale

⁵¹ Mapa confeccionado por Ênio de Oliveira, com o auxílio de Fábio Spregiaro, a partir do levantamento de informações sobre os locais de nascimento dos autores reunidos nas antologias publicadas no Brasil.

questionar se esse mapa é representativo da distribuição populacional negra no Brasil; se não, os motivos da concentração dos poetas na região sudeste.

2. Um segundo passo, seria aprofundar a reflexão sobre os autores antologizados comparando o mapa anterior com um mapa da distribuição populacional negra no país (tal como o que esboçamos a seguir)⁵²:

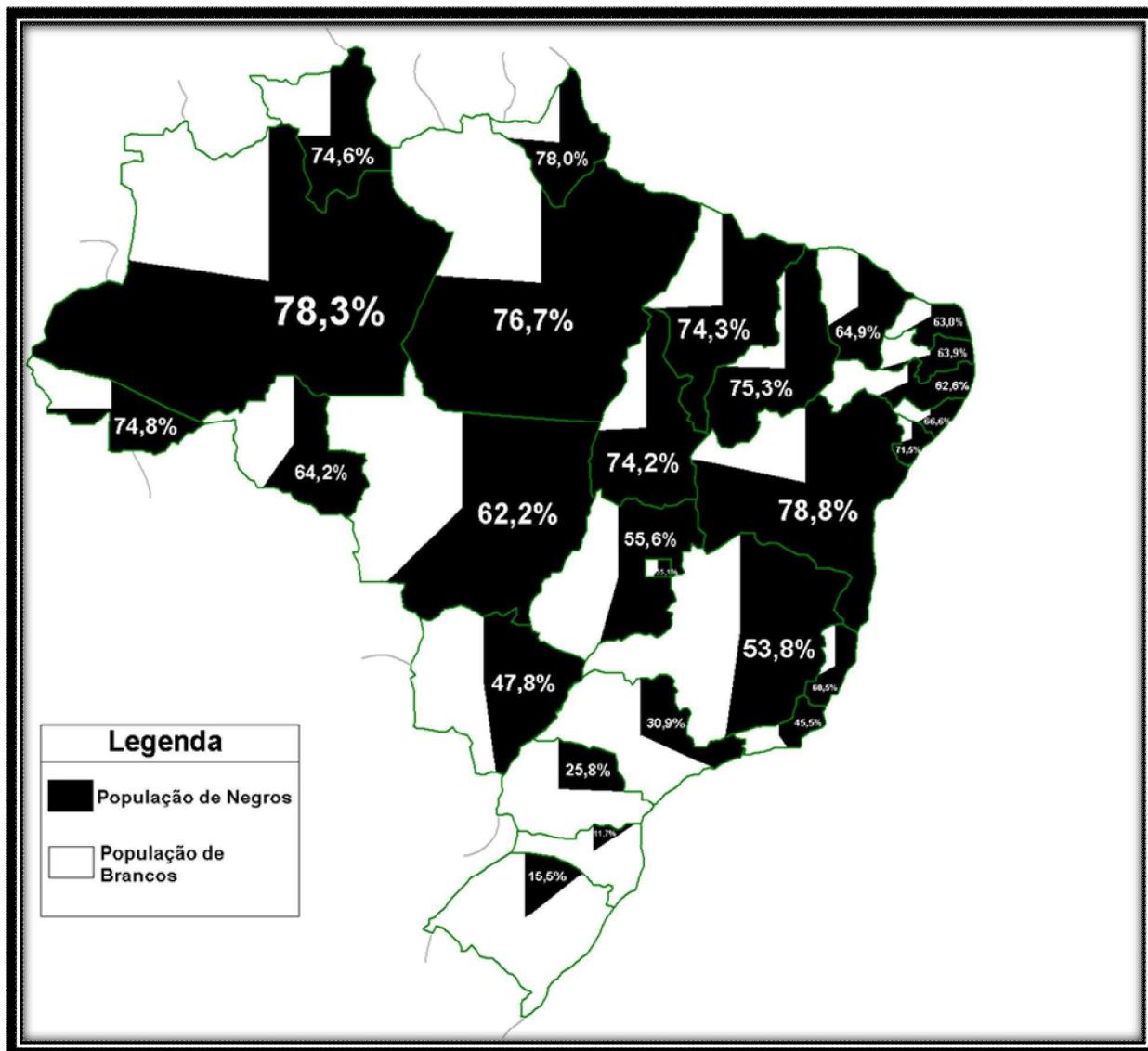


FIGURA 9: Mapa referente à distribuição populacional étnico/racial no Brasil

⁵² Mapa confeccionado por Ênio de Oliveira, autor da tese, com o auxílio de Fábio Spregiaro, a partir de informações do IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2005, disseminadas pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), órgão do governo estadual paulista, no site: <http://www.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf> (consultado em 13/12/2009)

2. Após ver os estados em que a maioria dos autores teria nascido, e estudar aspectos da geografia dos Estados Unidos, podemos aprofundar nossa reflexão ao contrastar com um mapa da região designada como *Black Belt*⁵⁴, ilustrado no mapa a seguir:



FIGURA 11 – Mapa referente ao *Black Belt* nos Estados Unidos

⁵⁴ Mapa consultado no site: [http://en.wikipedia.org/wiki/Black_Belt_\(U.S._region\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Black_Belt_(U.S._region))

Esse mapa representa, graficamente, a região dos Estados Unidos, chamada *Black Belt*, que apresenta a maior concentração da população negra por região naquele país. Uma possível pesquisa a partir desse mapa pode ser desenvolvida com objetivos de aprofundar reflexão sobre a situação econômica, social e educacional dos negros nos Estados Unidos que moram naquela área do país. A partir da leitura e análise desse mapa, também, é possível abordar, dentre outros, acontecimentos, como o Furacão Katrina que, em 2005, atingiu os estados de Alabama (2 mortos), Flórida (14 mortos), Geórgia (2 mortos), Kentucky (1 morto). Louisiana (1.577 mortos) e Ohio (2 mortos). A partir do mapa pode-se abordar, por exemplo, as críticas feitas à posição político-orçamentária da administração Bush durante esse período.

5.3.1.2. EIXO TEMÁTICO: PESSOA E GRUPOS SOCIAIS

Ao propor a consideração deste eixo no currículo do ensino de línguas, Serrani (2005) destaca essencial proceder a uma inicial identificação de grupos sociais, em razão de diferenças étnicas, raciais, de classe econômica ou atividade profissional, parâmetros estes para dar ênfase nas inúmeras perspectivas discursivas sobre essas diferenças.

Assim, ao concordar com a autora, apontamos para o fato de as biografias das antologias, ao designarem as histórias de vida dos autores negros brasileiros e estadunidenses, fornecerem diversas possibilidades de tratamento desse eixo. A seguir, mostraremos como essas possibilidades são viabilizadas pelas biografias das antologias.

TÓPICOS

A partir das biografias das antologias, podemos, dentro desse eixo, tratar de vários tópicos concernentes à história dos negros nos dois países. Dentre eles (continuamos com a sequência iniciada no eixo anterior): **D. Miscigenação no Brasil e nos EUA; E. Participação dos Negros em Grupos/Movimentos Abolicionistas; F. Participação dos Negros em Grupos/Movimentos Culturais**, dentre outros.

D. Miscigenação no Brasil e nos EUA:

Objetivo: Refletir sobre semelhanças e diferenças que marcaram a constituição étnico-racial dos dois países. Indicar como as diferenças e semelhanças no processo de designação do negro refletem políticas de construção identitária dos negros nos dois países.

Contexto de Partida: Para abordar esse tópico sob a perspectiva brasileira, podemos utilizar as antologias que fornecem biografias de:

1. Domingos Caldas Barbosa – designado como “mulato” e “filho de português com negra”;
2. Luís Gonzaga Pinto da Gama – designado como “filho de Luísa Mahin, africana livre, e de fidalgo bahiano de origem portuguesa”;
3. Antônio Cândido Gonçalves Crespo - designado como “filho de português radicado no Brasil e da negra Francisca Rosa”

Contexto Alvo: Para abordar esse tópico na perspectiva estadunidense, podemos utilizar as antologias que fornecem biografias de:

1. Frederick Douglass – designado como “*the son of Harriet Bailey, a slave, and an unknown white man*”;
2. Amiri Baraka – designado como tendo se casado com “*Hettie Roberta Cohen, a white Jewish woman whom he married in 1958*”;
3. Jean Toomer – designado como “*of racially mixed parentage: French, Dutch, Welsh, African-American, German, Jewish, and Native American*”

Ao aprofundar as reflexões sobre esse tópico, é possível estudar as semelhanças e diferenças que constituem os modos de nomeação do negro nesses dois países, viabilizando, assim, um deslocamento das representações maniqueístas e estereotipadas de que no Brasil não há diferenças étnico-raciais, e de que, nos Estados Unidos, ao contrário, o negro e o branco, a todo momento, estariam em permanentes campos de oposição e conflito.

E. Participação dos Negros em Grupos/Movimentos Abolicionistas:

Objetivo: Estudar como os negros nos dois países desenvolveram formas de organização social para enfrentar as políticas do sistema escravagista.

Contexto de Partida: Sobre esse tópico, na perspectiva brasileira, podemos utilizar as antologias que fornecem a biografia de:

1. Luiz Gonzaga Pinto da Gama: designado como “liberal exaltado e abolicionista”;

Contexto Alvo: Sobre esse tópico, na perspectiva estadunidense, podemos utilizar as antologias que fornecem biografias de:

1. Frederick Douglass – designado como participante do grupo abolicionista liderado por William Lloyd Garrison;
2. W.E.B. Du Bois – designado como o fundador da NAACP (National Association for Advancement of Colored People) e organizador do Niagara Movement;

F. Participação dos Negros em Grupos/Movimentos Culturais:

Objetivo: Estudar como os negros dos dois países se organizaram em grupos para valorizar e cultivar as “culturas negras”.

Contexto de Partida: Sobre esse tópico na perspectiva brasileira, podemos utilizar as antologias que fornecem as biografias de:

1. Cuti (Luís Silva) – designado como “Fundador da série Cadernos Negros”
Mirian Alves – designada como “membro do Quilombhoje”
2. J. Abílio Ferreira – designado como “membro do Quilombhoje”
Lino Pinto Guedes – designado como “membro da Sociedade Paulista de Escritores”
3. Solano Trindade – designado como “fundador do Teatro Popular Brasileiro”
4. Oswaldo de Camargo – designado como “participante das atividades da Associação Cultural do Negro”
5. Abdias do Nascimento – designado como “fundador do IPEAFRO na PUC-SP”

Contexto Alvo: Sobre esse tópico na perspectiva estadunidense, podemos utilizar as antologias que fornecem biografias de:

1. Booker T. Washington – designado como o Fundador da *Tuskegee University* e organizador da *Cotton States and International Exposition*;
2. Alain Locke – designado como representante do e fundador do *New Negro Movement*;
3. Langston Hughes – designado como representante mais produtivo do *New Negro Movement / Harlem Renaissance*;
4. James Baldwin – designado como representante do *New Negro Movement*;
5. Alice Walker – designada como participante do movimento político-cultural feminista

5.3.1.3. EIXO TEMÁTICO: LEGADOS SOCIOCULTURAIS

Ao propor a consideração desse eixo, Serrani (2005) assera que os legados culturais sejam relacionados aos domínios identitários, social e emocional do sujeito. Desta forma, afastando-se das correntes que, como mostramos na introdução desta tese, valorizam um ensino de línguas voltado exclusivamente para o aprendizado da estrutura linguística – desprovido dos aspectos culturais – a autora pontua que “vincular as atividades culturais as atividades de ensino/aprendizado de línguas facilitam a mobilização subjetiva indispensável para a enunciação significativa” em quaisquer línguas (p. 32)

Para o tratamento dos legados socioculturais, a autora prevê o uso de materiais cujo funcionamento discursivo não esteja restrito ao registro linguístico. Com isso, reconhece, assim, a possibilidade de utilização de materiais que viabilizem um trabalho intersemiótico. Isso quer dizer que os legados sócioculturais seriam aqueles materiais discursivos representativos da “cultura de origem” e da “cultura alvo” que estariam situados dentro de condições de produções semelhantes e que, de certa maneira, viabilizariam um trabalho com o aspecto intercultural. Como resultado da consideração desses legados, a *Proposta* visa a que as características das duas culturas sejam confrontadas e, por conseguinte, suas diferenças e, sobretudo, suas semelhanças, sejam salientadas com o propósito de se aprofundar a compreensão de componentes culturais das sociedades fonte e alvo e, assim, desmistificar mitos e rótulos impostos a cada grupo social

MATERIAIS: Filmes, poemas, romances e músicas citadas pelas biografias das antologias e presentes nos CDs de áudio que as acompanham

Contexto de Partida

1. Letra e Música do “*Hino Treze de Maio*”, indicada na biografia de Eduardo de Oliveira.
2. Poema “*Canto dos Palmares*”, de Solano Trindade, presente na antologia *Poesia Negra Brasileira* e designado como sendo; “Uma tentativa de construção épica, caracterizando-se por reverter o esquema da epopéia tradicional, transformando os quilombolas de fora-da-lei, vencidos e humilhados, em heróis da ação épica” (*Ibidem*, p. 47)
3. Poema “*Quem sou eu?*” (conhecido, segundo as antologias, como *Bodarrada*) de Luiz Gama;
4. Poema em prosa “*Emparedado*”, de Cruz e Sousa, com fragmentos presente nas duas antologias, que teria sido:

A primeira manifestação poética no Brasil de uma postura crítica face à preconceituosa sociedade da época, feita por um negro que assume sua condição de negro emparedado no mundo branco (Poesia Negra Brasileira, p. 30)

5. Filme “*Orfeu Negro*” (1959), adaptado por Marcel Camus, a partir da peça teatral “*Orfeu da Conceição*”, de Vinicius de Moraes.

Contexto Alvo

1. Discurso “*The Meaning of July 4 for the Negro*”, proferido por W.E.B DuBois;
2. Poema “*Bars Fight*” de Lucy Terry, declamado por Arna Bontamps;
3. Poema “*If We Must Die*”, Claude McKay;
4. Poema “*The Negro Speaks of River*”, Langston Hughes;
5. Filme “*The Color Purple*”, baseado no romance de codinome de Alice Walker.

Aqui, vale lembrar que a antologia *Riverside* é acompanhada de 1 Compact Disk de áudio cada, que contém 26 faixas com discursos, poemas, blues, jazz. A antologia *Norton*, por sua vez, é acompanhada de 2 CDs de áudio, sendo que no primeiro, com 27 faixas, são apresentadas diversas músicas representativas dos gêneros produzidos pelos negros estadunidenses e, no

segundo, com 24 faixas, são apresentados textos falados de diversos gêneros: discurso, poema, autobiografia, dentre outros.

Ao direcionar materiais, tanto os presentes nas antologias quanto os de outras fontes, para linear a formação continuada de professores de inglês, é possível fazer ver como a literatura, a música, a política, o cinema, dentre outras formas de representação artístico-cultural, tratam da produção das “identidades culturais negras”. É possível trazer, com tal incorporação, os legados culturais negros brasileiros e estadunidenses para a sociedade a partir do ensino de inglês.

5.3.2. COMPONENTE INTEGRADO LÍNGUA-DISCURSO

Este é o segundo componente da proposta de Serrani (2005). Nele, a autora prevê que o ensino de língua deva considerar a interdependência da materialidade linguística com os processos discursivos. Com isso, propõe que “o componente de conscientização da linguagem não seja separado, mas parte substancial do módulo língua-discurso” (p. 34) e que, tal interdependência seja “um fator crucial para o acontecimento das transformações simbólico-identitárias inerentes ao processo de ensino-aprendizado” (*Ibidem*).

Esse princípio fundamental de interdependência, segundo a autora, pode ser considerado a partir da mobilização da noção de gênero-discursivo. Dito isso, duas questões fundamentais balizam a consideração de tal componente:

1. Qual(is) gênero(s) discursivo(s) será(ão) focado(s) em relação à prática de determinadas construções morfossintáticas, de um dado léxico, de um tipo de formulação específica? (p. 35);
2. Quais posições enunciativas (lugares de enunciação, tais como dar ordens ao seu interlocutor ou não, etc) e quais posições subjetivas (hostis, persuasiva, afáveis etc) são tratadas, em relação aos objetos do discurso em foco nos conteúdos de um dado projeto didático... quais pressupostos ou argumentações estarão implícitos nos gêneros discursivos e nos textos a serem trabalhados? (*Ibidem*)

A seguir, mostraremos como as biografias das antologias, ao mesmo tempo que propiciam um trabalho com tópicos dos eixos temáticos do componente intercultural, citados anteriormente, ainda, possibilitam o tratamento da interdependência língua-discurso previsto nesse segundo componente. Retomemos, então, os tópicos anteriormente elencados, e para abordar a relação língua-discurso:

A. Diáspora Negra no Brasil e nos EUA

Materialidade linguística: Dêiticos temporais e geográficos; adjetivos pátrios; locuções adjetivas; tempos verbais; operadores argumentativos explícitos, composição de palavras por afixação; operadores de causa e consequência; influências africanas no vocabulário do inglês e do português.

Discurso-Gênero: Biografias, mapas e poemas.

B. Migração Negra no Brasil e nos EUA

Materialidade linguística: Tempos verbais; tipos de presente e passado; marcadores temporais do tempo narrativo; vocabulário de interpretação estatística; sintagmas nominais; operadores argumentativos explícitos; variações linguísticas entre as regiões norte e sul

Discurso-Gênero: Biografias, mapas, dados estatísticos e excertos de textos literários retirados das antologias

C. Relação Estatística de População Negra nas Regiões dos Dois Países;

Materialidade linguística: Vocabulário de interpretação estatística; adjetivos voltados a qualificação de lugares e grupos sociais; operadores argumentativos de conclusão.

Discurso-Gênero: Biografias, mapas e dados estatísticos.

D. Miscigenação no Brasil e nos EUA;

Materialidade linguística: Adjetivos pátrios e étnicos; ordem dos adjetivos em inglês e português; orações subordinadas e coordenadas, operadores argumentativos explícitos.

Discurso-Gênero: biografias e dados populacionais.

E. Participação dos Negros em Grupos/Movimentos Abolicionistas;

Materialidade linguística: Siglas, vocabulário referente a membros da família, adjetivos em posição de apreciação ou depreciação na ênfase da argumentação; operadores argumentativos explícitos; utilização de aspas para marcação de ironia.

Discurso-Gênero: Biografias e textos sobre os grupos e movimentos abolicionistas.

F. Participação dos Negros em Grupos/Movimentos Culturais,

Materialidade linguística: Orações subordinadas explicativas; operadores argumentativos explícitos; discurso direto e indireto.

Discurso-Gênero: Biografias e textos sobre os movimentos culturais, artísticos e literários.

Sobre as **posições enunciativas/subjetivas**, vale dizer que:

Como pudemos observar nos Capítulos anteriores, cada uma das antologias analisadas sustenta uma forma discursiva particular para designar a vida dos autores. Assim, as antologias brasileiras voltam-se para a distinção da história do negro antes e depois de sua “inclusão” no “projeto identitário brasileiro”. Consequentemente, as biografias pontuam posições enunciativas de “identificação” ou “apagamento” das marcas de “negritude” nos autores biografados. Dentre as antologias estadunidenses, a *Norton* volta-se mais para os discursos de: afirmação/negação do político; qualificação das produções literárias; adesão dos negros aos valores nacionalistas estadunidenses, a *Riverside*, por sua vez, volta-se mais para os discursos de: estética e crítica literária; herança e influência cultural; conflitos religiosos.

Vale observar que, embora haja diferenças entre as posições enunciativas assumidas pela função-autor-biográfico de cada uma das antologias, o fato de terem uma temática em comum, faz com que as antologias coloquem em funcionamento um discurso que, acima de tudo, reafirma a valorização das “culturas negras” brasileira e estadunidense.

5.3.3. COMPONENTE DE PRÁTICAS VERBAIS

O terceiro componente da *Proposta* é voltado para as atividades de compreensão e produção, que, segundo Serrani “devem ser interdependentes dos componentes intercultural e de língua-discurso” (2005, p.36). Essa interdependência seria garantida pela adequação da produção verbal (escrita, leitura, audição ou debate) a gêneros e contextos discursivos.

Exposta essa configuração, a seguir, sugeriremos formas de se pensar a compreensão e produção discursivo-linguagem a partir dos eixos deste componente.

5.3.3.1. EIXO TEMÁTICO: LEITURA

Para trabalhar os tópicos, nesse eixo, podemos utilizar tanto as biografias presentes nas antologias quanto os mapas produzidos a partir da leitura da antologias. Porém, é necessário que se situem os alunos perante as especificidades de cada um dos gêneros. Isto é, vale atentar que de um lado, as biografias, por exemplo, apresentam um conjunto de propriedades que garantem seu funcionamento textual-discursivo e suscitam um tipo específico de leitura, já os mapas, de outro, dadas as suas configurações gráfico-textuais e as histórias de leituras, suscitam leituras diferentes das da biografia. Fazer convergir interpretações sobre a temática étnico-racial, a partir da leitura de textos de diferentes gêneros, contribui, provavelmente, para a expansão da capacidade de compreensão do aluno.

Outra possibilidade de promover tal expansão, a partir da leitura das biografias, é tomarmos, por exemplo, duas biografias do mesmo autor – em antologias diferentes – e compará-las. Com tal atividade, é possível fazer com que os alunos comecem, inicialmente, pelo nível da inteligibilidade, para, em seguida, passarem ao nível da interpretação e, chegarem, finalmente, ao nível da compreensão⁵⁵.

5.3.3.2. “EIXO TEMÁTICO: ESCRITA”

Após a tomada de posição e produção de gestos interpretativos realizados durante a leitura, podemos trabalhar a produção da escrita na língua inglesa como um momento de sistematização e formulação escrita dessas tomadas. Inicialmente, podemos, por exemplo, elaborar perguntas em que os alunos tenham que se posicionar sobre o que leram, por meio da escrita de respostas. Em seguida, podemos orientá-los na produção de biografias de personalidades negras brasileiras e estadunidenses que, sob suas perspectivas, tenham algo de comum e que lhes despertem interesse.

⁵⁵ Sobre a distinção desses níveis de inteligibilidade, interpretação e compreensão, Orlandi (1999) afirma que “o primeiro se refere ao sentido da língua; o segundo seria o sentido pensado-se o co-texto e o contexto imediato e, o último, refere-se ao saber como um objeto simbólico produtor de sentido” (p.26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução desta tese, expusemos ter-nos apercebido de algo cujas peripécias ideológicas das editoras na produção e reprodução do material didático, às vezes, faz com que sequer imaginemos que exista: a ausência de atividades nos livros didáticos de inglês, voltados para o Ensino Fundamental dos anos finais, que propiciem um trabalho intercultural/discursivo a partir de legados de “culturas negras”.

Diante de tal percepção, e orientados pela coordenadora do grupo de pesquisa do qual fizemos parte, demo-nos conta de que um modo possível de contribuir para a reversão desse quadro, seria, a partir da análise e exposição da relação dos discursos biográfico e antológico, presentes em antologias de literatura negra brasileira e estadunidense, propor lineamentos para a formação continuada do professor de inglês, tanto aquele em formação, quanto aquele em serviço.

No capítulo I, ao refletir sobre o discurso biográfico, dialogamos tanto com estudos tradicionais e estrangeiros (MAUROIS, 1928, dentre outros), quanto com contemporâneos e brasileiros (SCHMIDT, 2000, dentre outros) que, guardadas suas diferenças, contribuíram para nossa compreensão desse discurso. Consideramos reflexões sobre as “limitações” filosóficas da prática biográfica, assim como, por outro lado, sobre as expansões das perspectivas de leitura de mundo que as biografias possibilitam; discutimos sobre os efeitos discursivos “moralista e documental” das biografias, mas também, por outro lado, sobre o efeito do “estético”; vimos como a biografia tem sido concebida como um recurso da historiografia, bem como produzida a partir do embricamento de técnicas da literatura e do jornalismo. Enfim, as discussões propostas pelos dos autores selecionados se mostraram, sob nossa perspectiva, imprescindíveis para a compreensão do gênero biografia.

Nos Capítulos II e III, fizemos duas viagens:

A primeira, no Capítulo II, levou-nos pelas veredas do dizer biográfico sobre o negro em duas antologias brasileiras. Percebemos que as biografias, materializadas na voz da função-autor-biográfico, selecionam o que dizer e o que silenciar sobre os poetas negros e, por isso, aproximam-se, e, ora se afastam, de determinadas políticas de construção identitária que significam o negro brasileiro. Pudemos localizar os movimentos da função-autor-biográfico que, em sua designação do negro do século XIX, confrontam-no com o estrangeiro/português, e que,

em suas designações do negro do século XX, predicam-no como um cidadão do mundo que não mais se confrontaria com o estrangeiro, mas, ao contrário, publicaria sua literatura em revistas internacionais e exporia, no exterior, o que vem a ser negro no Brasil, dialogando, desta maneira, com os sentidos de ser negro em outras localidades, tais como: Estados Unidos, França, Nigéria, Antilhas e Alemanha. Consonante com esse movimento, os autores negros dos primeiros movimentos literários são designados a partir de uma marcação “racializada” da negritude, já os dos mais recentes o são quanto à contribuição para a produção de “cultura negra”.

Se tal movimento, de um lado, pode ser interpretado, a partir de uma certa perspectiva dos estudos da negritude no Brasil, como uma evidência dos avanços das políticas raciais brasileiras – lê-se: “democracia racial” –, que, diferentemente do acontecido nos Estados Unidos, teriam corroborado para o enfraquecimento da marcação racial no país e teria culminado, conseqüentemente, na desracialização da sociedade, por outro, pode ser pensado, a partir de outra perspectiva, como um dos sintomas do fracasso de desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o negro, o que explicaria, por exemplo, o baixo número de antologias de literatura negra publicado no Brasil.

A segunda viagem, no Capítulo III, levou-nos às biografias das antologias de literatura negra publicadas nos Estados Unidos. Nelas, notamos que, mais do que ressaltar impressões dominantes e singularizantes sobre os escritores negros estadunidenses, os modos enunciativos descritivo e narrativo das duas antologias revelam que a função-autor-biográfico, ao designar os biografados, o faz de determinadas posições no discurso em detrimento de outras. Vimos, por exemplo, que, de um lado, estão presentes nas biografias de nosso corpus na *Norton* ressonâncias cujos sentidos se vinculariam à memória discursiva “republicana”, e de outro, predominam nas biografias de nosso corpus na *Riverside* ressonâncias cujos sentidos se vinculariam à memória discursiva “democrata”.

Notamos, também, que, um dos pontos-chave das políticas de identificação do negro estadunidense é a manutenção do confronto entre um “nós afro-americanos” *versus* um “eles americanos não descendentes de africanos”, que, se por uma perspectiva, pode ser interpretada como fator de racialização da sociedade estadunidense, por outra, pode ser enaltecida como um dos elementos fulcrais para a vasta produção de antologias de literatura negra naquele país.

Vimos, ademais, que as construções discursivas empreendidas pela função-autor-biográfico não são homogêneas, sem contradição, pois, se de um lado, “selecionam informações”

sobre os autores negros sob a insígnia de serem “dados biográficos inquestionáveis”, reproduzindo, com essa estratégia, a forma de circulação de sentidos engendrada pelo gênero biográfico, de outro, por meio da utilização das adversativas, dos adjetivos superlativos e comparativos, mas não só, rompem não apenas com o fio narrativo do nível intradiscursivo do dizer, ou seja, com o nível linguístico-textual, mas, também, com a sequência da narrativa no nível interdiscursivo, provocando, por conseguinte, um deslocamento de um conjunto de memórias discursivas construídas para o negro que o significavam como inferior. As bases discursivas para empreender esse deslocamento são uma re-narração tanto dos acontecimentos históricos, tais como: Guerra Civil, Primeira e Segunda Guerras Mundiais e Guerra Fria, quanto das biografias dos escritores negros que, em conjunto, dão visibilidade a uma outra forma de enunciar uma história que considera a voz do negro.

Com essas duas viagens, concluímos que, quando as biografias tomam as vidas dos escritores negros brasileiros e estadunidenses como objeto de sua designação e textualizam que eles teriam uma literatura distinta, passam a funcionar, nas antologias, como um dos lugares de criação, reforço e difusão de memórias e identidades negras. As biografias se tornam, portanto, um lugar de visibilidade tanto da valorização das conquistas, quanto das rupturas com alguns discursos que vinham enunciando a história do negro.

Ao contrastar as construções discursivas da função-autor-biográfico das quatro antologias, pudemos levantar conjuntos de ressonâncias e distanciamentos discursivos entre as obras. No primeiro, vimos, por exemplo, que todas as biografias trabalham na contextualização das produções dos autores; ressaltam o papel dos pioneiros; fazem referência a outros autores; laboram no deslocamento de estereótipos; e empreendem modalizações apreciativas de várias ordens. No segundo, vimos que as biografias projetam distanciamentos discursivos relacionados a: nacionalismo; transnacionalismo; identificações político-partidárias; designações do corpo e sexualidade; e filiações religiosas.

Todavia, para que as ressonâncias e os distanciamentos nos discursos biográficos das antologias pudessem ser percebidos, foi necessário um trabalho analítico detalhado, uma vez que tais discursos, ao serem tomados como de ordem do documental/verídica –, produzem um efeito de transferência daquilo que seriam as marcas do discurso biográfico para os biografados, ou seja, fazem funcionar um imaginário a partir do qual as predicções dos autores negros como republicanos, religiosos, homens casados, ou democratas, ateus, gays e portadores de

distúrbios/impulsos sexuais, sejam lidas como expressão de um ato referencial de algo já pronto, e não designativo. Os discursos biográficos das antologias produzem sentidos sobre os autores, mas o fazem sob a insígnia da referenciação à verdade.

Tal observação nos possibilita a concluir que o discurso biográfico funciona em relação ao antológico como um ponto de ancoragem, pois, por meio das biografias são construídos efeitos de coerência e unidade para as antologias. Ademais, as biografias funcionariam, metonimicamente, como parte de uma escrita da vida do escritor negro que vai sendo tecida desde as primeiras, até as últimas páginas das antologias, incunbindo-se, cada biografia, de “revelar” um aspecto da faceta do escritor negro, e, todas, em conjunto, de “revelar” e sua “totalidade”.

No Capítulo IV, pudemos compreender que o discurso antológico, analisado em seu funcionamento nas biografias, não simplesmente reflete sentidos sobre as “identidades culturais negras”, mas, sobretudo, corrobora suas produções. Ao mesmo tempo em que se refere à vida e obra dos antologizados, o discurso antológico é prenhe de ressonância de sentidos não desvinculados de filiações político-ideológicas assumidas pelas antologias. Pudemos ver, por exemplo, que as antologias brasileiras não enfatizam o discurso da separação étnico-racial. Nesse sentido, os títulos das antologias (*A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros* e *Poesia Negra Brasileira: Antologia*) não assinalam um hífen entre as identidades africana e brasileira, pois esta seria, nesse modo de pensar, constituída por aquela. As antologias estadunidenses, por outro lado, refletindo, talvez, uma história marcadamente separatista entre os sentidos para estadunidense e africano, trazem em seus títulos (*The Norton Anthology of African American Literature* e *Call and Response: The Riverside Anthology of African American Literary Tradition*) um hífen identitário que funcionaria como marcador das diferenças entre as identidades produzidas nas diferentes territorialidades, a saber: Estados Unidos e África.

Ao comparar as marcas dos discursos antológicos das quatro obras, podemos expor, a exemplo do que fizemos com o discurso biográfico, conjuntos de ressonâncias e distanciamentos discursivos entre as antologias. No de ressonâncias, vimos que as antologias: a. Apóiam-se em biografias; b. Auto designam-se *antologia*; c. Focalizam-se em autores negros contemporâneos, refletindo, possivelmente, o fato de terem sido publicadas nas últimas décadas do século XX; d. Declaram ter, dentre outras, a preocupação de fazer com que as obras dos antologizados sejam usadas no ensino; e. Propõem-se a ser obras comemorativas do centerário (Brasil) e bicentenário

(Estados Unidos) de produção literária negra; e f. Até o momento de conclusão desta tese, podem ser encontradas em livrarias e/ou sites de compra na internet.

No de distanciamentos, vimos que: a. Os discursos constitutivos das antologias *Norton*⁵⁶ e *Riverside* são mais explicitamente marcados nas biografias que os das *A Razão da Chama* e *Poesia Negra Brasileira* e, como suas biografias são mais extensas, explicitam de maneira mais acentuada os gestos interpretativos da função-autor-biográfico; b. As antologias brasileiras se voltam, exclusivamente, para o gênero poesia – não há, até o presente momento, antologias de literatura negra brasileira que englobem diversos gêneros textuais –; as antologias estadunidenses, por outro lado, apresentam textos de vários gêneros; c. No que diz respeito aos objetivos didáticos declarados pelas antologias, as estadunidenses apresentam materiais suplementares [cd room com textos lidos pelos seus próprios escritores (vendido junto com as antologias), guia didático (vendido separadamente⁵⁷) e sites com sugestões de atividades voltadas para a sala de aula]; as brasileiras, embora mencionem uma preocupação pedagógica, não fornecem “diretrizes” de como poderiam ser utilizadas no contexto de ensino; d. As antologias estadunidenses foram publicadas por instituições especializadas em antologias, o que explicaria, talvez, o fato de serem “adotadas” como “textbook” em diversas faculdades dos Estados Unidos; as antologias brasileiras, por sua vez, são obras individuais, não estando vinculadas à instituições voltadas especificamente à publicação de antologias⁵⁸; e. Quanto à representação feminina, a *Razão da Chama*, de vinte e dois autores antologizados, apresenta duas autoras (Geni Mariano Guimarães e Mirian Alves), o que equivale a 9% do total; a *Poesia Negra Brasileira*, de treze autores antologizados, apresenta uma autora (Mirian Alves), o que equivale a 7% do total; a

⁵⁶ Vale lembrar também que DURÃO (2008), em seu texto, “Giros em Falso no Debate da Teoria”, realiza uma análise da *Norton Anthology of Criticism and Theory*, publicada em 2001, comparando-a com a *Theory’s Empire: an Anthology of Dissent*, publicada em 2005.

⁵⁷ A WW Norton & Company apresenta em seu atual catálogo um total de setenta e cinco antologias <http://books.wwnorton.com/books/subjectdetail.aspx?tid=526&cid=&lastPage=4¤tPage=1&sortparam=SortDate>. A Riverside, por sua vez, proprietária da Houghton Mifflin Harcourt, oferece antologias voltadas para o ensino em diversos gêneros http://books.google.com/books?q=the+riverside+company+anthologies&source=in&ei=S2g0S_ezGMyVtgfOnpyDCQ&sa=X&oi=book_group&ct=title&cad=bottom-3results&resnum=11&ved=0CDUQsAMwCg. Sites consultado em 25/12/2009

⁵⁸ Aqui vale lembrar a afirmação de Costa (2008) de que: “modernamente quizás ninguna cultura valore esas actividades de forma tan sistemática como la cultura inglesa y su extensión, la cultura norteamericana y las culturas de los países que hablan ingles de una manera geral. Nosotros no tenemos el equivalente a instituciones tan respetables como el británico *Oxford Book of Verse* o la enormes antologías *Norton* utilizadas en la universidad norteamericana. Mucho de lo que es y produce la cultura inglesa y americana se debe a esas herramientas que se hacen y rehacen cada año y constituyen además una fuente muy lucrativa para editoriales y autores (*Ibidem*, p. 75).

Norton, de cento e vinte e sete autores, apresenta cinquenta e duas autoras, o que equivale a 40%; e a *Riverside*, de cento e trinta e quatro autores, apresenta setenta autoras, o que equivale a 52% do total.

Considerando a existência da antologia “*Finally Us! Contemporary Black Brazilian Women Writers: Dual Brazilian-English Poetry Anthology*”, editada por Mirian Alves, publicada em 1995, ou outras que possam a vir ser publicadas, um possível futuro trabalho de pesquisa seria analisar como os discursos que emergem em antologias voltadas para a voz da mulher negra brasileira se relacionam com os discursos das antologias que analisamos nesta tese.

Um segundo encaminhamento seria, ao se considerar que tanto as antologias brasileiras quanto as estadunidenses fazem referências a autores negros “estrangeiros”, pesquisar a existência de antologias transnacionais que agrupem autores negros de vários países e analisar os discursos antológicos que nelas ressoam, bem como contrastar a construção discursiva das identidades dos autores negros brasileiros com a de autores negros de outros países.

No capítulo V, iniciado com uma retomada das noções de cultura e discussões sobre “culturas negras”, esboçamos lineamentos para uma formação continuada intercultural/discursiva de professores de inglês.

Consideramos os eixos temáticos dos componentes *intercultural, integrados língua-discurso e os de práticas verbais* (SERRANI, 2005) e, a partir deles, esboçamos atividades passíveis de serem desenvolvidas a partir de biografias presentes nas antologias. Com tais lineamentos, objetivamos uma sensibilização dos professores para que construam pontes interculturais/discursivas em suas aulas, considerando legados de “culturas negras” brasileiras e de “culturas negras” estadunidenses.

Dado que os cursos de Letras, no contexto brasileiro não fornecem formação em literatura negra⁵⁹, a maioria dos professores de inglês, tanto os em formação inicial, quanto os em serviço, de maneira geral, desconhece – ou tem pouco contato com – os legados literário-culturais dos negros do Brasil e dos Estados Unidos.

⁵⁹ Ainda que não se voltem para a formação do futuro professor de inglês, vale lembrar aqui duas exceções: a Faculdade de Letras da UFMG e a PUC-Minas, que sob a coordenação Eduardo de Assis Duarte (UFMG) e Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC Minas), vem desenvolvendo o projeto de pesquisa “*Afro-descendências: raça/etnia na cultura brasileira*”, tendo como um dos objetivos a publicação da “*Antologia Crítica da Literatura Brasileira Afro-descendente*” (no prelo) (cf. <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/projeto.htm>).

A partir desse cenário, defendemos a tese de que a utilização de antologias de literatura negra no processo de formação continuada de professores de inglês pode contribuir para: o enriquecimento cultural dos professores; a orientação aos professores para que passem a estabelecer pontes interculturais/discursivas, a partir de um trabalho com legados de “culturas negras”; a sensibilização às possibilidades de comparação entre as línguas, literatura e cultura brasileiras e estadunidenses; e a “instrumentalização” dos professores no sentido de os auxiliarem a perceber os modos de funcionamento da materialidade das línguas portuguesa e inglesa nos discursos constitutivos dos legados de “culturas negras” no Brasil e nos Estados Unidos e, por conseguinte, da “identidade cultural” dos negros desses países.

Encerramos este texto expondo uma questão que tivemos de (des)considerar desde o início da elaboração da tese: *Seria possível ousar a escrita de uma tese, partindo-se, ao mesmo tempo, de dois lugares de enunciação – pesquisa e docência –, cada uma com suas diferentes dinâmicas de tecer as nossas subjetividades, sem, com isso, criar ambiguidades, contradições e conflitos que colocassem em risco tanto a coesão e a coerência da escrita acadêmica, quanto nossa identidade de professor?*

Como resposta, construída e reconstruída várias vezes, preferimos pensar que nossas estratégias para alcançar os objetivos de pesquisa – formuladas a partir desse lugar dialético, cindido, híbrido, acadêmico-docente, às vezes, de “produção” e “apropriação” do conhecimento, mas também, às vezes, quase sempre, de mera “reprodução” – ao invés de surtirem, no corpo da tese, e na sequência de nossa prática docente, efeitos de ambiguidade e paradoxo, surtam efeitos de cruzamento e complementaridade. Considerando que nosso percurso como sujeito pesquisador e professor de linguagem, desde o começo, foi marcado pela travessia de encruzilhadas, esta tese não pode deixar de lembrar, mesmo que seja em sua conclusão, que foi produzida como um chamado vindo desse lugar entre-espacos.

Todavia, antes de produzir nosso próprio alijamento tanto da prática acadêmica quanto da docente, esperamos ter contribuído para o campo de pesquisa da Linguística Aplicada em sua busca de diluição dos distanciamentos entre teoria e prática, fornecendo esclarecimentos sobre as relações dos discursos biográfico e antológico, e, ao mesmo tempo, propondo lineamentos para uma formação continuada de professores de inglês sensível ao estabelecimento de relações interculturais/discursivas a partir de legados de “culturas negras”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*. 4. Ed. Rio de Janeiro, FGV: 2001.

AZEVEDO, Celia M. *Abolitionism in the United States and Brazil*. New York: Garland Publishing, Inc., 1995.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.

BEISEL, Nicola e KAY, Tamara. Abortion, Race, and Gender in Nineteenth-Century. In *America Sociological Review*, vol. 69, No. 4, Aug., 2004, pp. 498-518.

BERND, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto alegre, Mercado Aberto, 1987.

BERTOLDO, Ernesto. *Um Discurso da Linguística Aplicada: Entre o Desejo da Teoria e a Contingência Prática*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, Campinas, 2000.

BILLIG, Michael. *Banal Nationalism*. London: Sage, 1995.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*. 4. Ed. Rio de Janeiro, FGV: 2001.

BOWN, H. Douglas. *Principles of Language Learning and Teaching*. 5. edição. Pearson-Longam, 2005, p.189.

BRASIL. Constituição (1988). Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm, acesso em 21/11/2009.

BYRAM, Mike. *Cultural Studies in Foreign Language Education*. Clevedon: Multilingual Matters, 1989;

_____. *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Multilingual Matters Ltd., 1997.

_____. *From Foreign Language Education to Education for Intercultural Citizenship. Essays and Reflection*. Clevedon: Multilingual Matters, 2008.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Revista. Educação e Sociedade*. Ago., 1999, vol.20, no. 67, p.153-182.

CAVALCANTI, Marilda. A Propósito da Linguística Aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. n. 7, p.5-12, 1986.

CHAMBERLAYNE, Prue. *Biographical methods and professional practice: An international perspective*. Univeristy of Briston Press, Briston, UK, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena”, Resolução CNE/CP 1, 2002.

COSTA, Walter C. Traducción y Formación de Géneros: la Antología de la Literatura Fantástica de Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares y Silvina Ocampo. *Aletria*. V. 17, jan-jun., 2008.

COX, Maria I. P., ASSIS-PETERSON, Ana A. O professor de inglês: entre a alienação e a emancipação. *Linguagem & Ensino*. Vol. 4, No. 1, 2001 (11-36), 2001.

DENZIN K. Norman. *Interpretive biography*. London: Sage; 1989

DIAS, Luciana C. F. *Embate e Debate de Sentidos Sobre o Brasil em Antologias de Ensaio: Discurso, Memória e Leitura*. Tese de Doutorado defendida no IEL/UNICAMP, 2009.

DUBOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. 100th Anniversary Edition, New York: Signet Classic, 1995.

DOUGLASS, Frederick. *The Narrative of the Life of Frederick Douglass: An American Slave*, 1845.

DURÃO, Fábio A. Giros em Falso no Debate da Teoria. *Alea*, vol.10, n. 1, pp. 54-69, 2008.

ESTUDOS HISTÓRICOS: Indivíduo, biografia, história. Rio de Janeiro: v. 10, n. 19, 1997

FERRARI, Ana Josefina. *A Voz do Dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876*. Campinas: Pontes, 2006.

FOUCAULT, Michael. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O que é um Autor?* 6. ed. Lisboa: Vega, 2006.

_____. *A ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996

FRANCO, Z. M. B. (2007). *A literatura no livro didático: seus efeitos na prática dialógica do aprendizado de inglês*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

FRANKLIN V. P. COLLIER-THOMAS, Bettye. Biography, Race Vindication, and African-American Intellectuals History. *The Journal of Negro History*, Vol. 81, No. 1/4, (Winter - Autumn, 1996), pp. 1-16 Published by: Association for the Study of African-American Life and History, Inc. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2717604> Accessed: 17/04/2008 23:38

_____. *Living Our Stories, Telling Our Truths: Autobiography and the Making of the African- American Intellectual Tradition*, New York: Oxford University Press, pp. 11-20, 1996

GATES JR., Henry Louis. The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black, In. *Representations*, n.º 24. Special Issue: America Reconstructed, 1840- 1940, pp. 129-155, 1988

GENETTE, Gerrard. Fronteiras da Narrativa. In. Barthes, Roland. *Análise Estrutural da Narrativa: pesquisas semiológicas*, Local de Publicação: Editora, 1971.

_____. *Narrative Discourse: an Essay on Method*. (English Translation by Jane E. Lewin). Ithaca. New York, 1972.

GILROY, Paul. *There ain't no Black in the Union Jack: The Cultural Politics of Race and Nation*. The University of Chicago Press, 1987.

_____. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

GOMES, Nilma L. Cultura Negra e Educação. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003, p. 75-85.

GRIGOLETTO, Marisa. Um dizer entre fronteiras: o discurso de professores e futuros professores sobre a língua inglesa. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 41, p. 39-50, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e História. In: Guimarães, E. (org.). *História e Sentido na Linguagem*. Campinas, Pontes, 1989.

_____. *Os Limites do Sentido: um Estudo Histórico e Enunciativo da Linguagem*. Campinas, Pontes, 1995.

_____. História, sujeito e enunciação. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, 35:109-116, Campinas, 1998

_____. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*. Campinas: Pontes, 2004.

GOLDENBERG, Ricardo. A história do fim da análise. In: HISGAIL, Fani. *Biografia Sintoma da Cultura*, Hacker Editores, 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HAMON, Philippe. "Qu'est-ce qu'une description?", *Poétique*, Paris, 12, 1979.

HANSEN, Angela L. *Multiculturalism, Public Policy, and the High School United States and American Literature Canon: A Content Analysis of Textbooks Adopted in the State of Florida in 1991 and 2003*. Tese de doutorado defendida na University of South Florida, 2005.

HISGAIL, Fani. *Biografia Sintoma da Cultura*. Hacker Editores, 1997.

KINNAMON, Keneth. Anthologies of African-American Literature from 1845 to 1994. In.: *Callaloo*, Vol. 20, No. 2, (Spring, 1997), pp. 461-481, The University of Texas Press.

KRAMSCH, Claire. *Foreign Language in Cross-Cultural Perspective*. Amsterdam, The Netherlands, 1991.

_____. *Context and Culture in Language Teaching*. New York. Oxford University Press, 1993.

LAVIN, Sylvia. Theory into History; Or, the Will to Anthology. *The Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 58, No. 3, Architectural History 1999/2000 (Sep., 1999), pp. 494-499.

LEITE, T.R.C.S. *Imperialismo Linguístico: o papel do professor de inglês como divulgador da cultura dominante*. Dissertação de Mestrado defendida na UFRJ, 2003.

LEVI, Giovanni. Les usage de la biographie. *Annales*. Paris (6): 1.325-36, nov./dec. 1989.

- LOCKE, Alain. *The New Negro*. New York: Atheneum, pp. 3-16. 1968.
- LORENZO, Silvia R. C. Literatura negra sob a perspectiva semiótica: o dito e o não-dito. *Estudos Semióticos*, Número 2, São Paulo, 2006.
- MADÉLENAT, Daniel. *La Biographie*. Paris: PUF, 1984.
- MARIANI, Bethânia. A institucionalização da língua, história e cidadania no Brasil do século XVIII: o papel das academias literárias e da política do Marquês de Pombal. In.: *História das Idéias Linguísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*. Pontes. Cáceres. MT, 2001.
- _____. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- McCARTHY, Cameron. Multicultural education, minority identities, textbooks, and the challenge of curriculum reform. *Journal of Education*, 172 (2), pp. 119-129, 1990.
- MAUROIS, André. *Aspects of Biography*. (English Translation by Sydney Castle Roberts), 1928.
- MENEZES, Vera. et. al. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Letras, Parecer CNE/CES 492/2001.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena”, Resolução CNE/CP 1, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MUNANGA, Kabengele. (Org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1999.
- NATIONAL COUNCIL FOR THE TEACHERS OF ENGLISH. Non-white minorities in English and language arts materials, 1970. Texto acessado no site <http://www.ncte.org/about/positions/level/gen/107425.htm>.
- NATIONAL COUNCIL FOR THE TEACHERS OF ENGLISH. On the availability of literature by minority writers, 1986. Texto acessado no site <http://www.ncte.org/about/positions/level/gen/107425.htm>.
- NATIONAL COUNCIL FOR THE TEACHERS OF ENGLISH. Standards for the English language arts, 1996. Texto acessado no site <http://www.ncte.org/about/positions/level/gen/107425.htm>.
- NATIONAL COUNCIL FOR THE TEACHERS OF ENGLISH. On diversity, 1999. Texto acessado no site <http://www.ncte.org/about/positions/level/gen/107425.htm>.

- NORTON PIERCE, Bonny. Investment, acculturation, and language loss. In S. McKay & S. Wong (Eds.), *New immigrants in the United States* (pp. 443-461). Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____. Social identity, investment, and language learning. *TESOL Quarterly*, 29(1): 9-31, 1995.
- NOGUEIRA, Isildinha B. *Significações do Corpo Negro*. Tese de Doutorado em Psicologia. USP, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987
- _____. *Discurso e Leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli e Eduardo GUIMARÃES. *História das Idéias Linguísticas – Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional*. Cáceres: Pontes – Unemat, 2001.
- OLIVEIRA, Adriana. *Currículo Multidimensional-Discursivo, Língua Espanhola, Biografias em Contexto Militar*. Dissertação de Mestrado defendida no IEL/UNICAMP, 2009.
- OLIVEIRA, Ênio de. Reflexões sobre o Ensino de Inglês como Línguas Estrangeira: Professores de Inglês em Curso. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. No. 39, pp. 69-79, Campinas, IEL/UNICAMP, 2002.
- _____. *Políticas de Ensino de Línguas Estrangeiras em Escolas Públicas do Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado defendida no IEL/UNICAMP, 2003.
- _____. et. al. *Línguas Estrangeiras no Brasil: História e Histórias*. 1. ed. São Paulo: Ministério da Educação, 2005. v. 1. 64 p.
- _____. A Leitura na Língua Estrangeira: Uma Proposta de Ensino de Leitura e Discurso. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. No. 46(2), pp. 199-218, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília, 1998.
- PÊCHEUX, Michael. *Semântica e Discurso*. Campinas: Unicamp, 1988.
- _____. *O discurso; estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.
- PENA, Felipe. *Teoria da Biografia sem Fim*. Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
- PENNYCOOK, Alastair. *The Cultural Politics of English as an International Language*. Longman Publishing, New York, 1994.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*. [online]. 2004, vol.18, n.50, pp. 161-193.
- PURVES, Alan C. *The ideology of canons and cultural concerns in the literature curriculum*. Albany, NY: National Research Center on Literature Teaching and Learning, 1991.

- PIGNATARI, Décio. Para uma Semiótica Biográfica. In.: HISGAIL, Fani. *Biografia Sintoma da Cultura*. Hacker Editores, 1997.
- RAZZINI, Márcia. *Antologia Nacional (1895-1969): Museu literário ou doutrina?* Dissertação de Mestrado defendida no IEL/UNICAMP, 1992.
- _____. *O Espelho da Nação: Antologia Nacional e o Ensino de Português e de Literatura (1838 – 1971)*. Tese de Doutorado defendida no IEL/UNICAMP, 2000.
- RE, Lucia. (De)constructing the Canon: The Agon of the Anthologies on the Scene of Modern Italian Poetry. *The Modern Language Review*, Vol. 87, No. 3 (Jul., 1992), pp. 585-602, 1992.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA: Biografia, biografias. São Paulo: v. 17, n. 33, 1997.
- RISAGER, Karen, Language teaching and the process of European integration. In: Byran, M., Fleming. (Orgs.). *Language learning in intercultural perspective: Approaches through drama and ethnography*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1988, pp. 242-254.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como genero historiográfico: Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In.: SCHMIDT, Benito. *O biógrafo: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.
- SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. New York, Vintage Books, 1994.
- SANTOS, Augusto Sales. *Movimentos Negros, Educação e Ações Afirmativas*. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2007.
- SANTOS, D. A. Representações da Mãe-África na Literatura Angolana. *Revista Trama*. Vol. 3, n. 6, 2007, pp. 27 – 42, 2007.
- SCHMIDT, Benito. *O biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.
- _____. (1997) Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 10, n.º 19.
- SERRANI, Silvana. *A Linguagem na Pesquisa Sócio-cultural*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- _____. (Org.). *Línguas Estrangeiras e Processos Discursivos*. Fragmentos, Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.
- _____. Memórias Discursivas, Línguas e Identidades Lingüístico-culturais. *Revista Organon*, Porto Alegre, 2003.
- _____. Docente de lenguas como interculturalista, *Revista Lenguas Vivas*, Buenos Aires, 2003.
- _____. *Discurso e Cultura na Aula de Língua: Currículo, leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. Antologias Bilíngües: Memória Transcultural e Ensino de Língua in.: Rösing, Tania M. K.; Schons, Carme Regina (orgs). *Questões de escrita*. Passo Fundo: Editora da UPF: 2005, b. p. 85-113, (2005, b).

_____. Identidade e representação poético-cultural do Brasil e antologias bilíngües (português/inglês). In: MAGALHÃES, et. all. (Org.). *Práticas Identitárias: Língua e Discurso*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

_____. Legados Literário-Culturais, Memória e Antologias na Educação em Línguas (Currículo de Espanhol no Brasil). In: KLEIMAN, ANGELA e CAVALCANTI, MARILDA (orgs.) *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *Alea. Estudos neolatinos*, v.10, p.1-19, 2008 (a).

_____. Antologias, discurso e memória cultural. In: *ALETRIA*, UFMG, no.18, p 55-70, 2008 (b).

_____. As concepções de Cultura e a Educação em Letras e Línguas. In: Mozillo, Isabella; Kurts-dos-Santos, Silvia C., (Org.) *Cultura e Diversidade na sala de aula de língua estrangeira*. Pelotas – RS: Editora da UFPEL, 2008(c), p. 317-329.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da Carne: o Público e o Privado na Enunciação da Sexualidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. A literatura sem nome de lugar: a condição paratópica do escritor negro no Brasil. *Travessia*. Florianópolis, v. 1, n. 38, p. 109-123, 2000.

SWEET, John W. *Bodies politic: Colonialism, race and the emergence of the American North. Rhode Island, 1730-1830*. Ph.D. Dissertation, Princeton University, United States -- New Jersey, 1995.

SEIGEL, Micol. Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn. *Radical History Review* 91 (2005): 62-90.

_____. *The Point of Comparison: Transnational Racial Construction, Brazil and the United States, 1918-1933*. Ph.D. diss., New York University, 2001.

SIQUEIRA, D.S.P. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. Universidade Federal da Bahia. Tese de Doutorado. Salvador, 2008.

TWAIN, Mark. *The Turning Point of My Life*. <http://www.readbookonline.net/title/467/> - acessado em 10 dez. 2009.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*. Ed. da Unesp, 2008.

ANTOLOGIAS ANALISADAS

1. CAMARGO, Oswaldo de. (Org.). *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros*. São Paulo: ed. GRD, 1986;
2. BERND, Zilá Bernd. (Org.), *Poesia Negra Brasileira: Antologia*. Porto Alegre: ed. AGE, 1992;
3. GATES Jr., H. L. MCKAY, N. Y. (Orgs.). *The Norton Anthology of African-American Literature*. New York, London: ed. W.W. Norton & Company, 1997/2004;
4. HILL, Patricia L. (Org.). *Call and Response: The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition.*, Boston: ed. Houghton Mifflin, 1998.

APÊNDICE

LISTA DE AUTORES POR ANTOLOGIA

1. *A Razão da Chama: Antologia de Poetas Negros Brasileiros*

(1) Domingos Caldas Barbosa, (2) Luis Gonzaga Pinto da Gama, (3) Antônio Cândido Gonçalves Crespo, (4) João de Cruz e Souza, (5) Lino Pinto Guedes, (6) Solano Trindade, (7) Eduardo (Ferreira) de Oliveira, (8) Carlos Assumpção, (9) Oswald de Camargo, (10) Oliveira Silveira, (11) Adão Ventura, (12) Geni Mariano Guimarães, (13) Paulo Colina, (14) José Carlos Limeira, (15) Cuti (Luis Silva), (16) Mirian Alves, (17) Abelardo Rodrigues, (18) Ele Semog, (19) Jônatas Conceição da Silva, (20) Ronald Tutuca, (21) José Luanga Barbosa e (22) J. Abílio Ferreira.

2. *Poesia Negra Brasileira: Antologia*

(1) Luiz Gama, (2) Cruz e Souza, (3) Lino Guedes, (4) Solano Trindade, (5) Eduardo de Oliveira, (6) Oswald de Camargo, (7) Domicio Proença Filho, (8) Luiz Silva (Cuti), (9) Mirian Alves, (10) Oliveira Silveira, (11) Antônio Vieira, (12) Paulo Colina e (13) Abdias do Nascimento.

3. *The Norton Anthology of African-American Literature*

(os autores em itálico foram incluídos na segunda edição)

(1) *Jupiter Hammon (1711-1790/1805)*, (2) *Venture Smith (1729?-1805)*, (3) Lucy Terry, (4) Olaudah Equiano (c. 1745?-1797), (5) Phillis Wheatley (1753?-1784), (6) David Walker (1785-1830), (7) George Moses Horton (1797?-1883?), (8) Sojourner Truth (1797-1883), (9) Maria W. Stewart (1803-1879), (10) *Martin R. Delany (1812-1885)*, (11) Harriet Jacobs (c. 1813-1897), (12) William Wells Brown (1814?-1884), (13) Ada [Sarah L. Forten] (1814?-1898?), (14) Henry Highland Garnet (1815-1882), (15) Victor Séjour (1817-1874), (16) *Elizabeth Heckley (1818-1907)*, (17) Frederick Douglass (1818-1895), (18) James Monroe Whitfield (1822-1871), (19) Frances E. W. Harper (1825-1911), (20) Harriet E. Wilson (1828?-1863?), (21) Charlotte Forten Grinké (1837-1914), (22) Booket T. Washington (1856-1915), (23) Charles W. Chesnutt (1858-1932), (24) Anna Julia Cooper (1858-1964), (25) Pauline E. Hopkins (1859-1930), (26) Ida B. Wells-Barnett (1862-1931), (27) W. E. B. Du Bois (1868-1963), (28) James D. Corrothers (1869-1917), (29) James Weldon Johnson (1871-1938), (30) Paul Laurence Dunbar (1872-1906), (31) Sutton E. Griggs (1872-1933), (32) Alice Moore Dunbar Nelson (1875-1935), (33) William Stanley Braithwaite (1878-1962), (34) Fenton Johnson (1888-1958), (35) Arthur A. Scromburg (1874-1938), (36) Angelina Weld Grinké (1880-1958), (37) Anne Spencer (1882-1975), (38) Jessie Redmon Fauset (c.1884-1961), (39) Alain Locke (1886-1954), (40) Georgia Douglas Johnson (1886-1966), (41) Marcus Garvey (1887-1940), (42) Claude McKay (1889-1948), (43) Zora Neale Hurston (1891-1960), (44) Nella Larsen (1893-1964), (45) Jean Toomer (1894-1967), (46) George Samuel Schyler (1895-1977), (47) Rudolph Fisher (1897-1934), (48) Eric Walrond (1898-1966), (49) Marita Bonner (1899-1971), (50) Sterling A. Brown (1901-1989), (51) Gwendolyn B. Bennet (1902-1981), (52) Wallace Thurman (1902-1934), (53) Arna

Bontemps (1902-1973), (54) Langston Hughes (1902-1967), (55) Countee Cullen (1903-1946), (56) Helene Johnson (1907-1995), (57) Melvin B. Tolson (1900?- 1966), (58) Dorothy West (1907 – 1993), (59) Richard Wright (1908-1960), (60) Chester B. Himes (1909-1984), (61) Ann Petry (1911- 1997), (62) Robert Hayden (1913-1982), (63) Ralph Ellison (1914-1994), (64) Margaret Walker (1915), (65) Gwendolyn Brooks (1917-2000), (66) James Baldwin (1924-1987), (67) Bob Kaufman (1925-1986), (68) Lorraine Hansberry (1930-1965), (69) Mari Evans – (sem dada de nascimento), (70) Hoyt W. Fuller (1923-1981), (71) Malcolm X (El-Hajj Malik El-Shabazz) (1925-1965), (72) John Alfred Williams (1925), (73) Martin Luther King, JR. (1929-1968), (74) Etheridge Knight (1931-1985), (75) Addison Gayle, JR. (1932-1991), (76) Amiri Baraka (b. 1934), (77) Sonia Sanchez (1934), (78) Ed Bullings (1935), (79) Eldridge Cleaver (b. 1935), (80) A. B. Spellman (1935), (81) Jayne Cortez (1936), (82) Larry Neal (1937- 1981), (83) Maulana Karenga (b. 1941), (84) Haki R. Madhubuti (1942), (85) Nikki Giovanni (1943), (86) James Alan McPherson (1943), (87) Quincy Troupe (1943), (88) Carolyn M. Rodgers (1945), (89) Albert Murray (1916), (90) Maya Angelou (1928), (91) Paule Marshall (1929), (92) Adrienne Kennedy (1931), (93) Toni Morrison (1931), (94) Ernest J. Gaines (b. 1933), (95) Audre Lorde (1934-1992), (96) Colleen McElroy (b. 1935), (97) Lucille Clifton (b. 1936), (98) June Jordan (1936), (99) Clarence Major (b. 1936), (100) Leon Forrest (1937), (101) Michael S. Harper (1938), (102) Ishmael Reed (1938), (103) Toni Cade Bambara (1939-1995), (104) Al Young (1939), (105) John Edgar Widernam (1941), (106) Samuel R. Delany (1942), (107) Sherley Anne Williams (1944), (108) Alice Walker (1944), (109) August Wilson (1945), (110) Michelle Cliff (1946), (111) Wanda Coleman (1946), (112) Octavia Butler (1947), (113) Yusef Komunyakaa (1947), (114) Nathaniel Mackey (1947), (115) Charles Johnson (1948), (116) Ntozake Shange (1948), (117) Jamaica Kincaid (1949), (118) David Bradley (1950), (119) Gloria Naylor (1950), (120) Terry McMillan (1951), (121) Rita Dove (1952), (122) Walter Mosley (1952), (123) *Harryette Mullen (1953)*, (124) Essex Hemphill (1957-1995), (125) *Caryl Phillips (1958)*, (126) *Edwidge Danticat (1969)*, (127) *Colson Whitehead (1969)*.

4. Call and Response: The Riverside Anthology of African American Literary Tradition

(1) Jupiter Hammon (1711-1790/1806?), (2) Lucy Terry (1730- 1821), (3) Phillis Wheatley (1753?-1784), (4) Briton Hammon (?-?), (5) Olaudah Equiano (c. 1745?-1797), (6) Benjamin Banneker (1731-1806), (7) Prince Hall (1735-1807), (8) Lemuel B. Haynes, (9) Absalom Jones (1746-1818), (10) John Marrant (1755-1790?), (11) Richard Allen (1760-1831), (12) David Walker (1785-1830), (13) Sojourner Truth (1797-1883), (14) Henry Highland Garnet (1815-1882), (15) Frederick Douglass (1818-1895), (16) Alexander Crummell (1819-1898), (17) Frances W. Harper (1825-1911), (18) George Moses Horton (1797?-1883?), (19) James Whitfield (1822-1871), (20) James Madison Bell (1826 – 1902), (21) Theodore S. Wright (1791-1847), (22) Maria W. Stewart (1803-1879), (23) Sarah Parker Remond (1826-1894), (24) Nat Turner, (25) Harriet A. Jacobs (1813-1897), (26) Robert Purvis (1810-1898), (27) Martin R. Delany (1812-1885), (28) Charlotte L. Forten Grimke (1837-1914), (29) Elizabeht Heckley (? - 1907), (30) Jarena Lee (1783 - ?), (31) Willian Wells Brown (1815-1884), (32) Harriet E. Adams Wilson (1828-1863), (33) Charles W. Chesnutt (1858-1932), (34) Paul Laurence Dunbar (1872-

1906), (35) Alice Moore Dunbar-Nelson (1875-1935), (36) Fenton Johnson (1888-1958), (37) Blanche Kelso Bruce (1841-1898), (38) Robert Brown Elliott (1842-1884), (39) Lucy Craft Laney (1854-1933), (40) Anna Julia Cooper (1858-1964), (41) Fannie Barrier Williams (1855-1944), (42) Booker T. Washington (1856-1915), (43) Julia A. J. Foote (1823-1900), (44) Frances Jackson Coppin (1837-1913), (45) Pauline Elizabeth Hopkins (1859-1930), (46) Ida B. Wells-Barnett (1826-1931), (47) W.E.B Du Bois (1868-1963), (48) Marcus Garvey (1887-1940), (49) Walter White (1893-1955), (50) Alain Locke (1886-1954), (51) James Weldon Johnson 1871-1938), (52) Anne Spencer (1882-1975), (53) Claude McKay (1889-1948), (54) Langston Hughes (1902-1942), (55) Gwendolyn Bennet (1902-1981), (56) Countee Cullen (1903-1946), (57) Helene Johnson (1907-), (58) Nella Larsen (1891-1964), (59) Zoran Neale Hurston (1891-1960), (60) Jean Toomer (1894-1967), (61) Rudolph Fisher (1897-1934), (62) Eric Walrond (1898-1966), (63) Sterling Brown (1901-1989), (64) Frank Marshal Davis (1905-1987), (65) Richard Wright (1908-1960), (66) Ann Petry (1908-), (67) Chester Himes (1909-1984), (68) Hugh M. Gloster (1911-), (69) Nick Aaron Ford (1904-1982), (70) Melvin B. Tolson (1898-1966), (71) Robert Hayden (1913-1980), (72) Dudley Randall (1914-), (73) Owen Dodson (1914-1983), (74) Margaret Esse Danner (1915-1988), (75) Margate Walker (1915-), (76) Gwendolyn Brooks (1917-), (77) Naomi Long Madgett (1923-), (78) Alice Childress (1920-1994), (79) Lorraine Hansberry (1930-1965), (80) Dorothy West (1907-), (81) Ralph Ellison (1914-1994), (82) John Oliver Killens (1916-1987), (83) James Baldwin (1924-1987), (84) Paule Marshall (1929-), (85) Malcolm X (1925-1965), (86) Martin Luther King, JR. (1929-1968), (87) Stokely Carmichael (1941-), (88) Jesse Jackson (1941-), (89) Angela Davis (1944-), (90) Larry Neal (1937-1981), (91) Joyce Ann Joyce (1949-), (92) Henry Louis Gates, JR. (1950-), (93) Etheridge Knight (1931-1991), (94) Sonia Sanchez (1934-), (95) Amiri Baraka (1934-), (96) Jayne Cortez (1936-), (97) Lucille Clifton (1936-), (98) Haki R. Madhubuti (1942-), (99) Carolyn Rodgers (1943-), (100) Nikki Giovanni (1943-), (101) Albert Murray (1916), (102) Marievans Maya Angelou (1928-), (103) Kristin Hunter (1931-), (104) Tom Dent (1932-), (105) Ernest Gaines (1933-), (106) Henry Dumas (1934-1968), (107) Audre Lorde (1934 -1992), (108) June Joran (1936-), (109) William Melvin Kelley (1937), (110) Michael Harper (1938), (111) Ishmael S. Reed (1938-), (112) Al Young (1939-), (113) James Alan McPherson (1943-), (114) Quincy Troupe (1943-), (115) Toni Morrison (Chloe Anthony Wofford) (1931-), (116) Toni Cade Bambara (1939-1995), (117) Alice Walker (1944-), (118) Sherley Anne Williams (1944-), (119) Clenora Anne Williams (1945-), (120) Barbara Smith (1946-), (121) Ntozake Shange (1948-), (122) Gayl Jones (1949-), (123) Gloria Naylor (1950-), (124) Terry McMillan (1951-), (125) Askia Muhammad Toure (1938-), (126) John Edgar Wideman (1941-), (127) August Wilson (1945-), (128) Yusef Komunyakaa (1947-), (129) Charles Johnson (1948-), (130) Jamaica Kincaid (1949-), (131) Melvin Dixon (1950-1992), (132) Anna Deavere Smith (1950-), (133) Rita Dove (1952-), (134) Reginald McKnight (1956-), (135) Charles I. Nero (1956-), (136) Kamaria Montu (1959-), (137) Randal Kenan (1963-), (131) Reginald McKnight (1956-), (132), Charles Nero (1956-), (133) Kamaria Muntu (1956-), (134) Randal Kenan (1963).